



O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO

**AMBIÊNCIA E MEMÓRIA NO ESTÁDIO DO MARACANÃ PÓS-REFORMA PARA A COPA DE
2014**

Natália Rodrigues de Melo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Coorientadora: Profa. Dra. Paula Uglione

Rio de Janeiro

Março de 2018

O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO

AMBIÊNCIA E MEMÓRIA NO ESTÁDIO DO MARACANÃ PÓS-REFORMA PARA A COPA DE 2014

Natália Rodrigues de Melo

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Coorientadora: Profa. Dra. Paula Uglione

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Aprovada por:



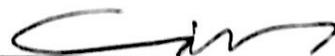
Profa. Doutora Cristiane Rose de Siqueira Duarte (PROARQ UFRJ - Presidente)



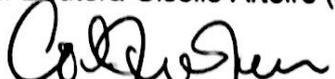
Profa. Doutora Paula Uglione (IP UFRJ)



Profa. Doutora Ethel Pinheiro Santana (PROARQ UFRJ)



Profa. Doutora Giselle Arteiro (PROARQ UFRJ)



Prof. Doutor Gilmar Mascarenhas (UERJ)

Prof. Doutor Jean-Michel Roux (IUG, France)



Rio de Janeiro

Março de 2018

Melo, Natália Rodrigues

O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO. Ambiência e memória no estádio do maracanã pós-reforma para a copa de 2014./ Natália Rodrigues de Melo – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2018.

xvi, 238f.: 27,9 cm.

Orientadora: Professora Doutora Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Coorientadora: Professora Doutora Paula Uglione

Tese (Doutorado) – UFRJ/PROARQ/Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2018.

Referências bibliográficas: f. 191-198

1. Ambiência. 2. Maracanã. 3. Trauma. 4. (Re)significação. 5. Memória. I. Duarte, Cristiane Rose de Siqueira. II. Uglione, Paula. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. IV. Título.

AGRADECIMENTOS

A construção da tese de doutorado é um processo solitário a qual qualquer pesquisador está predestinado. No entanto, essa construção reúne contributos de várias pessoas sem os quais nenhuma investigação seria possível. A essas pessoas deixo todo o meu agradecimento.

Primeiramente agradeço à Cristiane pelos seis anos como minha orientadora, me apoiando e confiando no meu trabalho mesmo nos momentos mais difíceis e críticos. Obrigada pelas valiosas contribuições em todas as minhas pesquisas e acima de tudo obrigada pela amizade e generosidade em todos os momentos.

Sou grata também à minha coorientadora Paula pelas longas conversas sobre a memória e principalmente sobre a vida. Obrigada pelas contribuições valiosíssimas no trabalho e obrigada, sobretudo, pelo carinho e pela partilha do seu conhecimento.

Agradeço aos membros da minha banca por terem aceitado o convite: Ethel Pinheiro, Giselle Arteiro, Gilmar Mascarenhas e Jean-Michel Roux.

Obrigada ao LASC e a todos os membros e amigos que contribuíram com a minha construção de pesquisadora. Agradeço também aos professores, colegas e funcionários do PROArq.

Agradeço ao Gilmar pela acolhida na UERJ para a realização da disciplina Esportes e Território e principalmente pelo partilha do vasto conhecimento que tanto agregou na minha pesquisa. Aproveito e agradeço também aos amigos que ganhei nessa disciplina principalmente ao Fernando que tanto me apoiou e sempre se mostrou disposto a ajudar.

Je tiens à exprimer ma reconnaissance à Jean-Michel Roux pour m'avoir accueilli à Grenoble et surtout pour avoir partagé avec moi, de façon très enthousiaste et généreuse, ses connaissances sur le sujet de ma recherche. Merci également à Nicolas Tixier, toujours disponible.

Muito obrigada às pessoas que facilitaram e ajudaram em minhas pesquisas no Maracanã: aos amigos da Cariogalo, principalmente ao André, ao Mauro e ao Custódio; ao Mário Marra que se desdobrou para possibilitar o meu acesso ao meu “Palco” da pesquisa; à Associação de Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro, ACERJ; à Adriana Loureiro e claro, a todos os torcedores que gentilmente me concederam entrevistas e se fizeram observáveis para essa pesquisa.

Agradeço ao Erick e ao José Resende pelas leituras da tese. Obrigada também a todos os meus amigos que sempre me apoiaram e incentivaram nessa empreitada: amigos do Rio de Janeiro, de Dolores de Campos, de Grenoble, amigas do PDSE e a cada um que me ouvia, discutia ou chorava comigo.

Muitíssimo obrigada a toda a minha família: meus tios, tias, primos e primas e minha super vizinha por todas as orações. Devo tudo a vocês!

Por fim, o meu maior obrigada aos meus pais Alcir e Maria de Fátima pelo encorajamento desmedido, a disposição em ajudar, confiança que nunca falhou e o amor que me fez forte quando tudo parecia perdido. Ao meu irmão Juninho eu agradeço o amor e parceria de sempre e ao meu namorado Leonel agradeço pela paciência, inúmeras ajudas na construção do manuscrito da tese e todo o amor e carinho que sempre teve por mim. Amo muito vocês!

O meu profundo agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta tese, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

RESUMO

O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO

AMBIÊNCIA E MEMÓRIA NO ESTÁDIO DO MARACANÃ PÓS-REFORMA PARA A
COPA DE 2014

Natália Rodrigues de Melo

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Coorientadora: Profa. Dra. Paula Uglione

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Ciências em Arquitetura.

As reordenações espaciais impostas aos novos estádios de futebol com vistas à copa de 2014 representaram uma ruptura dos hábitos, das visões e das lógicas espaciais dos torcedores, o que pode ser considerado um “trauma espacial”. Esta tese buscou compreender os processos de ressignificação desses estádios, sustentando a hipótese de que a ambiência do ritual futebolístico tem papel preponderante tanto na reinterpretação dos novos espaços físicos como na construção de elos afetivos com as tradições do ato de torcer pelo seu time. A pesquisa foca o estudo de caso do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro e teve como direcionamento metodológico a etnografia, as análises etnotopográficas e o exame de extratos metafóricos que emergiram do quadro de relatos inspirado nos Arquivos Mnemônicos do Lugar (Uglione, 2008). Este trabalho foi capaz de elucidar alguns significados atribuídos pelos torcedores ao Maracanã, demonstrando que o estádio renovado é como um palimpsesto que comporta camadas simbólicas que, atreladas a outros símbolos, coadunam para uma nova ordem de entendimento, apreensão e afetação. Buscou-se demonstrar que a ambiência da torcida se fortalece pela paixão pelo futebol e pelas representações ligadas a esse esporte realçando a existência de um grande potencial de (re)significação do estádio. Finalmente, a pesquisa traz a compreensão de que, mesmo com as alterações “traumáticas” que representaram uma ruptura da vivência do torcedor, ainda é possível encontrar traços do passado que possuem grande impacto nas novas ocupações, perpassando o edifício construído e aderindo-se ao significado simbólico desse Grande Palco Futebolístico.

Palavras-chave: Ambiência; Maracanã; Trauma; (Re)significação; Memória

Rio de Janeiro

Março de 2018

RÉSUMÉ

O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO

AMBIÊNCIA E MEMÓRIA NO ESTÁDIO DO MARACANÃ PÓS-REFORMA PARA A
COPA DE 2014

Natália Rodrigues de Melo

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Rose de Siqueira Duarte

Coorientadora: Profa. Dra. Paula Uglione

Résumé da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Ciências em Arquitetura.

Les modifications spatiales engendrées dans les nouveaux stades de football en vue de la Coupe 2014 représentent une rupture des habitudes, des visions et de la logique spatiale des supporteurs, ce qui peut être considéré comme un « trauma spatial ». Cette thèse a cherché à comprendre les processus de re-signification de ces stades, soutenant l'hypothèse que l'ambiance des rituels du jeu a un rôle majeur aussi bien dans la réinterprétation de nouveaux espaces physiques que dans la construction de nouveaux liens affectifs avec les manières traditionnelles de vivre un match et d'encourager son équipe. La recherche se penche sur l'étude de cas du stade Maracanã, à Rio de Janeiro, par le biais d'outils méthodologiques tels que l'ethnographie, les analyses ethnotopographiques et l'examen des extraits métaphoriques qui ont émergé des récits, inspirés dans la méthode des « Fichiers Mnémoniques du Lieu » (Uglione, 2008). La recherche a permis d'élucider certaines significations attribuées par les usagers au Maracanã, démontrant que le stade renouvelé est comme un palimpseste ayant des couches symboliques qui, associées à d'autres symboles, contribuent à un nouvel ordre de compréhension, d'appréhension et d'affectation. Ce travail a essayé de démontrer que l'ambiance est renforcée par la passion pour le football et par les représentations liées à ce sport soulignant l'existence d'un grand potentiel de (re)signification du stade. Finalement, les résultats mènent à la conclusion que, bien plus que des changements « traumatiques » et des ruptures dans l'expérience des supporteurs, il est encore possible de trouver des traces d'un passé qui ont un grand impact sur les nouveaux usages allant au-delà de l'édifice bâti et s'accrochant à la signification symbolique de cette Grande Scène du Foot.

Mots-clés: Ambiance; Maracanã; Trauma; (Re)signification; Memoire

Rio de Janeiro

Março de 2018

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PRIMEIRO CAPÍTULO: DEFINIÇÃO DA PARTIDA	8
1.1 A ambiência e os espaços futebolísticos	9
1.2 Memória, ambiência e trauma	16
1.3 Afeto, apropriação e identidade.....	24
1.4 Manifestações no espaço e o ‘espaço feito território’	26
1.5 Analisando as massas.....	29
SEGUNDO CAPÍTULO: PRELEÇÃO	33
2.1 Breve histórico sobre a inserção do futebol e dos estádios no Brasil	34
2.2 O Grande Maracanã	43
2.2.1 – O tombamento e as primeiras reformas do Gigante de Concreto..	47
2.2.2 – Do Estádio à Arena Maracanã	55
2.3 A torcida e a transformação do Lugar	65
2.3.1 O papel do torcedor e o valor das massas	67
TERCEIRO CAPÍTULO: ESQUEMA TÁTICO	80
3.1 Método etnográfico e análise etnotopográfica.....	81
3.2 Quadro de relatos – inspirado no Arquivo Mnemônico do Lugar	83
3.2.1 Quadro de relatos	86

3.3 Pesquisa de Campo	88
QUARTO CAPÍTULO: PRIMEIRO TEMPO.....	92
4.1 Características de ocupação do novo Maracanã	93
4.2 O Maracanã e a reforma na ótica de seus usuários.....	99
4.3 Quadro de Relatos e Extratos Metafóricos	105
QUINTO CAPÍTULO: SEGUNDO TEMPO	112
5.1 – <i>Campo de Batalha</i>	113
5.2 – <i>Lugar Mágico</i>	134
5.3 – <i>O Colosso</i>	145
5.4 – <i>Teatro de Sonhos e Emoções</i>	151
5.5 – <i>Engomadinho</i>	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS: PLACAR DA RODADA	179
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
APÊNDICES	199

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Associação Atlética Mackenzie College. Fonte: www.acervodabola.com, 2017 35
- Figura 2** - Estádio das Laranjeiras em 1919. Fonte: www.diariodorio.com, 2016..... 36
- Figura 3** - Estádio do Pacaembu. Fonte: <http://www.giromarilia.com.br/noticia>, 2017. 38
- Figura 4** - Esquema tático da Seleção Holandesa de 1974. Movimentação por todo o campo. Fonte: torcedores.uol.com.br, 2016. 40
- Figura 5** - Estádios-sede da Copa do Mundo de 2014. Fonte: www.pensabrasil.com, 2013..... 42
- Figura 6** - Parte do projeto do Estádio do Maracanã inaugurado em 1950. Fonte: www.pinterest.com.br, 2017 46
- Figuras 7 e 8** - Maracanã e “Maracanazo”. Fonte: Comas, 2011 e Aniversario del "Maracanazo" Copa del Mundo Brasil 1950. Vídeo disponível no youtube.com, 2014.47
- Figura 9** - Complexo Maracanã (Ao fundo à esquerda Parque de Atletismo; à frente à esquerda Maracanãzinho; à frente à direita Parque Aquático). Fonte: Turisrio, 2014.. 48
- Figura 10** - Polígono de tombamento do Estádio do Maracanã. Fonte: Relatório do IPHAN de 1997..... 50
- Figura 11** - Montagem do Estádio pós a reforma de 2000. Fonte: Especial Maracanã. www.globoesporte.globo.com, 2013. 51
- Figura 12** - Maracanã à esquerda com rebaixamento do gramado, sem a Geral e com as cadeiras azuis. Comparação com 1985 à direita. Fonte: globoesporte.globo.com, 2008..... 52
- Figura 13** - Projeto do Complexo do Maracanã sem o Estádio de Atletismo Célio de Barros. Fonte: Ferreira, 2017 57
- Figura 14** – Marquise antiga do Maracanã antes e depois da reforma. Fonte: fotografiasaereas.com.br, 2015..... 58
- Figura 15** - À esquerda primeira arquibancada do Maracanã; acima à direita cadeiras após a reforma para o Pan-americano; abaixo à esquerda cadeiras após a reforma para a Copa de 2014. Fonte: Pinterest..... 59
- Figura 16** - Operários construindo uma das duas novas rampas do Maracanã. Fonte: fimdejogo.com.br, 2013 60
- Figura 17** - Conjunto de cadeiras do novo Maracanã. Fonte: Globo Esporte, 2014 60

Figura 18 - Projeto Tecnológico da Arena Maracanã – Telões, Camarotes no nível 3 e Cobertura. Fonte: Fernandes Arquitetos Associados, 2013.....	61
Figuras 19 e 20 - Acima cadeiras cativas no Maracanã de 2007; abaixo cadeiras cativas no Maracanã de 2014. Ambas no que hoje corresponde ao setor Oeste. Fonte: espn.com.br, 2015.....	62
Figuras 21 e 22 – Maracanã antes (2007) e depois (2014). Fonte: cbn.globoradio.globo.com, 2016.....	63
Figura 23 - Maracanã em 1950 com 200 mil pessoas. Fonte: www.diariodorio.com, 2015.....	67
Figura 24 - Os níveis do Maracanã de 1950 e os torcedores. Fonte: esporte.uol.com.br, 2015.....	68
Figura 25 - Fosso do Maracanã de 1950. Fonte: esporte.uol.com.br, 2015.....	69
Figura 26 - Geral superlotada no antigo Maracanã nos anos 1970. Fonte: www.espn.uol.com.br, 2016.....	70
Figura 27 - Uma das torcidas jovens criada no período de juvenilização: Young Flu. Fonte: forum.jogos.uol.com.br, 2014.....	72
Figuras 28 e 29 - Organizadas nos setores Sul e Norte do Maracanã. Acima setor Sul torcida do Fluminense, Abaixo setor Norte torcida do Flamengo. Identificação pelas bandeiras. Fonte: A autora, 2017	75
Figura 30 - Torcida Rasta do Vasco no Maracanã – Detalhe para a bandeira com a ilustração do cantor Bob Marley. Fonte: www.netvasco.com.br, 2015.....	76
Figura 31 - Controle aos torcedores do nível 1, à esquerda, e livre refuncionalização nos níveis 2 e 5, à direita. Fonte: Ferreira, 2017.....	76
Figura 32 - exemplo do arquivo mnemônico do Lugar. Fonte: Uglione, 2008.....	85
Figura 33 - Pós-geraldinos. Fonte: própria autora	95
Figuras 34 e 35 - Bilheteria 1 e Bilheteria 2. Fonte: própria autora.....	96
Figuras 36 e 37 - Torcedores do Fluminense ocupando o Bar dos Torcedores. Fonte: própria autora.....	97
Figuras 38 e 39 - Croqui de campo mapeando a ocupação da torcida do Flamengo na Rua Morais e Silva e foto da (pouca) ocupação no Bar dos Torcedores na Semifinal da Copa Sul-Americana. Fonte: própria autora	98
Figura 40 - Ingresso com numeração de assento. Jogo de 2013. Fonte: própria autora	99

Figuras 41 e 42 - torcedores em pé por todos os lugares dificultando a distinção entre cadeiras, espaços de circulação, rampas etc. Setores Sul e Norte. Fonte: própria autora	101
Figura 43 - Torcedores com os pés nas cadeiras. Fonte: própria autora.....	102
Figuras 44 e 45 - Praça de alimentação do setor leste em que é possível encontrar também poltronas, jukebox, vitrolas e barbeiros.....	104
Figura 46 - Como exemplo do quadro de relatos esta figura traz as falas dos entrevistados.....	106
Figura 47 - Quadro de relatos com os extratos metafóricos assinalados em cores... 108	
Figura 48 - quadro de relatos com os extratos metafóricos assinalados em cores e gráfico de porcentagem de cada cor.....	109
Figuras 49 e 50 - Fluminense x São Paulo, 18/10/2017. Acima uma foto panorâmica do jogo. Abaixo as bordas detectadas na partida. Fonte: própria autora.....	117
Figura 51 - Croquis de campo mapeando microambiências no jogo Fluminense x Atlético MG em 20 de agosto de 2017. Fonte: própria autora	118
Figura 52 - Fluminense x Atlético Mineiro, 20/08/2017. Estádio com pouca ocupação. Fonte: própria autora	118
Figura 53 - Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017. Ocupação em jogos decisivos. Estádio cheio, Fonte: própria autora.....	119
Figuras 54 e 55 - Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017. Na primeira foto a ilustração do estádio cheio, praticamente todo ocupado. Na segunda foto assinalamos a ocupação dos espaços destinados às torcidas, em maior proporção à torcida do Flamengo e menor proporção à torcida do Flamengo e menor proporção à torcida do Cruzeiro. Fonte: própria autora	120
Figura 56 - 1) setor Sul com foco para as torcidas organizadas; 2) pós-geraldinhos logo abaixo no setor Sul; 3) setor Leste e a alternância de pessoas sentadas e em pé; 4) setor Norte e torcedores do Flamengo de pé; 5) torcedores-satélites na torcida do flamengo; 6) torcedores debruçados em vidros de contenção e separação de níveis. Fonte: própria autora	123
Figuras 57 e 58 - Setor leste e a diferença entre primeiro tempo e segundo tempo do jogo entre Fluminense x LDU, 14/09/2017. Primeiro tempo (figura 57) grande parte dos torcedores sentados; Segundo tempo (figura 58) grande parte dos torcedores de pé. Fonte: própria autora	124
Figura 59 - Croqui de campo para destaque do território das torcidas organizadas. Fonte: própria autora	126

Figura 60 - Círculos evidenciando a demarcação por bandeiras e faixas das torcidas organizadas. Fonte: própria autora.....	128
Figura 61 - Guarda montada no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017. Fonte: própria autora	131
Figura 62 - Jogo entre Brasil x Uruguai na Copa de 1950. A partida ficou conhecida como Maracanazo. Fonte: Jornal O Estadão.	133
Figura 63 - Croqui de campo mapeando na primeira figura as microambiências e na segunda figura as ondas que se formam em momentos nevrálgicos. Flamengo x Fluminense, 12 de outubro de 2017. Placar: 1x1. Fonte: própria autora	136
Figura 64 - pó de arroz, bandeiras, balões e lanternas no jogo decisivo pelas oitavas de final da Copa Sul-Americana entre Fluminense x LDU criando uma onda festiva e passível de encantamento. Fonte: própria autora.....	137
Figura 65 - momento de euforia pelo gol favorável ao Flamengo contra o Cruzeiro. Mãos para cima e alguns torcedores balançando as próprias camisas. Fonte: própria autora	138
Figuras 66 e 67 - torcedores de pé no setor leste logo após o Hino Nacional Brasileiro. Em seguida, quando começou a partida, todos se sentaram; escudo do Flamengo no telão. Fonte: própria autora.....	147
Figuras 68 e 69 - efusividade no jogo entre Flamengo x Cruzeiro. Fonte: própria autora	148
Figura 70 - Flu x Fla do dia 25 de outubro de 2017. Fonte: própria autora.....	150
Figuras 71, 72 e 73 - torcedores no entorno do estádio: encontro de torcedores adversários, compras e trocas de ingressos, conversas e bebidas. Fonte: própria autora	152
Figura 74 - torcedor-ator animando a torcida do Fluminense antes da partida. Fonte: própria autora.....	153
Figura 75 - 1) processo de ocupação da torcida do Fluminense minutos antes de começar a partida; 2) estádio com grande ocupação no segundo tempo de jogo; 3) e a entrada das torcidas organizadas com bandeirões minutos antes do jogo. Fluminense x São Paulo, 20 de outubro de 2017. Fonte: própria autora	154
Figura 76 - Torcedor nervoso no jogo Fluminense x Vasco. Fonte: própria autora....	157
Figura 77 - Torcedor com um celular adaptado para o antigo “radinho”. Fonte: própria autora	157
Figura 78 - Torcedores fazendo selfie durante o jogo. Fonte: própria autora.....	158
Figura 79 - Balões no setor Leste e torcedores sentados. Fonte: própria autora.....	159

Figura 80 - Lanternas acesas no setor sul. Fonte: própria autora.....	159
Figura 81 - Lanternas acesas no setor sul. Fonte: Blog fim de jogo - www.fimdejogo.com.br/blog/2017/08/18/venda-de-ingressos-fluminense-x-atletico-mineiro/ , 2017	160
Figura 82 - Pequena torcedora em cima da cadeira. Fonte: própria autora	161
Figura 83 - à esquerda setor norte e à direita, após as grades, cadeiras cativas. Fonte: própria autora.....	162
Figura 84 - Rampa monumental do setor leste (entrada pela estátua do Belini) e que não dá mais acesso aos setores sul e norte, ou seja, setores próximos aos gols. Fonte: própria autora.....	168
Figura 85 - destaque para seguranças sentados de costas para os gramados e observando os torcedores. Fonte: própria autora	169
Figura 86 - seguranças e policiais com cachorros. Fonte: própria autora.....	170
Figura 87 - seguranças em verde fluorescente na grade que separa o setor Sul do setor Leste. Fonte: própria autora.....	171
Figura 88 - aos poucos os torcedores conseguem ir transgredindo as regras, mesmo em setores mais vigiados. O setor Leste inferior é ainda controlado, mas o setor Leste superior os casos de transgressões vão sendo vistos aos poucos. Fonte: própria autora	172
Figuras 89, 90 e 91 - setores Sul e Norte: pés nos encostos das cadeiras; torcedores de pé debruçados nas divisórias em vidros; torcedores sentados nos encostos das cadeiras; e locais sem cadeiras e a utilização do espaço como arquibancada. Fonte: própria autora.....	173
Figura 92 - Na figura destaque para os celulares e selfies. Fonte: própria autora.	176
Figura 93 - apropriações dos corredores pelos torcedores. Fonte: Ferreira, 2017	184

Aquele espírito do Maracanã vai ser único, independente da roupagem que ele tiver, porque o que se construiu, o que se viveu nele é devido às pessoas e não sua estrutura física. O sentimento sempre será eterno. (Trecho da entrevista com W.J. em 26/08/2017)

INTRODUÇÃO

O estádio de futebol é um lugar de experiências que são manifestadas no espaço físico, na relação com o Outro e com os aspectos sensíveis. Ele tem uma atmosfera que se modifica com as mudanças recorrentes, porém ela sempre está lá, passando como um rio e unificando tudo que faz parte do lugar. A essa atmosfera ligada ao espaço físico e às sensações que dele emanam chamamos *ambiência*. Acreditamos ser essa ambiência capaz de favorecer a criação de um Espírito do Lugar¹ e ao mesmo tempo de mantê-lo, por nunca se esgotar enquanto existir o ambiente construído e a vontade dos torcedores em fazer parte de uma manifestação coletiva.

O futebol funciona como um elemento de religação para muitas pessoas, quase uma “religião” no sentido estrito da palavra, acarretando na “*coisa mais importante, a única que dá sentidos às suas vidas vazias*” (WISNIK, 2008, p.42). Por mais excessos que a frase de Wisnik tenha, é esse sentimento que codifica e atribui razão ao estádio, transformando-o comparativamente a um templo, em que o sagrado é mais evidente que o profano das manifestações lúdicas, por seu caráter transcendente.

Por carregar significados bastante específicos, que podem, muitas vezes, ser relacionados aos primeiros movimentos de defesa de território, aquilo que acontece nos estádios em dias de jogo pode ser comparado a um ritual. Logo, é assumida uma narrativa pelos torcedores e que perpassa tempos e gerações. Essa narrativa - que segundo Barthes (1976) significa mais que conhecer, mas reconhecer o conflito, pois é uma teoria investigativa e está presente em todos os tempos, lugares e sociedades - serve como meio para compreender essa dialética mnemônica que o estádio tem impregnado em sua parte física, simbólica, moral e sagrada.

¹ O conceito de “Espírito do Lugar” aparece primeiramente no período romano em que se acreditava que o Lugar possuía uma alma ou identidade própria. Os romanos antigos acreditavam que esse espírito era guardião de cada cidade. Cada lugar onde ocorria vida tinha o seu próprio *genius*, ou seja, um espírito, que se manifestava tanto no local como na configuração espacial e na caracterização da articulação. E este espírito dá vida às pessoas e aos lugares e determina o seu caráter. A própria identidade humana pressupõe uma identidade do lugar. No entanto, o próprio lugar tem um estado emocional, independente do estado de espírito do visitante no momento do encontro. Modernamente, o termo voltou a sua origem latina “*Genius Loci*” e tornou-se uma expressão recebida pela teoria da arquitetura para definir uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interação entre lugar e identidade. Este conceito é proposto e passado para a arquitetura por Christian Norberg-Schulz.

Sendo a religião embasada em rituais e materializada em um templo, podemos assim fazer analogia em que o estádio é o local da manifestação ritualística do sagrado futebol, levando sentido mesmo com as passagens dos anos, carregando um espírito que é passado e orientado pela narrativa. E os torcedores, munidos de sua fé, são renovados com o passar do tempo e, por essa razão, transmitem suas crenças para outras gerações e amparados pelos seus “dogmas” são dotados de uma identidade enraizada em sua crença na equipe e no ritual que ela proporciona mediante o jogo.

No Brasil, o futebol é “veneno remédio” como afirma Wisnik (2008) e o estádio se tornou o meio de sanar o vício e que ganhou *status quo* de “templo” por carregar as lembranças e as marcas de um grande clássico, de uma vitória importante ou até mesmo uma derrota, que mistifica o esporte e procura um lugar para seus deuses.

Nesse sentido, vemos o FUTEBOL - aqui entendido não apenas como o jogo em si, mas a todo conjunto de práticas sociais e culturais envolvidas em uma partida, incluindo seu suporte espacial - como uma força motriz para uma retomada, de significações de estádios que são reconstruídos ou totalmente modificados, como os que presenciamos em um crescente nos tempos atuais.

Desde a década de 1990, após o Relatório Taylor, redigido em decorrência de dois grandes incidentes em estádios no final da década de 1980 ocorridos na Bélgica e na Inglaterra, as reformas que exigiam segurança, mas que ao mesmo tempo alteraram o perfil de torcedor para um público mais elitizado, tem instigado contestações e também uma frente de pesquisa sobre as consequências dessas mudanças. Não somente o espaço físico, mas o esporte em si e as formas de torcer se alteraram e nos levam a pensar nos resultados decorrentes de tais investidas.

No Brasil, as reformas/reconstruções dos estádios geraram discussões principalmente após os anos 2000, mas o auge ocorreu com as reformas/reconstruções para a Copa do Mundo de 2014. Os estádios e outros equipamentos sofreram alterações para receber os jogos do Mundial e buscaram atender mudanças que respaldavam a segurança, a limpeza e o espetáculo, porém trouxeram também aumento dos preços dos ingressos, o excesso de vigilância e novos hábitos de torcer arremetendo grandes discussões sobre tal intento. Entendemos esses recintos como parte importante da cultura, da arquitetura e do cotidiano dos brasileiros, o que nos leva a pensar na discussão sobre as mudanças sofridas como o fio contextualizador das inquietações para a escolha do objeto.

Diante disso, temos como objeto de estudo discutir os estádios reformados para a Copa de 2014 pelas rupturas ocorridas, pois acreditamos que tenham ocorrido rupturas para todos os que se relacionam com o futebol, encadeadas pelas alterações abruptas nos aportes arquitetônicos, simbólicos e sensíveis do lugar. Os elementos como arquibancadas não existem mais, cedendo lugar para as cadeiras; a padronização das praças de alimentação; a busca pelo torcedor comedido; a espetacularização proporcionada pelas corporações e evidenciada pelo turismo elitizado, enfim, mudanças radicais na estrutura e na relação com o estádio e, conseqüentemente, mudanças na relação com o lugar são fatores que consideramos como “traumas espaciais”, isto é, efeitos das rupturas abruptas que criam emergências de ressignificação e levaremos em conta na análise de campo.

Logo, dadas as rupturas físicas, rupturas sensíveis e rupturas sociais, começa-se um novo ciclo impulsionado pelo “trauma espacial”, que busca um novo remanejamento, um recomeçar. Diante dessa problemática, nos perguntamos como a ambiência do Grande Palco Futebolístico consegue ajudar na ressignificação desse (novo) lugar? A memória é importante em todo esse processo? Os novos usos do e com o lugar podem balizar uma (re)territorialização, uma (re)apropriação e uma (re)identificação? Quais os significados do estádio para seus frequentadores? Esses significados foram alterados após as reformas?

Dados os argumentos teóricos, bem como o papel da ambiência no estádio, partimos da hipótese que a ambiência do ritual futebolístico, caracterizada pelo fervor entusiástico, pela interpessoalidade e por uma cadência de signos que levam ao dispositivo final - a torcida corporificada e a adoção do espaço temporário como lugar - tem papel preponderante na reinterpretação dos novos espaços físicos, surgidos pelas reformas de adaptação dos estádios aos megaeventos, uma vez que as reordenações espaciais suscitam um novo padrão de torcedor e de sujeito. Deste modo, temos como objetivo verificar se as ambiências funcionam como o elo entre o passado e a situação atual e se elas são capazes de fazer emergir lembranças afetivas. Baseados no conceito de “trauma espacial”, buscamos também analisar se os novos usos, materializados nas ambiências, possibilitam a ressignificação dos espaços e se mantêm presentes as práticas e as crenças compartilhadas nesta nova situação.

Acreditamos que o estádio, mesmo que transformado em arena², onde algumas referências foram perdidas, ainda consegue criar narrativas capazes de

² Os estádios de futebol, após as reformas sofridas e no Brasil principalmente para a ocasião da Copa do Mundo de Futebol, foram sendo substituídos pela palavra arena. Esse termo faz alusão aos anfiteatros

acionar lembranças e de ressignificar o lugar através de hábitos e práticas reestruturadas pelos novos usos. Sustentamos que os estádios são passíveis de uma nova significação pela força simbólica do futebol, mas, sobretudo pela corporificação dos torcedores envolvidos e co-criando seus símbolos, seus significados, as paixões e a memória que ele invoca.

Por ambiência entendemos a atmosfera que precede e condiciona um espaço, com todos seus elementos - físicos e sensíveis - em conjunto com as relações humanas. Essa atmosfera permeia todos os espaços de nossa vida cotidiana, de uma forma geral, sem que nós percebamos de sua existência. No entanto, algumas vezes, as ambiências são percebidas e fortemente notadas: trata-se do que chamamos de ambiências notáveis. Conforme explicamos no capítulo dedicado à fundamentação teórica, as ambiências notáveis são aquelas em que nós não conseguimos ignorar que estamos inseridos nelas e que fazemos parte delas. São ambiências que se fazem notar por sua força e pregnância, que possuem potencial de mobilizar nossos corpos de forma contundente e fazer trabalhar nossa memória.

A ambiência, mesmo após numerosos estudos, ainda é fácil de sentir e difícil de explicar, como bem afirmou Augoyard (2004). No entanto, após estudos sobre esse conceito, temos como entendimento que as ambiências são capazes de: proporcionar experiências, dadas às relações entre o sujeito com o espaço físico e com outros sujeitos; invocar a memória do lugar pelos elementos arquitetônicos; e, conseqüentemente, participar da construção identitária de grupos sociais.

Assim, compreendendo que a ambiência precede e condiciona os espaços, buscamos, neste caso, verificar se ela se instaura e se adere ao estádio através da paixão pelo futebol; se ela de fato possibilita a criação de lugares para o acolhimento dos jogos e principalmente do público, responsável pela corporificação e relações com o espaço.

Atrelado ao conceito de ambiência, nos apoiamos também no conceito de 'trauma urbano', que, segundo Uglione (2008), é uma ruptura com o espaço e a memória é acionada para o trabalho simbólico de ressignificar o que foi "danificado".

romanos, com a formação elíptica predominantemente para que todos pudessem ter a visão central. As arquibancadas também eram rebaixadas até o centro, para esse mesmo intuito de visão do todo (DOMERGUE, et al., 2006). A arena de futebol tem um caráter multifuncional, assim com os anfiteatros romanos, pois além do futebol, abarca também shoppings, museus, e poderá receber shows e outros eventos. No entanto, a alteração do nome, assim como a alteração do espaço construído, muito mais que uma mudança funcional, é uma imposição pelos órgãos internacionais e que, assim como as mazelas simbólicas, são também rupturas que mexem com o torcedor aficionado.

Pretendemos explorar a ambiência do estádio como a ponte do passado com a atualidade em uma busca de memórias acionadas pelo trauma, para entendermos a resignificação dos espaços. Assim, buscamos entender a ambiência notável do estádio como sendo o elo e um dispositivo conceitual que proporciona pensar a importância das reformas, o que ocorre com os espaços em sua relação com as pessoas que o ocupam. Visamos analisar essa concepção no ambiente construído dos templos futebolísticos, pois acreditamos que exista nesse lugar “camadas históricas” como lembra Peixoto (apud UGLIONE, 2008), pois é um “*horizonte saturado, depósito em que se acumulam vestígios arqueológicos, traços de memória e o imaginário criado pela arte contemporânea*” (p. 13).

A fim de abordarmos essas questões, elegemos como estudo de caso o estádio Maracanã, pois o equipamento teve - e ainda tem - grande ocupação além de ter grande tradição futebolística. A pesquisa de campo buscou analisar os significados do estádio-arena Maracanã antes e após as reformas e verificar o papel das ambiências na resignificação do lugar através de hábitos e práticas reestruturadas pelos novos usos.

A experiência no Maracanã começou em 2013 mediante uma encomenda do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq e do Ministério do Esporte. Nosso trabalho era investigar a Acessibilidade e o Desenho Universal nas Instalações da Copa FIFA 2014 e os impactos no Turismo Inclusivo. O estádio ainda não havia sido aberto ao público³. Acessamos todos os setores disponíveis, inclusive camarote e o que à época chamavam de sala V.V.I.P.⁴, uma área exclusiva para autoridades, patrocinadores e pessoas da mídia que fossem convidados pela própria FIFA.

Ficamos instigados, a partir dessa encomenda, em descobrir como seria a reapropriação dos torcedores de um dos estádios mais importantes do mundo após a reabertura. Construimos assim as bases do projeto, uma vez que após a reabertura o público mais assíduo sentia-se ainda em choque com a grande mudança⁵, o que nos levou a constatar que havia um *trauma* ocasionado pela reforma.

³ Reabriu em 02 de junho de 2013 para jogos oficiais. O jogo foi um amistoso entre Brasil x Inglaterra

⁴ Juntamente com a sala V.I.P, Very Important Person, a FIFA exigia que houvesse a sala V.V.I.P, Very Very Important Person. Hoje esta sala não existe mais e todo o setor é conformado com o camarote do setor oeste, inclusive a sala V.I.P.

⁵ Percepções gerais mediante relatos aleatórios de conhecidos e pessoas que fizeram parte da encomenda do CNPq e Ministério do Esporte. Não tem valor científico, porém foram válidos enquanto primeiro contato com a inquietude da pesquisa.

Como base metodológica da pesquisa, utilizamos a análise etnotopográfica, conjunto de métodos desenvolvidos no LASC⁶, amparado nas ciências humanas, porém focando os grupos socioculturais em um determinado lugar, com base e suporte no espaço em si. Além disso, ao privilegiar as ferramentas e linguagens gráficas, a análise etnotopográfica se volta para o pesquisador em arquitetura que possui maior facilidade de compreender formas espaciais para visualizar resultados.

Além das observações de cunho etnográfico, selecionamos narradores para a pesquisa de forma aleatória e buscamos tê-los como copartícipes da análise empírica, sendo o ponto principal do enfoque de campo e dando voz àqueles que formam, junto com o espaço físico e o futebol, a tríade resistente do estádio: espaço físico – torcedor – esporte.

Esses torcedores dos estádios foram convidados a narrarem livremente os seus sentimentos e as suas percepções sobre ambiência local. Como a pesquisa analisa tendências e não fatos objetivos, o número de informantes narradores não teve um universo e sim um foco de reverberação, uma vez que a metodologia qualitativa trabalha com projeções⁷. Mesmo com autorizações e concessão do comitê de ética e pesquisa, preferimos manter o anonimato dos informantes, mas eles terão acesso aos resultados. Investigamos os mais diversos torcedores, a fim de garantir a diversidade da amostra e a autora desta tese tornou-se também participante enquanto observadora.

A concessão para a pesquisa de campo via comitê de ética foi obtida somente em 2016 e, a partir deste ano, foram feitas investidas no estádio, vez por outra interrompida por algumas adversidades, além de um estágio doutoral em Grenoble, França, de abril a agosto de 2017. Na França, os estádios também foram reformados para o Campeonato Europeu de Futebol em 2016. Assim como no Brasil, havia uma inquietude com os recintos reformados e estes, por sua vez, foram também discutidos ferrenhamente enquanto a necessidade das grandes mudanças e não somente como pautas jornalísticas, mas também pelas abordagens acadêmicas⁸.

⁶ Laboratório “Arquitetura, Subjetividade e Cultura”, vinculado ao Programa de Pós-graduação da UFRJ, grupo de pesquisa do qual a autora desta tese faz parte.

⁷ A metodologia qualitativa é indicada a tratar questões de cunho mais profundo, que uma abordagem quantitativa não faria. Por utilizar técnicas projetivas é possível fazer associações abstratas e inconscientes, bem como análise de fator emocional e latente, que não seriam reveladas em um discurso racional nem mesmo em índices estatísticos (CELANO, 2000)

⁸ Embora o objetivo do estágio tenha sido para acompanhamento teórico, ao longo da estadia surgiu a curiosidade em descobrir como os torcedores estão se reapropriando dos estádios reformados para a Euro 2016. Não realizamos pesquisa empírica de cunho etnográfico, mas acompanhamos algumas partidas e realizamos impressões que serão detalhadas nos Apêndices deste trabalho.

Como será exposto no capítulo de metodologia, este trabalho usará também ferramentas metodológicas inspiradas no Arquivo Mnemônico do Lugar, uma ferramenta criada pelo LASC a partir dos estudos de Uglione (2008), que tem o objetivo de potencializar o “trabalho” da memória a partir de relatos orais de narradores presentes nos lugares. Em nosso caso, porém, não tivemos a intenção de buscar a narrativa da cidade construída pela memória e nos ativemos à busca pelos significados e “ressignificados do estádio”.

Esta tese está estruturada em cinco capítulos, a saber: **PRIMEIRO CAPÍTULO: DEFINIÇÃO DA PARTIDA;** **SEGUNDO CAPÍTULO: PRELEÇÃO;** **TERCEIRO CAPÍTULO: ESQUEMA TÁTICO;** **QUARTO CAPÍTULO: PRIMEIRO TEMPO;** **QUINTO CAPÍTULO: SEGUNDO TEMPO;** e **CONSIDERAÇÕES FINAIS: PLACAR DA RODADA.**

No *Primeiro Capítulo*, fazemos a conceituação teórica e conceitual do presente trabalho, a fim de decifrar e delinear conceitos tendo como base a ambiência sensível, uma vez que ela é suporte e suporta os demais conceitos. No *Segundo Capítulo*, nos dedicamos a destrinchar o “futebol” como um todo, a partir de conceitos históricos. No *Terceiro Capítulo*, esmiuçamos todo o direcionamento metodológico e conceitual da pesquisa. Como se trata de uma pesquisa pautada de uma análise empírica, faz-se necessário um capítulo que situe a problemática em seu contexto. No *Quarto e Quinto Capítulos*, buscamos “jogar o jogo”, isto é, entramos na nossa análise de campo e aplicamos os métodos e ferramentas metodológicas. Nas *Considerações Finais*, buscamos traçar o nosso resultado de forma a tangenciar a nossa hipótese e se foi possível alcançá-la.

Esperamos, com o presente trabalho, contribuir para a construção do entendimento do estádio através de sua ressignificação com as ambiências produzidas e não das modificações espaciais em si ou somente de aspectos sensíveis ou funcionais separadamente. Buscamos, assim, fomentar a construção do saber no âmbito da ciência da arquitetura ao abordarmos o estádio pelo viés dos torcedores e sua relação com o lugar, a fim de levantarmos a premência de tê-los como fonte principal para a intervenção e a reestruturação do espaço físico e simbólico. Esperamos que o impacto social além de ajudar projetistas, seja um canal de compreensão e aprofundamento na cultura da nossa sociedade.

PRIMEIRO CAPÍTULO: DEFINIÇÃO DA PARTIDA

No futebol, a *definição da partida* é quando os times conhecem seu adversário e o estádio onde será disputado o jogo da bola. É importante que eles saibam como as outras equipes jogam taticamente, bem como as condições do equipamento em que será disputado, seja um simples jogo amistoso ou uma grande final de campeonato.

Nesse mesmo sentido, com esse capítulo, faremos uma *definição* no sentido estrito da palavra, pois o nosso intuito é, a partir da nossa conceituação teórica e conceitual, decifrar e delinear conceitos a partir de uma ambiência sensível, uma vez que ela é suporte e suporta os demais conceitos.

A ambiência nada mais é do que uma atmosfera e um emaranhado do que comporta cada espaço; ela engloba o lugar físico, as pessoas que nele se relacionam e os aspectos sensoriais. Dentro dessa atmosfera, a vida se desenvolve, dá as bases para os comportamentos, cria condições para o estar no mundo e multiplica o significado de cada atuação.

O estádio de futebol é um fragmento da cidade. É um equipamento-parte ao mesmo tempo em que desdobramento da própria cidade. Lá dentro, vislumbramos o bem construído, as relações, as demarcações de território, as paixões, o desenrolar da memória que conta e reconta o agora e o *porvir*.

Nosso interesse no estádio é mais que um olhar para o espaço construído. Tentamos ir mais fundo, nas teias que regem um querer estar presente, fazer parte da experiência do torcer, estar envolto na atmosfera sensível e ser/criar parte de uma memória dos trâmites de um esporte que tem forte significado para muitos.

Diante disso, desenhamos no primeiro capítulo o nosso referencial teórico do trabalho, momento crucial e de máxima concentração da pesquisa e pelo qual buscamos desvendar a nossa hipótese. Ate-mo-nos aqui aos conceitos de ambiência sensível e a atmosfera do Lugar; definições e embasamentos sobre a memória e a narrativa mnemônica do lugar e o 'trauma urbano'; territorialidade e a dinâmica do reconhecimento espacial; e a psicologia das massas.

1.1 A ambiência e os espaços futebolísticos

O espaço é compreendido por elementos que, em conjunto com as relações humanas, formam a “ambiência”. Segundo Thibaud (2004), ela precede e determina todos esses elementos de forma integrada.

O termo ambiência deriva do vocábulo latim *ambire*, que significa rodear, cercar (DUARTE; PINHEIRO, 2009). Assim, aquilo que está contido num dado ambiente é cercado ou rodeado pela ambiência e, por esse sentido ser também entendida por “atmosfera moral e material”.

Para a existência e manutenção dessa atmosfera, torna-se necessário um constante movimento dos elementos e das relações humanas e suas manifestações em consonância com o lugar.

Ao tratarmos da atmosfera de um estádio de futebol, estamos “aplaudindo” a confluência da disputa da bola e o espetáculo gerado por isso. Para tanto, existe a necessidade de aportes físicos específicos para o direcionamento ao “teatro” futebolístico e um número representativo de pessoas que apoiem e vibrem com o time, dando sentido e condição para a ambiência do movimento esportivo.

Essa colocação ratifica o que Duarte (2011) afirma sobre a *ambiência*. Para a autora, os estudos sobre esse conceito abarcam os aspectos sensíveis do ambiente em contrapartida às pesquisas que vinham se mostrando incompletas ao se debruçarem somente nas funcionalidades e nas formas dos espaços construídos como fatores isolados.

A definição de ambiência não é fechada. À medida que as pesquisas avançam, novos entendimentos são passíveis de inclusão. O que temos de mister é que a ambiência é capaz de “[1] mobilizar o corpo, ou seja, convocar o movimento; [2] é indivisível, ou seja, estabelece lugar (no sentido do pertencimento); [3] e está em toda parte, pois participa do cotidiano das cidades” (DUARTE; PINHEIRO, 2009, p. 1). São as ambiências que possibilitam a interação entre a percepção, as emoções e as ações das pessoas em suas representações sociais e culturais, ou seja,

Nos leva a refletir sobre tipos de experiência, percepção e ação em determinados contextos urbanos que podem ser mais bem analisadas através do olhar narrativo e crítico. Logo, uma ambiência é necessariamente apreendida no ambiente construído, nos fenômenos sensoriais e nas ações contínuas das pessoas que a tornam possível (LASC, 2011, s/p)

A ambiência reúne, como dissemos, domínios anteriormente separados e estudados isoladamente na arquitetura. Segundo Thibaud (2004), a pesquisa da ambiência é capaz de oferecer a possibilidade de reunir o espaço vivido e espaço concebido em uma abordagem dinâmica que se interessa com modos sensíveis de estruturação de espaço e de tempo (p. 159).

Logo, trabalhamos com um conceito que norteia a pesquisa de aspectos funcionais, físicos, ambientais, sensíveis, experienciais e relacionais em movimento com um determinado local e um determinado momento. Isso implica num caráter pragmático do conceito que, para ser tematizado, requer um retorno ao concreto com ações de observação e vivência. Essas ações e vivências são especialmente importantes quando se trata do estudo da apropriação dos sujeitos com o espaço da arena de futebol e como a ambiência permite experiências sensíveis enquanto torcedor.

E dessa forma, retornamos ao concreto, ao *lócus* do espetáculo da bola, pois é preciso ir além do olhar para entender a ambiência, ou seja, é preciso senti-la. Assim, a organização perceptiva deverá nos direcionar para além do primeiro contato, deixando-nos tomar pelo invólucro sensorial, produzido pelo movimento corpo-espaço, que se faz na ambiência.

É o corpo sensível quem vai dar sentido ao espaço através do movimento, das relações, das sobreposições e interposições que estabelecem com o meio e todos seus invólucros fenomenológicos. Isso possibilita que a *ambiência* penetre no corpo e o corpo ganhe sentido em razão da *ambiência* de cada Lugar.

Através do *envolvimento/movimento do corpo com o meio*, que entendemos que esses conceitos – corpo e espaço – não são dissociáveis das atividades sensório-motoras (THIBAUD, 2004), a experiência faz a ligação. Dessa forma, a *ambiência* irá permitir a passagem da dimensão sensível para a dimensão cognitiva, ou seja, o ambiente será conhecido, apreendido, e, haverá uma conscientização dessa atmosfera pelo usuário que a analisará segundo seus aspectos emocionais e afetivos tornando-a passível de ser arquivada na memória. Portanto, podemos afirmar que a

tônica da ambiência é a corporificação⁹ e esta é “necessariamente apreendida no ambiente construído, nos fenômenos sensoriais e nas ações contínuas das pessoas que a tornam possível.” (Thibaud, 2004, p. 349).

Em se tratando da ambiência em um estádio de futebol, entendemos que a corporificação é realizada de maneira esporádica, pelo caráter eventual das partidas de futebol e é feita por vários torcedores que realizam movimentos característicos e irão possibilitar o envolvimento com uma atmosfera única. A ambiência proporciona experiências, dadas às relações entre o sujeito com o espaço físico e com outros sujeitos. Logo, a ambiência se fortalece pela paixão pelo futebol, que possibilita a criação de lugares para o acolhimento dos jogos e principalmente do público, responsável pela corporificação e relações com o espaço. Esse esporte, por sua vez, carrega símbolos importantes, sensações únicas e elementos próprios que, dentro de uma mesma atmosfera, possibilitam o reconhecimento espacial.

Esse reconhecimento só é possível mediante a experiência do Lugar, da constante apropriação do espaço do torcedor aficionado. Mesmo a partida de futebol sendo um evento não rotineiro, ela é buscada nos períodos de recorrência, porque as pessoas continuam sendo afetadas pela ambiência, tanto ativamente, quanto inconscientemente. Assim, podemos continuar ratificando que a noção de ambiência de forma duradoura está ligada à experiência, pois o corpo precisa estar situado, envolto e em relação com essa atmosfera para termos as bases para a conceituação do tema. Logo, analisar a ambiência requer mais um retorno ao campo empírico que ao teórico, como afirma Duarte (2011).

Entendemos que não seja possível expressar sensações, sentimentos, se apropriar e se tornar parte do *locus* caso não haja o envolvimento que possibilita a experiência e o ato de experienciar.

Segundo Tuan (1983, p.10), “experienciar é aprender, compreender; significa atuar sobre o espaço e poder criar a partir dele por meio do processo perceptivo e da apreensão do espaço que o processo cognitivo se desenvolve e faz com que o indivíduo o conheça melhor e aja sobre ele”. “Os padrões de agradabilidade estão, portanto, inexoravelmente atrelados à experiência que se desenvolve nos lugares e são componentes formadores das ambiências urbanas” (DUARTE et al. 2007, p.7).

A experiência é o que vai dar sentido à apropriação dos lugares e desencadear um processo de identificação pessoal, mesmo que as representações sejam coletivas.

⁹ A corporificação pode ser entendida como o ato de corporificar, isto é, o corpo tem representação efetiva *in locus* e se torna presença real. A corporificação é indivíduo materializado.

Dessa forma, compreender os lugares requer entendimento das experiências situadas e da composição espaço e tempo para que a percepção do espaço não seja entendida meramente como fator estático de vivência, uma vez que esse espaço e esse tempo são comumente cíclicos.

O ato de experienciar leva ao reconhecimento da ambiência. Para tanto, o reconhecer é um processo que não depende somente dos processos perceptivos, mas também da memória que é invocada pelos elementos arquitetônicos e pela manifestação ritualística do futebol.

Para Duarte (2011), a memória está imbuída de fantasia, desejo e por um complexo processo de significações, na qual os usuários atribuem a determinadas ambiências. “Assim, dizer que a ambiência desperta familiaridade nas pessoas significa dizer que a memória desses usuários foi capaz de ‘trabalhar’, atribuindo significados ao lugar a partir de seu caráter multissensorial e íntimo dos registros previamente adquiridos por seus praticantes” (s/p). É a memória, pois, contribuinte do valor do lugar.

A ambiência precede o espaço, o condiciona, está entre o corpo e o ambiente, mas é no trabalho da memória que o sentimento de pertencimento surge, sendo esta parte das próprias experiências, estando implícita na relação corpo-ambiência.

Como afirma Jodelet (2002), a relação que o sujeito estabelece com o seu espaço de vida lida com concepções de sentido e significado definidas através das experiências, que atribuem valor simbólico aos ambientes construídos através da cultura, relações sociais e jogos de poder.

Por meio dessa relação, o sujeito constrói sua identidade situada espacialmente. Arelado a isso, os acontecimentos no espaço auxiliam no desenvolvimento da memória, que não está no lugar, mas o lugar que a faz trabalhar nas pessoas, implicando no lembrar e esquecer de maneira inconsciente.

A memória reflete a relação do passado, presente e futuro de cada usuário dos lugares e delimita um princípio importante no reconhecimento do potencial simbólico e apropriativo dos espaços construídos. Todo espaço conta a sua história e, de uma certa forma, as pessoas encontram nos Lugares os fragmentos de que necessitam para construir as suas próprias histórias individuais e coletivas. Dessa forma, podemos afirmar que a memória é o “cimento de construção” para a identidade dos grupos socioculturais e vice-versa. (DUARTE et al. 2007, p. 5)

Tuan (1983) afirma que quando o espaço se torna familiar para nós, ele se transforma em lugar. São os significados e definições que a eles atribuímos que possibilita a transformação em “nossos lugares”. As lembranças através de um cheiro, de um gosto, ao observar certas paisagens, o sentir-se impregnado do lugar é se apropriar, por intermédio da memória, aflorada pelos sentidos.

Essa familiaridade, despertada pela memória no emaranhado da ambiência é manifestada no coletivo, mas representada na individualidade pelo sujeito que se torna impregnado por essa atmosfera. A partir disso, é capaz de se identificar com os lugares e (re)criar uma identidade, que parte do seu envolvimento/movimento com o espaço. Em se tratando do futebol, essa reconstrução identitária dos torcedores acontece em razão da cultura da bola em toda a ambiência do principal equipamento das partidas, ou seja, no estádio. Ele é detentor de uma atmosfera particular dada pelo evento notável, pois abarca características, manifestações e símbolos ligados ao jogo de bola, tornando o lugar peculiar, dado os conflitos e consensos que ocorrem em todos os cantos desse espaço, que, por essa razão, pode ser lugar para ancorar uma identidade.

Assim, são as ambiências que induzem os corpos à criação e recriação de lugares, que por sua vez, evocam a memória que, após ter sido trabalhada no inconsciente do sujeito e selecionada, torna-se portadora dos fatores identitários com as ambiências dos lugares. Porém, estar envolto nessa atmosfera é ir além da identificação puramente pessoal, mas em razão do Outro. De acordo com Pollak (1992, p. 5), “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referências aos outros, em referências aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. Por isso, focamos nossa pesquisa para a narrativa do sujeito que torce e vibra com seu time e transforma o estádio no lugar de adoração de seus ídolos (os jogadores) em constante identificação com eles. Segundo Wisnik (2008), o futebol é o “veneno remédio” e o estádio se tornou o meio de sanar o vício, mas que ganhou *status quo* de “templo”, por carregar as lembranças e as marcas de um grande clássico, de uma vitória importante ou até mesmo uma derrota, que mistifica o esporte e procura um lugar para seus deuses e claro, para a sua identificação com eles e com os outros torcedores.

Logo, a identidade, própria do sujeito, é formada pelo contato com o outro, constantemente lembrado, por meio de sensações diversas, que conformam as ambiências dos lugares. De acordo as pesquisas do Laboratório Arquitetura,

Subjetividade e Cultura (2011), o outro não é necessariamente representado apenas pelos habitantes, mas pode ser também constituído pelas ambiências que fomentam a criação pelo corpo. Assim, o outro pode ser o próprio espaço urbano.

Dessa forma, a noção de apego o torna lugar em razão do seu reconhecimento e da troca que se estabelece. Logo, manter relações de proximidade com este outro deve compreender o acolhimento desse ambiente outro que, potencialmente, pode me trazer uma “afecção da alma” pela imposição de sua diferença, como afirmam Alencar e Freire (2007).

A ambiência condiciona o afeto pelo lugar na medida em que o sujeito se apropria dele, através de sensações e interações. O ato de apropriar-se, portanto, requer uma identificação e cognição, que incorrerá na afeição do lugar.

Segundo Pol (1996), a apropriação vem da necessidade do indivíduo de se diferenciar do outro, demarcando seu território e criando referenciais estáveis, que o ajudam na orientação e preservação de sua identidade. Para ele, existe a necessidade de compatibilizar o novo com estruturas mentais já apreendidas. Transformação do diferente em igual, do estranho em familiar, do outro em si mesmo.

As ambiências são impulsionadas pelas várias necessidades dos sujeitos que se identificam e se reconhecem no lugar, que pode ser considerado o outro, à medida que ele é inspirador, criador e impulsiona ao afeto. Dessa forma, o envolvimento dos torcedores com o estádio, principalmente quando ele é reformando, é importante para o reestabelecimento de uma relação afetiva com o ambiente, mediante o contato com o outro.

Assim sendo, a partir dos usos e da convivência com os demais frequentadores do estádio, envoltos em uma mesma ambiência, pode se tornar possível a celebração do processo de identificação, evocado pela memória, buscando, por fim, uma apropriação.

AMBIÊNCIA NOTÁVEL

A ambiência permeia tanto situações ordinárias, cotidianas, quanto situações que acontecem esporadicamente e que são permeadas por algumas rupturas do dia-a-dia, como uma festa, uma parada militar, um bloco de carnaval ou mesmo uma partida de futebol.

Segundo Thibaud (2016), uma ambiência nos afeta, na maioria das vezes, sem o nosso conhecimento, sem que realmente percebamos, procedendo por infiltração e impregnação lenta e durável. Mesmo que percebamos estar inseridos em uma ambiência, geralmente esta continua no estado infraconsciente, infundindo secretamente situações e continuamente nos acompanhando e nos afetando (THIBAUD, 2016).

Outras vezes, no entanto, somos afetados ativamente em situações que nos trazem a consciência de estar fazendo parte de uma ambiência memorável. Essa conscientização é despertada pela força que emana dessas ambiências, por sua pregnância, por suas características sensoriais e seu significado, por seu potencial em induzir comportamentos e ações, pela relação intensa que se estabelece entre o espaço e seus ocupantes (e nos ocupantes entre si). É o que chamamos de ambiências notáveis. Ao se referir às ambiências notáveis, Torgue (2004) enfatiza “que esse momento é rasgado da vida ordinária, envolvendo uma ruptura de valores e reabilitando o corpo e o coletivo” (2004, p.11).

Torgue (2004) atesta, ainda, a nossa afetação ativa em situações notáveis, pois há uma configuração eminentemente anamnésica. Um grande número de detalhes será memorizado e será fonte de evocações ricas, muito compartilhadas.

MICROAMBIÊNCIA

A ambiência pode ser analisada a partir de fragmentos circunscritos dentro de sua delimitação em uma área maior. Esses fragmentos são compreendidos como microambiências, comportando pequenos grupos que “compartilham e/ou experimentam um mesmo acontecimento, uma mesma atividade num determinado espaço, cujas características sensitivas ajudam a proporcionar essas práticas sociais que se constituem em bordas de menor reverberação”, conforme elucida Lira (2015, p. 64).

Em uma área maior, as microambiências afetam e são afetadas, porém, por terem porções menores são detectadas pelas bordas que criam franjas ou os limites perceptíveis que reforçam a sua inserção em uma atmosfera maior ou somente expressam fronteiras em um espaço e por isso não reforça a manutenção em uma ambiência. Lira (2015) atesta que, por essa razão, a compreensão das

microambiências requer entendimento sobre noções de apropriação e ocupação, bem como deslocamentos e suas nuances de velocidades e repousos.

Buscaremos traçar as microambiências no estádio a partir das análises observacionais atentando para a dinâmica nos territórios. Entretanto, mesmo compreendendo os deslocamentos das microambiências, observamos somente as “zonas de (re)pouso” proposto por Lira (2015), uma vez que trabalhamos com as formas de ocupação e apropriação geradas dentro do espaço do Maracanã. De qualquer forma, não desconsideraremos que as microambiências são caracterizadas pelas constantes alterações de elementos sensíveis e dinâmicas das configurações e reconfigurações das ocupações dos espaços.

1.2 Memória, ambiência e trauma

Neste capítulo, nos interessa reunir e confrontar reflexões que justifiquem por que a memória é um elemento fundamental para uma análise da atmosfera do estádio de futebol reformado. Esse caminho implica evidentemente em conformar um entendimento acerca da relação e imbricação da memória no fenômeno chamado ambiência. Para tanto, seguiremos algumas trilhas de questionamentos que, por sua vez, misturam-se, sobrepõem-se e “puxam” uns os outros. São elas:

A ambiência é capaz de invocar a memória do lugar? Se assim é, em que sentido? Como ela faz isto? Ou é a memória que invoca uma ambiência? E se assim for, em que sentido e como o faz?

Partimos primeiramente do entendimento que tanto a ambiência, como a memória, tem grande abrangência de definições e ainda assim estão em constante construção. Sabemos, no entanto, que a ambiência precede e condiciona o que está contido em um dado ambiente, logo, a memória como elemento componente desta atmosfera, é invocada pelos aspectos físicos e sensíveis ao mesmo tempo em que convoca uma ambiência do lugar, trazida lembranças e esquecimentos.

A memória é uma “estória” forjada que, segundo Jodelet (2002), forma-se através de uma dialética do passado, presente e futuro, a qual o presente encontra fundamentação no passado. É um jeito de desenvolver contato com as lembranças, tradições e costumes, sob determinada ótica, estando, desta forma, estritamente conectada com a cultura e identidade de determinado povo, sociedade, grupo ou

indivíduo e com sua relação com a cidade. A memória, segundo a autora supracitada, é viva e atual, em evolução e mutável, mas, ao mesmo tempo, vulnerável e propensa ao esquecimento.

Segundo Bergson (1999), a memória tem por função primeira “evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil” (p. 266). Dessa forma, uma memória primária demandará uma experiência com um lugar ou com os outros para se formar, isto é, demandará um movimento.

A experiência com o lugar envolto em uma ambiência é, portanto, o primeiro passo para buscarmos base para essa memória. A experiência sensorial é o que permite uma representação do mundo e essa experiência pode levar a um conhecimento espacial através da percepção e, posteriormente, a formação de uma memória. Assim, a percepção necessitará do sujeito que é capaz de invocar todos os sentidos, todos eles em movimento. São esses sentidos que irão acessar o mundo e transformar a experiência sensível em cinestesia¹⁰. Esse processo cinestésico depende de cada pessoa, ou seja, é individual e a memória gerada será radicalmente diferente em um mesmo evento.

Na antropologia, alguns autores defendem que o sensível tem relação com o social e a percepção vai ser produto de relações entre o sujeito e o ambiente físico e social. Logo, o sujeito como ser social tem o sensível atrelado ao grupo e a percepção é sempre a percepção de alguém em um contexto social e físico. (SARAIVA, 2001, p.59).

Quando tratamos do estádio, estamos buscando uma memória que esteja atrelada às sensações desencadeadas em relação com os outros e o ambiente e seja despertada pelo fascínio experimentado por alguém que vai assistir a uma partida de futebol, seja a primeira vez ou constantemente.

Podemos também atribuir ao conceito de *habitus* um aporte para a memória. Bordieu (1984), aperfeiçoando esse conceito de Aristóteles, concebe o *habitus* como um instrumento que auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos

¹⁰ Cinestesia é um conjunto de sensações que nos permite a percepção dos movimentos. Segundo Scott Sherrington (1956) um estado cinestésico é quando um indivíduo está intensamente ligado ao que sente dentro de si mesmo, seja de maneira objetiva (o seu corpo, o que cheira, toca, sua sensação de peso, temperatura, tensão muscular) ou subjetiva (o que imagina neste tipo de percepção). Isto é, é aquele estado onde sua consciência está focada nas sensações proprioceptivas, gustativas, olfativas e táteis.

sociais e a subjetividade dos sujeitos. É um conceito em constante reformulação, mas tem um sistema engendrado no passado e que orienta as ações no presente. A partir do *habitus*, os indivíduos orientam as suas escolhas e auxilia a pensar as identidades sociais. (SETTON, 2002)

Segundo Romieu (2009), o *habitus* possibilita ter um conhecimento pelo corpo, o que faz gerar uma memória habitual, que por sua vez nos permitirá pensar o corpo em conhecimento, num delineamento cíclico. Em sua tese sobre a experiência sonora das ambiências festivas, Romieu utiliza do *habitus* para entender melhor o efeito da religação estabelecida entre o corpo e o ambiente. A festa sendo um evento efêmero deixará “marcas” pela ambiência notável assimilada no ambiente festivo mesmo que “desaparecendo” por um período, não importando que todos não experimentem a operação com a mesma intensidade.

O estádio é ocupado de forma eventual pelos partícipes e, enquanto vazio, possui uma ambiência pasteurizada com uma memória estática, que remete somente a um passado histórico. A ocupação para os jogos cria e recria a ambiência pelos corpos situados. O lugar, como relata Romieu, ele não é dado a priori, é objeto de uma reconquista permanente. No caso do estádio, a massa da torcida é quem retira essa pasteurização em dias de jogos e engendra a atmosfera.

Entendendo os torcedores como artesãos da “festa” do jogo de bola, ilustramos, com um relato de Romieu que os torcedores

esperam com impaciência o retorno de uma atmosfera de que são de fato os artesãos, os únicos criadores, mas cujo retorno parece participar de uma alteridade irreduzível! Nada, de fato, neste domínio, pode depender unicamente de si mesmo. É uma pura alquimia coletivamente imprevisível! (ROMIEU, 2009, p. 88 – tradução nossa)

A memória então é produzida por uma percepção sensorial, que se forma no individual, mas se consolida através da experiência da coletividade e por isso volta para a massa para dar continuidade à atmosfera do lugar e ao conhecimento do corpo, mesmo que sem um *continuum* diário. Embora a partida de futebol não seja um acontecimento frequente, ela possui na sua eventualidade forte caráter de replicação e construção da memória.

Por isso ela (a memória) pode ser construída por um *habitus* que auxilia a apreender uma homogeneidade nas disposições, nos gostos preferências de grupos

e/ou indivíduos produtos de uma mesma trajetória social, ou, no caso do campo de futebol, trajetória traçada pela paixão e identificação.

A teoria boudieusiana salienta que o *habitus* define a percepção da situação que o determina, através de experiências que se integram na unidade podendo determinar uma estrutura familiar. “O estilo pessoal, isto é, essa marca particular que carregam todos os produtos de um mesmo *habitus*, práticas ou obras, não é senão um desvio, ele próprio regulado e às vezes mesmo codificado, em relação ao estilo próprio a uma época ou a uma classe.” (Bourdieu, 1983, p. 80-81).

Isto é, se pensarmos a primeira ambiência de um novo estádio, teremos várias percepções diferentes, mas sentidas no coletivo. Através de reincidência, a memória será acionada e criadora do *habitus* que fará da ambiência uma constante e gerará códigos para uma posterior familiaridade.

Podemos atentar que um gol visto na final de um campeonato e que consagrou a equipe campeã foi presenciado e sentido por diferentes pessoas, mas cada sujeito percebeu individualmente, criando parte de sua memória referente à emoção da sensação do momento. Isso não é repassado *ipsis litteris* a outras pessoas, mas é parte de uma retórica e se tornará fragmento na vida de muitas pessoas que replicarão esse acontecimento.

Esses fragmentos são acúmulos de lembranças escondidas ou renovadas, que se demandadas novamente, elas ressurgem recontadas, reformuladas e ressignificadas. Através de pesquisas sobre o psiquismo, Freud escreveu em 1895 um texto que traz à discussão sobre o arquivamento da memória. No texto intitulado Projeto de uma Psicologia Científica, o autor propõe um modelo pensado como uma “máquina de escrever”. Essa máquina serviria para capturar, organizar e disponibilizar elementos para ser o repertório a partir do qual as experiências perceptivas, comportamentais, cognitivas e afetivas de cada pessoa encontrariam um suporte. Segundo Uglione (2008), ele traz a inconsciência como suporte para estudar a memória, memória esta que se sobrepôs a outras e ficaram perdidas em alguma “gaveta” do inconsciente.

O autor explica que o arquivo é o esquecimento da memória. É esquecer-se de lembrar, de buscar a lembrança e ao mesmo tempo a legitimação da nossa capacidade de esquecimento, das folhas da memória. Ao reunir documentos, guardar, arquivar, atestamos a possibilidade iminente de que podemos nos esquecer deles.

Em seu trabalho sobre o arquivo mnemônico do lugar, Uglione (2008) destrincha o trabalho freudiano e aborda a memória em um complexo processo de inscrição no psiquismo dos traços retidos pela percepção. Segundo a autora, “a recordação é uma das tarefas da memória - assim como esquecimento é outra de suas tarefas - sendo a denominação usual quando se pretende ‘fazer a memória trabalhar’”. (UGLIONE, 2008, p. 65). Viver as emoções através dos aspectos sensoriais de um estádio é fazer a memória trabalhar, pois os relatos invocam sentimentos e sensações arquivadas.

Ainda de acordo com Uglione (2008), a memória é escritura. Ela se ancora em Derrida e atesta que na tradição greco-romana, a sensorialidade, traduzida pela voz, teria superioridade sobre a escrita. “A voz seria a linguagem primitiva das experiências humanas, e a escrita, apenas uma ferramenta” (p. 16). Com Freud, isso se altera e a memória estabelece relação com a escrita.

Derrida, em sua palestra que depois se tornou livro, o Mal de Arquivo: uma impressão Feudiana (2001), ao relatar uma carta do pai de Freud para o filho diz que “o pai dá a seu filho ao mesmo tempo uma escritura e seu suporte” (p. 34). Isto é, o arquivo é escrito e reescrito, mas deveras apagado, criando no sujeito um palimpsesto que forma o seu ser. Esse suporte tem relação com as tradições e escolhas que são deixados de legado.

Os fragmentos da memória, com base em lembranças e esquecimentos, arquivados e reescritos, são formados individualmente, mas consolidados a partir da memória coletiva, como atesta Halbwachs (1990). O autor se ampara na fenomenologia e ratifica, assim como Bergson, que a memória é construída por uma percepção subjetiva, mas a partir de diferentes participações coletivas dos sujeitos nos acontecimentos sociais. Para ele, a memória não se confunde com a história, porque ao contrário, é uma narrativa que estabelece marcos, que delimita, que cria rupturas entre períodos, acontecimentos, lugares. A história refere-se às sínteses dos grandes acontecimentos históricos e a memória é relativa aos “detalhes”. (HALBWACHS apud UGLIONE, 2008, p. 47).

A memória coletiva, segundo Halbwachs, se apoia sobre o passado vivido, então ela é sempre uma narrativa viva e natural, “...é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial, ela é um quadro de analogias” (p.84). A partir do momento em que o acontecimento ocorre, ele se fixa no imaginário e ao ser contado passa por um filtro que respeita determinado foco e se transforma em uma “estória” tramada.

Segundo Halbwachs, não há memória que não aconteça sem um contexto espacial.

[...] é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes. (HALBWACHS, 1990, p. 160).

Mas a memória, segundo Bergson (1999), não está nos lugares e sim os lugares que fazem a memória trabalhar nas pessoas, instigando histórias recontadas. Assim, as pessoas são incentivadas pelos lugares a reconstruírem narrativas usando suas lembranças e esquecimentos, denotando, dessa forma, a condição de lugares. Isto somente é possível, pois é parte de uma ambiência que abarca o que está contido e é produzido pelos espaços urbanos.

A ambiência nada mais é que invólucro das relações, pois ela precede e condiciona o que está contido no espaço. Segundo Pinheiro (2004), tudo o que nos rodeia é produzido por práticas sociais que, por suas atividades, definem o ambiente urbano. A ambiência, desta forma, funciona como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades em uma dada situação.

A ambiência, como explanado anteriormente, envolve as relações materiais em interação com a percepção, emoções e ações dos sujeitos, bem como suas representações sociais e culturais. Como afirma Augoyard (2004), a ambiência é uma atmosfera material e moral que envolve um lugar e as pessoas que dele fazem parte. Através da ambiência, as pessoas compreendem o espaço por meio de suas próprias experiências e das relações que estabelecem com os lugares, criando vínculos.

Deste modo, a razão fundamental de ser de um lugar de/para a memória não é parar o tempo, nem bloquear o trabalho do esquecimento, ou fixar um estado de coisas, é torna-lo parte de uma constância dos usos, de uma prática de apropriação. Esses lugares vivem de sua aptidão para a metamorfose.

Através dessa aptidão pela metamorfose que buscamos analisar o papel da ambiência no processo de (re)construção do estádio reformado para a Copa de 2014 através das relações, das experiências e das narrativas que balizam a memória e como essa atmosfera tem influência após as rupturas e uma nova proposta de conduta.

Montaner e Muxi (2014) afirmam que tudo o que presenciamos atualmente ocorre por uma tendência geral do sistema de construção das cidades de apagar a memória urbana com o objetivo de debilitar as redes sociais e comunitárias. Notamos uma dissolução da memória plural e complexa, pois há um mecanismo político que pretende impor novas identidades coletivas, concepções simples e manipuladas do social.

Neste caso, a memória é usada para construir diferenças. E é nisso que focamos nosso entendimento, pois é nitidamente o que vem ocorrendo com os estádios-arenas de futebol. Uma conduta demarcada por mudanças e imposições globais que modificam o espaço e o transformam em outro. Em um primeiro momento, resta um trauma.

O Trauma espacial ou urbano é o que resta de um acontecimento físico e que altera a experiência do lugar. Segundo Duarte, Uglione e Vilaça (2012) esse trauma marca uma ruptura no tecido identitário dos seus usuários passando a exigir destes um trabalho de ressignificação do espaço em questão.

Segundo Uglione (2008), a memória é acionada para o trabalho simbólico de ressignificar o que foi “danificado” com a ruptura causada pelo trauma. Segundo a autora, a memória, frente a um trauma, rompe com uma identidade, pois provoca certa implosão do eu. A partir dessa implosão, a “máquina escriturária” da memória começa a trabalhar na busca de novas significações para aquilo que se rompe nos acontecimentos, nas transformações pelas quais a vida está perpassada.

Ao tratarmos das mudanças dos estádios, nos deparamos com o moderno se firmando enquanto necessidade em contrapartida aos desejos de continuidade do que outrora “era melhor”. São as “novas” narrativas que atualmente acabam por difundir um trauma que é assim vendido, pela perda que se tornou um atrativo, de olhar o que um dia foi e que não é menos importante do que aquilo que se tornou. Andam lado a lado no processo de rememoração.

O trauma é comercializado tanto quanto o divertimento e nem mesmo para diferentes consumidores de memórias. É também muito fácil sugerir que os espectros do passado que assombram as sociedades modernas, com uma força nunca antes conhecida, articulam realmente, pela via do deslocamento, um crescente medo do futuro, num tempo em que a crença no progresso da modernidade está profundamente abalada. (HYUSSEN, 2004, p. 22)

Por isso, concordamos que existam Lugares de Memória como atestou Nora (1981), pois eles compensam a perda dos meios de memória uma vez que pela

vivência no local sofrido pelas rupturas, ainda é possível rememorar pelos fragmentos deixados e pelas manifestações dos pares. A memória irá criar e recriar aquilo que se perdeu. Não é preciso estagnar, mas também não é preciso esgotar o que existia. Hyussen (2004) afirma que, ser moderno não significa cortar todos os elos com o passado.

Essa força é impulsionada pela ambiência do lugar que é a força motriz para a que a narrativa continue sendo repassada e o sujeito consiga ser parte novamente daquele espaço. Mesmo o local em permanente mutação, como é o caso dos estádios, ele é antes de tudo o lugar da experiência, da corporificação das pessoas, do imaginário e da memória.

Trata-se de construir no construído, de criar lugar sem romper com a paisagem de que partiu. Um espaço pleno de significado, um lugar carregado de símbolos da sociabilidade. Uma arquitetura voltada para a poesia da situação, impregnada pelo entorno, reinvestida do seu poder de evocação. Tentativa de restabelecimento da urbanidade, arquitetura de pequenos gestos e lembranças: redescoberta da cidade e discricção arquitetônica. Pressupõem um pertencimento. A arquitetura torna-se transformação do que está dado, quando o lugar é o fundamento do projeto. (PEIXOTO, 1996, p. 286)

A memória pode ser atualizada e expressa por meio das mais diversas formas de comunicação e ser parte de uma narrativa atualizada. Por isso, elucidamos que a preservação dos bens deve ser mantida, porém, sem um engessamento para o progresso. O que atestamos é que existe uma velocidade desenfreada para as rupturas, causando 'traumas urbanos' sem precedentes e que aniquila uma memória genuína, criando memórias genéricas.

"[...] Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentidos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto. [...]" (HYUSSEN, 2004, p. 32)

Logo, a narrativa que evidenciamos está cunhada na reapropriação dos lugares pela vivência daqueles sujeitos que são capazes de absorver o novo, mas que reivindicam que o moderno seja mais ameno e menos drástico, causando o menor 'trauma'. Mesmo sendo a memória sempre transitória, como afirma o próprio Hyussen

(2004), é nela que encontramos o nosso elo com o passado e os modelos de rememorar que nos definem no presente.

1.3 Afeto, apropriação e identidade

Como enfatizou Tuan (1983), para o espaço se tornar Lugar é preciso que haja um processo de familiarização. Nesse ínterim, os antecedentes seguem uma linearidade de **afetação, identificação e apropriação** por meio da experiência. Esses elementos se cruzam e entrelaçam e se baseiam no outro que é que nos permite reconhecer o nosso Lugar e invocar uma memória coletiva importante em todo esse invólucro da ambiência.

Essa tríade é parte de uma teia teórica que buscamos na investigação do estádio enquanto receptáculo dos sujeitos que o tornam lugar, não somente ancorado no espaço físico, mas em uma narrativa capaz de manter e propagar a importância desse equipamento de um dos esportes mais aclamados no mundo.

O lugar é esse receptáculo dos sujeitos, das relações, envolto por uma ambiência que permite que a memória exista e seja trabalhada, possibilitando que ele seja superior e ultrapasse a história para deixar marcas importantes no eu, no outro e no próprio espaço.

Alencar e Freire (2007), ao tratar da questão da acolhida do lugar, expressam a questão do apego e deixam evidentes o quão vinculadas estão às sensações que a ambiência proporciona. Para eles, apego ao lugar diz respeito ao vínculo afetivo estabelecido entre a pessoa e um ambiente, sem que seja necessário um processo de identificação prévio com esse. Para se estabelecer um desejo de proximidade com o meio, não é preciso se apropriar dele ou se formar a partir do mesmo uma identidade de lugar, mas sim comportar uma atitude ética de aceitação de sua diferença perante o outro e suas manifestações.

As teorias contemporâneas sobre o lugar atentam para algo mutável, ambulante, nômade (CUFF, 2003). O lugar é onde estou. E já que somos (todos) receptáculos de lembranças que construirão narrativas de lugares, o lugar é justamente onde a relação de afeto se instituiu. Por isso a relevância de atentar para a narrativa do estádio e como isso é preponderante no entendimento do lugar como

suporte da memória, pois, pela ambiência, existe a possibilidade da transmissão de elementos que simbolizam esse espaço e o torna propício para o apego, para o afeto.

Segundo Hourcade (2017)¹¹, o link entre um indivíduo que regularmente vai ao estádio é o emocional. Esse afeto com o lugar se dá porque o torcedor remete aos laços familiares e de amizades criados no equipamento. O link não é apenas desportivo, é uma experiência amigável ou familiar com laços sociais que às vezes são extremamente fortes. Logo, as pessoas têm relações subjetivas com os lugares, pois elas realizam experiências de rotina.

Diante disso, salientamos a importância do entendimento dos conceitos de identidade e apropriação. Primeiramente, a identidade, segundo Pollak (1992), é uma imagem que a pessoa adquire ao longo da vida, referente a ela própria, uma imagem que apresenta a outras pessoas, e uma imagem da forma como quer ser percebida. Porém, essa percepção é subjetiva e está atrelada ao processo de seleção da memória que se faz ao longo da vida, e, a partir disso, criam-se as próprias identificações e representações. No entanto, a identidade precisa de um espaço para se ancorar. Segundo Lynch “[...], os locais equilibrados e identificáveis são cabides convenientes nos quais se podem pendurar as memórias, os sentimentos e os valores pessoais” (1997, p. 128). É a identidade, portanto, constituída pela memória do lugar, que por sua vez é criado e recriado pela ambiência, uma vez que esse sentimento é despertado em função de vivências, que geram lembranças e, por fim, reconhecimento que gera a apropriação.

É um processo desencadeador, mas relutante se não há quem insista em dar sequência. Suponhamos que num equipamento esportivo, como o estádio, não haja mais o futebol. Neste caso, a identificação será cada vez menor e o estádio cada vez menos útil. Porém, não se trata somente de uma modalidade esportiva, mas de uma paixão pautada na disputa. O futebol se renova, fica mais tecnológico, com torcedores diferentes de tempos em tempos, mas não se perde. E, no desencadear dessa manutenção, a identidade se conforta e se mantém, gerando a apropriação para o palco que transmite o espetáculo.

Esse território ganha valor pelos sujeitos e torna-se lugar pelas vivências e experiências. Isso está intimamente atrelado à memória que está intimamente relacionada com a manifestação da ambiência. Logo, nesse emaranhado que se forma pelas relações das massas envoltas na ambiência das manifestações com o

¹¹ Entrevista concedida no dia 18 de julho de 2017. Disponível em: <https://stade.hypotheses.org/786>. Acesso em 30 de novembro de 2017.

estádio/arena reformado que acreditamos que se torna imprescindível buscar resquícios ou mesmo reconstruções de laços de afeto, uma (nova) identificação com o (novo) lugar e se é possível uma reapropriação.

1.4 Manifestações no espaço e o ‘espaço feito território’

O futebol, segundo Wisnik (2008), é uma língua geral que coloca em contato as populações e tem profunda inserção das experiências coletivas, possibilitando assim a criação de uma identidade que se ampara nos torneios, nos espaços de realização dos jogos, nos símbolos e nas relações com os outros, que desfrutam da mesma paixão. Nesse invólucro, detectamos a ambiência, que podemos chamar de atmosfera do futebol, embebida de todos os elementos do esporte e ancorada no espaço do espetáculo futebolístico, o estádio.

Segundo Mascarenhas (2005), o estádio de futebol é um equipamento dotado de uma poderosa semiótica e admite um conjunto de relações sociais que dele se apropriam e o ressignificam enquanto território, pois são os torcedores que demarcam os espaços com relação aos outros. Esses espaços fornecem o subsídio necessário para essa apropriação simbólica e concreta necessárias para a territorialização que se pauta na oposição dominação-apropriação segundo Lefebvre (2006). De acordo com Haesbaert, existe um diálogo do campo simbólico com o político no território (2004).

No estádio, observamos a relação do simbólico com o político nas representações sociais daqueles que o frequentam e na organização e gestão do espaço. Voltando para a teoria de Lefebvre (2006), isso fica claro quando o autor trata do espaço concebido, ou seja, aquele onde ocorrem as representações do espaço produzidas pelas relações de poder, e do espaço vivido, aquele usufruído, ligado ao simbólico das representações sociais no qual “os significados atribuídos aos objetos podem ser modificados em relação ao espaço físico” (CAMPOS, 2006).

(O espaço concebido) é o espaço dominante numa sociedade (um modo de produção). As concepções do espaço tenderiam (com algumas reservas sobre as quais será preciso retornar) para um sistema de signos verbais, portanto, elaborados intelectualmente. [...] (o espaço vivido é o) espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, mas também de certos artistas e talvez dos que descrevem e acreditam somente descrever: os escritores, os filósofos. Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. (LEFEBVRE, 2006, p. 66)

Esse espaço o qual Lefebvre (2006) se refere é, segundo Haesbaert (2005), um espaço “trabalhado” por um “espaço-processo”, pois, segundo o autor, é um “espaço socialmente construído”. Assim, Haesbaert afirma que o espaço trabalhado por Lefebvre é um “espaço feito território”, pois abarca os processos de apropriação e dominação.

A diferença é que, se o espaço social aparece de maneira difusa por toda a sociedade e pode, assim, ser trabalhado de forma genérica, o território e os processos de desterritorialização devem ser distinguidos através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato controlam esse(s) espaço(s) e, conseqüentemente, os processos sociais que o(s) compõe(m). (HAESBAERT, 2005, p. 2)

Assim, o estádio de futebol, enquanto espaço social determinará o território que irá aparecer enquanto dominado e apropriado por aqueles sujeitos ora “atores hegemônicos” ora como “atores hegemonzados” (SANTOS *apud* HAESBAERT, 2005).

Enquanto definição, território, segundo Raffestin (1993), é o espaço onde se projetou trabalho, energia e informação, revelando, por consequência, relações marcadas pelo poder. Fazendo a diferenciação com o espaço, o autor diz que esse primeiro é a “prisão original”, já o território é a prisão que os homens constroem para si. (1993, p. 144)

Esse homem enquanto ator-produtor do território comunica suas intenções e a realidade por intermédio de um sistema sêmico, o que ratifica mais uma vez o espaço enquanto território em Lefebvre, uma vez que o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou território vivido. “É, em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação”. (RAFFESTIN, 1993, p. 147)

Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem “territórios”. Essa produção de território se inscreve perfeitamente no campo do poder de nossa problemática relacional. Todos nós combinamos energia e informação, que estruturamos com códigos em função de certos objetivos. Todos nós elaboramos estratégias de produção, que se chocam com outras estratégias em diversas relações de poder. (RAFFESTIN, 1993, pp. 152-153)

As torcidas de uma equipe de futebol, enquanto atores em um estádio, são fortes responsáveis nessa produção do território. A demarcação não está somente atrelada ao fator preço, ou como parte do valor de troca do local, mas em função das demarcações ou limites, mesmo que às vezes não visíveis, pelo ato de torcer. As diversas organizadas de um mesmo clube, os aficionados para estarem próximos à grama e outros definem seus territórios.

Raffestin (1993) ratifica que falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite, pois exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo é a delimitação. Delimitar é, portanto, isolar ou subtrair momentaneamente ou, ainda, manifestar um poder numa área precisa. E isso é nítido no estádio, uma vez que torcer pelo mesmo time às vezes não é condicionante do espaço, cada um pega a sua porção pelo pertencimento ao mesmo grupo e naquele território os que ficam são aceitos mediante uma característica imposta por quem tem o “comando”.

Por vezes, esse poder não é necessariamente o “poder político” ou autoritário. De acordo com Haesbaert (2005), ele pode ser o poder concreto, de dominação, mas também o poder no sentido simbólico, de apropriação. Se utilizando de Lefebvre, Haesbaert escreve que a apropriação é diferente da dominação, pois o primeiro é um processo muito mais simbólico e o segundo mais concreto, como já vimos na diferenciação do espaço concebido e vivido. Segundo Haesbaert (2005), ainda em relação a Lefebvre, o ideal seria que a dominação e apropriação caminhassem juntas, porém, tendo a última um valor maior que a primeira.

Mais que uma relação de dominação, o território está pautado no âmbito simbólico-cultural. Segundo Haesbert, o território “*cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.*” (HAESBAERT, 2004, p.40).

Assim, segundo Perni (2014), em dias de partidas nos estádios as torcidas com seus cânticos de exaltação ao clube, coreografias e “cânticos de guerras” podem transformar o estádio em um campo de forças e dessa forma, mesmo com os embates e as transformações, (re)criar e possibilitar a apropriação desse território,

dando uma enorme valorização simbólica, com diversas tradições que foram sendo construídas ao longo tempo por diversas partidas que deram a esse espaço vivido significado único que somente as pessoas que pertencem a este território podem compreender tal sentimento. (p. 7)

E, de alguma maneira, pode ser territorializado novamente, pois segundo Haesbaert (2004), o território é um híbrido entre materialidade e imaterialidade, funcionalidade (objetivo) e expressividade (textualidade, imagem). As dimensões são inseparáveis e o processo de territorialização é concomitante na apropriação (simbólica) e na dominação (política).

De acordo com Raffestin (1993), a territorialidade é entendida como o conjunto de relações que se originam na sociedade, no espaço e no tempo, buscando atingir uma autonomia compatível com os recursos do sistema. Essa tríada condiciona o processo de territorialização, mas, muito mais que isso, existe um processo de “atração-repulsão” que define e cria as condições de “raízes”.

Esse imbróglio se dá pela reprodução indireta salientada por Maffesoli (1998) que não depende da vontade dos protagonistas. Essa “atração” é parte de uma estrutura fundamentada num forte sentimento de pertença e, porque não dizer, de territorialização.

Nas recentes alterações dos estádios, essa territorialização, de acordo com Haesbaert (2011), é parte de uma experiência integrada pautada muito mais na descontinuidade, na mobilidade e espaços fragmentados. Essa é a dinâmica da multiterritorialidade, uma vez que o processo de territorialização é, na atual conjuntura, “resultantes da sobreposição e/ou da combinação particular de controles, funções e simbolizações” (p. 342).

A partir das manifestações dos torcedores no Maracanã, buscamos analisar como estes estão se relacionado com o novo espaço e, dentro de uma nova dinâmica dentro das massas, averiguar a possibilidade de transformar esse local em ‘espaço feito território’ pelas relações de apropriação e/ou dominação.

1.5 Analisando as massas

Ao adentrarmos na ambiência de um estádio de futebol, estamos investigando uma atmosfera formada principalmente pela multidão, isto é, pelo grande público que

compõe o espaço e dele se apropria. Compreender esse público é deveras complexo e, para tanto, nos ampararemos na psicologia das massas buscarmos entender os grupos de torcedores em nossa pesquisa de campo.

Um dos principais expoentes sobre a análise das massas é o francês Gustave Le Bon que em 1895 escreveu sobre a Psicologia das Multidões. Em seus estudos, Le Bon atestou que os indivíduos que compõem um grupo, independente de ocupação, caráter ou inteligência, a “mente coletiva” os faz sentir, pensar e agir de maneira diferente da iniciativa individual. Embora o autor diga que o grupo seja provisório e heterogêneo, em algum momento ele se combina e forma por essa união um “novo ser” uma “única célula”. A partir disso, um sentimento de poder invencível permite que o grupo renda-se aos instintos, que se fosse em cada indivíduo, não ganharia força.

Outro autor e teórico sobre o conceito das massas e que aperfeiçoou a teoria de Le Bon foi o austríaco Sigmund Freud. Em 1921, no seu texto sobre as Psicologias das Massas, Freud chama o instinto das massas de “impulso instintual inconsciente” e atesta que os indivíduos do grupo sempre “combinam numa unidade” por haver algo para uni-los e esse algo é o que caracteriza o grupo.

Le Bon (1980) atestou que muitas vezes os instintos das multidões podem ser impulsivos, mutáveis e irritáveis, e, de acordo com as circunstâncias, podem ser generosos, cruéis, heroicos ou covardes. Esses instintos, segundo o autor, são sempre imperiosos. Complementando Le Bon, Freud (1990) evidenciou que em certas circunstâncias os princípios éticos de um grupo podem ser mais elevados que os dos indivíduos que o compõem, existindo somente na coletividade esse alto grau de desprendimento.

Quando nos remetemos ao estádio, o ato de torcer em massa ganha destaque, principalmente por essa massa compor um cenário de disputa. Por essa razão, o torcer em massa, enquanto um “impulso instintual inconsciente” (p. 100), torna-se algo incontrollável, seja de forma positiva, como o impulso do grito ou do abraço no desconhecido, seja de forma negativa, desencadeado por uma briga. Segundo Freud (1990), em um grupo de emoções, as pessoas são excitadas até um grau que elas raramente ou nunca atingem sob outras condições. O autor fala que essas emoções constituem uma experiência em que os interessados entregam-se irrestritamente às suas paixões e, assim, funde-se no grupo e perdem o senso dos limites de suas individualidades.

A libido, então, seria a responsável por todo o impulso dos grupos reunidos. Segundo Freud (1990), a libido é a energia considerada como uma magnitude quantitativa dos instintos ocasionados pelo 'amor'. Seja amor sexual, amor pelos outros ou devoção a objetos concretos ou ideias abstratas, a libido seria uma espécie de combustão para os impulsos inconscientes diversos e que levam até mesmo ao auto-sacrifício.

Quando um grupo se forma, os indivíduos se comportam como se fossem uniformes, pois toleram as peculiaridades dos membros e se igualam aos desígnios da grande maioria. A isso, o etnólogo francês Cristian Bromberger (2001) chama de "unidade psicológica". Em seus estudos sobre futebol e amparado nos autores como Le Bon e Freud, Bromberger atesta que o torcedor se torna a massa onde o indivíduo desaparece por fusão e contaminação. Uma vontade coletiva se impõe aos valores particulares, "cada um se sente tomado sem resistência possível na convicção de todos" (p. 207 – tradução nossa). Para o autor, na torcida os indivíduos se tornam iguais, anônimos e reunidos, formando um só corpo e uma só alma.

Entretanto, Le Bon (1980) atesta que um grupo é um rebanho obediente a um senhor:

os seres vivos se reúnem em certo número, sejam eles um rebanho de animais ou um conjunto de seres humanos, se colocam instintivamente sob a influência de um chefe [...] Um grupo possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe. (LE BON, 1980, p. 134).

Freud (1990), corroborando com Le Bon, atesta que um grupo necessita de um chefe forte para se manter. Esse chefe normalmente é encontrado a partir de sua liderança e seu ideal de ego, e, dessa forma, "arrastam" os membros por "sugestão" ou por meio de identificação com suas propostas e ideais que são costumeiramente tratados como comuns.

Percebemos essa função de chefe no estádio nas torcidas organizadas, em que cada uma delas tem um (ou alguns) responsável por fazer ou dar seguimento nas regras de aceitação dos membros e reger os cânticos ou quaisquer manifestações de apoio nos estádios.

Entender a massa em um estádio de futebol, portanto, é entender o próprio estádio e o porquê de sua concepção. Segundo Bromberger (2001), o estádio é um dos raros lugares onde a sociedade se doa ao espetáculo (e às multidões), mostrando a ordem que o forma e as mutações sensíveis que se operam.

A ambiência está no estádio, de todo modo, mas ela é menos acionada e com menos aspectos sensíveis a serem vividos quando ele está vazio. Essa atmosfera é formada principalmente pela corporificação. Por isso, a presença efusiva das massas se torna importante para uma melhor apreensão da ambiência desse lugar.

Segundo Sansot (1996), o futebol produz sua força simbólica a partir da representação dos corpos. Assim, entendemos que a massa corrobora com o que o autor trata como “uma emoção efervescente e um momento quente da vida social. Logo, é também um momento de identificação e um sentimento de pertencimento que não desprezamos quando entendemos que ela (a massa) é a continuidade de uma cultura popular”. (SANSOT, pp. 69-70, 1986 – tradução nossa). Tentamos, dessa forma, entender o papel das massas como envolta na ambiência do estádio e sua relação com a retomada do espaço reformado/reconstruído.

SEGUNDO CAPÍTULO: PRELEÇÃO

A preleção tem um cunho didático-educativo atrelado ao fator motivacional para incentivar o jogador a entrar em campo com mais destreza e confiança. Nesse momento, os jogadores são colocados a par do jogo que irá ter início por meio de uma aula ou um discurso, dando as bases para o desafio que os espera.

No segundo capítulo, nos dedicamos a uma “aula” sobre o “futebol” como um todo, uma vez para a nossa pesquisa de campo, ou seja, para o nosso desafio empírico, precisamos nos embasar histórica e antropologicamente para uma melhor conduta acadêmica, científica e social.

Após as reformas sofridas pelos estádios brasileiros, atendendo às diversas exigências para Copa do Mundo de 2014, alguns estudos estão sendo desdobrados a fim de entender uma nova dinâmica que condicionou o equipamento. Variados são os temas que podemos encontrar como parte das investigações científicas, desde uma questão cultural e política, perpassando pelas questões sócio-espaciais, até as transformações físicas e estruturais do lugar. Há um grande interesse em investigar como um equipamento que participa tão ativamente da urbe, pode ser reinserido e reaccessado.

Mediante este cenário, também nos atrevemos nessa descoberta, uma vez que nos interessa, dentro da arquitetura, descobrir como esse (novo) equipamento está sendo reinserido no cotidiano dos cidadãos. Buscamos dar voz ao público, pois, na maioria das vezes, vemos que é dada uma grande ênfase na busca por um desempenho maior de composição das estratégias urbanas de fluxo, deslocamento e mercado em detrimento do habitante da cidade em si.

Antes, porém, precisamos compreender os emaranhados desse equipamento. Dessa forma, dedicamos o segundo capítulo do presente trabalho a entendermos o nosso campo de análise, ou seja, à tríade futebol-estádio-torcedor. Perpassamos primeiramente pela história do futebol brasileiro e pelos primeiros estádios no Brasil, dando ênfase em seguida para o estádio do Maracanã, bem como as suas transformações arquitetônicas ao longo dos anos; e por fim, exploramos o papel preponderante da torcida e a transformação em lugar e como isso respalda o caráter subjetivo da pesquisa e a nossa base na ambiência sensível.

2.1 Breve histórico sobre a inserção do futebol e dos estádios no Brasil

O corpo é aparato fundamental do atleta. Ele é a base do modelo de si próprio e um ponto de referência importante na organização da percepção do ambiente. A partir da envergadura, condicionamento, aptidão e performance o sujeito se apropria do esporte mediante o seu corpo e por meio dele utiliza o espaço pela sua corporeidade, modelando-o à sua imagem. O corpo do atleta é, portanto, a unidade básica em torno da qual se molda o estádio. E este estádio ganha contornos e dimensões para abrigar mais que uma competição, pois encerra também a paixão suscitada pela ambiência do jogo.

A competição cujo corpo é moldado para seu desempenho físico e para suscitar paixão é o futebol. Considerado um esporte moderno, teve a sua primeira consolidação de regras no século XIX, em Cambridge, quando se estabeleceu o primeiro código de regras para tal esporte. O primeiro clube oficial fundado foi o Sheffield United, em 1857, que adotou as regras de Cambridge e foi seguido por outras onze agremiações, que, em 1863, criaram a The Football Association, entidade que até hoje rege o futebol na Inglaterra. Essas regras estipularam que todos os membros do clube deveriam receber alguma remuneração ou compensação por qualquer jogo disputado. Um pouco mais tarde, em 1875, uma modificação importante na regra fixou o uso da barra transversal sobre os gols substituindo uma fita que se fixava no alto. (PERELMAN, 2010)

No Brasil, a literatura e os jornais elegeram Charles Muller como o introdutor do futebol no país, no entanto, tendo a influência inglesa sobre o território a partir do imperialismo britânico (segunda metade do século XIX), o jogo de bola surgiria a tiracolo. Em 1902, foi criado no Rio de Janeiro o primeiro clube voltado especificamente para o futebol¹², o Rio Football Club, participando de sua diretoria tanto ingleses quanto brasileiros. Poucos dias depois era fundado o Fluminense Football Club e cuja diretoria era na sua maioria brasileira.

Na sequência, vários outros clubes cariocas foram fundados: em 1903 o Football and Athletic Club e em 1904 o Botafogo Football Club, o América Football Club e o Bangu Athletic Club, time da fábrica de tecidos Companhia Progresso

12 Muitos clubes de futebol no Brasil se originaram de associações esportivas preexistentes. Alguns nasceram de clubes de regatas, como o Clube do Remo, em Belém; o CR Flamengo e o CR Vasco da gama no Rio de Janeiro; o Clube Náutico Capibaribe, no Recife. Outros nasceram de ciclismo e corridas a pé como é o caso do América FC no Rio de Janeiro. Em Salvador o Esporte Clube Vitória se originou do Club de Cricket Victoria, criado em 1899 assim como o São Paulo criado em 1988 por ingleses para a prática de críquete. (MASCARENHAS, pp. 82-83, 2014)

Industrial, situado no Bairro de Bangu. Em 1905 havia 18 clubes dedicados à prática do futebol na cidade e todos eles formados por jovens da “boa sociedade” carioca (PEREIRA, 2000).

Em São Paulo, surgiu o primeiro time brasileiro que se tem registro: A Associação Atlética Mackenzie College, fundada em 1898 (Figura 1). Em seguida, segundo Santos (2004), surgiram outros tantos, como o Sport Club Internacional e Sport Club Germânia (criados em 1899), o Clube Atlético Paulistano a Ponte Preta, de Campinas (SP) em 1900. Eles eram fundados majoritariamente por filhos de pais ricos, como jovens chefes de empresas, fazendeiros, empregados de alto nível, o que nos mostra que era um fenômeno restrito a uma elite de homens brancos e bem nascidos.



ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA MACKENZIE COLLEGE 

Figura 1 - Associação Atlética Mackenzie College. Fonte: www.acervodabola.com, 2017

Concomitante ao futebol foram surgindo os primeiros estádios. Em São Paulo, os primeiros campos de várzea foram criados por conta do primeiro campeonato de futebol no Brasil, em 1902. Como consequência desse campeonato, surgiu a primeira edificação de estádio que provavelmente foi o primeiro do Brasil: o Parque Antarctica (MASCARENHAS, 2014). No entanto, o primeiro grande estádio de futebol brasileiro que se tem data formal foi fundado em 1919 pelo Fluminense, por ocasião da disputa do terceiro campeonato sul-americano de futebol, sediado no Rio de Janeiro. (CRUZ, 2005).

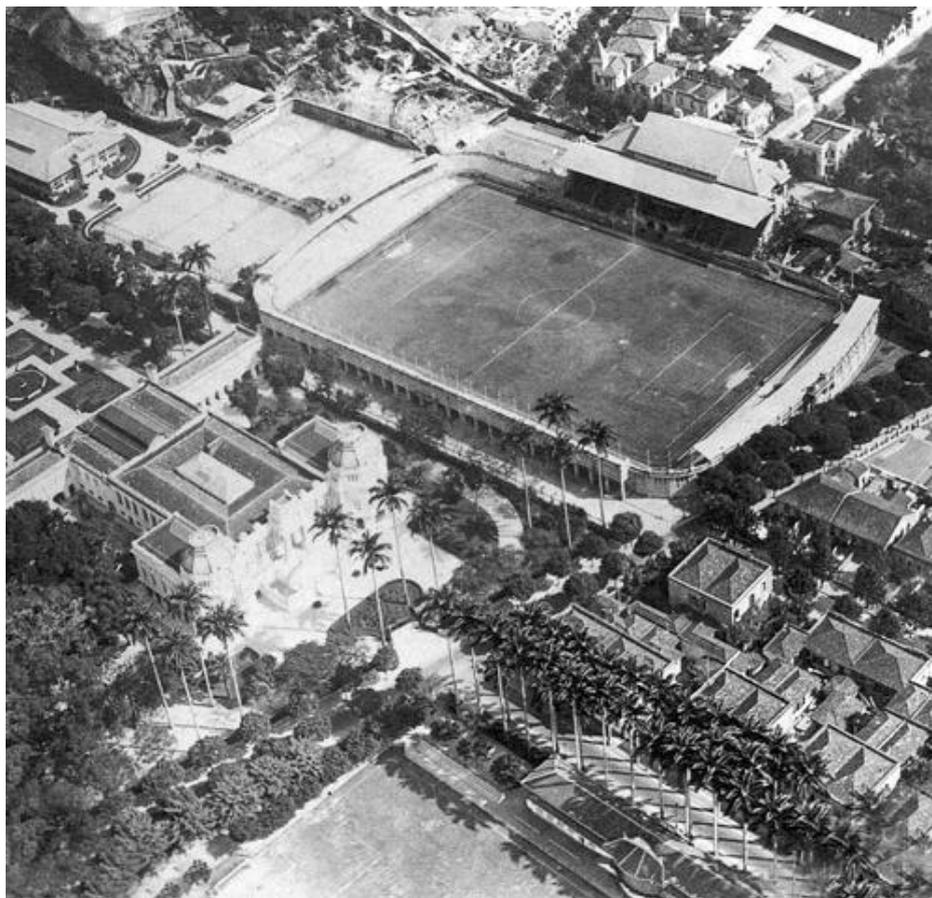


Figura 2 - Estádio das Laranjeiras em 1919. Fonte: www.diariodorio.com, 2016

Como era bastante onerosa a construção dos estádios, estes equipamentos eram construídos em bairros nobres. Os primeiros estádios no Brasil eram equipamentos de pequeno porte, e que, segundo Mascarenhas (2013), possuíam uma arquitetura similar a um teatro a céu aberto, um ornamento de onda civilizadora europeia, sendo considerados estádios aristocráticos. Normalmente, os clubes utilizavam de sua sede para edificar o seu estádio. O estádio das laranjeiras seguiu exatamente esse padrão, de acordo com Castro (2016), uma vez que o equipamento¹³ foi patrocinado pela família Guinle, uma das mais ricas e influentes do Brasil. Estava situado em uma zona nobre da cidade do Rio de Janeiro, em um local de alto valor imobiliário¹⁴.

No entanto, o futebol era ainda um esporte que sofria certos preconceitos, pois exigia certo condicionamento físico e que a sociedade não era afeita, logo, o futebol

¹³ É o único equipamento do período que ainda existe de pé

¹⁴ Esses estádios foram sendo substituídos por equipamentos maiores e situados em locais menos valorizados das cidades.

era visto como uma modalidade violenta e alienante. Somente por volta de 1920-30 que os brasileiros encararam com bons olhos a prática futebolística e teve maior adesão das classes populares. Entre 1930 e 1940, é possível falar que o futebol era praticado em todo o Brasil urbano.

Nessa época, houve o crescimento de uma competição de massa, auxiliado pelos jornais da época, que anunciavam as competições e transmitia as partidas. Por essa implicação mais incisiva dos meios de comunicação no futebol, a transição do amadorismo para o profissionalismo foi bem rápida, na década de 1930, engendrada por Getúlio Vargas, então presidente da República do Brasil.

Com a adesão da massa, os estádios também foram crescendo. Em 1927, nasceu o estádio de São Januário, construído pelo clube do Vasco da Gama, situado também no Rio de Janeiro, porém no subúrbio de São Cristóvão. Com capacidade para até 50 mil torcedores, São Januário era então não só o maior estádio da cidade como de todo Brasil, até a conclusão do estádio municipal do Pacaembu, na cidade de São Paulo, em 1940.

São Januário foi erguido em um contexto de embates entre o amadorismo e tendências profissionalizantes no futebol carioca. Seis anos após essa construção, foi adotado o futebol profissional por decreto do governo Vargas. “Porém, além de presenciar inúmeras vitórias do Vasco nas décadas de 1930 e 1940, o que mais marcou a história do estádio foi o seu uso pelo governo Vargas a partir de 1930, quando foi utilizado para a organização de grandes manifestações cívicas nacionais.” (CRUZ, 2005, p. 65)

Em São Paulo, a construção do Estádio Municipal do Pacaembu parece ter seguido o mesmo padrão do caso do estádio de São Januário. Desde o início da década de 1920, os antigos estádios da cidade, com capacidade inferior a 30 mil pessoas, já não comportavam o crescente número de torcedores em dias de jogo. A construção do Pacaembu foi concluída em 1940, em estilo *art déco* (com fachada sem ornamentos e composta por linhas verticais e horizontais), dando à cidade um estádio com uma capacidade total de 70 mil espectadores, ultrapassando assim São Januário. (MASCARENHAS, 2014)



Figura 3 - Estádio do Pacaembu. Fonte: <http://www.giromarilia.com.br/noticia>, 2017

Embora seguindo a tendência da construção em zona rica da cidade, diferentemente do São Januário, o estádio do Pacaembu foi o primeiro estádio estatal do Brasil e erguido para ser um monumento, um espaço próprio para abrigar manifestações cívicas e políticas. Negreiros (1998) ressalta que isso demonstra que o estádio de futebol ocupou, durante o regime varguista, um lugar central na construção de uma nova identidade nacional brasileira, além de ser peça fundamental na sustentação do próprio regime.

O Pacaembu se transformou em referência, sendo um marco para o futebol brasileiro. A partir desse equipamento, verdadeiras multidões poderiam acompanhar os jogos. Ele não era, porém, o grande estádio da nação brasileira, embora tenha sido a principal base daquele que se tornou o mais monumental dos estádios brasileiro: o Maracanã. Ele foi erguido dez anos mais tarde que o para a disputa da Copa do Mundo de 1950, no Brasil. (CRUZ, 2005).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, e também tendo passado três Copas do Mundo de Futebol em que o Brasil ainda mesclava entre o amadorismo e o profissionalismo, o Estado passou então a controlar o esporte e também a seleção brasileira como um empreendimento, principalmente após a perda do título da Copa

de 1950 e ter se desclassificado em 1954. Por isso, em 1958, na Copa do Mundo com sede na Suécia, o Brasil se consagrou campeão do mundo, repetindo o feito na copa seguinte, em 1962, no Chile. A partir de então, o futebol brasileiro começou a ser considerado um dos melhores do mundo.

Nesse clima, o Brasil também começou a vivenciar a construção de grandes palcos futebolísticos. As construções abarcavam de 50 até 155 mil pessoas, evidenciando o grande porte das “arenas” que foram construídas até a década de 1980.

Mascarenhas (2014) afirma que o auge do ciclo construtivo dos estádios se deu entre 1970 e 1978, apogeu e declínio do regime militar no Brasil. Nesse período, os grandes estádios públicos, atrelados ao conceito de monumentalidade, se proliferaram pelo país quando o Estado ainda exercia grande influência e controle sobre o futebol brasileiro. A partir de 1980, as construções cessaram, exceto por algumas raras exceções. Além do regime político, o autor diz que o governo acabou com os subsídios governamentais ao futebol, uma grande recessão econômica tomou conta do país e, por fim, a televisão com o aumento de transmissões ao vivo reduziu o público nos estádios.

O futebol-arte e o gingado brasileiro, ou seja, o futebol “poesia” como falava Nelson Rodrigues teve seu auge no Mundial em 1970 quando conquistou mais um título mundial e partir de tal período a “seleção canarinho”¹⁵ invadiu os lares via a televisão que chegara no Brasil. Porém, após a derrota de 1974 para o “carrossel holandês”¹⁶, o futebol brasileiro foi colocado em questão quanto à sua transformação técnica¹⁷ e o “romantismo” futebolístico, pautado na genialidade, na criatividade, na malícia ou na malandragem dos jogadores tornou-se algo mais sério.

¹⁵ Até a copa de 1950 a seleção utilizava camisas de cor branca com gola azul como principal uniforme, porém isso mudou depois da terrível derrota. Em 1953 a CBF decidiu mudar as cores da seleção brasileira mediante um concurso nacional, onde a exigência era criar um novo uniforme que tivesse as quatro cores da bandeira nacional. O grande vencedor foi Aldyr Garcia Schlee, um jovem gaúcho de 19 anos, que teve a ideia de uma camisa amarela-canário com detalhes verdes e calção azul. O uniforme desenhado por ele fez sua estreia na Copa do Mundo da Suíça em 1954, onde a seleção brasileira acabou recebendo o apelido "Seleção Canarinho". (GUTERMAN, 2009)

¹⁶ Foi o nome dado ao esquema tático utilizado pela Seleção Holandesa de Futebol na Copa do Mundo FIFA de 1974. Foi chamado de "carrossel" porque os jogadores não tinham posições fixas e circulavam pelo campo, buscando sempre o gol.

¹⁷ Embora a seleção brasileira da década de 1970 seja conhecida pelos grandes craques como Pelé, Rivelino, Jair, Gerson e Tostão e um futebol improvisado, pautado na “malandragem”, já havia preparo técnico e psicológico dos jogadores, sendo aperfeiçoado e adequado aos padrões decorrentes da valorização do coletivo e não dos talentos individuais. (SOARES et al. 2004).

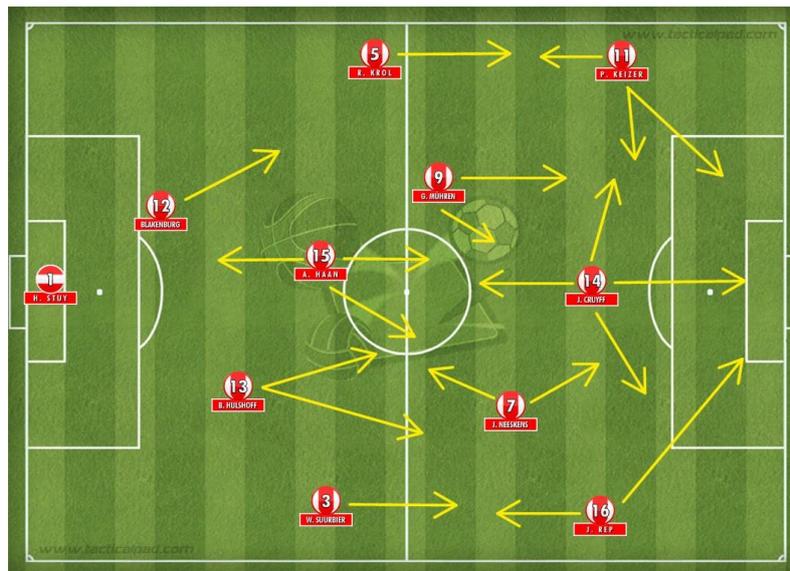


Figura 4 - Esquema tático da Seleção Holandesa de 1974. Movimentação por todo o campo.
 Fonte: torcedores.uol.com.br, 2016.

O Brasil ganhou outra Copa do Mundo somente em 1994 e, a partir da Copa de 1998, na França, o futebol se transformou definitivamente em negócio por meio dos megaeventos. Não somente em grandes campeonatos a figura do jogador-mercadoria se evidenciou, mas, atualmente, o futebol é um grande negócio e depende de investimentos de empresas nacionais e internacionais.

Os clubes brasileiros, com exceção do futebol de elite¹⁸, ainda apresentam uma estrutura organizacional muito precária e apesar de ser o esporte mais querido do Brasil e deter bons jogadores, ele ainda pode ser considerado mal dirigido. Um fenômeno atual é a venda maciça de jogadores para times europeus, chineses e russos, o que diminui a relação afetiva de jogadores com esse esporte.

Com relação aos estádios brasileiros, foi também na década de 1990 que teve início um processo de transformação. Após o Relatório Taylor e as Recomendações Técnicas da FIFA, atualizadas em 2011¹⁹, foram feitas uma série de exigências e recomendações aos estádios para abrigarem eventos sob a sua chancela. Como um manual passo a passo, foi a partir desse livro que os estádios brasileiros foram construídos ou reformados para a Copa do Mundo de 2014²⁰.

¹⁸Referimos-nos aos clubes mais ricos do país. Podemos considerar os 20 clubes da série A do Campeonato Brasileiro.

¹⁹ A primeira edição é do ano de 2004

²⁰ Os primeiros países que utilizaram o livro de recomendações da FIFA foram a Alemanha, para a Copa do Mundo em 2006 e a África do Sul, para a Copa do Mundo de 2010.

Adotando o termo arena multiuso em um dos seus capítulos, uma das exigências da Federação é que os estádios popularmente conhecidos como “padrão-FIFA” fossem concebidos para abrigar diferentes usos relacionados à prestação de serviços de comércio e outras atividades de lazer que não somente o futebol.

Todo o aparato utilizado no plano operacional evidencia que o desejado é um alto controle sobre os indivíduos que acessam a arena. Segundo Ferreira (2017), o almejado é um ambiente limpo, claro e arejado, dotado de uma farta oferta de sanitários e instalações de alimentação com o objetivo de contribuir para a manutenção da ordem, desestimular os atos de vandalismo e a ocorrência de outros comportamentos inadequados.

Ademais, o estádio multifuncional, como bem frisou Gaffney (2004), é o estádio que está submetido às exigências do mercado, ele precisa produzir renda todos os dias e não somente enquanto às arquibancadas estão vibrando. Por isso, ter espaço economicamente ativo e isso influencia diretamente na experiência do estádio²¹.

As arenas implementadas no Brasil para a Copa do Mundo de 2014 buscam um confronto entre o estádio sujo, inseguro, com maus odores e preconceituoso de toda ordem (racista, homofóbico, misógino etc), para uma estrutura para abrigar eventos além do futebol (MASCARENHAS, 2013). Embora no compromisso seja um estádio comprometido com causas socioculturais, com a segurança e um campo visível a todos, o que vemos na prática muitas vezes são espaços que segregam do ponto de vista socioeconômico, tendo em vista o alto valor dos ingressos e uma estrutura alijadora (vide o extermínio das *gerais* e arquibancadas com preços mais módicos).

Para a Copa do Mundo de Futebol no Brasil, 12 estádios foram sedes dos jogos. A maioria deles passou por obras de adequação, à exceção dos estádios de São Paulo, a Arena Corinthians e a Arena Pantanal, em Cuiabá, que foram construídos exclusivamente para esse megaevento. Os demais estádios foram: o Maracanã, no Rio de Janeiro, fundado em 1950; o Mineirão, em Belo Horizonte, inaugurado em 1963; a Arena da Baixada, em Curitiba, edificado em 1914; o Estádio Castelão, em Fortaleza, de 1973; o Estádio Beira Rio, em Porto Alegre, de 1969; o Estádio das Dunas, em Natal, fundado em 1972; a Arena Pernambuco, em Recife, inaugurado também para a Copa do Mundo de 1950; a Arena Fonte Nova, em

²¹ A experiência do estádio é, segundo Gaffney, a vivência daquilo que se liga à cultura do futebol. Ver um jogo, falar do jogo no trabalho, ler contos sobre violência sobre as torcidas organizadas, celebrar um campeonato mundial é estar experienciando o estádio. O estádio forma uma parte integral da cultura no mundo todo e as experiências desses espaços são resultados e produtores de cultura.

Salvador, de 1951; a Arena Amazônia, em Manaus, conhecido anteriormente como estádio Vivaldo Lima, o Vivaldão, foi fundado em 2007; e o Estádio Nacional, em Brasília, antigo estádio Mané Garrincha, de 1974.



Figura 5 - Estádios-sede da Copa do Mundo de 2014. Fonte: www.pensabrasil.com, 2013

Muito mais que espaços completamente modificados em função da arena multiuso e de controle dos corpos, muitos desses estádios têm se tornados grandes “elefantes brancos”, por falta de uso corrente, uma vez que alguns locais não detêm equipes que disputam campeonatos regulares²², como o caso de Manaus, Cuiabá, Brasília e Natal.

Apesar disso, o modelo de “arenização” é uma tendência atual dos equipamentos esportivos. Além dos estádios supracitados, outros equipamentos têm adotado esse padrão, como no caso da Arena Palmeiras e Arena do Grêmio²³.

Segundo Mascarenhas (2017), o país possui quase oitocentos estádios. Nesse universo dotado de imensa heterogeneidade arquitetônica, locacional, econômica, funcional e simbólica, tem prevalecido aspectos monumentais pautados pela segurança, tecnologia e comodidade, porém com elitismo explícito e repressão das práticas coletivas de coreografia, cantos, xingos, bandeiras e signos.

²² Os campeonatos nacionais, como exposto no tópico sobre futebol, ficam destinados quase que exclusivamente ao futebol de elite do Brasil e os demais clubes pequenos ficam limitados aos campeonatos estaduais e de curta duração.

²³ Este último manteve a geral atendendo ao pedido de torcedores, porém esse local também se encontra setorizado e a “avalanche” realizada pelos torcedores é domesticada pelos gestores do estádio (MASCARENHAS, 2014)

Exemplo desse processo de transformação do estádio em arena, podemos destacar o Maracanã. Estádio-símbolo do Brasil, já comportou 200 mil pessoas no seu recinto. Hoje, é alvo de críticas e polêmicas em meio ao monumento que foi e ainda é importante para o futebol brasileiro. A seguir, nos atemos nesse grande equipamento esportivo, estudo de caso desta tese.

2.2 O Grande Maracanã

O estádio Mário Filho, ou como é mais conhecido, o Maracanã, abriu suas portas em 16 de junho de 1950 e foi erguido para a Copa do Mundo do mesmo ano. A iniciativa de construção do estádio, segundo Máximo (2000), surgiu em decorrência da necessidade de um local mais amplo para os jogos do Mundial e, em tempo recorde, construiu-se o maior palco futebolístico do mundo.

O imbróglio dessa construção, portanto, teve início alguns anos antes e somam importância nessa história. Havia projetos para a criação da Universidade do Brasil²⁴ e o local escolhido para a construção do complexo universitário foi um setor que se avizinhava da Quinta da Boa Vista, ao norte, com o bairro da Tijuca, a leste com o bairro de Vila Isabel ao sul. O rio Joana dividia esse terreno em duas áreas e a área maior a leste estendia-se entre esse rio e um trecho da avenida Maracanã sobre o rio de mesmo nome. Nela, estava implantado o velho hipódromo do Derby Club, local do atual estádio do Maracanã. À época, ele era um hipódromo desativado, pois outro havia sido reerguido no Prado Brasileiro do Jockey Club na Gávea. (COMAS, 2011).

Na idealização da Universidade do Brasil, o projeto contemplava no conjunto de construções a serem edificadas a figura de um estádio olímpico nos terrenos do Derby Club. Ainda não se pensava em erguer o que se tornaria o mais imponente estádio do mundo, mas o local e o projeto dessa construção foram gestados nesse momento.

Em junho de 1938, o secretário da Confederação Brasileira de Desportos, Célio de Barros participara do XXIV Congresso da FIFA (Federação Internacional de Futebol) e então apresentou a candidatura do Brasil para sediar a Copa de 1942, concorrendo com a Alemanha e a Argentina. O Brasil dessa época só possuía o estádio de São Januário com capacidade para 35 mil pessoas e o Pacaembu ainda não existia.

²⁴ Hoje UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As Copas de 1940 e 1942 ficaram suspensas por conta da Segunda Guerra Mundial e a essa altura, no Brasil, o Pacaembu, o primeiro estádio estatal estava pronto, lançando uma nova era para o esporte nacional. Esse é o período em que Estado entrou no controle do esporte no país. Por essa razão, havia a necessidade da construção de outro estádio público, mas agora no Rio. Então, como tramitava o projeto da construção de um estádio olímpico no Rio junta à Universidade Nacional, o terreno do Derby foi mantido como local ideal de construção do Estádio Nacional.

A primeira etapa do concurso aconteceu em janeiro de 1942 e foram selecionados os projetos de Niemeyer, de Pedro Paulo Bernardes Bastos e Antônio Augusto Dias Carneiro e da equipe de Renato Mesquita dos Santos, Thomaz Estrella, Jorge Ferreira e Renato Soeiro. Todos eram ex-alunos da ENBA (Escola Nacional de Belas Artes) (COMAS, 2011). As etapas seguintes não aconteceram, pois o concurso foi suspenso em 1943.

Em 1946 o presidente da época, Eurico Gaspar Dutra, retomou, junto com o Ministro da Educação Ernesto de Souza Campos, o projeto do Estádio Nacional. O Brasil reafirmou seu interesse em sediar a IV Copa do Mundo no congresso da FIFA, a primeira pós-guerra. O certame aconteceria em 1949 e o único candidato foi o Brasil. Isso se deu, pois vários países estavam devastados e seria interessante para a FIFA sediar um mundial distante das críticas do euro-centrismo.

Segundo Comas (2011), em 17 de maio de 1947, Hildebrando de Araújo Góes, que havia participado do júri do concurso do Estádio Nacional e era o prefeito do Rio na época, ficou preocupado com o curto tempo da realização da Copa e à medida que ele achava mais cabível era a reforma do São Januário e abandonar a ideia de construção do novo estádio. Pouco tempo depois, o Ministério da Educação e a Prefeitura do Rio se acertaram e o estádio da copa seria um Estádio Municipal.

O embate travado após a decisão versou sobre quem deveria construir, quem financiaria e qual seria o local da construção. Nesse momento, o Jornal dos Sports foi um importante espaço de debates sobre a construção do novo estádio na cidade e um personagem importante e decisivo nessa história foi Mario Filho, o proprietário do jornal.

Pernambucano, radicado no Rio em 1916, filho do jornalista homônimo Mario Filho e irmão de Nelson Rodrigues, Mario Filho atuava desde 1927 como jornalista esportivo, era um grande entusiasta do futebol, inventando uma linguagem própria para o esporte, repleto de drama e personagens épicos (CASTRO, 2016). Ele deu o

nome de “Batalha dos Estádios” as intensas discussões sobre a construção do Maracanã. Mario contava com o apoio de Vargas Netto, presidente da Federação Metropolitana de Futebol e de Ary Barroso, compositor, locutor esportivo e vereador e conselheiro municipal pela União Democrática Nacional.

O então nomeado presidente da Comissão Nacional de Desportos, CND, João Lyra Filho e secretário de finanças do Distrito Federal propôs um plano de financiamento dos trabalhos mediante a venda de poltronas particulares – ou cadeiras cativas. Ele também conseguiu abertura de créditos junto ao Banco da Prefeitura o que produzia assim um importante argumento na defesa da sua construção.

Na época, foram especulados vários lugares para a construção do novo estádio, mas a disputa ficou entre o antigo terreno do Derby Club, a Baixada de Jacarepaguá e o bairro de Irajá (próximo à Avenida Brasil). Como o terreno do Derby Club já havia sido discutido como local ideal em 1941 e tinha todo um aparato já elaborado, como bom sistema viário e regularização de escoamento de água das bacias dos rios Maracanã, Trapicheiro e Joana, a centralidade da cidade, singularidade de tamanho e de fácil acessibilidade do terreno, tornou-se o local mais defendido enquanto receptáculo do novo estádio e ganhou a disputa.

A construção do estádio foi concedida pela Câmara de Vereadores do Rio em 29 de outubro de 1947. As plantas originais do complexo foram então assinadas por Paulo Bernardes, Antônio Dias Carneiro, Rafael Galvão e Orlando de Azevedo (Figura 6). A Comissão de Construção do Estádio Municipal se instalou em 14 de novembro de 1947. Para a administração do complexo, foi criada a ADEM (Administração dos Estádios Municipais) pela lei nº 57 de 14 de novembro de 1947 da Prefeitura do Rio de Janeiro, que depois passou a se chamar ADEG (Administração dos Estádios da Guanabara) e depois SUDERJ (Superintendência dos Estádios do Rio de Janeiro). Um mês depois, o prefeito autorizou o início das obras, pondo à venda para financiá-las 30 mil títulos de cadeiras cativas. (COMAS, 2011).

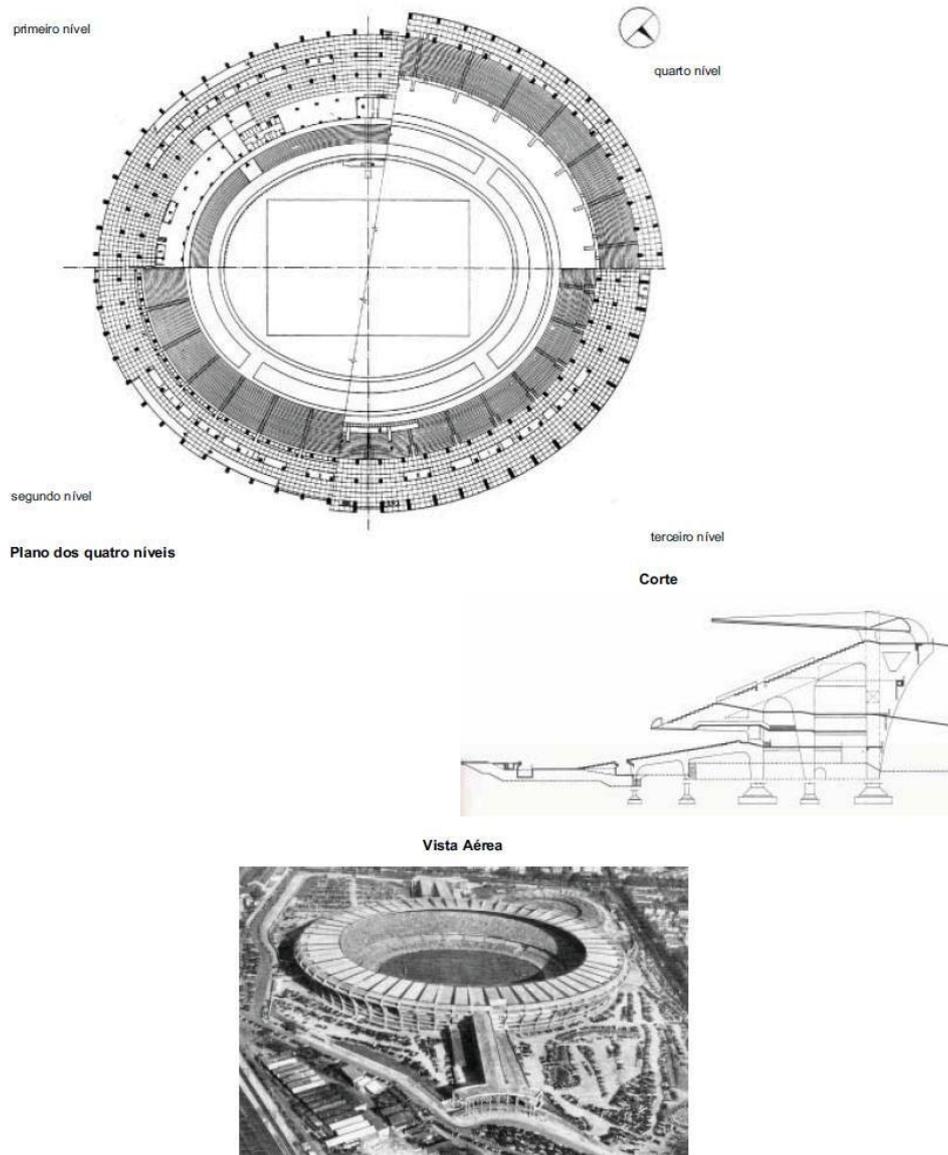


Figura 6 - Parte do projeto do Estádio do Maracanã inaugurado em 1950. Fonte: www.pinterest.com.br, 2017

A pedra fundamental foi lançada em 20 de janeiro de 1948, dia de São Sebastião e padroeiro da cidade do Rio de Janeiro e obra teve início em julho do mesmo ano. A data do Mundial foi alterada para 1950, em vez de 1949.

A capacidade inicial do estádio era de 183.354 espectadores: 120 mil na arquibancada, 32 mil na geral, 25 mil nas cadeiras cativas ou numeradas, 3319 nas cadeiras perpétuas ou especiais. 2100 nos camarotes, 831 na tribuna de imprensa e nas cabines de rádio e 74 na tribuna de honra. A área ocupada correspondia a 130 mil metros e no complexo 200 mil metros quadrados, com espaço reservado para a construção de ginásio, pista de atletismo, piscina olímpica e estacionamento. O

estádio foi pensado em elipse e as arquibancadas seriam em parábolas para aumentar a visão do jogo. Outro ponto de destaque na arquitetura do estádio era sua marquise, construída em balanço, sem uma coluna de sustentação, com sua carga projetada para trás no arco que faz o contorno da obra. (CASTRO, 2016; MAXIMO, 2000).

O Estádio Municipal foi inaugurado no dia 17 de junho de 1950 em uma partida entre as seleções do Rio e de São Paulo. Mas foi na Copa do Mundo que sua magnitude ganhou destaque. Na última partida da Copa estimou-se um público de 173.850 pessoas, embora acredita-se que havia 200.000 pessoas assistindo ao Uruguai ganhar o título daquele ano, para tristeza do torcedor. O dia ficou conhecido como “tragédia de 50” ou “Maracanazo”.



Figuras 7 e 8 - Maracanã e “Maracanazo”. Fonte: Comas, 2011 e Aniversario del "Maracanazo" Copa del Mundo Brasil 1950. Vídeo disponível no youtube.com, 2014.

Embora fosse ainda um estádio inconcluso, Castro (2016) atesta que foi a partir desse momento que o futebol ganhou papel importante e de destaque na construção de uma identidade nacional e mobilização das massas. A construção do Maracanã foi a síntese do processo varguista e o aumento dos espectadores nas partidas dos estádios pelas classes populares.

2.2.1 – O tombamento e as primeiras reformas do Gigante de Concreto

O Complexo do Maracanã ficou efetivamente pronto em 1965. Ele passou a se chamar Estádio Mário Filho em 1966, em homenagem ao jornalista esportivo que havia morrido e que anteriormente havia trabalhado muito pelo esporte e pelos estádios, em especial o equipamento esportivo que então levaria o seu nome.

O complexo esportivo (Figura 9) foi aos poucos sendo efetivamente terminado. Primeiro, inaugurou-se o Ginásio Poliesportivo Gilberto Cardoso (o Maracanãzinho) projetado por Bastos, Carneiro, Galvão e Azevedo em 1954 com 13600 lugares²⁵. Em seguida, foi inaugurado o Estádio de Atletismo Célio de Barros em 1974 para acolher 9000 espectadores. Por fim, o Parque Aquático Julio de Lamare em 1978 com capacidade de 5700 espectadores, tendo sido projetado pelos arquitetos Rubens Cozzo, Ricardo Labre e Cândido Lemos. (COMAS, 2011).



Figura 9 - Complexo Maracanã (Ao fundo à esquerda Parque de Atletismo; à frente à esquerda Maracanãzinho; à frente à direita Parque Aquático). Fonte: Turisrio, 2014

O que tornou o Maracanã importante e digno do título de monumento foi, no entanto, a massa que dele se ocupou ao longo dos anos. A partir de 1950, o estádio do Maracanã ganhou visibilidade e usabilidade para os principais jogos na cidade do Rio de Janeiro. Ele se agigantou ainda mais e abrigou rivalidades entre equipes locais, regionais e até o nascimento de rivalidades nacionais com o início do campeonato brasileiro na década de 1970.

Até a década de 1980, o estádio Mário Filho foi palco de um processo de territorialização das torcidas que após essa década passou a ser, cada vez mais, criminalizada, sofrendo alteração para um papel mais comedido, muito em função

²⁵ A estrutura do Maracanãzinho foi recuperada em 1970 após um incêndio

mercadológica (BUARQUE DE HOLLANDA, 2016). Após esse período, os ingressos começaram a sofrer um elevado aumento e as torcidas organizadas foram caindo na retaliação ao longo dos anos.

Em 1983, foi então proposta pela primeira vez que o Maracanã fosse preservado. A iniciativa surgiu a pedido de Marcos Vilaça que era na época secretário geral do Ministério da Educação e Cultura. Ele não só tinha autoridade para esse pedido, como também era frequentador do estádio e foi após uma partida que ele alegou que o estádio é um patrimônio representativo de todo país e um símbolo sociológico marcante, o que justificaria preservá-lo.

Vilaça ratificou o tombamento do estádio Mário Filho pela apropriação das classes populares, com a assertiva de que o reconhecimento do patrimônio deselitiza a concepção de cultura por aquilo que não é somente erudito ou obra de arte pura. O estádio é monumento contemporâneo que deve ser resguardado e acessado. (CASTRO, 2016)

No entanto, essa alegação estava na contramão de uma crescente da rentabilidade que os equipamentos esportivos iriam compactuar. O que se renunciava com a proposta de tombamento era uma crise e desgaste em vez de uma consagração fácil. Assim a proposta acabou arquivada.

Somente em 1997 o processo foi retomado, pois, em 1992, ocorreu um acidente no estádio em um jogo do Flamengo x Botafogo, com 120 mil torcedores dentro do recinto. Uma grade se rompeu no setor de arquibancadas da torcida Raça Rubro-Negra, vários torcedores caíram e ao final três pessoas morreram e noventa ficaram feridas. Após a tragédia, o Maracanã ficou fechado por 7 meses até a demanda de uma obra de reforma.

A reforma efetiva foi ocorrer somente em 1999, visando cumprir as exigências da FIFA para o I Campeonato Mundial de Clubes em janeiro de 2000. Esse assunto retomou o interesse do tombamento e o estádio foi indicado pelo IPHAN para tombamento e com definição do polígono do entorno protegido.

A essa altura, o IPHAN já havia renovado os valores adotados para tombamento de patrimônio. Os monumentos “pedra e cal” e de arquitetura de elite passaram a dar lugar a concepções vinculadas “à história das mentalidades (operários, camponeses, migrantes, minorias étnicas, etc.) e do conceito antropológico de cultura (o que incluía hábitos, costumes, tradições, crenças, em suma, realizações materiais e imateriais da sociedade)” (CASTRO, 2016, p.80).

Assim, o tombamento do Maracanã não se deu somente pelos valores artísticos do complexo, mas pelos seus valores históricos e culturais. Prezou-se pela apropriação do espaço pelos torcedores, culminando na alegação do alto valor etnográfico que o estádio possuía desde a sua abertura.

O parecer alegava que o estádio além do valor histórico e etnográfico, tem no futebol um referencial da cultura brasileiro, e o Maracanã é o **templo máximo do futebol profissional** e que o projeto tem particularidades audaciosas para a sua época, no que se refere à concepção técnica e ser um monumento propositalmente construído. (CASTRO, 2016)

No ano 2000, o estádio foi então inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico Volume II, folha 16, sob o número 125, no dia 26 de dezembro. Assim, qualquer reforma a ser feita no local estaria vedada no que pretendesse a descaracterização do projeto original do imóvel, tanto no equipamento Maracanã como no polígono do entorno. (GIRÃO, 2012).

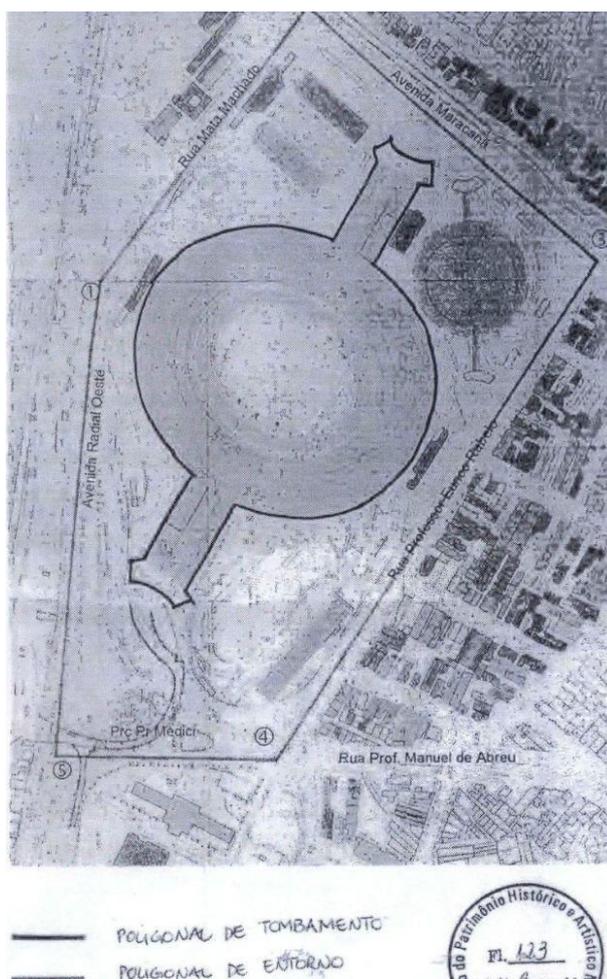


Figura 10 - Polígono de tombamento do Estádio do Maracanã. Fonte: Relatório do IPHAN de 1997.

O parecer foi aprovado e firmado que o tombamento não era sinônimo de “imobilismo nem congelamento do bem” e que medidas de conforto e segurança poderiam ser adotadas se submetidas ao IPHAN, que deveria fiscalizar e opinar. Logo, como dito acima, o equipamento não poderia ser descaracterizado, respeitando sempre sua concepção, por mais que fossem necessárias algumas medidas preventivas e de renovação.

A SUDERJ se mostrou hostil à ideia, mas acabou por aceitar o tombamento, uma vez que foi respaldado que o estádio poderia sofrer algumas intervenções, caso fosse necessário. Dois anos após o tombamento a nível federal, em 3 de julho de 2002, o Decreto 21677 da Prefeitura do Rio de Janeiro tombou o complexo desportivo em âmbito municipal.

As obras ocorridas para o Mundial de Clubes da FIFA, em 2000, teve como maior alteração a colocação de assentos nas arquibancadas, dividindo-as em cinco setores separados por barreiras de acrílico com base de concreto, segundo Ferreira (2013). A reforma foi importante para separar as torcidas e cessar com as brigas na parte interna do estádio, mas nesse momento fez-se a diferenciação de preços de ingressos, o que, por sua vez, não alterou substancialmente os interesses dos frequentadores nem mesmo as características do estádio sendo as intervenções, inclusive importantes para modernizar o estádio.

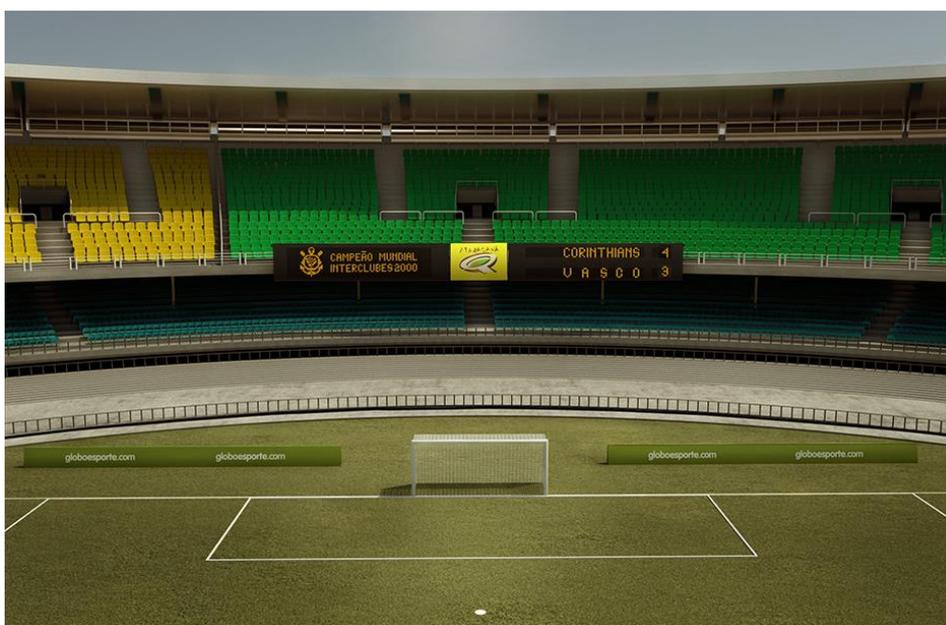


Figura 11 - Montagem do Estádio pós a reforma de 2000. Fonte: Especial Maracanã. www.globoesporte.globo.com, 2013.

No entanto, essa reforma foi o “pontapé” inicial para as outras reformas que viriam depois, descumprindo o tombamento consolidado e alterando sobremaneira o templo do futebol brasileiro.

Em 2005, o Maracanã foi fechado para ser reformado para os Jogos Pan-Americanos de 2007. Com essa alteração, orçada na casa dos R\$ 304 milhões, houve a redução da capacidade do estádio, o rebaixamento do gramado e, principalmente, o fim da antiga geral, que segundo Ferreira (2013) era o local onde os torcedores assistiam às partidas em pé e, no qual, eram cobrados os ingressos mais baratos. Em seu lugar, foi construído um prolongamento das antigas cadeiras azuis. Com isso, houve a drástica diminuição dos torcedores e a elitização do jogo, o que alterou o espaço vivido e a ambiência do estádio, fatores importantes na identificação e na memória do lugar e na cidade.



Figura 12 - Maracanã à esquerda com rebaixamento do gramado, sem a Geral e com as cadeiras azuis. Comparação com 1985 à direita. Fonte: globoesporte.globo.com, 2008

Essa reforma e as novas propostas de apropriação do estádio estavam intimamente interligadas ao processo que foi desencadeado nos anos de 1980 e principalmente após o Relatório Taylor, consequência dos acidentes de Heysel em

1985 e no estádio de Hillsborough em 1989²⁶. Mais do que o estádio, o público teria que mudar.

Conforme cita Bourdieu (1984), o corpo próprio, como dimensão privilegiada do *habitus*, que distingue as classes populares das classes privilegiadas, perde espaço para a “estilização da vida” e o corpo é tratado como um fim. Esse “corpo-para-outrem” é um resultado de uma cultura higienista e de movimentos controláveis, ou seja, o torcedor não pode ser mais aquele que não pode pagar ou aquele que frequenta o estádio com uma camisa comprada no camelô. O torcedor passa a ser tratado como consumidor e os movimentos de reforma/renovação/construção deveriam se balizar para tal.

Em uma crônica do jornal *trivela*, fica demonstrada a tristeza em perder a *geral* e de como o torcedor passa então ao status de espectador-consumidor:

Anos 70. Maracanã apinhado. 150 mil pessoas entram e saem do “maior do mundo” sem tumulto. Sem morte. Uma fatia dessa galera é a geral. Aliás, “galera” é anagrama de “a geral”. Mais do que anagrama: sinônimo. 30 mil torcedores humildes, fiéis, de pé, de radinho colado na orelha, de escudo colado no coração. Os ataques aéreos, tão comuns décadas depois, ainda eram raros. O único galo na cabeça do Geraldino era o Zico, e o ruído de bomba só se ouvia quando Dinamite acertava em cheio a esférica. Ah, dá uma nostalgia

²⁶ O desastre no estádio de Heysel, na Bélgica, aconteceu antes da final da Copa dos Campeões da Europa de 1985, entre Juventus e Liverpool. Na ocasião, 39 torcedores, a grande maioria torcedora do Juventus, morreram prensados, sufocados e até mesmo pisoteados contra um muro após tumulto iniciado pelos torcedores dos *Reds* (como também são chamados os torcedores do Liverpool). Além dos mortos, 454 pessoas ficaram feridas. Uma série de fatores levou a essa fatalidade: a atitude dos hooligans ingleses, o estado precário das instalações do estádio, as falhas das autoridades e o despreparo do contingente policial, foram apontados como causadores. Como punição ao ocorrido, os clubes do país foram banidos de competições continentais por cinco anos. O desastre no Estádio Hillsborough, Inglaterra, aconteceu em 1989. No jogo entre Liverpool contra Nottingham Forest, pelas semifinais da Taça da Inglaterra. No dia do jogo havia um considerável acúmulo de torcedores nas entradas para a *Leppings Lane End* (são locais atrás dos gols, considerados com as *gerais* no Brasil), então, um portão lateral foi aberto para facilitar o acesso e isto causou uma onda de pessoas adentrando ao mesmo tempo o estádio. O resultado foi um fluxo de milhares de torcedores através de um túnel estreito para as já superlotadas duas divisões centrais, causando assim uma queda na frente do campo, onde as pessoas estavam sendo pressionadas contra as grades pelo peso da multidão atrás deles. Como consequência, 96 pessoas morreram e quase 800 espectadores ficaram feridos em um recinto livre da presença dos *hooligans*. Após as tragédias foi apresentado em 1990 o Relatório Taylor elaborado por uma equipe comandada por Lord Taylor de Gosforth. Nesse documento continha uma série de recomendações que visavam aumentar o conforto, a segurança e o controle das multidões que compareciam aos estádios de futebol. Segundo Ferreira (2017), entre as principais propostas elaboradas pela comissão, houve grande preocupação com uma maior padronização e rigidez quanto às normas de construção e reforma dos estádios e a adoção do modelo *all-seater stadium* com todos os torcedores assentados em cadeiras numeradas, além disso, foram ressaltadas a identificação do torcedor no ingresso e retirada das barreiras de arame farpado ou qualquer outro objeto cortante que separava o público do campo de jogo e das demais partes do estádio. A partir de então, o novo modelo de estádio logo se espalhou pelo mundo e isso resultou em uma mudança de perfil e atitude, já que os estádios populares foram sendo substituídos por áreas destinadas a espectadores de maior poder aquisitivo e que podiam pagar o alto valor atribuído aos ingressos. Foi presenciado o advento do torcedor-espectador, com comportamento mais passivo. Embora não tenha sido uma exigência do Relatório Taylor que os ingressos fossem mais caros, os clubes optaram por essa tática, uma vez que o objetivo tinha se tornado um novo perfil de público nos estádios.

louca daquelas tardes de sol no quengo e das noites de doce sereno. Como esquecer a súplica na hora do escanteio, o palavrão para o treinador, o tira-gosto bate-e-entope, o aroma da grama, o frevo dos gols nos dias de chuva? O *habitué* desse espaço ficou desabrigado. Desde abril de 2005, ele vive sem o espaço onde, durante anos, investiu uma parcela de seu exíguo ordenado. A vitória do time, somente ela, podia pagar com juros as sacrificantes prestações. O despejo cruel foi, na verdade, o lance final de uma lenta agonia. Há muito, o trabalhador vidrado em futebol, frequentador típico daqueles 13 degrauzinhos de cimento, já vinha sendo forçado a longos exílios e a incertezas desanimadoras (RELEMBRANDO a *geral* do Maracanã, 2006).

E a partir de então, houve alterações. As emissoras de TV ganharam destaque nessa empreitada e as organizações esportivas – FIFA e COI – se voltaram à atuação de empresas de material esportivo. Foram mobilizados enormes quantidades de recursos financeiros para uma ampla cadeia que engloba direitos de transmissão, publicidade, realização de campeonatos de forma direta e o turismo, construção civil, transportes, indiretamente. Também merece destaque nesse cenário a realização dos megaeventos esportivos, notadamente a Copa do Mundo e as Olimpíadas. (CASTRO, 2016)

Segundo Aduino Cardoso (2012), os megaeventos são parte de uma conduta de competitividade mercadológica e que usam de todos os recursos para angariar mais a atração do grande capital. O esporte, mais do que competição atlética, tornou-se parte de uma máquina de conseguir subsídios e mostrar que os países-sede são bons para captação de investimentos. Segundo Cardoso, não existe um objetivo em si de produzir justiça social ou um equilíbrio ambiental. Esses são objetivos subsidiários ao objetivo central, que é desenvolver o capitalismo nessas cidades.

Assim, com os patrocínios e as transmissões de TV os espetáculos ficaram mais rentáveis e podemos citar João Havelange como um dos balizadores de todo esse processo. O brasileiro assumiu a FIFA em 1974 e chegou anunciando que iria vender um produto chamado futebol. Dentre os feitos, aumentou o número de países filiados à FIFA e também o de participantes no Copa do Mundo, passando de 16 em 1974 para 32 em 1998. Um projeto expansionista visava incorporar novos mercados cujos principais alvos foram os países da África, Ásia e Oriente Médio.

Em resumo, podemos entender que o público que se esperava no estádio havia mudado e o objetivo de atender à demanda de diminuição dos assentos do estádio e os recursos investidos acarretariam no alto valor dos ingressos e

consequentemente na triagem de um público mais abastado. Mas não parou por aí, a reforma seguinte seria a mais implicada.

2.2.2 – Do Estádio à Arena Maracanã

Para sediar a Copa do Mundo de 2014, a Federação Internacional de Futebol, FIFA fez várias ponderações para que o Maracanã sediasse alguns jogos, inclusive a final do mundial, acarretando na sua maior reforma. Em 2010, o estádio começou o processo de adaptação aos requisitos do livro de Recomendações e Requisitos Técnicos de 2011 e por isso demoliu grande parte de sua antiga estrutura. Como premissa da preservação manteve somente a fachada tombada, causando indagações da manutenção da essência do estádio e da ambiência do lugar.

Em 1995, houve uma tentativa no intuito de privatizar o Maracanã. Segundo Castro (2016), esse processo aconteceu num contexto de políticas neoliberais pelo Governo Federal, marcado pela privatização de empresas públicas em diferentes áreas. Os argumentos apresentados eram parecidos com aqueles defendidos no tocante às grandes empresas públicas nacionais: sucateamento, ausência de recursos para sua manutenção, a administração pública seria marcada pela ineficiência e clientelismo, a privatização redundaria em melhor qualidade do serviço oferecido. No entanto, esse projeto foi perdendo espaço e foi rejeitado pelos principais candidatos ao posto de governador do estado do Rio de Janeiro nas eleições de 1998.

Depois disso, o tombamento foi realizado e o processo de privatização arquivado. No entanto, a última reforma realizada levantou polêmicas sobre a preservação do patrimônio do estádio e sua efetiva privatização.

O Brasil foi escolhido como sede da Copa do Mundo de 2014 no ano de 2007. Em agosto do mesmo ano, uma delegação da FIFA veio inspecionar as dezoito cidades candidatas a receber os jogos, entre elas o Rio de Janeiro. Para a cidade, foi escolhido o Maracanã. Embora fosse o segundo lugar mais visitado por turistas, ele era pouco explorado como atrativo, além de oneroso e ocioso. Assim, a SUDERJ contratou empresas que teriam a missão de reconfigurá-lo.

Os projetos visavam, segundo Comas (2011), a demolição de vários equipamentos tombados pelo IPHAN, constantes no polígono do Maracanã. O repúdio foi generalizado, uma vez que não havia essa exigência no caderno de encargos. O

que constava era a melhoria na evacuação do local e deixar áreas livres próximas ao campo para receber os veículos e instalações da imprensa. Os equipamentos como o parque aquático e estádio de atletismo poderiam ser ajustados às necessidades da FIFA, antes e durante o evento, mas nada que coubesse a destruição dos mesmos.

Em 17 de dezembro de 2009, o Governo do Estado divulgou projeto recuando da demolição do estádio de atletismo e do parque aquático. Os estacionamentos ficariam na vizinhança em particular na Quinta da Boa Vista e seu entorno. Em fins de 2009, o governo desistiu de fazer uma PPP (Parceria Público-Privada) para o Maracanã e firmou acordo com a iniciativa privada. Assumiria a conta a Odebrecht se associando a IMG (que já havia se vinculado à IMX, à época pertencente ao empresário Eike Batista), elevando os custos da obra e excluindo Flamengo, Fluminense e CBF do consórcio.

No início de 2010, a Empresa de Obras Públicas do Rio de Janeiro, EMOP contratou o arquiteto paulistano Daniel Fernandes para o desenvolvimento do projeto executivo. Em um documentário da Discovery Channel de 2013 sobre a (re)construção dos estádios da Copa, Daniel relatou a dificuldade em reformar o estádio, uma vez que as exigências eram enormes. As palavras de ordem eram **conforto e segurança** (grifo nosso), mascarando o objetivo crucial de controlar os indivíduos.

Alguns jornais e o público frequentador do estádio falavam, na reabertura do lugar, da elitização causada pelo alto preço dos ingressos e que deixou de fora boa parte dos torcedores mais populares. Mesmo em jogos com ingressos mais baratos, os aficionados eram controlados pelos “*stewards*”²⁷ do recinto e pelos altos preços cobrados pelas comidas e bebidas do local.

No ano de 2013, a concessão do estádio Mário Filho e do Ginásio Gilberto Cardoso foi finalizada pelo período de 35 anos ao Consórcio Maracanã S.A., formado pelas empresas IMX, Odebrecht e AEG Administração de Estádios. Em princípio, retomaram a ideia de derrubada dos equipamentos tombados do polígono, como o Museu do Índio e da Escola Municipal Friedenreich e a remoção do Estádio de Atletismo Célio de Barros e do Parque Aquático Júlio Delamare. Queriam também construir dois centros de treinamento destinados à prática do atletismo e dos esportes aquáticos em substituição às estruturas removidas.

²⁷ Nos novos estádios surge a figura do orientador ou steward. Ele tem várias funções e, com a modernização da modalidade, algumas novas missões surgiram como impedir possíveis confusões e ajudar a achar o assento numerado.

Em contrapartida, o grupo teria direito a construir e explorar dois edifícios-garagem, com lojas e serviços, reforçando o conceito de *tradium*²⁸. Na imagem, o novo projeto, sem o Célio de Barros e do Júlio Delamare. Na figura, o Museu do Índio também não está, possibilitando a melhor dispersão do público no Complexo do Maracanã e no terreno da unidade escolar, duas quadras de aquecimento anexas ao Maracanãzinho para a utilização dos atletas que atuassem no ginásio poliesportivo durante a realização dos Jogos Olímpicos de 2016. (FERREIRA, 2017).



Figura 13 - Projeto do Complexo do Maracanã sem o Estádio de Atletismo Célio de Barros.
Fonte: Ferreira, 2017

Após intensa discussão com vários segmentos da sociedade em defesa dos fixos ameaçados, o governo do estado desistiu, em 2013, de demolir os prédios. No mesmo ano, várias manifestações foram impetradas o que forçou a mudança de atitude do governo em questão. Apesar do favorecimento à manutenção dos equipamentos, as condições eram (e ainda são) precárias de vários deles. Ninguém quis assumir as reformas dos edifícios e as atividades ficaram em suspenso.

Ao final das obras do Maracanã, no ano de 2013, o custo final ficou R\$ 1,12 bilhões (KONCHINSK, 2013). O estádio foi praticamente colocado a baixo, mantendo somente a fachada, levando a demolições polêmicas, como a marquise icônica e a histórica arquibancada²⁹. A marquise constava em cinco laudos técnicos atestando

²⁸ Em uma crítica de Bale (1993), as arenas, antes espaços sociais inclusivos, tornaram-se lugares de consumo, por isso ele atribui o nome de *tradium* que é a definição de comércio mais estádio (*trade + stadium*)

²⁹ Nesse processo foi sugerido o “destombamento” do Maracanã, para que ele pudesse ser demolido. Somente a Presidência da República poderia fazer isso, mas não foi levado adiante esse processo por intervenção do Ministério Público Federal.

que ela estava condenada, mas os pareceres foram colocados várias vezes em suspeita pelo próprio IPHAN, que em um embate interno, teve a autorização da derrubada autorizada por Carlos Fernando de Andrade, na época superintendente da instituição.



Figura 14 – Marquise antiga do Maracanã antes e depois da reforma. Fonte: fotografiasaereas.com.br, 2015

Na ata da 68ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN, o superintendente declarou como “nada a opor” sobre a derrubada da marquise (PROJETO MARACANÃ, 2014). Atualmente, ele está sendo processado pelo Ministério Público por ter autorizado a obra sem uma análise mais acurada dos laudos técnicos.

As arquibancadas foram derrubadas para a reconstrução de outras com mais visibilidade e eliminar os “pontos cegos”, além de abrir espaço para a construção de camarotes maiores e mais luxuosos. Também foram ampliadas as rampas de acesso e construídas mais duas delas, bem como novas cabines de imprensa e instalados novos placares eletrônicos.

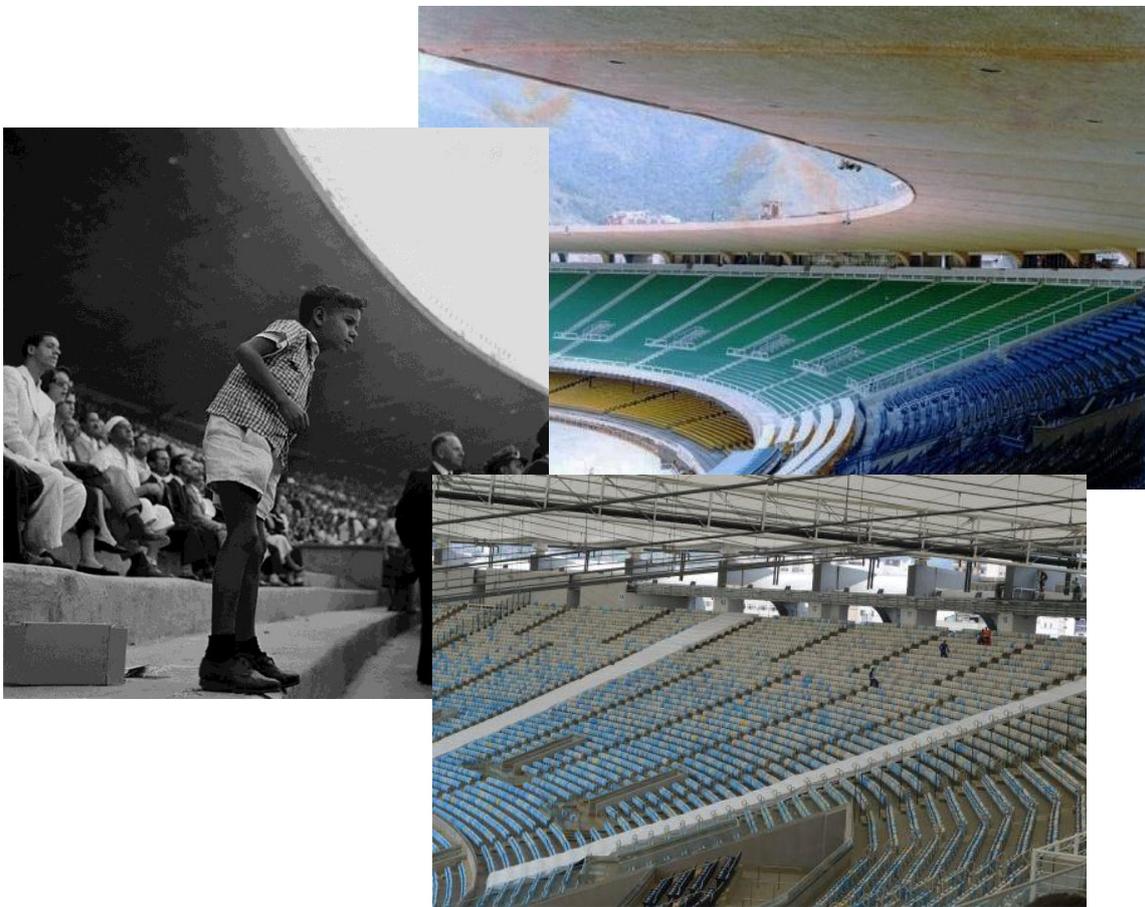


Figura 15 - À esquerda primeira arquibancada do Maracanã; acima à direita cadeiras após a reforma para o Pan-americano; abaixo à esquerda cadeiras após a reforma para a Copa de 2014. Fonte: Pinterest

O próprio Diretor de Engenharia do Estado do Rio de Janeiro da época, Ícaro Moreno, em entrevista para o documentário do Discovery Chanel, disse que seria mais fácil ter construído outro estádio em outro lugar que ficaria mais barato e menos conflituoso.

Resumindo a obra do Maracanã, todo o processo foi feito em *retrofit*³⁰ objetivando modernizar as estruturas, mas preservando as características marcantes do estádio tombado. Além da cobertura e de mais duas rampas, a segurança foi melhorada com ampliação das saídas do campo, dos corredores de o esvaziamento máximo em 8 minutos.

³⁰ Técnicas modernas com o objetivo de adequar edificações antigas para que abriguem novos usos, aumentando a vida útil do imóvel.



Figura 16 - Operários construindo uma das duas novas rampas do Maracanã. Fonte: fimdejogo.com.br, 2013

Da estrutura externa, preservou-se boa parte do edifício, mas internamente quase nada restou. Todo o estádio possui um único conjunto de cadeiras, com inclinação adequada para que todos tenham boa visibilidade, passando de 31.500 m² de concreto pré-moldado, para cerca de 79 mil assentos.



Figura 17 - Conjunto de cadeiras do novo Maracanã. Fonte: Globo Esporte, 2014

A área foi ampliada de 86.000 m² para cerca de 160.000 m² em razão da geometria da arquibancada e da maior inclinação das cadeiras. Novos sistemas de som e iluminação foram instalados, além de quatro placares eletrônicos com telas de alta definição medindo 16,68m x 7,32m. São 231 banheiros e nos setores centrais há escadas rolantes e elevadores para os *lounges* climatizados, espaços de convivência e consumo utilizados pelo público. Os antigos camarotes foram retirados do anel superior das arquibancadas e realocados em uma posição central (nível 3 dos setores Leste e Oeste), passando a um total de 110. São 360 monitores de TV de 42 polegadas para que o torcedor acompanhe a partida enquanto compra variados produtos nos 60 bares e quiosques espalhados pelas áreas de circulação³¹.



Figura 18 - Projeto Tecnológico da Arena Maracanã – Telões, Camarotes no nível 3 e Cobertura. Fonte: Fernandes Arquitetos Associados, 2013

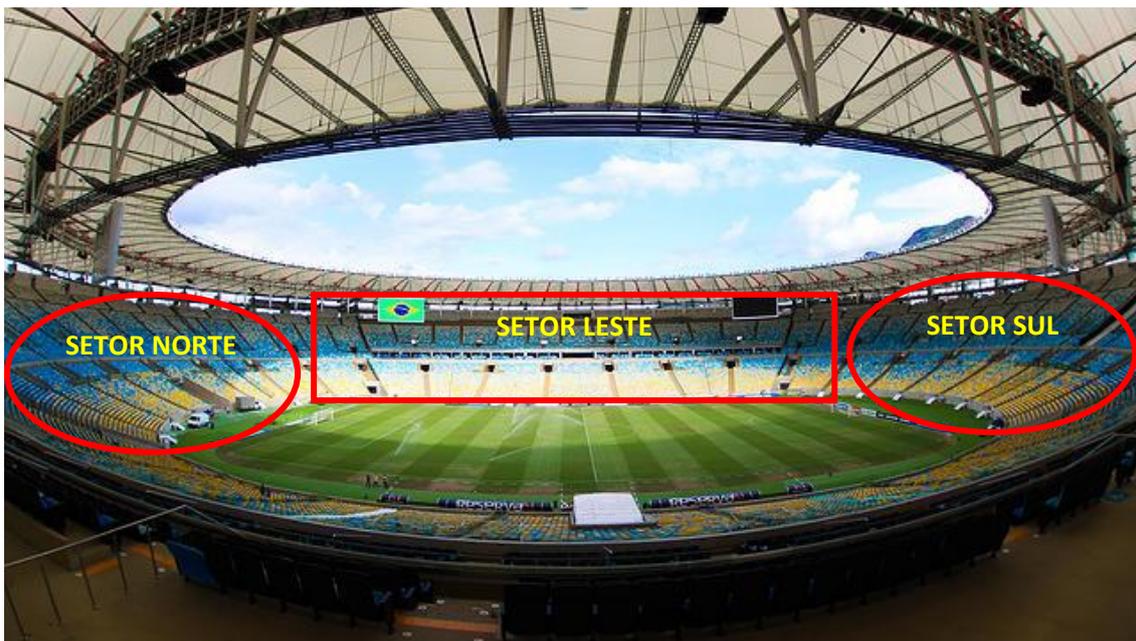
Atualmente, o estádio conta com setores sul, norte, leste e oeste com subdivisões de assentos em cada um deles, com cadeiras inferiores e superiores nos setores norte e sul, e inferiores, superiores, camarotes nos setores leste e oeste, sendo este último local das cabines de imprensa e cadeiras cativas. No último setor,

³¹ Mais de 3% das cadeiras do Maracanã são para torcedores VIPs. Apenas 0,7% são para pessoas com deficiência de mobilidade (a Lei prevê 1%). O ingresso mais barato para a Copa do Mundo no Brasil foi US\$ 25, na África do Sul US\$ 20 e na Alemanha US\$ 45. O ingresso mais caro no Brasil foi US\$ 203, na África do Sul US\$ 160 e na Alemanha US\$ 126. Fonte: <http://www.apublica.org/2013/05/copa-direitos-humanos-infografico-animado/>, 2013

também estão as Cadeiras Maracanã Mais, o local com o ingresso em valor mais elevado do estádio, oferecendo uma série de serviços exclusivos ao espectador.



Figuras 19 e 20 - Acima cadeiras cativas no Maracanã de 2007; abaixo cadeiras cativas no Maracanã de 2014. Ambas no que hoje corresponde ao setor Oeste. Fonte: espn.com.br, 2015



Figuras 21 e 22 – Maracanã antes (2007) e depois (2014). Fonte: cbn.globoradio.globo.com, 2016

O estádio também foi pensando de maneira a preservar o meio ambiente e 45% do consumo da água utilizada para a manutenção do gramado é reaproveitada da drenagem da água acumulada na cobertura. O telhado também capta energia solar para aquecimento da água utilizada nos banheiros e vestiários e cobre 90% da área dos assentos.

Apesar de toda a modernização, como tratado anteriormente, o estádio teve um gasto exorbitante de 1,12 bilhões de reais, porém somados os custos esse valor é muito mais alto. Em dados divulgados pelo comitê popular do Rio (MONTEIRO, 2013), o valor total é de 1,33 bilhões, mais elevado que o valor de 1,12 bilhões citados anteriormente, somando 869 milhões do Estado e 469 milhões da concessionária. Adicionando às reformas anteriores para 2000 e 2007, a quantia é de 1,97 bilhões. Desse valor, mais de 76% corresponde ao custo assumido pelo Estado, que só terá de

volta R\$ 231 milhões (menos de 12% do investimento) em 35 anos. Um prejuízo de R\$ 1,27 bilhão que será pago pela população.

Em 2015, a IMX vendeu a sua participação no Consórcio Maracanã S/A para a Odebrecht, que passou a deter 95% do capital da empresa. Os 5% restantes continuaram de posse da empresa norte-americana AEG. Para as Olimpíadas, nada foi feito de reforma para o Parque Aquático e para a Pista de Atletismo, que foram sediados no Parque Olímpico e Engenhão. O Maracanã possuía uma dívida de mais de 100 milhões de reais e as concessionárias estavam insatisfeitas, pois não obtinham mais lucro, dado que nem os centros comerciais nem o estacionamento foram construídos.

Sabemos somente que o espaço produzido do Maracanã após as reformas sofridas foi padronizado em acordo com demandas internacionais e, conseqüentemente causou polêmicas sobre os novos usos. Enquanto espaço de representação, os rituais e os usos perderam os elementos arquitetônicos como arquibancadas que não existem mais, cedendo lugar para as cadeiras; houve padronização das praças de alimentação e também a busca pelo torcedor comedido, enfim, mudanças radicais na estrutura e na relação de apropriação com o estádio.

O jornalista da ESPN, José Trajano, deu o seguinte depoimento:

Antes de qualquer coisa eu parto do seguinte princípio, é uma fortuna absurda que foi investida no Maracanã, mais de um bilhão pra entregar de mão beijada pra iniciativa privada. Dizer que ficou bonito, lindo, sensacional, ficou. Também gastar um bilhão se ficasse horrível daí manda prender de vez todo mundo. Só que será que seria necessário fazer essa reforma toda? O Maracanã já não tinha condições depois de várias reformas, incluindo quando acabaram com a geral? Não somos contra o estádio ficar mais moderno, mais bonito, ser mais acessível, mais assentos, banheiros melhores. Tudo isso podia ter como já havia tendo. Eu sou contra você "reformular um estádio" e gastar 100 milhões nele pra colocá-lo mais em ordem. Não podiam desfigurar o Maracanã, seria a mesma coisa do cara chegar ao Coliseu em Roma, e achar que ele está muito deteriorado, então vamos começar a azulejar, botar uns bebedouros mais modernos, e aí teria que chamar "Arena Coliseu". É um desrespeito à lei, é o dinheiro a rodo jogado fora! Que ficou bonito não há dúvida. Acho um desrespeito quando fazem matéria do Maracanã, e colocam criança. É claro que uma criança que vai ao Maracanã pela primeira vez vai achar tudo belíssimo, ela não carrega essa história nossa que não pode ser ignorada desse jeito. Não é que somos contra a modernidade, melhorar a coisa, mas não destruir (PROJETO MARACANÃ, 2014).

Mauro Cezar Pereira, também jornalista e comentarista da ESPN, complementa dizendo que,

O que fizeram foi uma descaracterização quase que total do estádio. O Maracanã está sendo violentado de uma maneira que desrespeita inclusive a própria história. E aí quem mostra como as coisas devem ser feitas são os alemães, que passaram antes da Copa de 2006 pelas pressões que o Brasil passou. Lá também teve pressão da Fifa para descaracterizar o Estádio Olímpico de Berlim, mas os alemães não se curvaram a isso: Fizeram reformas e modernizaram o estádio. Mas você vai lá dentro e vê que aquela escadaria atrás dos gols, onde ficou a pira olímpica, onde aconteceu aquela cena marcante do Hitler em 1936 se recusando a cumprimentar atletas negros medalhistas de ouro. E olha que a Fifa até quis fechar aquele anel com alegações do tipo: 'lembra o nazismo'. O estádio preserva traços originais (PROJETO MARACANÃ, 2014).

Seguimos agora para o responsável pela corporificação do estádio: o torcedor. Dedicamos o último item deste capítulo a esse personagem.

2.3 A torcida e a transformação do Lugar

Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-diabo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: - o torcedor está por trás, dispondo. (NELSON RODRIGUES, p. 40, 1912).

Embora o perfil do torcedor tenha mudado muito ao longo dos anos, ele é e sempre será o que vai dispor pela equipe do coração, como bem escreveu Nelson Rodrigues. O 12º jogador, como chamado por várias equipes e autores aficionados, é o responsável pela tônica da ambiência do estádio. A torcida é feita pela corporificação no espaço e usa de todos os sentidos para fazer parte do espetáculo. Muito mais que 90 minutos de jogo e 22 jogadores disputando a bola, a partida é formada pelas coreografias, cânticos, xingos, choros, gritos e a efusividade de estar entre.

Segundo DaMatta (2004), no Brasil o futebol é coisa nossa por direito. Mesmo que ele tenha sido “inventado” na Inglaterra, o autor aponta esse esporte como a mulata, o samba, a feijoada e a saudade: é coisa do Brasil. Para DaMatta esse esporte “mobiliza e apaixona as massas, porque move sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.” (p. 12).

Foi no princípio do século XX, na Inglaterra, que os primeiros clubes de *fans* surgiram. Em 1913, devido ao grande número de clubes, foi criada a primeira federação de torcedores. Segundo Bromberger (2001), essas federações ainda eram furtivas até 1930 e decolaram somente depois da Segunda Guerra Mundial.

Os pioneiros eram os clubes pertencentes à pequena burguesia urbana e escolhiam como sede para reuniões alguns cafés no centro da cidade. Segundo Buarque de Hollanda (2008), as nomenclaturas dadas variavam entre *fans* e *supporters*.

No Brasil, o termo torcedor é oriundo do verbo *torcer*. O ato de “torcer algo” era impetrado pelo público feminino *torcendo* os seus lenços em momentos de indefinição e expectativa de uma partida de futebol. Segundo Buarque de Hollanda (2008), a torção dos lenços e os corpos se contraindo simbolizavam aflição e isso era retratado como a forma de apoiar a equipe, *torcendo*.

Considera-se então a década de 1930 o ano de solidificação das torcidas brasileiras. Nesse ano, surgiram as primeiras torcidas uniformizadas de futebol, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, estados considerados como irradiadores deste esporte. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2008).

Na década de 1930, a imprensa esportiva também ganhou força e, como um público maior nos estádios, tomou a iniciativa de civilizá-lo, criando promoções esportivas, como campanhas de bom comportamento, sorteio de prêmios e concursos de fantasias. A mais emblemática promoção foi a criação da Competição de Torcidas, em 1936, pelo Jornal dos Sports, periódico esportivo de maior penetração na época.

O torcedor, então com mais liderança que surgiu a primeira vez no começo do século, se fortificou e a partir de então se tornou o chefe de torcida. Segundo Buarque de Hollanda (2016), o chefe de torcida era um dos principais personagens do “enquadramento moral” do esporte, para a Era Vargas.

A missão dos chefes era de cooperar com a polícia no sentido de organizar as massas no espaço público das arquibancadas cada vez maiores ao mesmo tempo em que representar a pureza amadora no futebol, naquele universo cada vez mais profissionalizado e mercantilizado.

Sem embargo, foi a partir de 1950 que as coisas começaram a mudar. Foi com a construção do Maracanã, um estádio com capacidade para quase duzentas mil pessoas que eclodiu o que de fato podemos entender como “torcedor de massa”.

2.3.1 O papel do torcedor e o valor das massas

O futebol se tornou paixão nacional, uma vez que ele está mais próximo do popular que do erudito, por seu caráter espontâneo e simples e, como diz DaMatta (2004), os reis, os príncipes, os duques e nobres fazem parte da plateia junto com os demais membros de uma localidade, ainda que por vezes em setores diferentes. Outro elemento explicativo, ainda segundo o autor, é que o futebol tem um alto fator de imprevisibilidade, mesmo quando uma equipe seja superior.

No ato de torcer, encontramos coletividade em contrapartida às divisões do universo das demais instituições, como no trabalho. Ele tem força integrativa e capacidade de proporcionar às pessoas, sobretudo às pessoas pobres e destituídas, a experiência da vitória e do êxito. É um sucesso alcançado por meio dos times favoritos. O desempenho então como torcida, como plateia sofredora e que se doa sem reservas ao seu clube, produz resultados palpáveis que outros campos do sistema social hierarquizado não chegaria a proporcionar (DAMATTA, 2004).

Era essa profusão que estava acontecendo a partir de 1950, quando o Maracanã consagrou o torcer em massa e as multidões que o preenchiam se tornavam esse emaranhado entoando em uma só voz. E as torcidas começaram a se territorializar no espaço através de camisas de clubes, bandeiras, cânticos, configurando o que Castro (2016) chama de territorialidade torcedora.



Figura 23 - Maracanã em 1950 com 200 mil pessoas. Fonte: www.diariodorio.com, 2015

Quando falamos do maior estádio do Brasil, é indubitável que não recorramos às massas, às multidões, à ambiência provocada pela linguagem dos corpos. O equipamento esportivo que instituiu um estilo de torcer com os pares e em massa é receptáculo e estímulo de memória individual e coletiva. Produziu sentido e hoje tenta não perder a sua alma em meio a inúmeras tentativas de assim o fazer, tendo como pauta o jeito mercantil de torcer.

O Maracanã foi revolucionário, tanto pelo formato retangular, quanto pelo perfil agregador. O formato em elipse e com um grande anel inferior, quase no mesmo nível do gramado, envolvia o campo de jogo, com torcedores em pé, na Geral, nas cadeiras cativas e comuns, bem como camarotes atrás das cadeiras no nível intermediário e no último nível as arquibancadas, tribunas de honra, imprensa e cadeiras (VIEIRA 2000; COMAS, 2011; FERREIRA, 2017).



Figura 24 - Os níveis do Maracanã de 1950 e os torcedores. Fonte: esporte.uol.com.br, 2015

O padrão foi se reproduzindo no Brasil até a década de 1980, tendo auge no período do governo militar, tornando-se o país dos grandes estádios. Não havia obstrução do campo de visão do torcedor para o gramado e o fosso entre a Geral e o campo impedia invasões e dificultava que objetos fossem atirados. “O gigantismo do ‘maior do mundo’ somado à centralidade por ele exercida sobre o espaço urbano local e ao baixo valor cobrado pelas entradas permitiu que a ida ao estádio se consagrasse como um dos principais programas de lazer dos residentes na capital e adjacências.” (FERREIRA, 2017, p. 133).



Figura 25 - Fosso do Maracanã de 1950. Fonte: esporte.uol.com.br, 2015

Uma nova forma de apropriação foi criada, principalmente na Geral, com capacidade para 30.000 torcedores pagando preços simbólicos, na maioria das vezes, para em coro empurrar o time do coração. No documentário produzido por Pedro Asbeg e Renato Martins intitulado *Geraldinos*, é relatada a relação entre os torcedores que ficavam em pé e a perspectiva do jogo:

Não se define o *geraldino*, pois se podia tudo na geral. O comportamento de quem ali frequentava era indefinível. A geral era a possibilidade, se vai ver ou não o jogo é uma possibilidade. Só sei que ali era do povo, da galera, de quem lutava no dia-a-dia, de muitas histórias. (LUIZ ANTÔNIO SIMAS, In: *Geralinos*)

Washington Rodrigues, mais conhecido como Apolinho deu esse apelido aos frequentadores da Geral. O jornalista esportivo conta no documentário que era o *Geraldino* quem dirigia o time, xingando o jogador, o técnico e, mesmo que não assistisse à partida por motivos diversos, era a figura que mais festejava o espetáculo.

Além dos *Gerladinos*, a figura dos chefes de torcida comandava a festa no outro setor, a arquibancada. A ambiência ali produzida era de carnaval, com bandeiras enormes que cobriam boa parte da torcida, expressões de impactos como movimentos com as mãos para empurrar as equipes e cânticos, como os hinos não oficiais³² e as marchinhas de carnaval³³.



Figura 26 - Geral superlotada no antigo Maracanã nos anos 1970. Fonte: www.espn.uol.com.br, 2016

Nesse contexto, foi resgatado de 1936 o Duelo das Torcidas por Mario Filho no *Jornal dos Esportes*. Em jogos do Fla x Flu, as torcidas disputavam a eleição da torcida mais animada e original. O carnaval realizado contava com confetes, serpentinas, buzinas, fantasias, fogos de artifício etc. Isso se repetiu durante toda a

³² Os hinos oficiais dos clubes cariocas foram compostos por Lamartine Babo, em 1944.

³³ Na década de 1960 por paródias aos sambas de enredo substituíram as marchinhas de carnaval.

década de 1960 e tinha várias categorias como: melhor charanga, maior vibração, maior número de bandeiras, torcida mais numerosa, torcedor e torcedora mais original, entre outros. (CASTRO, 2016).

Segundo Buarque de Hollanda (2008), o Duelo tinha função dupla: carnavalizar a torcida e controlar o comportamento do torcedor, mantendo a ordem. O estádio que produziu o torcer em massa precisava de um “controle” dos corpos, pois atingia públicos recordes, como o Fla x Flu de 1963 com 194.603 presentes. Até a década de 1970, o espetáculo era conduzido pela sociabilidade quase familiar e pautada pela mistura de camadas populares com pessoas de vários outros estratos sociais.

De acordo com a assertiva de DaMatta (1983), o carnaval e o futebol no Brasil eram – e tentam em alguma medida manter – o momento da inversão da regra, em que os indivíduos anônimos deixavam de ser mera força de trabalho, tornando-se pessoas: nobres, cantores, passistas, personagens de um drama nacional no duplo sentido do termo. No futebol, as torcidas se reconhecem, pela identificação com os times, como pessoas com direitos certos na vitória e na derrota. O prêmio é significativo: o direito de hierarquizar as posições dos iguais ou de mudar as posições dos superiores.

Com as formações dos grupos no ato de torcer e a figura de um líder do que então havia de “torcida organizada”, a festa seguia um ritmo horizontal, sem deixar de ter uma ordem vertical, com aqueles que se destacavam dentre eles. Segundo Freud (1990), a presença do chefe remete à obediência e as características misteriosas e coercitivas das formações grupais. O “pai primevo” é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego. Em um primeiro, momento ele é o que vincula o espaço do estádio ao local de todos, mas esse papel muda com a juvenilização das torcidas.

A partir desse segundo momento, as torcidas organizadas e a carnavalização deram espaço a militarização e nesse contexto surgiram torcedores dissidentes dos principais clubes cariocas. Do Fluminense, surgiu a Jovem Flu ou *Young Flu* em 1967; do Flamengo a Torcida Jovem do Flamengo em 1967 com o primeiro nome de Poder Jovem; a Torcida Jovem do Botafogo em 1969 e a Força Jovem do Vasco em 1970. (FERREIRA, 2017).



Figura 27 - Uma das torcidas jovens criada no período de juvenilização: Young Flu. Fonte: forum.jogos.uol.com.br, 2014

Essa tendência de juvenilização era mundial e na Inglaterra algo parecido com o Brasil estava acontecendo com os *hooliganismo*³⁴. Eles eram jovens egressos dos núcleos duros do subproletariado britânico que, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, “levavam padrões de hostilidade, emulações em torno da masculinidade e uma lógica espacial de segmentação ordenada para as tribunas dos estádios”. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2016, p. 388)³⁵.

Os grupos criaram seu território nas arquibancadas, atrás dos gols. O processo de apropriação desses espaços foi feito à base de uma festa produzida por eles, mas também por xingamentos aos atletas e dirigentes e ter uma presença maciça marcada pelo perfil masculino e, conseqüentemente, naturalizado pelo machismo.

³⁴ Os hooligans ressurgiram em 1960 e introduziram na torcida brasões, bandeiras, slogans, hinos e cânticos que exaltavam a torcida e não propriamente o time. As torcidas eram distintas e mesmo torcendo pelo mesmo time, brigavam entre si. O hooliganismo tinha hierarquias entre grupos e torcidas eram formadas de acordo com o sucesso de cada grupo em suas empreitadas violentas. Ainda hoje os hooligans persistem, mesmo com os enormes esforços para tentar frear e acabar com os embates.

³⁵ Com base na teoria da psicologia das massas, autores como Le Bon e Freud a utilizam para compreender que os comportamentos em massa tem uma lógica própria, transcendente e mesmo abolidas da consciência individual e instaurando um estado de igualdade absoluta. Essa posição visa justificar a irracionalidade dos torcedores enquanto uma unidade violenta e caótica. Já o sociólogo Alain Ehrenberg (1985) disserta que a violência dos torcedores não é exclusivamente uma anomalia do espetáculo esportivo, ela é um *uso social*, sem dúvida perigosa e apavorante, mas um uso que é possível contabilizar nas lutas de classes. Ela tem razões que a razão não conhece.

Além do perfil excludente de outros públicos que não o masculino jovem, como o público feminino, gay, crianças e até mesmo idosos, as torcidas jovens consolidaram um ambiente violento, de brigas entre os próprios torcedores, culminando na criação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, ASTORJ, em 1981. O objetivo era de minimizar os embates das torcidas e ser canal de diálogo com as autoridades do esporte e segurança pública.

Essa criação, no entanto, resultou em uma onda de greves dos torcedores pelo aumento do preço dos ingressos. Com base no texto de Buarque de Hollanda (2016), foi extraída do Jornal dos Sports a seguinte notícia de primeira página: “os torcedores fazem greve no setor da Geral do Maracanã, além de piquetes fora do estádio e passeatas em frente à sede dos clubes”. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2016, p. 385).

O estigma da violência das organizadas passou então a balizar o “pânico moral” da sociedade, marcada também pelo aumento da violência urbana. O Maracanã, a partir da década de 1980, começou a ter o perfil do público remodelado e sendo pauta de polêmicas discussões sobre essa questão.

Por um lado, a violência tinha que acabar, bem como a demarcação de um território machista pelas Torcidas Jovens, por outro, a festa teria que continuar, pois o torcedor frequentador era parte do ambiente da competição e parte da cultura do torcedor.

Esse embate foi encerrado em 1992 quando ocorreu o acidente que causou a morte de três pessoas no Maracanã. O problema de manutenção se virou contra os torcedores e o público passou a ser cada vez mais selecionado tendo em pauta a questão da segurança, mas banindo aos poucos as classes populares.

O momento de transformação mercantil do estádio começou a transformar o espaço vivido de Lefebvre (2006) em espaço concebido, ou seja, o espaço como valor de troca e mercadoria, transformando radicalmente a ambiência do lugar e a memória ali encrustada há tantos anos³⁶.

³⁶ Giulianotti (2012) fala do surgimento de um pós-torcedor que seria parte das classes médias urbanas da sociedade pós-industrial. Ele seria responsável pela mudança da experiência do jogo, menos vibrante e passional, com grupos menores indo ao estádio, mais presença feminina, novas agendas para as organizações torcedoras, inclusive movimentos contra de resistência. Como alguns exemplos de resistência podemos citar a Inglaterra, que foi o primeiro lugar a ter o futebol reelitizado e tem como campanha a Twenty's Plenty que pressiona os clubes da Premier League a cobrarem o valor máximo de vinte libras pelas entradas destinadas aos torcedores da equipe visitante. Outro exemplo é da Arena Corinthians que foi construído para a Copa do Mundo de 2014 e utilizado na abertura do torneio, teve após o campeonato os assentos retirados atrás de um dos gols para a ocupação das tradicionais torcidas organizadas. (FERREIRA, 2017). No Maracanã, segundo Mascarenhas (2017) o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, no Rio de Janeiro, promoveu intensa campanha contra a privatização e a elitização do

Em 2000, os ingressos foram encarecidos, mas em 2005, o torcedor perdeu a Geral para os Jogos Pan-americanos de 2007. Segundo Lúcio de Castro, no documentário *Geraldinos*, os torcedores que ficavam neste setor eram a expressão do Don Quixote. “*Ele ali tinha seu momento de extravasar e botar para fora seus desejos e sonhos, ali ele podia sonhar sem os moinhos de vento que tinham ficado para fora.*” (grifo nosso)

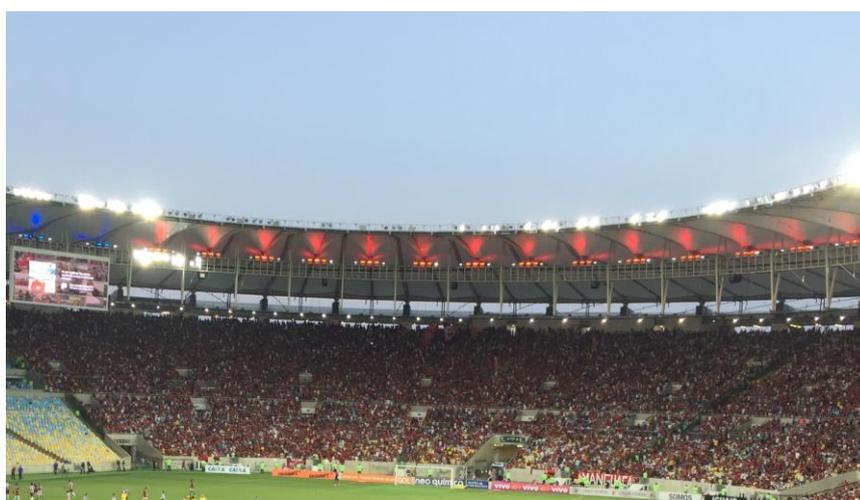
O modelo de cidade que estava sendo construído em correlação com as forças hegemônicas era o modelo reproduzido no estádio, afastando o pobre. Segundo Moysés, um dos *geraldinos* entrevistado no documentário, a cultura brasileira de torcer é bastante diferente da cultura europeia, haja vista que no Brasil se torce em pé. “*Se tirar a geral e a arquibancada, o Maracanã morre*” (grifo nosso). E tiraram definitivamente todos esses elementos para sediar em 2014 a Copa do Mundo de Futebol.

Com a extinção da ASTORJ em 1993, foi criada, em 2008, a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, FTORJ, que visava proteger as torcidas organizadas, como a ASTORJ. Mesmo que a distância de tempo tenha sido grande entre uma associação e outra e se tenha perdido muito espaço do modo de torcer, a Federação lutava contra o “futebol moderno”, relacionando ao processo de elitização dos estádio/arenas e ao modo de torcer mais “comedido”.

Em 2014, surgiu a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG). O intuito era de “fomentar o diálogo; lutar pelos direitos das torcidas organizadas, dos torcedores comuns; e promover trabalhos de prevenção, de minimização de conflitos, com a intenção de resgatar a festa nas arquibancadas, livre de restrições.” (FERREIRA, 2017, P. 153). Dentre os motes da ANATORG, o principal deles é mediar debates para romper com a imagem estigmatizada dos torcedores organizados.

Com a nova configuração do Maracanã, houve uma grande divisão em setores e a instauração de diversas normas de controle sobre o comportamento dos torcedores o que causou o confinamento dos grupos organizados nos setores superiores Norte e Sul, localizados atrás dos gols. No estádio que tinha a circulação livre, exceto em clássicos, passou a existir um modelo de assento numerado e vigilância repressora.

Maracanã. “O Maraca é nosso” o objetivo era a reapropriação popular do equipamento de uso coletivo que representa um bem simbólico para a identidade do carioca.



Figuras 28 e 29 - Organizadas nos setores Sul e Norte do Maracanã. Acima setor Sul torcida do Fluminense, Abaixo setor Norte torcida do Flamengo. Identificação pelas bandeiras. Fonte: A autora, 2017

Finda a *geral* e com o controle das *Organizadas*, o Maracanã comporta atualmente um híbrido resultante da combinação entre as práticas adotadas principalmente entre as *Organizadas* tradicionais e os movimentos populares de torcedores.

Com as ausências e/ou suspensões em alguns momentos de antigas torcidas organizadas, como a *Young Flu*, *Raça Rubro-Negra*, *Torcida Jovem do Flamengo*, *Força Jovem Vasco*, *Torcida Jovem do Botafogo* e *Fúria Jovem do Botafogo* em 2015, outras torcidas surgiram como a *Loucos pelo Botafogo*, *Bravo 52* e *Guerreiros do Almirante*. Além dessas, a torcidas *chopp* e *rastas* vêm conquistando adeptos e simpatizantes nos novos modos de torcer. (FERREIRA, 2017).



Figura 30 - Torcida Rasta do Vasco no Maracanã – Detalhe para a bandeira com a ilustração do cantor Bob Marley. Fonte: www.netvasco.com.br, 2015

Até o final de 2015 nos setores laterais e nas porções inferiores Norte e Sul “não era permitido sequer repousar os pés sobre o encosto do assento à frente, nas porções superiores, as cadeiras sofreram um processo de refuncionalização servindo como ‘degraus’ especialmente para os frequentadores posicionados imediatamente atrás das bandeiras e trapos.” (FERREIRA, 2017, p. 170).



Figura 31 - Controle aos torcedores do nível 1, à esquerda, e livre refuncionalização nos níveis 2 e 5, à direita. Fonte: Ferreira, 2017

Além da reorganização das torcidas organizadas e populares, o século XXI viu nascerem outros tipos de torcedores que hoje também são parte do espetáculo e tentam em alguma medida se territorializar e se apropriar do espaço: torcedor avulso e sócio-torcedor.

E torcedor avulso é aquele que frequenta o estádio sem vínculo com qualquer torcida. Se antes ele era o “estranho” por torcer pelo time de forma discreta e passiva, hoje ele é o principal exemplo do que se almeja no estádio, ou seja, ele é o objeto de desejo dos administradores das arenas. Ele não é presença constante nos jogos e paga o preço por pertencer ao médio e alto poder aquisitivo.

Já o sócio-torcedor, que surgiu após conflitos na década de 1990, principalmente ao que se chamou “Batalha do Pacaembu”³⁷, é a figura que paga uma quantia mensal e tem acesso a uma série de benefícios, como pagar menos para assistir aos jogos. O objetivo, além de um torcedor mais elitizado, é potencializar a renda dos clubes mediante uma fonte de arrecadação contínua ao fidelizar o torcedor com a instituição.

Tendo em vista os “novos” tipos de torcedores, Ferreira (2017) construiu algumas taxonomias³⁸ a partir de seu trabalho geográfico e etnográfico no Maracanã reformado/reconstruído para a Copa do Mundo em 2014³⁹, a fim de auxiliar na apreensão da mudança que as torcidas estão sofrendo - e sofrem - com as diversas alterações que acontecem, seja da estrutura física, de valores de ingressos etc. O

³⁷ Confronto envolvendo policiais e torcedores de São Paulo e Palmeiras após a final da Taça São Paulo de Futebol Junior. Como resultado, a morte do torcedor alviverde Márcio Gasparin e 102 pessoas feridas. Após a tragédia, principalmente no estado de São Paulo, os núcleos organizados sofreram uma intensa perseguição por parte de juizes e promotores. Podemos citar a extinção da *Mancha Verde* (Palmeiras), uma das protagonistas da barbárie, como a ação de maior impacto. (FERREIRA, 2017, p. 176)

³⁸ Segundo o dicionário Aurélio (2010) taxonomia quer dizer a ciência que se dedica à classificação e distribui sistematicamente em categorias. Essa definição se restringe ao conceito linguístico, mas aprofundando mais no conceito, taxonomia pode ser epistemologicamente entendida como parte da biologia que descreve, identifica e classifica os organismos em grupos ou individualmente. O estudo do torcedor tem relação mais próxima com a psicologia enquanto indivíduo e com a sociologia enquanto unidade coletiva, mas apropriando do conceito biológico, a taxonomia do torcedor é aquele que mais se aproxima dos organismos em grupos ou individual dentro de cada grupo, ou seja, não é dissociado do coletivo ao qual o estádio é o congregador.

³⁹ Ferreira se inspirou em Richard Giulianotti (2012) que criou taxonomias que abordam o impacto mercantil do futebol nas identidades torcedoras a partir da década de 1960 e construiu um modelo baseado em combinações prováveis entre duas oposições binárias: quente/frio (importância da relação do torcedor com o clube para a formação da identidade do indivíduo) e tradicional/consumidor (grau de investimento emocional e/ou financeiro do indivíduo em um clube). A partir disso, o autor propôs quatro tipos ideais de torcedores: fanáticos (tradicional/quente), seguidores (tradicional/frio), fãs (quentes/consumidores) e flâneurs (frios/consumidores). Por meio de um aspecto mais sensível, o autor Jean-Michel Roux (2014) também lançou taxonomias, tendo como base estádios europeus. Para o autor ir ao estádio é uma experiência sensível que depende de vários fatores, principalmente da tipologia do público. Ele divide o público em três categorias: espectador, torcedor e fã.

objetivo das taxonomias, mais que classificar e categorizar os torcedores é, entender como esses personagens se adaptam e se reorganizam balizados por uma grande paixão: o futebol.

As categorias que formam essas taxonomias são: *torcedor-artista*, *espectador clássico*, *espectador-ator* e *torcedor-ator*. O primeiro deles, o torcedor-artista, se subdivide em cinco categorias, a saber: *torcedores coletivizados*; *satélites*; *pós-geraldinos*; *defensores do território*; e *torcedores caricatos*.

- **Torcedor-artista coletivizado**: os coletivizados são os torcedores membros das torcidas organizadas. São aqueles que levam faixas, bandeiras, instrumentos etc, embora alguns desses materiais sejam proibidos vez por outra pelo envolvimento dos membros em confrontos violentos. Eles entoam cânticos próprios e tem seu próprio material, como camisas e bandeiras. Eles são parte do espetáculo.

- **Torcedor-artista satélite**: os satélites são pessoas que se posicionam juntamente às torcidas organizadas, mas não são parte efetiva dela. Eles gostam da ambiência do lugar das organizadas. Ele frequenta o estádio com certa regularidade e mantém-se fiel a determinada localização. Ele traça normalmente o uniforme da equipe em que apoia. Ele normalmente sabe os cânticos da torcida organizada onde está situado. O diferencial é que se sentem livres para romper o “contrato” caso alguma atitude o incomode.

- **Torcedor-artista pós-geraldino**: os espaços inferiores dos setores Norte e Sul (e por vezes setor Leste) foram tomados por torcedores que assistem a partida de pé, esses são os pós-geraldinos. Em um primeiro, momento eles foram repreendidos, porém atualmente eles estão cada vez mais em maior número.

- **Torcedor-artista defensor do território**: em jogos com forte apelo de público há o transbordamento da torcida anfitriã para os subsetores localizados na extremidade oposta, posicionados entre a torcida visitante e um setor misto. Nesse local aparece a figura do defensor do território que assemelha-se ao pós-geraldino. Ele surge na ausência da torcida organizada mais aguerrida e toma para si a defesa do local contra o adversário. O seu local é junto à grade de separação com a torcida visitante e dedicam boa parte do tempo provocando o rival. São torcedores avulsos “com alma” por defenderem o território.

- **Torcedor-artista caricato**: os caricatos tem presença recorrente nos jogos e chamam atenção pelo figurino. São apaixonados pela equipe e se tornam muitas vezes em torcedores-símbolo de seus clubes. São também parte do espetáculo.

Durante a partida, eles se mesclam entre o posicionamento frente às câmeras de televisão e apoiar a equipe. Normalmente estão localizados nas primeiras fileiras do nível 1 dos setores Norte e Sul.

- **Espectador clássico:** esse público prefere assistir às partidas distantes de manifestações corpóreas de maior impacto visual, sem barreira física ou humana que atrapalhe a sua experiência no estádio. Estão em quase todos os setores, mas concentram-se mais nos setores Leste e Oeste. Seu objetivo é apoiar o time do coração, concentrando-se no desenrolar da partida. Manifestam-se corporeamente em momentos de euforia ou descontentamento. Criam vínculos temporários com pessoas desconhecidas. Costumam ir sozinhos ou acompanhados de familiares ou amigos.

- **Espectador-ator:** é o público componente de não torcedores. São indivíduos poucos afeitos à essência do esporte. São normalmente os excluídos do antigo estádio “violento” e segregador, como mulheres e crianças. Encaram a ida ao estádio como um evento social, em um ambiente limpo, seguro e confortável. São os adeptos das *selfs* e das redes sociais. Usam normalmente as cores dos times que estão torcendo, mas normalmente a sua ligação com o futebol é desenraizada, sem identificação clubística. Costumam ser encontrados frequentemente durante partidas de grande interesse de público ou em jogos contra adversários com pouco ou nenhum grau de rivalidade.

- **Torcedor-ator:** este último não foi retratado, pois o autor focou a pesquisa em jogos do cotidiano, sendo essa figura constante nos jogos dos megaeventos esportivos que aconteceram em 2014 e 2016. Na ocasião era o personagem com espírito festivo, fantasiando e carregando adereços.

Mesmo com as classificações, o Maracanã, enquanto equipamento construído dotado de um “espírito do lugar” sempre passará por alterações e os torcedores estarão sempre em processo de adaptação. É cíclico e constante. Abordaremos detalhadamente sobre o tema no quarto e quinto capítulo do presente trabalho.

TERCEIRO CAPÍTULO: ESQUEMA TÁTICO

No terceiro capítulo, buscamos tratar da fundamentação metodológica da tese. O título - “esquema tático” - faz alusão àquilo que, no futebol, diz respeito à forma como o time se dispõe em campo e às táticas de jogo. Logo, vislumbramos esmiuçar todo o direcionamento metodológico e conceitual da pesquisa. Como se trata de uma pesquisa pautada de uma análise empírica faz-se necessário que esta primeira parte situe a problemática em seu contexto.

Como principal conceito norteador do presente trabalho, aludimos à ambiência, que nos orienta através da análise do sujeito situado no espaço físico e nos aportes sensíveis que têm interdependência com o corpo situado e os movimentos/envolvimentos impetrados no lugar. Para uma melhor percepção do pesquisador sobre esse tema, torna-se necessária uma imersão nessa atmosfera e demonstrar como ela se mostra essencial no processo de ressignificar.

Uma ambiência só pode ser percebida e descrita, a partir da experiência, tanto do usuário quanto do pesquisador, como afirma Duarte (2007). No campo da arquitetura e do urbanismo, o estudo das ambiências possibilita novos caminhos para a reflexão e construção de metodologias de pesquisa pautadas na participação ativa dos sujeitos, agindo e modificando a atmosfera pesquisada.

Diante disso, buscamos primeiramente mergulhar no campo de pesquisa através da etnografia e da análise etnotopográfica, sendo esta última um conjunto de métodos criados pelo LASC, que tomam as bases das ciências sociais para interpretar as relações de um grupo sociocultural com base e suporte no espaço construído. Em seguida, contextualizamos o Arquivo Mnemônico do Lugar, bem como a sua adaptação que utilizamos para a extração de metáforas que conduzem a nossa análise. Por meio desses dois métodos, lançamos extratos para a compreensão dos processos de reinserção do torcedor no novo estádio.

3.1 Método etnográfico e análise etnotopográfica

Um dos caminhos metodológicos utilizados na apreensão da ambiência é a etnografia. Segundo Laplantine (2004), a etnografia é uma atividade decididamente perceptiva, buscando, numa abordagem microssociologia, observar o mais atentamente possível tudo que encontramos, sobretudo, os comportamentos mais banais.

Uma ambiência leva a refletir sobre tipos de experiência, percepção e ação em determinados contextos, ou seja, uma ambiência é necessariamente apreendida, no ambiente construído, nos fenômenos sensoriais e nas ações contínuas das pessoas que a tornam possível (DUARTE et. al., 2007). Assim, a utilização da etnografia como método possibilita uma maior compreensão do objeto de estudo pautado nas condutas, nas vivências e nas relações estabelecidas pelos diferentes grupos com uma ambiência, afirma Melo (2013).

Para Geertz (1978), praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante, mas também efetuar o esforço intelectual gerado por estas ações. Logo, fazer a etnografia é tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos pelo comportamento dos sujeitos e, no final de tudo, traduzir tudo isso para uma descrição profunda e detalhada do objeto pesquisado.

Assim, afirmar que a etnografia é parte de uma descrição densa, como afirma Geertz (1978), é vislumbrar teias de significados tecidas pelos próprios grupos, requerendo uma análise cultural em busca de interpretações.

Nosso intento ao adentrarmos no método etnográfico para a pesquisa empírica no Maracanã é poder vivenciar com os torcedores os sentimentos causados pela abrupta mudança no estádio ocorrida para a Copa de 2014. A etnografia possibilita que as pessoas nos coloquem em suas relações com seus grupos, seus locais de moradia ou de visitação, quando nos infiltramos em seu cotidiano e, assim, participamos de seus encontros e de sua sociabilidade. (MAGNANI; SOUZA, 2007).

Além da etnografia, utilizamos a análise etnotopográfica que consiste no desdobramento do método etnográfico para uma “etnografia espacial”. Em pleno desenvolvimento pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura, LASC, a metodologia visa, por meio de instrumentos voltados para a interpretação e

conhecimento de ambientes construídos, apreender usos, valores e significados dos mesmos em uma sociedade.

Segundo Duarte et. al. (2007), por meio da criação de ferramentas que têm base no leque interdisciplinar das ciências humanas, porém adaptadas à linguagem e à sensibilidade próprias a pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo, a análise etnotopográfica busca analisar “a configuração dos atributos do espaço a fim de estabelecer os tipos identitários dos significados e das imagens urbanas coletivas assim como para a compreensão do espaço enquanto materialização das culturas, subjetividades e projetos de vida” (p. 4). As principais características da análise etnotopográfica e que a diferenciam da análise etnográfica, são primeiramente, relacionar uma aplicação de estudos de um grupo sociocultural em um determinado lugar, com base e suporte no espaço em si e, em seguida, usar resultados gráficos e visuais passíveis de serem interpretados pelo pesquisador das áreas de arquitetura e urbanismo.

Buscamos aplicar, no presente trabalho, a análise etnotopográfica como principal ferramenta de investigação dos sujeitos enquanto torcedores na Arena Maracanã. Queríamos, em campo, nos misturar aos mais diversos aficionados, de todos os clubes cariocas que usam o estádio como sede de seus jogos para entender a relação de cada um deles – em seus grupos ou separados – com o espaço futebolístico. O nosso desejo era desvendar todos os pormenores do contato direto com um lugar novo e reformado, mas atrelados à mesma paixão pelo time do coração.

Vinculamos a análise etnotopográfica à observação participante que, em pesquisa de cunho social, são métodos intercambiáveis. Segundo Melo (2013) na etnografia, o ato de observar de forma participativa e atuante é muito importante, pois, a partir dessa iniciativa, é possível o pesquisador estar a par das vivências de pessoas.

Segundo Atkinson e Hammersley (1994), toda pesquisa social é uma forma de observação participante, porque não é possível estudar o mundo social sem ser parte dele. Logo, a observação participante não é uma técnica específica, mas um modo de estar-no-mundo característico dos pesquisadores.

A Observação Participante consiste no “exame” minucioso de sujeitos em um determinado contexto com o objetivo de descrevê-lo dentro de um contexto onde o próprio pesquisador desempenha um papel. Segundo Becker (1999), não se trata de

uma observação comum, mas voltada para uma descrição de um problema previamente definido.

Para Becker (1999), a Observação Participante parte do pressuposto que há muitos elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala ou da escrita. Os ambientes, os comportamentos individuais e grupais, a linguagem não verbal, a sequência e a temporalidade da ocorrência dos eventos são fundamentais para a interpretação posterior dos problemas levantados.

Para a nossa pesquisa, utilizamos a observação a partir do momento que nos misturamos aos torcedores e fomos aceitos nesse papel. A partir desse momento, tentamos nos ater a inquietações sobre as possibilidades de resignificação, reapropriação e os novos usos do estádio.

Tudo isso foi escrito em um caderno de campo. Segundo Brasileiro et al. (2008), nesse caderno, o pesquisador também anota as suas emoções e sensações, pois não é possível manter a neutralidade em relação ao que se está observando.

Vemos assim que, como em toda a etnografia, o pesquisador não é isento. É ele quem analisa a partir de suas próprias interpretações e sensibilidade. Contudo, embora o pesquisador não consiga se manter distante emocionalmente, é importante que ele seja o menos influente possível, pois somente assim será possível captar todas as informações necessárias e poder compreender a realidade dos membros do grupo.

Como parte da observação participante empregada na pesquisa de campo, tornou-se necessária a utilização de entrevistas não-formais com os torcedores, para que pudéssemos ter mais conteúdo e clareza sobre os novos usos do estádio. Sabemos que a observação participante enquanto método consiste em um estar-entre os sujeitos em análise e o que surge desse aprofundamento gera material capaz de apreendê-los com relação ao espaço ou local de convivência. No entanto, notamos a necessidade de captar fragmentos mais direcionados dos envolvidos no estádio, por isso usamos essa ferramenta de entrevista como suporte.

3.2 Quadro de relatos – inspirado no Arquivo Mnemônico do Lugar

Uma das ferramentas usadas neste trabalho teve inspiração no “Arquivo Mnemônico do Lugar” sem, no entanto, segui-lo em sua totalidade, uma vez que esse

arquivo é uma metodologia que capta a memória da cidade. Em nosso caso, queríamos conhecer os significados e [re]significados e, para tanto, interessava-nos observar as ideias que surgiam dos relatos dos nossos informantes.

Cabe informar que o Arquivo Mnemônico do Lugar é uma ferramenta criada pelo LASC a partir dos estudos de Uglione (2008) e vem sendo aperfeiçoado com a utilização em diversas pesquisas de campo. Segundo Uglione e Duarte (2012), o Arquivo Mnemônico do Lugar é “baseado na escrita de história a partir de espaços construídos de uma cidade” (s/p). A ferramenta trata da condição inexata da memória dos lugares, vislumbrando que todo lugar é “inventado” construído pela força significadora da subjetividade. É através desta “invenção” que as Narrativas dos Lugares trazem a força comunicadora da memória das ambiências a partir do momento que são lembrados. Trata-se de um conjunto de intervenções metodológicas que visam potencializar o “trabalho” da memória, incluindo-se, no processo metodológico, a interpretação discursiva enquanto tarefa fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais e humanos. Em seu processo, ela mobiliza a participação das pessoas, potencializando afetos e condutas de apropriação em relação aos lugares e requer interpretação discursiva como fundamento para a compreensão dos fenômenos sociais e humanos; em seu produto lança mão de um material narrativo que “expressa a importância, as significações, as formas de uso dos lugares para as pessoas, e que explicita o caráter social, psicológico e coletivo das construções dos significados dos produtos.” (UGLIONE; DUARTE, 2012, p. 2). Pode ser entendido como uma ferramenta não normativa e não conclusiva, ou seja, não oferece padrões ou regras acerca dos lugares, contudo ela pode oferecer importantes indicadores para reflexões acerca dos sentidos e significados dos lugares para as pessoas, o que a torna uma ferramenta rica e válida para a arquitetura e para o urbanismo, entre outros campos de estudos dos lugares.

O Arquivo Mnemônico do Lugar pauta-se sobremaneira nas conceituações psicológicas acerca da memória, preconizadas por Sigmund Freud, destacando-se a compreensão da memória como "máquina de escritura", teorizada pelo autor. Uma máquina que é ativada frente a uma tarefa de rememoração, por exemplo, quando a alguém é solicitado que fale de suas lembranças sobre um determinado lugar. A partir deste momento, de uma demanda de recordações, um complexo processo de organização e reorganização de traços mnemônicos seria ativado, remontando os arquivos que comporiam a memória. Para Freud (1891), o psiquismo seria uma máquina de memória, ou seja, reorganizar arquivos (de afetos, imagens,

pensamentos) seria o incessante e fundamental trabalho humano de dar sentido e significado para a realidade vivenciada.

A ferramenta se utiliza de relatos (re)escritos pelo pesquisador/ouvinte sobre lugares específicos de uma cidade, a partir de relatos orais contados por narradores presentes na cidade. Percorrendo as metáforas presentes nos depoimentos dos narradores, tomadas a partir das “zonas de sombra”, as ambiências lembradas suscitadas através das lembranças e fazem surgir os valores e significados dos lugares da cidade. (UGLIONE, 2008).

Essa ferramenta foi criada a partir do pressuposto que existe sempre duas histórias possíveis dos lugares: uma contada pela positividade das narrativas, as Histórias do Lugar e outra pela negatividade ou invisibilidade, as Histórias Silenciosas do Lugar. Ainda é possível achar histórias por ambiguidade, pois os relatos ou perpassam pelos dois caminhos ou são entendidos como neutros.

A tônica sempre será a reverberação das falas dos sujeitos. Logo, todo o processo de investigação e montagem do Arquivo perpassará por aquilo que mais foi relatado e se fortaleceu na narrativa.

A ferramenta segue as seguintes etapas: definição do lugar; rememoração, registro de traços, construção de narrativas, filtragem e organização dos traços. Por meio da marcação dos traços no texto, é possível, de forma gráfica, analisar o contexto das narrativas urbanas que emergem das falas dos habitantes.

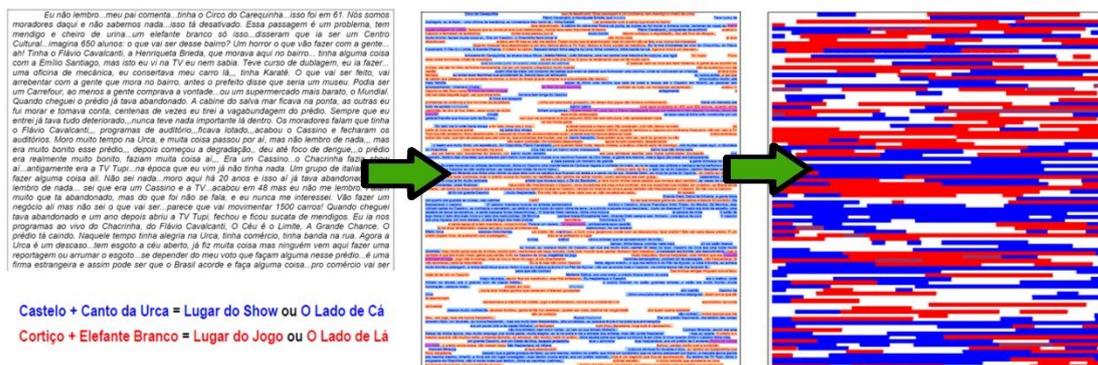


Figura 32 - exemplo do arquivo mnemônico do Lugar. Fonte: Uglione, 2008

3.2.1 Quadro de relatos

Da mesma forma que no Arquivo Mnemônico do lugar, tratamos nossa pesquisa da condição inexata dos lugares acreditando que todo lugar é “inventado”, construído pela força significadora da subjetividade. Ademais, entendemos que a ambiência, nosso conceito-chave, pode ser apreendida em um lugar outrora apropriado, mas modificado por reformas. Buscamos, assim, observar os relatos sem autoria dos informantes, transformando as entrevistas em uma massa polifônica e buscando averiguar a presença de traços.

Usamos a técnica do agrupamento de relatos em um quadro único e, assim como no Arquivo Mnemônico do Lugar, buscamos identificar as ideias e metáforas mais significantes que emergiram do texto.

Apesar de não trabalharmos com a memória nem de recorrer à realidade subjetiva da cidade, foi possível captar fragmentos e traços e percorrer as metáforas presentes nos depoimentos. Essas ideias repetidas e constantes que emergiram dos relatos nos permitiram escolher metáforas que apontam para a relação dos torcedores com o Maracanã. De fato, segundo Uglione (2008), o sujeito faz uma ascensão ao simbólico por meio da linguagem e assim constrói a sua verdade.

Os procedimentos utilizados com base nessa ferramenta metodológica são:

1 – escolha do Lugar

2 – abordagem dos sujeitos por meio de perguntas e conversa informal entre desconhecidos. Apresentação do contexto e dos objetivos da pesquisa. Abordagens individuais e sem determinantes da duração dos diálogos. O número dos sujeitos segue critério subjetivo de saturação dos relatos.

3 – captura dos relatos – construção de narrativas

4 – registro de traços. Registro dos relatos dos entrevistados com base na reverberação, ou seja, aquilo que se repete com muita frequência nas falas. Frases soltas que são aglomeradas todas juntas em único texto.

5 – identificação das ideias principais e metáforas – filtragem através de uma busca pelas metáforas presentes, bem como pelos traços a elas relacionados. Tais metáforas são realçadas e o restante do texto é eclipsado do primeiro plano do arquivo por meio de fonte branca em frases e palavras.

6 – análise dos significados que emergiram dos relatos

Posteriormente, criamos os extratos metafóricos com base nos metáforas e fragmentos a elas relacionados. As descrições e análises foram desenvolvidas com base nessas metáforas, porém havendo a interposição das anotações originadas com as observações de campo realizadas a partir da análise etnotopográfica. Os referidos extratos foram essenciais na busca por respostas sobre os significados atribuídos pelos frequentadores ao Maracanã novo e ao antigo estádio.

A etimologia da palavra extrato é *uma pequena parte que pode ser retirada de um texto, passagem, resumo, trecho ou fala*. No caso da pesquisa em questão, utilizamos a palavra extrato como uma *síntese, ideia ou essência* do que emergiu da reverberação da fala dos envolvidos, evidenciado como a ideia principal das narrativas sobre o significado do Maracanã. Aos extratos surgidos, demos o nome de extratos metafóricos, pois metáforas são figuras de linguagem que representam analogias que substituem um termo, e, neste caso, fazem analogia com um sentimento que representa o estádio do Maracanã.

Como é possível perceber, foi-nos inteiramente essencial aliar as observações de campo com as entrevistas, pois a reunião dos fragmentos que surgiram puderam ser aglomerados em diferentes temas, uma vez que o vislumbrado em nosso universo da pesquisa foi extenso e complexo, exigindo uma exposição mais detalhada.

Buscando resumir, dessa forma, os ecos das narrativas. Por essa razão, optamos pelo extrato, pois é parte de um todo, mas que nos traz um significado grandioso, no qual os gritos, as explosões e sensações, após emanados, restavam em fragmentos traduzidos em palavras e sentimentos semelhantes.

Para chegarmos aos extratos empregados, usamos palavras que se repetiam e que em alguns momentos eram igualmente comuns nos diversos comentários dos informantes. Para os extratos metafóricos, nos amparamos em Uglione (2008), que atesta que a metáfora numa narrativa sinaliza tanto o que foi significativo nas vivências, mas que foi reprimido, quanto “efeitos de sucesso” da memória, pois a metáfora é um traço que consegue na sua repetição se conectar às inscrições psíquicas e chega “encadeada” na consciência atribuindo significações do lugar. Segundo a autora: “A metáfora é uma ‘invenção’ do inconsciente para garantir a simbolização de um traço, até então, ‘apagado’ na memória” (2008, p. 67).

Como veremos mais adiante em nosso estudo de caso, os extratos foram batizados como: *Campo de Batalha; Lugar Mágico; Colosso; Teatro de Sonhos e*

Emoções e Engomadinho. A análise desses extratos será apresentada no quarto e no quinto capítulos.

3.3 Pesquisa de Campo

Ao longo da pesquisa de campo, foram pesquisados 15 jogos espaçados entre os anos de 2016 e 2017 com a utilização das ferramentas etnotopográficas descritas no capítulo anterior, além de 26 entrevistas com os mais diversos frequentadores, presentes no momento da análise, dentro ou fora do estádio.

Os 15 jogos frequentados foram:

- Fluminense x Atlético PR, no dia 11 de novembro de 2016 (C.B.)⁴⁰
- Flamengo x Santos, no dia 27 de novembro de 2016 (C.B.)
- Fluminense x Atlético MG, no dia 20 de agosto de 2017 (C.B.)
- Fluminense x Vasco, no dia 27 de agosto de 2017 (C.B.)
- Flamengo x Cruzeiro, no dia 07 de setembro de 2017 (Co.B.)⁴¹
- Fluminense x LDU, no dia 14 de setembro de 2017 (Co.S)⁴²
- Flamengo x Fluminense, no dia 12 de outubro de 2017 (C.B.)
- Fluminense x São Paulo, no dia 18 de outubro de 2017 (C.B.)
- Fluminense x Flamengo, no dia 25 de outubro de 2017 (Co.S)
- Flamengo x Vasco, dia 28 de outubro de 2017 (C.B.)
- Fluminense x Bahia, no dia 29 de outubro de 2017 (C.B.)
- Flamengo x Fluminense, no dia 01 de novembro de 2017 (Co.S)
- Fluminense x Ponte Preta, no dia 20 de novembro de 2017 (C.B.)
- Flamengo x Júnior Barranquilla, no dia 23 de novembro de 2017 (Co.S)
- Fluminense x Sport, no dia 25 de novembro de 2017 (C.B.)

⁴⁰ Campeonato Brasileiro

⁴¹ Copa do Brasil

⁴² Copa Sul-Americana

As 26 entrevistas seguiram a premissa de serem realizadas preferencialmente dentro do estádio, em momentos antes do começo da partida. Entretanto, houve momentos em que se tornou mais oportuno entrevistar fora do estádio e outras vezes no intervalo do jogo. Abaixo é apresentado o quadro das pessoas entrevistadas. Optamos por usar siglas dos nomes de alguns sujeitos de nossa pesquisa a fim de preservarmos as suas identidades, uma vez que isso constava como garantia no termo de consentimento livre e esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa.

Quadro 1 – Relação das pessoas entrevistadas no Maracanã⁴³

Entrevistado(a)	Idade⁴⁴	Sexo	Frequência no Maracanã (em anos)⁴⁵
F.C.	54 anos	Masculino	~ 35 anos
A.M.	52 anos	Masculino	~ 35 anos
C.A.C.	49 anos	Masculino	~ 30 anos
A.O.	42 anos	Masculino	34 anos
W.J.	33 anos	Masculino	17 anos
P.H.	36 anos	Masculino	18 anos
L.H.	29 anos	Masculino	Segunda vez no estádio
A.L.	49 anos	Feminino	42 anos
R.L.	53 anos	Masculino	~ 45 anos
R.F.L.	53 anos	Masculino	~ 45 anos
G.A.	69 anos	Masculino	~ 50 anos
A.R.	56 anos	Feminino	~ 20 anos

⁴³ As pessoas listados contribuíram com entrevistas pontuais para a pesquisa, no entanto, além das pessoas relacionadas, houve conversas informais com torcedores durante os jogos.

⁴⁴ No período da entrevista

⁴⁵ Alguns respondentes não souberam precisar com exatidão há quanto tempo frequenta o Maracanã.

P.P.	32 anos	Masculino	20 anos
V.F.	36 anos	Masculino	~ 15 anos
W.N.	18 anos	Masculino	Primeira vez no estádio
E.R.	60 anos	Masculino	~ 35 anos
M.A.	56 anos	Masculino	38 anos
R.S.	28 anos	Masculino	18 anos
R.F.	25 anos	Feminino	9 anos
R.D	32 anos	Masculino	~ 20 anos
C.A.	54 anos	Masculino	~ 45 anos
B.M.	58 anos	Feminino	50 anos
P.M.	24 anos	Masculino	17 anos
M.C	60 anos	Masculino	~ 50 anos
L.S	20 anos	Feminino	8 anos
O.C	64 anos	Masculino	60 anos

Além das ferramentas principais acima descritas, foi necessário o uso de outras metodologias que auxiliaram na captação da ambiência. Os recursos fotográficos também foram utilizados, a fim de captar gestos, manifestações e olhares e fornecer informações que nem sempre são captadas pelos “olhos nus”. Como afirma Brasileiro et. al. (2008), as fotografias são “olhos do pesquisador”, capturando detalhes que por vezes são despercebidos em decorrência dos limites temporais que a pesquisa sempre impõe. Foram feitos 609 registros fotográficos fora e dentro do estádio.

Usamos também gravações de áudio e vídeo para a posterior análise das informações fornecidas pelas entrevistas, bem como coleta de imagens. Foram aproximadamente 40 minutos de filmagens e 3 horas de gravações.

Nos próximos dois capítulos, partimos efetivamente para a parte empírica deste trabalho. Colocamos em campo o nosso time e as fundamentações até aqui descritas e expostas a fim de que possamos responder às nossas questões e comprovar a nossa hipótese. Mergulhamos no Maracanã e principalmente em sua ambiência sensível na qual todos e tudo fazem parte e nos envolve, dando sentido ao lugar e aos trâmites que ali se desenrolam. E o juiz apita o início da partida.

QUARTO CAPÍTULO: PRIMEIRO TEMPO

E o juiz apita a partida. É o começo de jogo e o primeiro tempo tem início. Serão 45 minutos, e talvez mais algum tempo de acréscimo até que seja anunciado o intervalo e as equipes adentrem o vestiário juntamente com a equipe técnica para uma conversa sobre os rumos que a disputa deverá tomar, dependendo do placar em questão.

Da mesma forma, neste capítulo, “jogamos o jogo”, ou seja, entramos na nossa análise de campo e buscamos delinear e caracterizar o nosso objeto empírico. Nesse primeiro momento, nos atemos às metáforas a partir da adaptação da ferramenta Arquivo Mnemônicas do Lugar e extraímos cinco metáforas e uma representação gráfica.

Em seguida, descrevemos como percebemos a ocupação no novo Maracanã e breves relatos de como está o estádio pela ótica dos torcedores. Essas primeiras análises servem como parâmetro para entendermos mais profundamente como os torcedores estão experienciando o novo espaço e atribuindo (ou não) significado.

Essa análise demandou constante idas ao estádio e algumas conversas com os torcedores. Optamos por não categorizar⁴⁶ estes últimos, pois acreditamos que cada um que encoraja dentro do palco do futebol é compreendido como uma célula do todo, da ambiência que corta e compõe o recinto, por isso focamos em atentar para a reverberação das narrativas.

⁴⁶ As taxonomias citadas no segundo capítulo nos servem como orientação de análise e não como suporte para caracterização e categorização dos ocupantes do estádio.

4.1 Características de ocupação do novo Maracanã

Antes de adentrarmos em nossos extratos metafóricos, sentimos a necessidade, após a nossa pesquisa de campo, de explicar o que compreendemos sobre as lógicas de ocupação do Maracanã e de seu entorno. Acreditamos que essas observações são essenciais para darmos prosseguimento às análises.

Como o Maracanã sedia jogos do Flamengo e do Fluminense em sua maioria⁴⁷ desde 2013, os espaços são consequentemente mais demarcados por essas duas equipes. Segundo determinação do consórcio Maracanã, o Setor Sul é destinado ao Fluminense e setor Norte ao Flamengo. Setores Leste e Oeste são mistos em clássicos e têm gratuidades em jogos com um único mandante.

Essas reocupações seguiram certa lógica do passado⁴⁸, pois a torcida do Fluminense ocupava a porção correspondente ao atual setor sul e a torcida do Flamengo o que corresponde ao setor norte. Isso acontecia somente em clássicos, dado que em jogos em que os adversários não eram rivais diretos, era possível circular por todo o anel do Maracanã onde ficavam as arquibancadas. Atualmente, não é mais permitido circular em toda circunferência do estádio.

Munidos dessas informações, percebemos na pesquisa de campo que novos territórios se sobrepuseram aos antigos territórios demarcados no Maracanã do passado⁴⁹. Isto é, os espaços de outrora foram descontinuados e assim foram criados múltiplos territórios que aos poucos vão sendo demarcados novamente e fixados no espaço. Acreditamos, por essa razão, que as reocupações foram obedecendo a uma lógica que não se desfez totalmente na memória do torcedor, como em um palimpsesto onde as escritas antigas nunca foram totalmente apagadas e interferem na nova escrita.

Para iniciar a descrição de cada setor, destacamos o setor Oeste, onde fica o Maracanã Mais, Oeste inferior, os camarotes e as cadeiras cativas. Esse setor, devido

⁴⁷ Os times de elite carioca correspondem a Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo. Esses dois últimos sediam seus jogos no estádio de São Januário e no estádio Nilton Santos (Engenhão) respectivamente. O Flamengo sedia jogos no estádio Luso Brasileiro quando tem um público menor e em jogos que não são decisivos. O maior ocupante do Maracanã na atualidade é o Fluminense.

⁴⁸ A lógica de ocupação foi de certa forma mantida, mas o estádio foi totalmente reformulado. As torcidas ocupam parte do território do passado, isto é, na mesma porção espacial, mas atualmente o aspecto físico do Maracanã corresponde a um layout diferente de sua primeira formatação ou reformas progressas a 2010.

⁴⁹ Como abordado no primeiro capítulo, território é o espaço onde se projetou trabalho, energia e informação, revelando, por consequência, relações marcadas pelo poder. Fazendo a diferenciação com o espaço, Rafestin (1993) diz que esse primeiro é a "prisão original", já o território é a prisão que os homens constroem para si.

aos modos de ocupação, é o (setor) onde as oscilações de público são maiores e é pouco utilizado. Observamos que nas cadeiras cativas as pessoas se apropriam mais pela relação longa, pois a forma de adquirir essas cadeiras foi pela compra no momento em que o estádio estava sendo construído. Essas cadeiras são repassadas entre gerações e por isso são também conhecidas como “perpétuas”.

Os camarotes são ocupados pelas pessoas que podem pagar mais caro e/ou são convidadas de empresários e da alta administração do estádio, formando assim núcleos efêmeros de torcedores. No nível inferior, ora há gratuidade em jogos não decisivos, ora se paga um preço mais alto.

Nas laterais estão as cadeiras inferiores e ao centro o Maracanã Mais⁵⁰ sendo uma parte também caracterizada pela efemeridade de público. Acreditamos que este é também o setor mais complexo do estádio, dadas as oscilações de públicos e por ser pouco utilizado.

No setor Leste, percebemos maior ocupação que no setor Oeste, embora tenha público também oscilante, principalmente pelos preços dos ingressos que ora são altos em partidas decisivas, ora são reduzidos ou há gratuidades em partidas com pouco apelo. As pessoas ocupam esse espaço e alguns torcedores são assíduos frequentadores do setor, mas a predominância é de torcedores-espectadores⁵¹ e que buscam por partidas mais decisivas.

Nos setores Norte e Sul, constatamos como os mais ocupados e os setores com preços mais populares, conforme averiguamos na pesquisa de campo (mediante observações e entrevistas e nas buscas por ingressos para frequentar os jogos). São setores com dominação prevaiente de torcedores de organizadas, uma vez que pelas normas do consórcio Maracanã, as torcidas organizadas podem estar situadas somente nos setores Norte e Sul. Por essa razão, esses espaços são os mais “animados”, já que as torcidas organizadas são as responsáveis em dar a tônica dos cânticos, sendo responsáveis por bandeiras, mosaicos, percussão e até mesmo sinalizadores ou bombas. Além disso, observamos em nossa pesquisa e nos relatos dos entrevistados, um apelo mais popular ao mesmo tempo em que aguerrido, destinando lugares aos mais aficionados.

⁵⁰ O Maracanã Mais corresponde aos assentos centrais ao nível do campo do setor Oeste, com entrada pela rampa da Uerj. Os valores dos ingressos são intermediários entre o Camarote e as cadeiras laterais do nível inferior do setor Oeste.

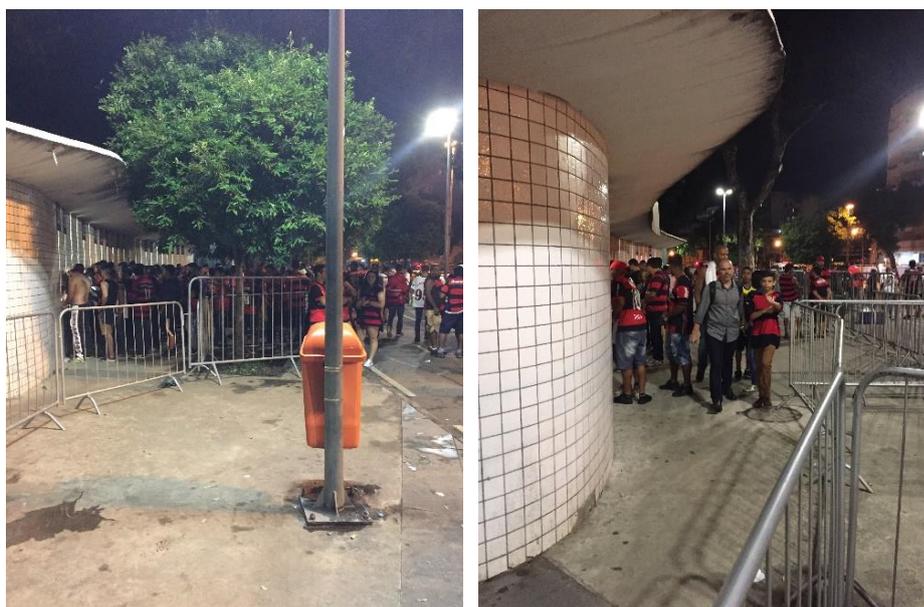
⁵¹ Como colocado mais detalhadamente no capítulo 2, torcedores-espectadores são considerados torcedores com o comportamento mais passivo.

Embora o estádio tenha se reconfigurado, os setores ainda carregam alguma mística de outrora, fragmentos ou alguns resquícios, no entanto, constatamos com a pesquisa de campo que a figura do *geraldino* foi a que mais precisou se readequar, dada a completa anulação da Geral para a reforma de 2007. Embora não exista mais arquibancada, quem gosta de torcer de pé hoje não é mais impedido nos setores Norte e Sul; quem prefere ficar sentado tem os setores Leste e Oeste com esse tipo de ocupação; mas o *geraldino* perdeu completamente a referência de seu território. Existem hoje os pós-geraldinos como atestou Ferreira (2017). Esses personagens rompem com as regras de torcer em pé bem em frente ao campo, no entanto, eles foram identificados com um perfil diferente de outrora, uma vez que o público da Geral era menos abastado, em grande parte, e pagava o ingresso mais barato. Mesmo que haja uma ocupação da mureta que separa os setores do gramado, os valores dos ingressos elevaram e o que existe é um improvisado do lugar que foi totalmente extinto.



Figura 33 - Pós-geraldinos. Fonte: própria autora

Observamos também em nossa pesquisa o entorno do Maracanã. Mesmo quando o adversário não é um inimigo direto, como nos clássicos, percebemos que há um respeito pelo território conquistado do outro. No jogo entre Flamengo x Júnior Barranquilla no dia 23 de novembro de 2017, constatamos que todas as bilheterias estavam vendendo e trocando ingressos para os flamenguistas, mas a bilheteria 1 (figura 34) estava mais cheia que a bilheteria 2. Isso acontece, pois segundo um segurança que estava à frente da bilheteria 2, normalmente é nesta mesma (figura 35) que os torcedores do Fluminense compram ingressos.



Figuras 34 e 35 - Bilheteria 1 e Bilheteria 2. Fonte: própria autora

Além disso, o entorno tem seus territórios bem demarcados, além da formação de microambiências⁵² tanto dentro desses territórios, como no espaço que circunda o edifício/monumento. As ocupações variam pelos locais onde times irão acessar. Quando o Fluminense é o mandante do jogo, os torcedores ficam em sua maioria próximos ao setor Sul, logo, as microambiências ali formadas têm cores predominantes entre verde, grená e branco, burburinhos sobre os feitos e desfeitos do time tricolor, bebedeiras em pequenos grupos, além do movimento de pessoas circulando e/ou adentrando no estádio. Um espaço territorializado pelos torcedores do

⁵² Conforme detalhamos no capítulo de fundamentações teóricas, microambiências são compreendidas por grupos de pessoas que “compartilham e/ou experimentam um mesmo acontecimento, uma mesma atividade num determinado espaço, cujas características sensitivas ajudam a proporcionar essas práticas sociais que se constituem em bordas de menor reverberação” (LIRA, p. 64, 2015).

Fluminense que se destaca é o Bar dos Torcedores, logo em frente à entrada do portão C, do setor Sul, pois tem a maior concentração dos torcedores tricolores. Nossa pesquisa detectou, em dia de jogos do Fluminense, a formação de uma microambiência paralela a esse território, pois há uma grande concentração de pessoas que bebem ao mesmo tempo em que socializam entre si, em grupos, fazendo ecoar os sons dos risos, de cânticos e cheiros diversos de comidas.



Figuras 36 e 37 - Torcedores do Fluminense ocupando o Bar dos Torcedores. Fonte: própria autora

Quando o Flamengo é o mandante, percebemos que a torcida rubro-negra também demarca seu território no entorno, sendo sua predominância no setor Norte e também em ruas próximas, como, por exemplo, na rua Moraes e Silva, que tem bares para abrigo dos torcedores antes do começo da partida formando, assim, microambiências de descontração, risos e especulações sobre a disputa que se iniciará. Em jogos decisivos e não clássicos, a torcida do Fluminense pode comprar ingressos para o setor Norte, assim como a torcida do Flamengo pode comprar ingressos para o setor Sul, como o ocorrido na Final da Copa do Brasil e na Semifinal da Copa Sul-Americana. No entanto, o torcedor rubro-negro não ocupa totalmente o Bar dos Torcedores. Isso ocorre porque o pertencimento simbólico desse bar pelos

torcedores tricolores é reconhecido por todos e, por essa razão, evidencia um *zoom*⁵³ com menos burburinhos, risos e bebedeiras.



Figuras 38 e 39 - Croqui de campo mapeando a ocupação da torcida do Flamengo na Rua Morais e Silva e foto da (pouca) ocupação no Bar dos Torcedores na Semifinal da Copa Sul-Americana. Fonte: própria autora

⁵³ Utilizamos a palavra *zoom* para descrever as microambiências, pois, etimologicamente esta palavra significa aproximar ou ampliar uma imagem. Como se utilizássemos lentes de aproximação ou ampliação, tratamos os *zooms* do estádio quando conseguimos captar e descrever pequenos grupos dentro de grupos maiores e, dessa forma, apreender as microambiências.

4.2 O Maracanã e a reforma na ótica de seus usuários

Reaberto em 2013 após a última reforma que começou em 2010, o estádio Mário Filho foi sendo aos poucos retomado por torcedores que se viam deslocados do seu “hábitat” convencional de antes, como nesse relato de A.O:

depois da reforma, a primeira vez que vim ao Maracanã foi em um jogo da Copa do Mundo. Aliás, deve ter sido o pior jogo da Copa: Rússia e Bélgica. Final 1 a 0 pra Bélgica. Mas o que mais me chamou atenção naquele jogo foi o ingresso com o lugar marcado. Enquanto procurava minha cadeira, me lembrava da almofadinha do meu pai, que ele levava e sentava onde bem entendesse. Aí entendi que esse sim, ele era um torcedor raiz! (risos) (Entrevista com A.O. concedida no dia 20/08/2017)⁵⁴.

A narrativa nos mostra que as alterações têm implicância direta na mudança da ambiência, pois o entrevistado nos aponta um jogo que não teve elementos que o cativaram, a ponto de afirmar que “deve ter sido o pior jogo da Copa”, além de evidenciar as marcas de uma atmosfera do passado como sendo melhor, ligadas às relações com os movimentos corporais do sentar “onde bem entendesse”, junto dos pares e sem o lugar marcado da cadeira. Notamos que o contraponto da almofada do pai versus a procura pela cadeira numerada reflete o impacto de tomar consciência de um passado que não volta mais, isto é, um trauma.



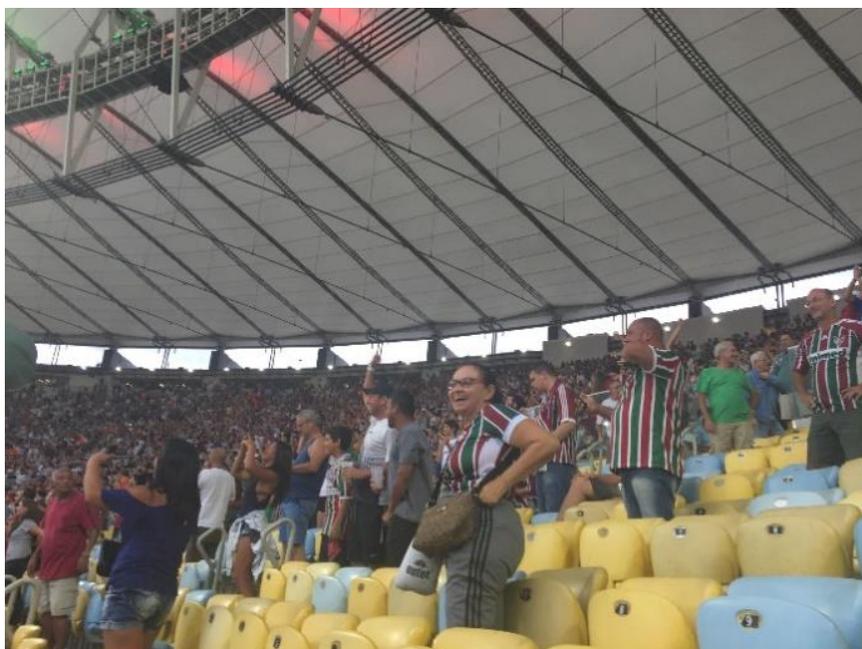
Figura 40 - Ingresso com numeração de assento. Jogo de 2013. Fonte: própria autora

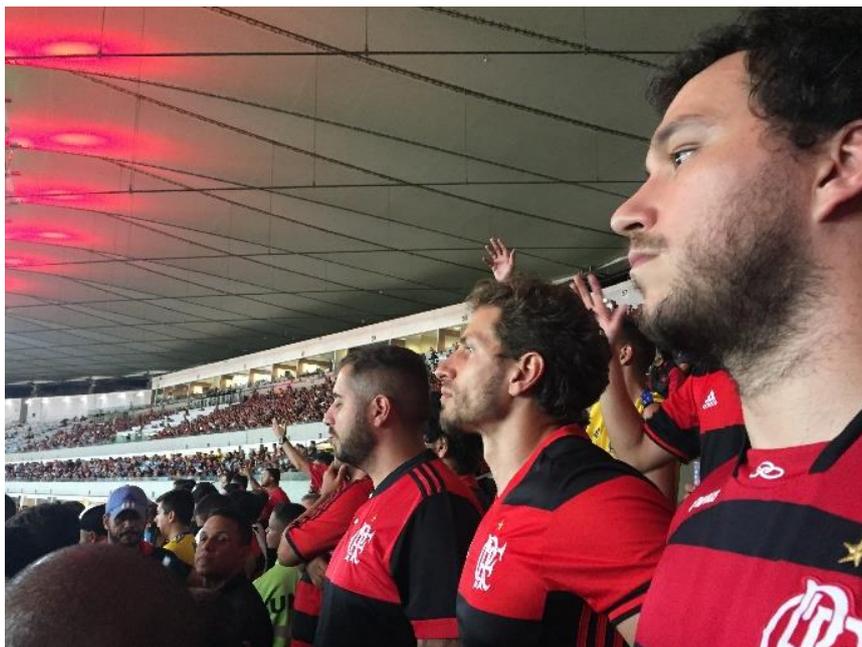
⁵⁴ Todos os fragmentos das entrevistas serão utilizados em itálico e aspas ao longo dos textos

No entanto, com o passar de alguns anos, de 2013 até 2017, a situação do estádio-arena foi se alterando aos poucos e amiúde, como observamos em campo e também com as narrativas do público. As formas de ocupação/integração com o espaço foram sendo modificadas pela corporificação dos torcedores que aos poucos conseguiam mudar as condutas nos espaços flexibilizando ou transgredindo regras, ao mesmo tempo que reterritorializando/reapropriando antigos lugares:

eu não vejo grandes alterações nas torcidas. Elas estão bem posicionadas atrás dos gols, na parte da linha de fundo. No início tinha um rigor muito duro de não poder ficar em pé na cadeira, mas de certa forma é bom, pois educa o pessoal que não depreda o estádio. Não podia ficar no corredor da escada para não interromper a passagem, mas o povo gosta de se aglomerar ao redor da banda, do batuque. A gente quer ouvir o tambor, quer ouvir a música, incentivar, cantar o coro. Isso eu acho que no início o pessoal do Maracanã era muito chato, mas agora já não tem tanto controle (Entrevista com W.J concedida no dia 27/08/2017)

Segundo Uglione (2008), a memória envolvida nesse processo e frente a esse trauma, rompe com uma identidade e começa a trabalhar em busca de novas significações para aquilo que se rompeu, nas transformações que perpassam a vida.





Figuras 41 e 42 - torcedores em pé por todos os lugares dificultando a distinção entre cadeiras, espaços de circulação, rampas etc. Setores Sul e Norte. Fonte: própria autora

Ao longo dos 68 anos do Gigante Maracanã, várias foram as modificações, principalmente na forma de se apropriar dos lugares e também na maneira de torcer, como percebemos nos relatos de F.C. e A.O respectivamente: *“ao longo dos anos o estádio se modificou muito, não digo só fisicamente, mas de público. Ele já foi muito violento, inclusive, e eu prefiro agora. Está mais calmo e muito mais bonito”* (Entrevista concedida no dia 15/11/2016); *“Meu pai não vinha muito ao estádio. Ele era tricolor, e naquela época, ele já se preocupava com violência nos estádios, por isso não criou o hábito de trazer os filhos pra verem os jogos, apesar de gostar muito de futebol”* (Entrevista concedida no dia 20/08/2017). Notamos que nesse ínterim memória é o principal vetor para elencar que o estádio é um *continuum* de alternâncias. Em fragmentos dos entrevistados como “violência”, “prefiro agora” e “gostar muito de futebol”, capturamos aspectos identitários com o que era vivido em outras épocas e seus reflexos atuais, dados que são constantemente renovados.

Como afirma Freud (1990), a continuação da criação de grupos é o caráter multicelular dos organismos. Dessa forma, compreendemos que os grupos se reinventam e se renovam no estádio. Lembramos aqui que as torcidas organizadas nas décadas de 1970 e 1980 potencializaram um cunho de violência nos estádios através do processo de militarização. Atualmente, percebemos que esses grupos também se renovam em certa medida (mesmo que muitos ainda sejam os

responsáveis por atos de violência) e há certa retomada de territórios e reinserção de um modo de torcer aguerrido (na festa) ao mesmo tempo em que menos violento (nos atos).

Percebemos em nossa pesquisa de campo alternâncias constantes entre o proibido e a transgressão e o permitido e a reintegração aos hábitos. Até mesmo quem presta serviço para o Maracanã se mostrou ainda entre o processo de transgressão dos torcedores e “hábitos de torcer” e as regras impostas, como ilustrado nesse trecho retirado do caderno de campo: ***“estou sentada com os pés no encosto da cadeira da frente, mas o mesmo segurança que me deu a informação sobre o setor da torcida adversária, falando alegremente que o Flamengo é a equipe de seu coração e toma ‘todinho’ o setor Norte, me pediu de forma mais ríspida para retirar os pés do encosto da cadeira”***⁵⁵. Esse episódio aconteceu em 2016, no jogo entre Fluminense x Atlético Paranaense, evidenciando que o Maracanã passa por um processo de transição onde o torcedor ainda precisa se impor para se “encaixar” ao lugar. Atualmente, o rigor de condutas diminuiu e várias pessoas que antes transgrediam as regras, já atuam com a permissão dos envolvidos, mesmo que em setores mais controlados isso se mostre de forma mais lenta.

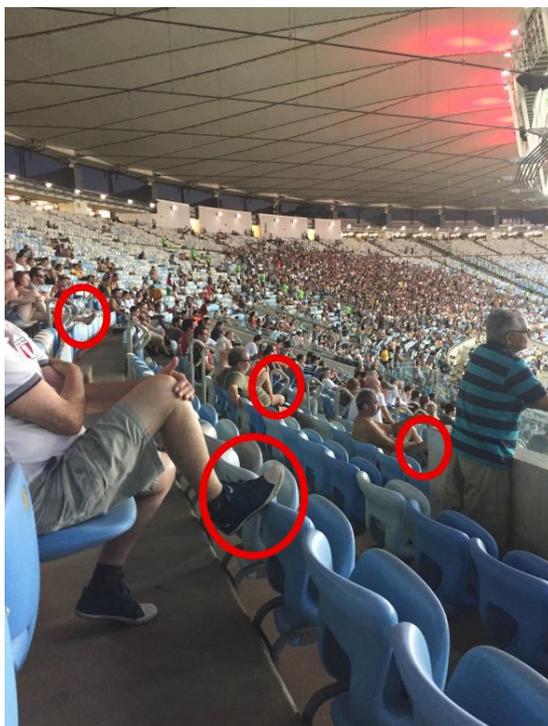


Figura 43 - Torcedores com os pés nas cadeiras. Fonte: própria autora

⁵⁵ Todos os fragmentos do caderno de campo serão utilizados em negrito/itálico e com aspas ao longo dos textos.

Além do equilíbrio entre impeditivos e reintegração, observamos, como relatado nos outros extratos, que a relação entre passado e presente é uma situação também imperativa para uma (re)identificação com o lugar, embora ambos não sejam adversários, mas “parceiros” em todo esse imbróglio, como explícito nesse trecho de entrevista de W.J:

me identifico em parte com esse espaço reformado. A parte de infraestrutura, bons banheiros, bares, quiosques, atendimento mais fácil, talvez seja melhor do que quando era o Maracanã antigo, mas eu acho que o conforto que foi dado gera um pouco de acomodação no povo, e isso me incomoda um pouco mais. Eu gostava quando todo mundo ficava em pé, obrigatoriamente tinha que ficar em pé e já que está em pé você canta, pula, incentiva o time. Hoje em dia todo mundo quer desdobrar sua cadeira, sentar e assistir como se estivesse no sofá. Tem uma música que a nossa torcida canta que fala 'isso aqui é arquibancada, não é sofá'. Se eu estou aqui é para incentivar, para cantar o jogo todo (Entrevista com W.J concedida no dia 27/08/2017).

E entre boa infraestrutura e o torcedor de pé, forma-se uma situação idealizada que vai levando o torcedor a se readaptar e reinventar formas de encorajar a sua equipe. Hyussen (2004) nos atesta que a memória é transitória, mas nela encontramos o elo com o passado e os modelos de rememorar que nos definem no presente.

Não podemos negar, após constantes observações, que há uma tendência global de hábitos que se refletem nas condutas dos estádios-arena, como, por exemplo, a “gourmetização” de praças de alimentação e a prática das *selfies*. Esses hábitos sentenciam o *continuum* entre as alternâncias, principalmente de velhas com novas condutas, como ilustrado nesse trecho do caderno de campo: **“saio do jogo e vou à área gourmet do setor Leste e percebo que tem um fenômeno interessante que acontece no estádio. Enquanto está acontecendo a partida, há muitas pessoas no hall das lanchonetes assistindo ao jogo pela televisão. Outra coisa são os homens cortando o cabelo e fazendo a barba dentro desse mesmo hall, dando pouca importância para a partida no gramado aqui dentro, enquanto lá fora outros gritam e empurram o time perto do gramado”** (trecho do caderno de campo no jogo entre Fluminense x São Paulo, 18/10/2017). Essas redefinições são parte igualmente do teatro que se realiza no novo Maracanã e, dentre dos vários papéis que são encenados no equipamento, o torcedor cria bases naquilo que ele mais se identifica para continuar experienciando o lugar.



Figuras 44 e 45 - Praça de alimentação do setor leste em que é possível encontrar também poltronas, jukebox, vitrolas e barbeiros.

Os novos papéis observados também são refletidos na figura do locutor/animador que atualmente é uma constante em todos os jogos do Maracanã. Esse personagem tem a missão de narrar as filmagens e brincadeiras que são transmitidas nos telões o tempo todo, além de ser responsável também por todos os informativos sobre a partida. Esses elementos dotam a ambiência do lugar de novas dinâmicas que, por sua vez, encadeiam novas sensações e sentimentos aos sujeitos situados.

4.3 Quadro de Relatos e Extratos Metafóricos

Para a presente pesquisa, fizemos uma imersão entre os anos de 2016 e 2017, totalizando 15 jogos e 26 entrevistas com os mais diversos frequentadores presentes no momento da análise, dentro ou fora do estádio, como dito no capítulo anterior. Por meio das observações participantes e entrevista, preenchemos aproximadamente 150 páginas de caderno de campo, além cerca de 40 minutos de filmagens e 3 horas de gravações (entrevistas e áudios próprios de observação).

A escolha dos sujeitos para a pesquisa se deu de forma aleatória e não categorizada, sendo o ponto principal do enfoque dar voz àqueles que formam, junto com o espaço físico e o futebol, a tríade resistente do estádio. Esses sujeitos foram convidados a narrarem livremente os seus sentimentos e as suas percepções sobre o local.

Como exposto no capítulo anterior, a metodologia empregada neste trabalho inspirou-se no Arquivo Mnemônico do Lugar, uma ferramenta criada pelo LASC a partir dos estudos de Uglione (2008), que tem o objetivo de potencializar o “trabalho” da memória a partir de relatos orais de narradores presentes nos lugares. Em nosso caso, porém, não tivemos a intenção de buscar a narrativa da cidade construída pela memória e nos ativemos à busca pelos significados e “ressignificados” do estádio.

Os textos das entrevistas foram colocados em quadros, sem identificar os autores para efeito de análise de ideias. A figura 46 exemplifica um pequeno recorte desses quadros.

Esses fragmentos, quando aglomerados, formaram textos sem aparente sentido, mas com elementos que se repetiam, metáforas e imagens simbólicas, que nos deram as bases para elucidarmos os significados do estádio e do processo relacional com o local.

Por essa razão, optamos em não utilizar todos os textos das entrevistas, uma vez que nosso foco eram os textos mais críticos e não descritivos, e conectar somente os fragmentos que se repetiam com as metáforas ao mesmo tempo em que reverberavam nos discurso.

Só consigo dizer que o Maracanã é majestoso. Já frequento há décadas, mas sempre que eu entro sinto essa imponência do lugar. Desde a primeira vez que fui ao Maracanã eu fiquei muito impressionada com a enormidade da Raça. Por ser um lugar enorme, é possível ter muita gente junto e você se sente ao mesmo tempo pequenininha e também enorme porque você vê que faz parte de um grupo imenso, muita gente, dezenas de milhares, todo mundo junto torcendo como se fosse um só gigante... dá uma sensação de imersão na imensidão. É muita emoção. Um campo batalha de cantos e festas. (...) Eu não sou mais parte do jogo. Hoje os mais pobres, aqueles que ficavam inclusive na geral, ficam longe e não empurram o Fluminense. Meu avô ajudou na construção do Maracanã e naquela época as pessoas eram levadas em consideração, agora não. Veja bem esse bandeirão, que lindo! Isso só tem no setor Sul onde eu sempre fico. Meu pai trazia a gente de arquibancada, e gostava de ficar atrás do gol, como nós estamos hoje. Mas não tinha cadeira naquela época, mas meu pai tinha uma almofadinha do fluminense, que ele trazia pra poder sentar. Ele devia ser um torcedor Nutela da época... A outra vez que me lembro de vir ao Maracanã foi na final da Copa América de 1989. Isso aqui lotado, quase 140 mil pessoas. Antes do jogo do Brasil, teve a preliminar, que era a disputa do terceiro lugar, entre a Argentina e Paraguai. Como sempre, estávamos sentados atrás do gol, e quase presenciei um golaço do Maradona, chutando a bola do meio de campo e a bola explodindo no travessão. Aliás, que sorte a minha poder ter visto Maradona jogar. Pensando bem, vi os melhores jogadores da história jogar em estádio: Maradona, Reinaldo e Ronaldinho Gaúcho... Na partida do Fluminense eu me sinto em casa, estou com os meus, estou com meu povo, galera que tem a mesma paixão, sofre as mesmas angústias, a gente se identifica, e canta e empurra, me sinto bem. É um lugar para extravasar, me divertir, curtir o momento. Diferente de qualquer outro tipo de diversão; é bem único. O que eu mais sinto falta é entrar e sair do Maracanã pelas rampas monumentais, aquela "rampona" bonita, o visual. As entradas modernas, as laterais, que a gente vai direto para trás do gol, não sei, sinto falta. A maioria das torcidas, quando ficamos nas torcidas, vamos pelos portões laterais. A rampa monumental era um espetáculo, subia ela correndo, era muito bom. Maracanã é Maracanã sempre. Mudou, se modernizou, mas para mim o sentimento não muda. Tudo tem seus prós e contras, mas a modernização é preciso. A história e aura do Maracanã não se apagam. Eu fico no setor Sul do estádio, pois a grande maioria da torcida do Fluminense fica no setor Sul, mas antes da reforma eu costumava ficar no setor Verde, do lado que hoje é o Norte. Tinha Verde dos dois lados e antigamente podia dar a volta no anel completo. Podia entrar em qualquer setor, desde que não fosse clássico. Então eu sempre assistia ao jogo perto do gol que o Fluminense estava atacando Se o Fluminense começasse atacando do lado direito eu ficava no lado direito do estádio e no segundo tempo eu virava do outro lado, mas sempre no setor Verde. Aqui é o Templo Sagrado do Futebol. O Maior do Mundo, mesmo já não sendo o maior. É o coração do futebol brasileiro, o estádio mais importante do país, quicá do mundo. Esse é o Maraca, a casa do Fluminense. No futuro eu penso o Maracanã cada vez mais moderno, vai acompanhar a evolução, a tecnologia, novos hábitos de consumo, não pode parar. A gente às vezes se prende muito às tradições, mas tem que entender que o mundo está girando e a gente tem que acompanhar. Quem para fica para trás, fica defasado. É o novo Maracanã e depois vai ser o novíssimo Maracanã, super novo novíssimo Maracanã e vai mudando sempre. Minha primeira vez no estádio foi em 1968, mas passei a frequentar mesmo em 1999. A sensação que eu tenho e sempre de tensão sempre, felicidade ou tristeza dependendo do resultado. Só posso dizer que em grandes vitórias, a sensação é de êxtase. Para ficar no estádio hoje eu prefiro o setor leste, variando entre o superior e o inferior. Antes da última grande reforma frequentava as cadeiras brancas, no mesmo lugar onde fica o setor leste. Gosto desse lugar, pois acompanho a partida sem muitas interrupções. Ao tentar explicar isso aqui, eu diria que não se trata de um estádio apenas. Trata-se de um patrimônio cultural do país, não se restringindo apenas a ser uma arena desportiva. É um colosso onde sentimentos transbordam. Simplesmente um teatro de sonhos e emoções, onde todo mundo que veio e ainda vem sente algo diferente de tudo. O estádio estava completamente lotado, chegamos em cima da hora e conseguimos nos mexer dentro da arquibancada e chegar onde queríamos. No intervalo nós conseguimos sair e voltar. Agora que acabou o jogo é incrível que em cinco minutos o estádio esteja completamente vazio. Eu adorei essa atmosfera, esse lugar e esse jogo. Eu acredito que seja possível me adaptar ao novo formato, embora existam alguns problemas. Esse tipo de estádio é inspirado no modelo europeu e na Europa isso funciona muito bem. Exemplo de estádio europeu: vários seguranças encostados, o que encarece para o clube e isso reflete nos ingressos. Antigamente esse problema era resolvido com o fosso, então bastava somente um policial aqui outra ali e alguns cães. Se algum "doido" pulava aquilo, bastava o cachorro, pois ele era treinado para conter, nunca "avançar" em alguém. Com esses seguranças o jogo acaba encarecendo. Teoricamente os setores do meio tem uma visão melhor do campo, mas futebol é emoção e a gente quer ficar atrás do gol na esperança de um gol. É frustrante não sair gol do lado em que escolhemos e no segundo tempo ter gol do outro lado. A gente comemora do mesmo jeito, mas não é a mesma coisa. Eu não gostei da reforma do Maracanã. Eu achava que o Maracanã deveria permanecer do jeito que estava. Eu acho que deveria modernizar algumas coisas, pois tinha muita coisa maltratada, fazer uma reforma de segurança. Melhoria de banheiro e de infraestrutura para o público, mas mudar radicalmente do jeito que mudou, eu sou contra. Há dois motivos por eu ser contra: primeiro que perdeu a essência do Maracanã, pois era um estádio que abrigava o popular e o rico com a mesma proporção e o mesmo tipo de vontade de ver o jogo e hoje ficou muito elitizado e o segundo porque hoje não tem mais a Geral. Na Geral o preço era popular e se ficava muito próximo do campo, tinha contato direto com o time. Chegava-se bem perto do ídolo, ele apertava a tua mão e na hora do gol ele quase se jogava em cima da gente, porque havia um contato muito próximo do teu corpo e do teu jogador. A parte de arquibancada era infinitamente superior. Eu vi um Fla x Flu em 1983, decidindo um Carioca e tinha 153 mil pessoas. Hoje não cabem 80 mil pessoas. Então eu acho que perdeu muito a graça e a essência de que era o estádio. Era um estádio popular e hoje é um estádio de elite. Vi disputas fantásticas do Flamengo, Botafogo, Vasco, eu vi tudo aqui. Logicamente eu sou torcedor do Fluminense, acompanho o clube muito de perto, eu vi Rivelino jogando, eu vi Paulo César Caju, vi Duval, eu vi Branco, vi Assis, Washington, eu vi grandes títulos do Fluminense, vi também grandes decepções como dois rebaixamentos seguidos, essas coisas que com o tempo passa. Vi grandes jogadores desfilando como Roberto Dinamite, o Mendonça no Botafogo, Zico no Flamengo, vi muita gente boa jogando aqui. Hoje em dia o jogador não tem técnica como tinha antigamente, é difícil ter um jogador diferenciado. Hoje em dia o jogador diferenciado, que o pessoal endeusa, mas que não teria vaga nos times de antigamente é o Neymar. É muito complicado falar de época distinta, mas eu vi muita gente boa jogando bola. Para a Copa e para as Olimpíadas deveria ter sido criado um estádio novo e não mexer no Maracanã. (...) Ganhei uma varada, mas vivi aquela emoção! Depois disso eu passei a sempre vir no Maracanã. Eu gostava de ficar na Geral, pois era bem barato. Eu tinha orgulho de ser Geraldino, eu era da turma do Geraldino. O Maraca tem uma atmosfera muito boa, ainda mais quando está cheio. Sou torcedor do Flamengo e a nossa torcida dá um show! O Maracanã é um estádio ímpar, com todo esse tamanho impressiona quem vem pela primeira vez. Para a pessoa que vem a primeira vez eu diria que a pessoa irá conhecer o maior estádio do mundo e um dos palcos mais importantes do futebol (sede de 2 finais de Copa do Mundo). Além de ser o estádio mais representativo do futebol carioca, local de decisões memoráveis. Como, por exemplo, a final do campeonato carioca de 2003, com o gol do Pet aos 43min do segundo tempo. Épico! Eu gostei da reforma, ficou muito melhor. A Geral ficava bem aqui embaixo. Aqui tinha um fosso, um anel. A gente ficava logo ali embaixo. Depois da reforma eu só fico aqui, neste mesmo lugar, onde era a Geral. Eu só fico aqui ou atrás daquele gol, onde também era Geral O meu divertimento predileto é esse, vir para o Maracanã. Eu tenho 69 anos e desde rapazinho esse é meu divertimento predileto. Tenho duas filhas Tricolores e uma mulher Flamenguista. Atualmente não tenho vindo com frequência ao Maracanã, principalmente depois da reforma. No entanto, toda vez que eu venho eu fico emocionada, é sem igual. Na torcida do mengão então, a raça, é bom demais. É adrenalina pura. É um misto de alegria com nervoso, com medo de não ganhar, é tanta coisa. Eu costumo dizer que o Maracanã acabou. Depois da reforma para a Copa, eu fui e parece que o espírito é outro. Não que a gente não torça, mas o Maracanã ele perdeu a essência dele, aquela coisa de povão, de ser aberto para todo mundo, perdeu, hoje em dia não é mais. Só o fato da Geral ter acabado, é triste, pois a Geral era um lugar de todos, não somente quem não tinha dinheiro. Tinha gente que ia porque gostava, com radinho de pilha no ouvido, aquilo era uma vibração sem igual. E a arquibancada também, com aqueles copos de xixi voando, copo de cerveja, isso tudo fazia parte, tudo fazia parte do que era a essência do Maracanã. Isso tudo mudou muito, com aquele monte de "cadeirinha" e tem que ficar sentado, bater "palminha", isso não é para brasileiro, isso é para europeu. Quem vai a um jogo de futebol, pelo menos eu falo por mim, não venho ao Maracanã procurando uma poltrona confortável. Todas as vezes que eu vim para o Maracanã eu vim procurando calor humano, vibração, alegria, e isso não tem nessa reforma. (...) De verdade, já expliquei e vou continuar explicando assim: "Cara, você está indo em um estádio que até é legal, mas infelizmente você nunca vai conhecer o Maracanã. O MARACANÃ que você ouviu nas histórias, leu sobre, viu nos filmes e na tv como sendo "O maior Estádio do Mundo" não existe mais.

Figura 46 - Como exemplo do quadro de relatos esta figura traz as falas dos entrevistados

Com os traços formados a partir das metáforas, vislumbramos encadeamentos que corroboraram para a criação dos extratos. A figura 47 demonstra a marcação das ideias e traços destacados do texto. A esses extratos, chamamos de extratos metafóricos que, como relatado no capítulo anterior, representam uma *síntese*, uma *essência* dos significados atribuídos pelos entrevistados. Ao todo, identificamos cinco

extratos que denominamos: *Campo de Batalha*, *Colosso*, *Lugar Mágico*, *Engomadinho* e *Teatro de Sonhos e Emoções*.

Com a análise das falas, percebemos que muitos torcedores veem o Maracanã como um local bélico, onde é travada uma guerra. Apropriando-nos de uma frase dita por um entrevistado, denominamos esse extrato de “*Campo de Batalha*” e assinalamos na cor roxa no quadro de relatos. Por outro lado, os entrevistados falavam de um estádio que encanta, possui uma magia, algo transcendental. A esse extrato, atribuímos o nome de “*Lugar Mágico*” e está representado pela cor verde na figura 47.

Notamos também que eram recorrentes as falas que enalteciam a grandiosidade do estádio, tanto em sua imponência física quanto simbólica. Essas manifestações foram assinaladas em vermelho no exemplo do quadro de relatos. A esse extrato, demos o nome de “*Colosso*”. Como palco de representações para muitos narradores, formado por rituais e santuário de deuses do futebol, ou por assim dizer, os ídolos, utilizamos a metáfora do “*Teatro de Sonho e Emoções*” na cor laranja. Por fim, utilizamos o extrato do “*Engomadinho*” para ilustrar um Maracanã com novas regras, novos usos e novos espaços, mais rígidos e menos populares. Essa metáfora está representada pela cor azul na figura 47. Esses extratos metafóricos, como veremos mais à frente, representam os significados que emergiram das falas dos usuários e serão melhores explicados no próximo capítulo.

LEGENDA:

CAMPO DE BATALHA

LUGAR MÁGICO

COLOSSO

TEATRO DE SONHOS E EMOÇÕES

ENGOMADINHO

Só consigo dizer que **o Maracanã é majestoso**. Já frequentei há décadas, **mas sempre que eu entro sinto essa imponência do lugar**. Desde a primeira vez que fui ao Maracanã **eu fiquei muito impressionada com a enormidade da Raça**. **Por ser um lugar enorme, é possível ter muita gente junto e você se sente ao mesmo tempo pequenininha e também enorme** porque você vê que faz parte de um grupo imenso, **muita gente, dezenas de milhares, todo mundo junto torcendo como se fosse um só gigante.. dá uma sensação de imersão na imensidão. É muita emoção. Um campo batalha de cantos e festas. (...)** **Eu não sou mais parte do jogo. Hoje os mais pobres, aqueles que ficavam inclusive na geral, ficam longe e não empurram o Fluminense. Meu avô ajudou na construção do Maracanã e naquela época as pessoas eram levadas em consideração, agora não. Veja bem esse bandeirão, que lindo! Isso só tem no setor Sul** onde eu sempre fico. Meu pai trazia a gente de arquibancada, e gostava de ficar atrás do gol, como nós estamos hoje. Mas não tinha cadeira naquela época, mas meu pai tinha uma almofadinha do fluminense, que ele trazia pra poder sentar. Ele devia ser um torcedor Nutela da época... A outra vez que me lembro de vir ao Maracanã foi na final da Copa América de 1989. **Isso aqui lotado, quase 140 mil pessoas**. Antes do jogo do Brasil, teve a preliminar, que era a disputa do terceiro lugar, entre a Argentina e Paraguai. Como sempre, estávamos sentados atrás do gol, e quase **presenciei um golaço do Maradona, chutando a bola do meio de campo e a bola explodindo no travessão. Aliás, que sorte a minha poder ter visto Maradona jogar. Pensando bem, vi os melhores jogadores da história jogar em estádio: Maradona, Reinaldo e Ronaldinho Gaúcho...** **Na partida do Fluminense eu me sinto em casa, estou com os meus, estou com meu povo, galera que tem a mesma paixão, sofre as mesmas angústias, a gente se identifica, e canta e empurra** me sinto bem. **É um lugar para extravasar, me divertir, curtir o momento. Diferente de qualquer outro tipo de diversão; é bem único.** O que eu mais **sinto falta de entrar e sair do Maracanã pelas rampas monumentais**, aquela "rampona" bonita, o visual. As entradas modernas, as laterais, que a gente vai direto para trás do gol, não sei, sinto falta. A maioria das torcidas, quando ficamos nas torcidas, vamos pelos portões laterais. **A rampa monumental era um espetáculo, subia ela correndo, era muito bom. Maracanã é Maracanã sempre.** Mudou, se modernizou, **mas para mim o sentimento não muda.** Tudo tem seus prós e contras, mas a modernização é preciso. **A história e aura do Maracanã não se apagam. Eu fico no setor Sul do estádio**, pois a grande **maioria da torcida do Fluminense fica no setor Sul**, mas **antes da reforma eu costumava ficar no setor Verde**, do lado que hoje é o Norte. Tinha Verde dos dois lados e antigamente podia dar a volta no anel completo. Podia entrar em qualquer setor, desde que não fosse clássico. Então eu **sempre assistia ao jogo perto do gol que o Fluminense estava atacando** Se o Fluminense começasse atacando do lado direito **eu ficava no lado direito do estádio e no segundo tempo eu virava do outro lado**, mas **sempre no setor Verde. Aqui é o Templo Sagrado do Futebol. O Maior do Mundo**, mesmo já não sendo o maior. **É o coração do futebol brasileiro, o estádio mais importante do país, quicá do mundo.** Esse é o Maraca, a casa do Fluminense. No futuro eu penso o **Maracanã cada vez mais moderno, vai acompanhar a evolução, a tecnologia, novos hábitos de consumo, não pode parar. A gente às vezes se prende muito às tradições, mas tem que entender que o mundo está girando e a gente tem que acompanhar.** Quem para fica para trás, fica defasado. É o novo Maracanã e depois vai ser o novíssimo Maracanã, super novo novíssimo Maracanã e vai mudando sempre. **Minha primeira vez no estádio foi em 1988, mas passei a frequentar mesmo em 1999. A sensação que eu tenho e sempre de tensão sempre, felicidade ou tristeza** dependendo do resultado. **Só posso dizer que em grandes vitórias, a sensação é de êxtase.** Para ficar **no estádio hoje eu prefiro o setor leste**, variando entre o superior e o inferior. **Antes da última grande reforma frequentava as cadeiras brancas, no mesmo lugar onde fica o setor leste.** Gosto desse lugar, pois acompanho a partida sem muitas interrupções. Ao tentar explicar isso aqui, eu diria que **não se trata de um estádio apenas. Trata-se de um patrimônio cultural do país, não se restringindo apenas a ser uma arena desportiva. É um colosso onde sentimentos transbordam.** Simplesmente um **teatro de sonhos e emoções, onde todo mundo que veio e ainda vem sente algo diferente de tudo.** O estádio estava completamente lotado, chegamos em cima da hora e conseguimos nos mexer dentro da arquibancada e chegar onde queríamos. No intervalo nós conseguimos sair e voltar. Agora que acabou o jogo é incrível que em cinco minutos o estádio esteja completamente vazio. **Eu adorei essa atmosfera, esse lugar e esse jogo.** Eu acredito que seja possível me adaptar ao novo formato, embora existam alguns problemas. **Esse tipo de estádio é inspirado no modelo europeu e na Europa isso funciona muito bem. Exemplo de estádio europeu: vários seguranças encostados, o que encarece para o clube e isso reflete nos ingressos.** Antigamente **esse problema era resolvido com o fosso**, então **bastava somente um policial aqui outra ali e alguns cães.** Se algum "doído" pulava aquilo, bastava o cachorro, pois ele era treinado para conter, nunca "avançar" em alguém. Com esses seguranças o jogo acaba encarecendo. **Teoricamente os setores do meio tem uma visão melhor do campo, mas futebol é emoção e a gente quer ficar atrás do gol na esperança de um gol. É frustrante não sair gol do lado em que escolhemos** e no segundo tempo ter gol do outro lado. A gente comemora do mesmo jeito, mas não é a mesma coisa. **Eu não gostei da reforma do Maracanã.** Eu achava que **o Maracanã deveria permanecer do jeito que estava** Eu acho que deveria modernizar algumas coisas, pois tinha muita coisa maltratada, fazer uma reforma de segurança. Melhoraria de banheiro e de infraestrutura para o público, mas **mudar radicalmente do jeito que mudou, eu sou contra.** Há dois motivos por eu ser contra: primeiro que **perdeu a essência do Maracanã** pois **era um estádio que abrigava o popular e o rico com a mesma proporção** e o mesmo tipo de vontade de ver o jogo e **hoje ficou muito elitizado** e o segundo porque **hoje não tem mais a Geral. Na Geral o preço era popular e se ficava muito próximo do campo, tinha contato direto com o time. Chegava-se bem perto do ídolo, ele apertava a tua mão e na hora do gol ele quase se jogar em cima da gente, porque havia um contato muito próximo do teu corpo e do teu jogador. A parte de arquibancada era infinitamente superior** Eu vi um Fla x Flu em 1983, decidindo um Carioca e **tinha 153 mil pessoas. Hoje não cabem 80 mil pessoas.** Então eu acho que **perdeu muito a graça e a essência** de que era o estádio. **Era um estádio popular e hoje é um estádio de elite. Vi disputas fantásticas do Flamengo, Botafogo, Vasco,** eu vi tudo aqui. Logicamente eu sou torcedor do Fluminense, acompanho o clube muito de perto, eu **vi Rivelino jogando, eu vi Paulo César Caju, vi Duval, eu vi Branco, vi Assis, Washington, eu vi grandes títulos do Fluminense, vi também grandes decepções como dois rebaixamentos seguidos, essas coisas que com o tempo passa. Vi grandes jogadores desfilando como Roberto Dinamite, o Mendonça no Botafogo, Zico no Flamengo, vi muita gente boa jogando aqui.** Hoje em dia o jogador não tem técnica como tinha antigamente, é difícil ter um jogador diferenciado. Hoje em dia o jogador diferenciado, que o pessoal endeusa, mas que não teria vaga nos times de antigamente é o Neymar. É muito complicado falar de época distinta, **mas eu vi muita gente boa jogando bola. Para a Copa e para as Olimpíadas deveria ter sido criado um estádio novo e não mexer no Maracanã.** (...) **Ganhei uma varada, mas vivi aquela emoção!** Depois disso eu passei a primeira vez eu diria que **a pessoa irá conhecer o maior estádio do mundo e um dos palcos mais importantes do futebol (sede de 2 finais de Copa do Mundo).** Além de ser **o estádio mais representativo do futebol carioca, local de decisões memoráveis.** Como, por exemplo, a final do campeonato carioca de 2003, com o gol do Pet aos 43min do segundo tempo. **Épico!** Eu gostei da reforma, ficou muito melhor. A Geral ficava bem aqui embaixo. Aqui tinha um fosso, um anel. A gente ficava logo ali embaixo. **Depois da reforma eu só fico aqui, neste mesmo lugar, onde era a Geral.** Eu só fico aqui ou atrás daquele gol, onde também era Geral **O meu divertimento predileto é esse, vir para o Maracanã.** Eu tenho 69 anos e desde rapazinho esse é meu divertimento predileto. Tenho duas filhas Tricolores e uma mulher Fluminense. Atualmente não tenho vindo com frequência ao Maracanã, principalmente depois da reforma. No entanto, **toda vez que eu venho eu fico emocionada, é sem igual. Na torcida do mengão então, a raça, é bom demais. É adrenalina pura. É um misto de alegria com nervoso, com medo de não ganhar, é tanta coisa. Eu costumo dizer que o Maracanã acabou.** Depois da reforma para a Copa, eu fui e parece que **o espírito é outro** Não que a gente não torça, mas o Maracanã ele **perdeu a essência dele, aquela coisa de povão, de ser aberto para todo mundo, perdeu, hoje em dia não é mais.** Só o fato da Geral ter acabado, é triste, pois a Geral era um lugar de todos, não somente quem não tinha dinheiro. Tinha gente que ia porque gostava, com radinho de pilha no ouvido, **aquilo era uma vibração sem igual.** E a arquibancada também, com **aqueles copos de xixi voando, copo de cerveja, isso tudo fazia parte, tudo fazia parte** do que era a essência do Maracanã. **Isso tudo mudou muito, com aquele monte de "cadeirinha" e tem que ficar sentado, bater "palminha"** isso não é para brasileiro, isso é para europeu. Quem vai a um jogo de futebol, pelo menos eu falo por mim, **não venho ao Maracanã procurando uma poltrona confortável.** Todas as vezes que **eu vim para o Maracanã eu vim procurando calor humano, vibração, alegria, e isso não tem nessa reforma.** (...) De verdade, já expliquei e vou continuar explicando assim: "Cara, **você está indo em um estádio que até é legal, mas infelizmente você nunca vai conhecer o Maracanã.** O MARACANÃ que você ouviu nas histórias, leu sobre, viu nos filmes e na tv como sendo **"O maior Estádio do Mundo" não existe mais.**

Figura 47 - Quadro de relatos com os extratos metafóricos assinalados em cores

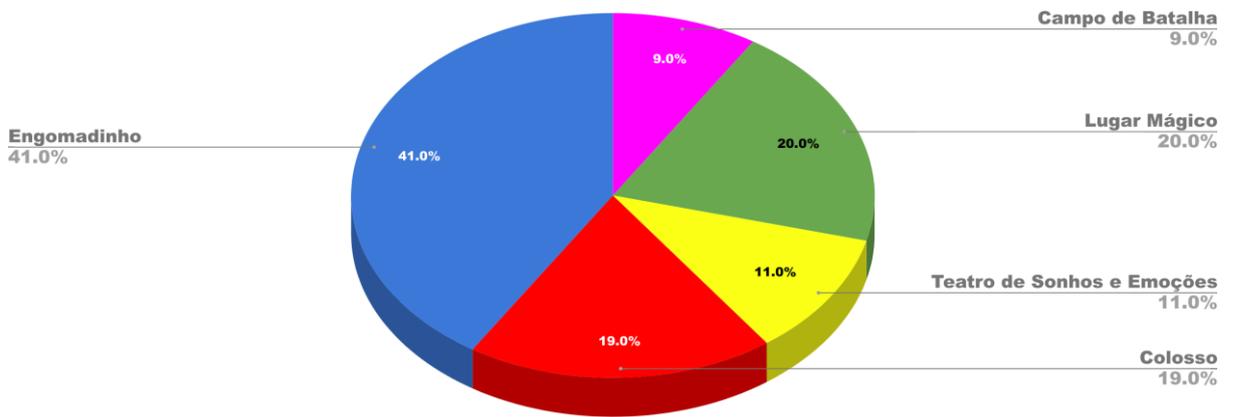


Figura 48 - quadro de relatos com os extratos metafóricos assinalados em cores e gráfico de porcentagem de cada cor.

O nosso objetivo com a frequência das cores é conectar as metáforas com os fragmentos a elas relacionados, mas, acima de tudo, pretendemos analisar a proporção dos extratos e a posição desses extratos nos discursos. Com isso captamos o impacto de cada metáfora na percepção dos torcedores.

Após essa análise e uma soma estatística da frequência do aparecimento desses extratos nas falas dos usuários, constatamos que as metáforas trazem um significado que transcende o cotidiano, como *Teatro de Sonhos e Emoções*, *Lugar Mágico* e *Colosso* somam 50% e juntas correspondem a maior parte do quadro, o que nos evidencia a notoriedade de um discurso que mostra que as mudanças não conseguem suplantar o significado maior de grandeza, emoção, mágica e sonho que suscita o Maracanã no imaginário das pessoas.

Por outro lado, encontramos uma soma de 41% somente do extrato *Engomadinho* e nos leva a constatar que o processo de ressignificação do Maracanã ainda está em curso e que o torcedor ainda se vê em um misto de sentimentos. Todas as vezes que o *Engomadinho* é elucidado no texto, ele é antecedido ou ele possibilita reações que identifica o estádio como *Lugar Mágico* ou *Teatro de Sonhos e Emoção*.

O extrato *Campo de Batalha* corresponde a 9% da análise estatística sendo, dessa forma, o menor extrato do quadro analítico. No entanto, ao examinarmos minuciosamente cada fragmento, percebemos que esse extrato sempre aparece como complemento dos outros três extratos majoritários: *Teatro de Sonhos e Emoções*, *Lugar Mágico* e *Colosso*, e quase nunca aparece após o *Engomadinho*. Diante disso, podemos atestar que as novas regras e os novos significados do estádio fazem emergir a reafirmação dos sentidos grandiosos do Maracanã e o *Campo de Batalha* representa uma função dessa grandiosidade. É um extrato que surge como consequência e não como uma reação imediata nas ações e falas dos torcedores.

A partir dessa frequência, atestamos que essa ferramenta nos leva a pensar as relações do torcedor a partir de uma dimensão pelas oscilações dos sentimentos dos de cada um que frequenta o estádio. Podemos, com base nos dados estatísticos, ter um resultado mais exato que mensura e avalia o processo de retomada ou repulsa do Maracanã. Porém, o quadro de relatos no mostra que os significados sempre buscam um contraponto, uma oscilação, como se todo novo significado precisasse ter um respaldo da grandeza e da importância que o maracanã tem para seus usuários.

O quadro de relatos é a primeira parte de nossa análise de campo, pois buscamos esmiuçar os extratos em conjunto com as observações de campo no

próximo capítulo. No entanto, tal quadro nos traz um panorama do que buscamos com a pesquisa empírica, porque ele é a síntese do nosso objetivo principal: existe um trauma pelas rupturas ocasionadas no estádio ao mesmo tempo em que os torcedores conseguem atribuir um (novo) significado ao lugar.

Dessa forma, as figuras servem para elucidar graficamente o impacto que o novo Maracanã tem ocasionado na vida do público e como a relação com o espaço reformulado perpassa pelas oscilações entre as referências passadas e o que existe de novo, além das imposições/rupturas com as formas de transgredir/readequar ao Grande Palco Futebolístico.

A seguir, nos detemos na análise de cada extrato metafórico em consonância com as observações de campo. Usamos das narrativas dos entrevistados e das nossas anotações a fim de detalharmos como os torcedores experienciam o novo espaço como essas novas experiências tem relação estreita com os (re)significados atribuídos ao lugar.

QUINTO CAPÍTULO: SEGUNDO TEMPO

No quinto capítulo, adentramos nos minutos finais da partida. É o momento decisivo e os jogadores precisam apostar tudo para que a equipe vença. Neste capítulo, portanto, finalizamos a pesquisa com a análise densa dos extratos metafóricos e focamos nos elementos que foram narrados pelos torcedores para caracterizar as relações com o templo do futebol e, dessa forma, desvendar se os torcedores conseguem atribuir um (re)significado ao estádio modificado pelas reformas para a Copa do Mundo de 2014.

Utilizamos também os fragmentos do caderno de campo e que perpassaram as narrativas dos sujeitos, para tentar descobrir e ilustrar se em meio a essas narrativas os torcedores são capazes de reconstruir as suas próprias histórias individuais e coletivas com o Maracanã.

Por meio da reverberação dos significados, conseguimos desenvolver cada extrato correlacionado com cada metáfora. As narrativas sobre o estádio, expressas nesses extratos metafóricos, nos orientam rumo à comprovação de nossa hipótese para a compreensão do estádio do Maracanã pós-reforma para a Copa de 2014 e o processo de ressignificação.

5.1 – *Campo de Batalha*

O primeiro extrato surgiu de fragmentos das falas dos entrevistados e que denota o sentido da “guerra” que ocorre no estádio. Em algumas falas foi perceptível uma síntese do que muitos torcedores pensam e sentem quando adentram ao Maracanã e veem uma partida de seu time: “*um campo de batalha com cantos e festas*” (entrevista com R.S. concedida no dia 20/11/17). Das entrevistas, surgiu então a metáfora do *Campo de Batalha* por meio da repetição e também com base em palavras literais e que faziam alusão ao extrato, como “disputa”, “adversário”, “inimigo”, “guerra”, “território” e que comumente simbolizam este fragmento metafórico.

De fato, essas manifestações demonstram a ideia de que o estádio é por legitimidade um campo de batalhas, porque é um território de disputa entre adversários. Desde as primeiras construções na Grécia Antiga, quando não era o *lócus* do futebol, o equipamento construído do estádio servia para confinar em um só ambiente os mais diversos embates entre pessoas que queriam se superar e conquistar limites territoriais (seja um território espacial, seja um território em seu sentido figurado representando poder e prestígio) mostrando o quão melhores eram em relação aos outros disputantes.

A metáfora do *Campo de Batalha* foi extraída das falas dos aficionados que identificam no estádio um *lócus* de disputa, de defesa de território e uma representação de uma “guerra”, uma vez que o adversário é um inimigo temporário. A ambiência do estádio perpassa por esses embates simbólicos de representação do combate.

A pesquisa de campo nos fez perceber, após as constantes idas ao Maracanã, uma repetição da dominação de determinados “territórios” que, em um primeiro momento foi imposto, mas, em seguida, os torcedores começaram a criar mecanismos para empurrar o time e vencer o adversário do embate. As imposições, como vimos no segundo capítulo, surgiram em razão da hipersetorização do estádio, que limitou os torcedores em partes “fechadas”, já que no passado o anel que circundava o estádio de uma ponta a outra era aberto para a circulação dos torcedores, e também a imposição devido os preços dos ingressos, cujos altos valores demarcam fronteiras e hierarquizam as torcidas.

A primeira vez no estádio para a pesquisa de cunho etnográfico aconteceu no retorno do Fluminense após a reabertura em 2016⁵⁶. No nosso caderno de campo, temos as primeiras anotações no jogo entre Fluminense x Atlético Paranaense no dia 15 de novembro, às 17h30, 35ª rodada do campeonato brasileiro. O estádio estava cheio, com 43.691 pessoas que, segundo comentário dos torcedores: “**estavam de volta para empurrar a equipe**” dentro do mais tradicional campo de batalha do futebol carioca.

Sem nos atentar no espaço setorizado e diferentes perfis de torcedores em um primeiro momento, nos ativemos em uma ambiência unificada, ou seja, focamos nos aspectos sensoriais e físicos que chamavam mais a atenção em um primeiro contato e eram perceptíveis de maneira mais generalizada. Havia elementos sensíveis em harmonia com o equipamento físico em variados momentos, como descrito no caderno: “**O estádio está cheio e a torcida está empolgada. Há um som de tambor que ecoa, movimentos de pessoas se orientando no espaço em busca do melhor lugar e uma sensação de alegria que perpassa todo o ambiente. Essa é a primeira vez que o Fluminense joga no estádio depois da reabertura pós Jogos Olímpicos**” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Atlético Paranaense, 15/11/2016).



Figura 40 - Fluminense x Atlético Paranaense, 15/11/2016. Fonte: própria autora

À medida que começamos a observar mais a fundo foi possível detectar algumas *microambiências*. Essa observação tem relação com as taxonomias descritas no segundo capítulo, ou seja, com as classificações de alguns torcedores, mas

⁵⁶ Em 2016 o Maracanã ficou fechado de março até dia 20 de outubro sob a responsabilidade do Comitê Olímpico Internacional.

acreditamos que sofram alterações de acordo com o tipo de jogo, valor do ingresso ou diferenças dentro do próprio setor. As microambiências são perpassadas por ondas que dissolvem suas bordas, entendidas como franjas ou limites perceptíveis que circunscrevem uma microambiência dentro de uma ambiência maior, e normalmente acontecem em momentos nevrálgicos de cada jogo, como um gol, e que também são passíveis de mudanças pelas mesmas situações acima apresentadas (tipo de jogo, valor do ingresso ou diferenças dentro do próprio setor), denotando a riqueza do lugar.

Nossa pesquisa nos fez compreender que no *Campo de Batalha* do estádio, as microambiências são como trincheiras, isto é, são espaços de confronto ou de luta criados temporariamente e disseminados nos territórios. Como exemplo disso, ilustramos a nossa percepção sobre jogo Fluminense x São Paulo no dia 18 de outubro de 2017 em que o setor Sul estava tomado e a maior parte dos torcedores prontos para o combate. Entretanto, era possível perceber que as torcidas organizadas estabeleciam suas trincheiras mais ao centro do setor e no nível superior, criando uma borda com cânticos (e hinos não oficiais), bandeiras e camisetas com as cores do time, porém com um layout próprio; outras bordas observadas se formaram em ambas as laterais do setor Sul onde havia núcleos de pessoas de pé ora cantando, ora assistindo à partida, mas sempre vestidos com seus uniformes oficiais da equipe ou cores próximas desse uniforme, nunca com a cor do adversário. A cor de cada time é o principal elemento de diferenciação dos adversários e isso torna o aspecto visual tão forte quanto o aspecto sonoro na conformação das microambiências no estádio.

Outro setor observado na pesquisa de campo e que estava bastante ocupado no jogo citado era o setor Leste. Neste setor, as bordas que se formavam estavam menos perceptíveis, pois havia certa homogeneidade nos aspectos sensoriais e manifestações com o espaço. Uma microambiência característica e que era possível diferenciar se formava pelos pós-geraldinos que se debruçavam nas divisórias com o gramado e se alternavam entre xingar os jogadores e fazer olhares compenetrados no jogo; os demais torcedores permaneciam a maior parte do tempo sentados no primeiro tempo, até mesmo por serem contidos pelos seguranças, e se ocupavam somente em ofender, gritar e cantar vez por outra acompanhando as torcidas organizadas. No segundo tempo do jogo, as pessoas em sua maioria se levantaram, burlando a ordem dos seguranças e exibiam mais dinâmica nos xingos, movimentos de braços e cânticos, atribuindo mais dinâmica à guerra. Havia também a predominância das cores do time.

Ainda nos referindo aos registros em caderno de campo sobre o jogo entre Fluminense e São Paulo, anotamos que no setor Norte estava a torcida adversária, ou seja, a torcida do São Paulo. As músicas, cores nos tons vermelho, branco e preto e movimentos de encorajamento pareciam cadenciados entre todos. Segundo a norma do Maracanã, a torcida visitante tem direito a aproximadamente 5% dos ingressos⁵⁷, exceto no clássico Fla x Flu, e por isso acreditamos que a borda, neste caso, estava confinada com a pequena porção do espaço que foi destinada aos torcedores visitantes.

No setor Oeste, nós observamos pequenas microambiências espaçadas nas cadeiras cativas e no “Maracanã Mais”, sempre caracterizadas por olhares atentos aos jogos e poucas manifestações de apoio ou envolvimento com a “festa”. No camarote havia também olhares atentos e poucos movimentos, mas as pessoas estavam mais aglomeradas em um mesmo espaço, até mesmo por ser este espaço bastante pequeno. Assim como nos demais setores destinados à torcida do Fluminense, no Oeste, as cores predominantes eram grená, verde e branco, cores do time. Compreendemos que essas ocupações estavam definindo as trincheiras do jogo e os torcedores se orientaram de acordo com as suas respectivas preferências (pelos seus pares e/ou lugares) para assistirem/encorajarem a disputa.



⁵⁷ Essa porcentagem se altera em fases decisivas de campeonatos e clássicos.



Figuras 49 e 50 - Fluminense x São Paulo, 18/10/2017. Acima uma foto panorâmica do jogo. Abaixo as bordas detectadas na partida. Fonte: própria autora

Havia muitos espaços ociosos no setor Oeste e Norte. Geralmente, as cadeiras inferiores do setor Oeste não são vendidas em jogos com pouca procura por ingressos. O setor Norte, neste caso, teve pouca distribuição de ingressos à torcida adversária, mas notamos que na intersecção com o setor Leste, onde estava a torcida do Fluminense, havia um limite e, mesmo que imposto, tornou-se uma estratégia de proteção. A exemplo do que Hall (1977) dizia sobre estratégias instintivas de autoproteção de grupos de animais, usar o espaço vazio como sistema de proteção física é, também, uma estratégia de guerra quando o adversário é maior em número e em força

Por meio das observações de campo, notamos que alguns jogos têm um público menor, mesmo com os ingressos a preços reduzidos, conseqüentemente, a atmosfera do lugar se mostra mais amena, com movimentos corporais reduzidos, assim como a redução dos cânticos e gritos de ordem. É como se a guerra tivesse perdido forças ou os combatentes tenham se enfadado de digladiar. Exemplo disso foi vivenciado no jogo do dia 20 de agosto de 2017 na partida entre Fluminense x Atlético Mineiro: *“ainda com o acréscimo da chuva e do frio, o estádio está mais vazio e sem um uníssono, ficando ainda mais demarcadas as ocupações e as microambiências: torcidas organizadas no setor Sul cantando o tempo todo, mesmo com um número reduzido de componentes e pequenos grupos espalhados pelas laterais ora cantando, ora somente observando a partida, estando a maioria dos torcedores de pé; setor Leste com concentração de torcedores no nível inferior e a maior parte do tempo sentados e com movimentos concentrados de xingos e aplausos pontuais; e setor de visitantes, na parte Norte, com torcedores apoiando e cantando, mas com um barulho mais concentrado e abafado, porque é um público também pequeno”*.

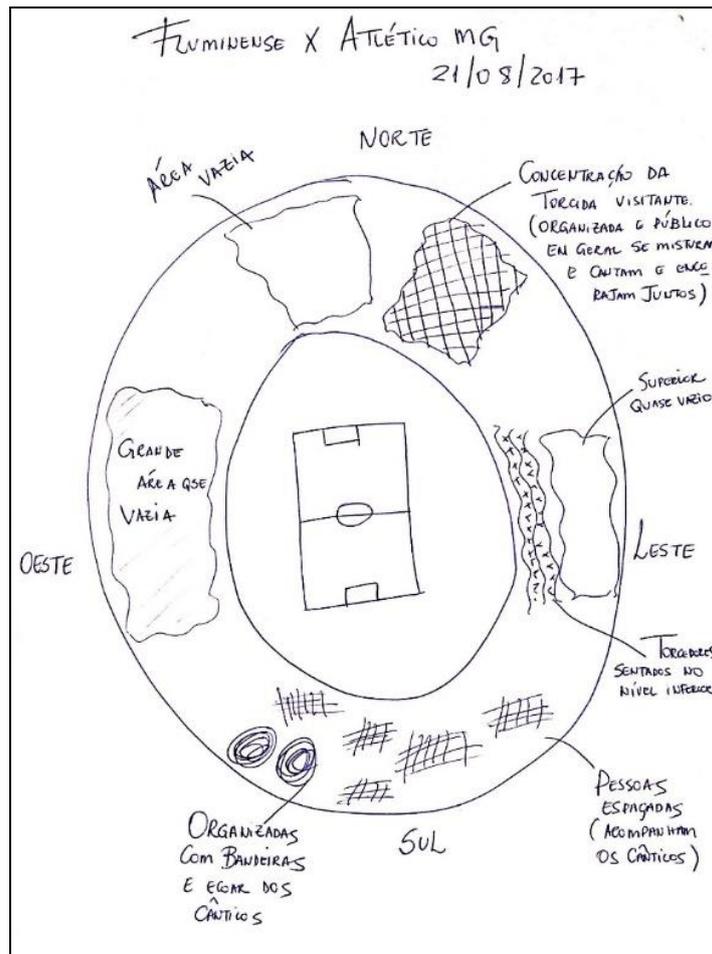


Figura 51 - Croquis de campo mapeando microambiências no jogo Fluminense x Atlético MG em 20 de agosto de 2017. Fonte: própria autora



Figura 52 - Fluminense x Atlético Mineiro, 20/08/2017. Estádio com pouca ocupação. Fonte: própria autora

Em oposição ao supracitado, vivenciamos o jogo da Final da Copa do Brasil entre Flamengo x Cruzeiro no dia 07 de setembro de 2017 em que a atmosfera tinha ao mesmo tempo um tom de festa com um anseio pela guerra. A partida em questão tinha um teor decisivo e por isso se formou um campo de batalha com um clima mais tenso ao mesmo tempo envolvido numa onda de apoio. Por definição do consórcio Maracanã e seguindo uma demarcação do antigo estádio, os torcedores do Flamengo ocupam o lado oposto do Fluminense, ou seja, setor Norte, além dos setores Leste e Oeste quando é mandante. Porém, em jogos decisivos, como esse citado, somente uma parte do setor Sul é destinada aos visitantes e o Flamengo dominava o espaço quase que total.



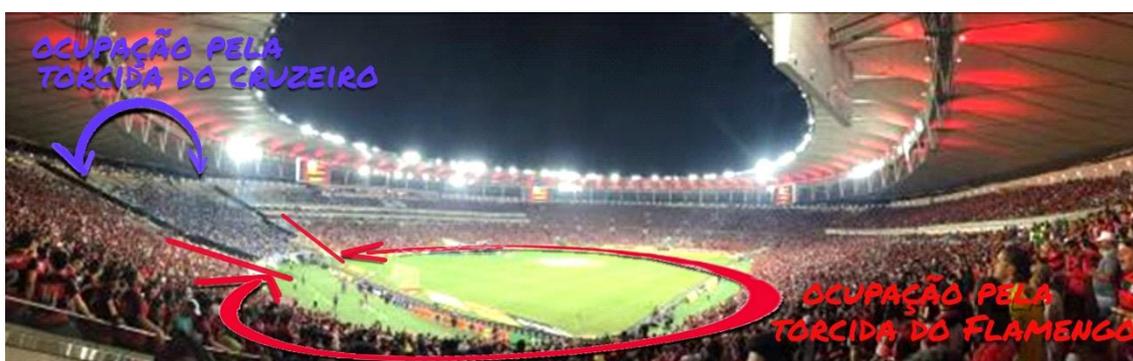
Figura 53 - Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017. Ocupação em jogos decisivos. Estádio cheio, Fonte: própria autora

Em nosso caderno de campo, registramos que as ocupações ficaram assim divididas: ***“O setor Norte é sempre ocupado pelas organizadas do Flamengo e por pessoas que pagam valor menor do ingresso, embora nem sempre essas pessoas sejam menos abastadas, pois o ingresso mais barato do jogo foi 80,00 para sócio-torcedor. No entanto, como o jogo era contra o Cruzeiro, o Flamengo também ocupou o setor Sul, normalmente destinado ao Fluminense, além dos setores Leste e Oeste. Uma porção do setor Sul ficou com o visitante, ou seja, cerca de 5% do estádio”*** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017).

Na partida a que nos referimos acima, Flamengo x Cruzeiro, os combatentes do Flamengo tinham por missão vencer a batalha “dentro de casa”, isto é, no campo

em que era mandante, pois ainda haveria outro jogo, porém, no estádio do adversário. Dessa forma, as microambiências percebidas foram poucas, uma vez que o estádio estava tomado por uma *onda* composta pelo vermelho e preto do uniforme do Flamengo, movimentos corporais ilustrados pela cadência dos braços no ritmo dos cânticos e um eco que surgiu da união de todas as vozes.

Conseguimos perceber, com a pesquisa de campo, que as microambiências, quando diferenciadas, estavam assim situadas: cânticos e movimento de bandeiras no setor Norte sendo regidos pelas torcidas organizadas; mosaico, cânticos e movimentos corporais nos setores Sul, mas sequenciados e copiados do setor Norte; setores Oeste e Leste igualmente empolgados com todos de pé e aspectos sensoriais realçados, como o toque no companheiro do lado, som alto das vozes e um vermelho vivo por quase todos os espaços. Em parte do setor Sul, estava a torcida do Cruzeiro e, por isso, havia a evidência da cor azul do adversário e o desafio de empurrar a equipe contra o dominante, embora os cânticos e as reverberações fossem grande parte das vezes abafadas pelos adversários em maior número no espaço.



Figuras 54 e 55 - Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017. Na primeira foto a ilustração do estádio cheio, praticamente todo ocupado. Na segunda foto assinalamos a ocupação dos espaços destinados às torcidas, em maior proporção à torcida do Flamengo e menor proporção à torcida do Flamengo e menor proporção à torcida do Cruzeiro. Fonte: própria autora

É possível ver, com essas figuras, que a torcida do cruzeiro estava com um número bastante reduzido, cerca de 5000 torcedores, porém, por meio das observações de campo, notamos que esse pequeno contingente estava muito exaltado mesmo sabendo estar em desvantagem numérica. Houve jogos em que a torcida visitante ficou bastante acanhada, como no jogo entre Fluminense x São Paulo ilustrado anteriormente, mas na final entre Flamengo x Cruzeiro podemos associar ao que Hall (1977) chama de comportamento de ataque: quando o inimigo se aproxima a uma determinada distância, a opção não é mais a fuga e sim o ataque, pois não há mais o espaço circundante que o protege do inimigo. A torcida do cruzeiro teve uma missão, que foi a de empurrar os jogadores e obter ao menos um empate, pois assim levariam uma vantagem no jogo seguinte e que seria em Minas Gerais, ou seja: no seu território e não mais no território inimigo. Foi a motivação do jogo final e a possibilidade de ganhar o campeonato em casa que influenciou no comportamento explosivo da torcida.

Por essa razão, além das microambiências, nos ativemos à investigação do território do torcedor, pois, em um combate, a delimitação do território é o objetivo e a conquista da guerra e o processo de territorialização⁵⁸ é parte do direito adquirido. Em dias de partida, como colocado por Perni (2014) e citado na fundamentação teórica, as torcidas com seus cânticos de exaltação ao clube, coreografias e “cânticos de guerras” podem transformar o estádio em um campo de forças e dessa forma, mesmo com os embates e as transformações, (re)criar e possibilitar a apropriação desse território que muitas vezes se dá por identificação, mas também por combinação de controles, funções e simbolizações, como atestou Haesbaert (2011).

Uma observação em que a guerra era mais dura e acirrada aconteceu nos clássicos, como nos jogos entre Flamengo x Fluminense, Fluminense x Vasco e Flamengo x Vasco⁵⁹. Nesses jogos, havia mais transgressões das regras e a tônica do combate era dada pela alta rivalidade evidenciada no alto volume dos cânticos, maior número de instrumentos de batalha, como tambores e bandeiras e até mesmo pelas brigas.

⁵⁸ Territorialização, como abordamos na fundamentação teórica, é o sentimento de pertença a algum território apropriado ou dominado. De acordo com Raffestin (1993) a territorialidade é entendida como o conjunto de relações que se originam nos grupos em sociedade, no espaço e no tempo, buscando atingir uma autonomia, compatível com os recursos do sistema. Essa tríada condiciona o processo de territorialização, mas, muito mais que isso, existe um processo de “atração-repulsão” que define e cria as condições de “raízes”.

⁵⁹ Não foram avaliados jogos com o Botafogo nesta pesquisa.

Em um clássico entre Flamengo x Fluminense pela Copa Sul-Americana⁶⁰, notamos espaços bem demarcados: tanto as torcidas organizadas do Fluminense, quanto as torcidas organizadas do Flamengo, situadas nos setores Sul e Norte respectivamente, não paravam de cantar se impondo uma à outra, formando ambiências opostas, mas de certa forma semelhantes em sua pregnância caracterizadas por cânticos, bandeiras e palavras de ordem. O diferencial estava nas cores, nas letras das músicas e no contingente dos movimentos corporais, pois em ambos os jogos havia mais torcedores do Flamengo, mesmo com o mando de campo do Fluminense no primeiro jogo. Verificamos que esses torcedores estão sempre de pé durante toda a partida e isso é mais uma característica que denota a demarcação desses territórios.

Além dos membros das torcidas organizadas, notamos que havia mais torcedores de pé nessas partidas, como os pós-geraldinos, os simpatizantes das organizadas, isto é, os torcedores-satélites⁶¹ que ficam nas laterais extremas dos setores Sul e Norte, além de alguns outros no setor Leste inferior e superior. As microambiências formadas pelos pós-geraldinos nos setores Sul e Norte estavam além da alternância de xingos e concentração. Era possível ouvi-los cantando, exceto no setor Leste, pois em clássicos entre essas duas equipes, este se torna setor Misto e as provocações são mais controladas pelos seguranças. Outras microambiências percebidas estavam próximas às torcidas organizadas, formada pelos torcedores-satélites que se embalavam nas músicas das organizadas e aproveitavam das ondas formadas por esses grupos. As cores portadas eram as mesmas, mas os brasões e símbolos não, pois quem é membro das torcidas organizadas usa camisas personalizadas.

Durante a pesquisa em campo, observamos que nas microambiências do setor Leste havia alternância entre cânticos e palavras de ordem, principalmente proferidos por grupos de pé, e burburinhos e xingos isolados proferidos por pessoas compenetradas na partida e que preferiam ficar sentadas. Além dessas microambiências, algumas pessoas foram observadas debruçadas em algum vidro de contenção - como os que separam o nível 2 do nível 1 dos setores Norte e Sul e área reservada para pessoas com deficiência - bem como nas escadas entre os níveis, não

⁶⁰ Observado em dois jogos, nos dias 25 de outubro e 1º de novembro de 2017.

⁶¹ Como colocado mais detalhadamente no capítulo 1, *pós-geraldinos* são torcedores que assistem à partida de pé e próximos ao campo, em alusão aos *geraldinos* que frequentavam a antiga "geral"; os torcedores-satélites são aqueles que se colocam próximos às torcidas organizadas, mas não fazem parte de nenhuma delas.

entoando cânticos ou instrumentos de guerra, mas igualmente vestidas com o uniforme das equipes e gritando ou xingando pontualmente durante o jogo.

O que mais nos chamou atenção nesse clássico é que havia mais transgressões às regras do estádio e o papel do segurança estava resumido em conter confusões e ajudar a desocupação do recinto. Notamos, assim, que pessoas vão suplantando, em certa medida, as imposições da arena, transgredindo “regras” e criando novas formas de empurrar o time para a disputa. São diferentes “soldados” com um intuito único: levar a equipe a vencer o embate.

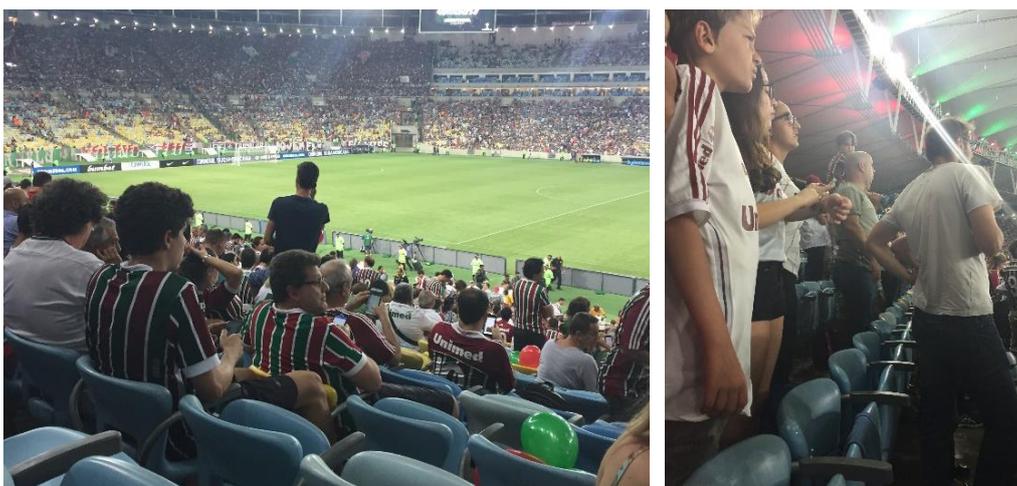


Figura 56 - 1) setor Sul com foco para as torcidas organizadas; 2) pós-geraldinhos logo abaixo no setor Sul; 3) setor Leste e a alternância de pessoas sentadas e em pé; 4) setor Norte e torcedores do Flamengo de pé; 5) torcedores-satélites na torcida do flamengo; 6) torcedores debruçados em vidros de contenção e separação de níveis. Fonte: própria autora

A pesquisa em campo nos fez notar que há *ondas* no estádio ritmadas com as quais as torcidas se movimentam e no campo de batalha essas ondas diluem as microambiências na ambiência do todo. Como observado em pesquisa de campo, os movimentos se alternam em momentos nevrálgicos, como o perigo de um gol, uma falta, a necessidade de ganhar para classificar etc. Outro ponto observado de alternância é a mudança do primeiro tempo para o segundo tempo, sendo este último

normalmente mais aguerrido. As torcidas organizadas cantam mais alto e causam uma onda sonora no estádio muito maior no segundo tempo. Essas ondas causam uma comoção e as microambiências, por alguns momentos, se dissolvem.

Um exemplo destacado em caderno de campo sobre essa *onda* foi registrada durante o jogo entre Fluminense x LDU pelas Oitavas de Final da Sul-Americana: “*a torcida segue o segundo tempo todo vibrando e o setor Leste todo se levanta nos minutos finais para empurrar o time, no intuito de ajudar a fazer o segundo gol, pois embora o Fluminense vença por 1 a 0, e esse placar seja vantajoso à equipe, os torcedores querem aumentar a diferença, porque o segundo jogo será na altitude equatoriana. Logo se nota que todo o estádio está de pé.*” Anotações como esta nos faz perceber que as microambiências principalmente do setor Leste, caracterizada pelas conversas mais baixas e xingos concentrados, se desfazem em função de uma *onda* que explode nos minutos finais e que requer que o torcedor se una aos demais e se movimente mais, grite mais alto e assim “empurre” o time e ganhe a batalha. É parte do ritual do embate.



Figuras 57 e 58 - Setor leste e a diferença entre primeiro tempo e segundo tempo do jogo entre Fluminense x LDU, 14/09/2017. Primeiro tempo (figura 57) grande parte dos torcedores sentados; Segundo tempo (figura 58) grande parte dos torcedores de pé. Fonte: própria autora

Voltemo-nos agora para as torcidas organizadas, que são formadas por combatentes mais incisivos e mais entregues ao combate, observado na pesquisa de campo. Como exposto no segundo capítulo, as torcidas organizadas são fonte de polêmicas, pois ao mesmo tempo em que enriquecem a ambiência do estádio com cânticos, bandeiras e manifestações de apoio que se repetem em palavras de ordem, são elas que costumeiramente brigam e criam situações de animosidades entre os pares e adversários. Exemplo disso foi atestado em fontes jornalísticas sobre a torcida

organizada Young Flu, proibida de frequentar o Maracanã em 2016 devido a um episódio que envolveu a torcida adversária, a Força Jovem do Vasco⁶², em 2015.

Apesar dos acontecimentos de violência, acreditamos que as torcidas organizadas têm papel importante na tônica do combate e na animação da atmosfera do lugar. Com base na importância das torcidas organizadas, observamos que as torcidas organizadas do Fluminense demarcam seu território sempre atrás do gol, mais ao centro do setor Sul. Mais uma vez confirmamos, como supracitado, que essa localização obedece ao modelo que existia antes das reformas, segundo informações dos entrevistados, salvo em jogos contra a equipe do Vasco da Gama⁶³. Reiteramos, dessa forma, que entendemos o estádio a partir do embate entre território funcional e território simbólico, como vimos na fundamentação teórica. Embate, pois, de um lado estão os dominantes impondo o comportamento e o valor de troca do território, e de outro lado a luta pela reapropriação do lugar. Apesar dos embates, percebemos que a ambiência que unifica o estádio em momentos do jogo, leva os torcedores a recriarem seus territórios – funcional ou simbólico – e a “lutarem” com suas equipes, pois estão cientes do papel que exercem enquanto encorajadores.

Por meio de nossa imersão em campo, notamos que o território das torcidas organizadas, além de um importante local demarcado para a disputa dos jogos, é também o ponto de origem dos cânticos, das bandeiras e das ondas de cores, criando uma ambiência notável encadeada pela agitação, é a origem de onde a onda começa a se propagar. Consideramos oportuno estabelecer um paralelo da ambiência que se unifica com as organizadas com a análise de Freud (1990) a respeito de combinação na unidade, conforme vimos na fundamentação teórica. Como diz o autor: “Se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los, e esse elo poderia ser precisamente a coisa que é característica de um grupo”. (1990, p.100) De fato, existe uma unidade que une as organizadas e não somente no ato de torcer, mas na “missão” de modificar o espaço.

A intermitência das *ondas* que passam pelo campo de batalha durante uma disputa tem forte peso na batalha. Em uma das nossas observações foi perceptível

⁶² A ação civil pública foi proposta em decorrência das brigas que ocorreram na estação ferroviária do Méier e nos arredores do Engenheiro, pouco antes da partida entre Fluminense e Vasco da Gama, no Estádio do Engenheiro, pela 6ª rodada do Campeonato Carioca de 2015, no dia 22 de fevereiro. Fonte: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-03-06/young-flu-e-forca-jovem-estao-suspensas-por-um-ano-dos-estadios.html>.

⁶³ O Fluminense situava-se exclusivamente no setor Norte em partidas contra o Vasco. A mudança ocorreu em acordo com o consórcio Maracanã em 2013, quando o estádio foi reaberto após reforma. Causou uma grande polêmica, pois o Vasco foi o primeiro time campeão no Maracanã e por isso teve direito de escolher o seu lado, no caso o que hoje é conhecido como setor sul. Isso causou notas de repúdio e alguns protestos.

que todo momento é passível a ser um momento de combata iminente: “E, de repente, aplausos para uma defesa do goleiro do Fluminense. Mas, logo em seguida, gritos de insatisfação para uma falta sofrida pelo time tricolor. E começam a gritar ‘Nense’ muito alto e ecoa pelo estádio. É um grito de satisfação pela marcação da falta sofrida. A torcida rubro-negra responde do outro lado: ‘Dale dale dale ô, mengão do meu coração’, buscando abafar o grito que busca ‘empurrar’ o batedor de falta do Fluminense. A guerra tem que ser vencida pelo grito que empurra, que demarca” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Flamengo, 25/10/2017).

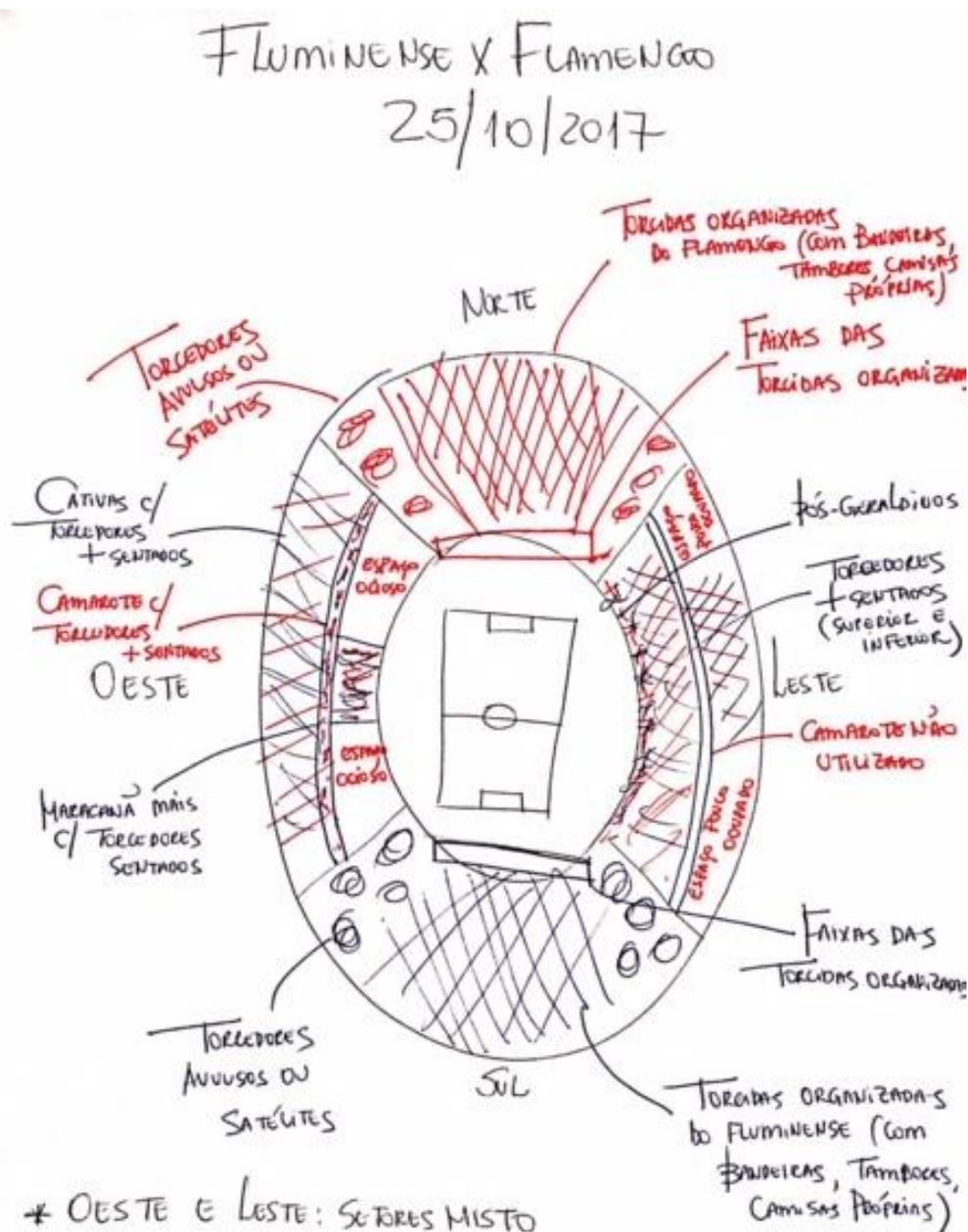


Figura 59 - Croqui de campo para destaque do território das torcidas organizadas. Fonte: própria autora

Como observado na pesquisa de campo, as organizadas dominam certo território e todos os movimentos são sincronizados e envolventes do lugar onde elas estão e com o intuito de contagiar todo o estádio. Retomando Freud: "Num grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos, e contagiosos em tal grau, que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo". (1990, p. 120). Não somente nos cânticos, nas cores sincronizadas em uniformes próprios ou nos ritmos que os membros de uma organizada se detêm, mas em sequenciar um movimento de dominação que ao mesmo tempo contagia os pares e amedronta o adversário. Quem escolhe fazer parte de uma torcida organizada, escolhe abdicar de torcer individualmente para incorporar rituais próprios e a vontade de um coletivo encabeçado por líderes que determinam como os torcedores deverão se portar.

Em um clássico entre Fluminense x Vasco observado no dia 27 de agosto de 2017 percebemos que a torcida vascaína ocupava somente uma parte do setor Norte, ou seja, cerca de 5% do estádio como normalmente ocupam os demais adversários. Como há rivalidade e é considerado também um clássico, como dito anteriormente, o embate das torcidas adversárias era grande e a menor torcida não se abateu nem se mostrou menos aguerrida no local imposto a ela pelo consórcio Maracanã. Mesmo que haja limites nos territórios de torcidas impostos pelo consórcio Maracanã, os torcedores precisam fazer jus a esse território, demarcando-o, por isso, as torcidas cantam e se exaltam não somente para empurrar a equipe, mas também para reforçar os limites de "quem domina o lugar".

Além dos cânticos e exaltação, a observação das torcidas nos fez compreender a que ponto as bandeiras e faixas também são consideradas armas de batalha dos jogos, da mesma forma que os cânticos são passíveis de demarcar territórios. Quando as bandeiras são vistas, sabemos antecipar como poderá ser o jogo (mais aguerrido ou não, dependendo do contingente) e onde são os locais exatos de cada torcida organizada. Na figura abaixo, vemos a demarcação das torcidas por faixas e bandeiras, evidenciando os locais de dominação. Quando discutimos um jogo de bola, se diferenciar e ter o território definido é fundamental para criar as bases de aceitação dos pares e fortalecer os limites que separam os inimigos.



Figura 60 - Círculos evidenciando a demarcação por bandeiras e faixas das torcidas organizadas. Fonte: própria autora

A respeito da reapropriação/reterritorialização do lugar, podemos destacar esse trecho da entrevista com A.R.:

“Eu sempre gostei de ficar em arquibancada, gostava de ficar na torcida da Raça, e agora quando eu venho eu fico no setor Norte, mas já fui na cadeira cativa, que eu detestei. Eu gosto de muvuca, gosto de povão, gosto do corpo a corpo. Na época do outro Maracanã eu fui em cadeira especial, mas nada disso eu gosto, o meu negócio era arquibancada mesmo, onde eu gostava de ir”. (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/17).

Notamos elementos nessas frases que nos levam a perceber uma retomada e possível apropriação do local onde ficavam as arquibancadas e a torcida organizada Raça Jovem, hoje conhecido como setor Norte. A partir de expressões em sua narrativa, como “corpo a corpo” e “muvuca”, não apenas vemos uma alusão ao embate, como também, podemos entender que sua identificação com o lugar tem resquícios na memória do passado do estádio e pode ser reavivada no novo lugar envolto nessa ambiência notável.

Percebemos, então, que as referências do estádio antes da reforma, impregnadas na memória e retrabalhadas no lugar, são importantes no que se tem de elementos para poder se apropriar novamente, como supracitado. Vislumbramos igualmente na narrativa de outro torcedor, W.J.:

“eu fico no setor Sul do estádio, pois a grande maioria da torcida do Fluminense fica no setor Sul, mas antes da reforma eu costumava ficar no setor Verde, do lado que hoje é o (setor) Norte. Tinha Verde dos dois lados e antigamente podia dar a volta no anel completo. Podia entrar em qualquer setor, desde que não fosse clássico. Então eu sempre assistia ao jogo perto do gol que o Fluminense estava atacando. Se o Fluminense começasse atacando do lado direito eu ficava no lado direito do estádio e no segundo tempo eu virava do outro lado, mas sempre no setor Verde” (Entrevista com W.J. concedida no dia 27/08/17).

O torcedor se sente parte da disputa e ele sente que precisa atuar junto, reforçando o coro e partindo para uma frente de ação. A sua memória tem caráter importante nesse testemunho, como mencionado acima, evidenciando uma territorialização pelo “setor verde” a partir de traços de sua memória invocada no lugar alterado, mas com elementos que o fazem se lembrar, reconstruindo sua narrativa do passado. Como vimos em Bergson (1999), a memória não está nos lugares e sim os lugares que fazem a memória trabalhar nas pessoas, instigando histórias recontadas.

Observamos em nossa pesquisa que todos os torcedores fazem parte da “guerra”, mas alguns atuam de maneira menos incisiva e que são, dessa forma, chamados de espectadores clássicos segundo taxonomia de Ferreira (2017). No entanto, eles também são membros da disputa, pois em uma guerra existem aqueles que atuam na linha de frente e também os estrategistas. Sem ambos, não é possível vencer. Identificamos que os estrategistas normalmente ocupam lugares pela identificação com espaço físico e sua atmosfera mais amena, em contrapartida daqueles que privilegiam a relação íntima entre físico e movimentos incisivos e animados da torcida. Atestamos isso com o fragmento que retiramos na fala do entrevistado P.H: *“Para ficar no estádio hoje eu prefiro o setor leste, variando entre o superior e o inferior. Antes da última grande reforma, frequentava as cadeiras brancas no mesmo lugar onde fica o setor leste. Gosto desse lugar, pois acompanho a partida sem muitas interrupções”* (Entrevista concedida no dia 07/09/17).

Apesar de toda a problemática, o *geraldino* que ainda frequenta o Maracanã é um guerreiro em combate e em alguma medida vai se (re)identificando com o novo, como nessa narrativa de G.A: *“Depois da reforma, eu só fico aqui, neste mesmo lugar, onde era a Geral. Eu só fico aqui (setor Leste inferior) ou atrás daquele gol, onde*

também era Geral (apontando para o setor Sul inferior)” (Entrevista concedida no dia 14/09/2017). Mesmo que não exista mais a geral, ele prefere ficar onde a sua primeira identificação com o estádio foi formada, pautada pela emoção do jogo. Retomando Freud, o autor atesta na psicologia das massas que existem três fontes para a identificação e que resumem essa relação do pós-geraldino com o novo Maracanã.

Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (FREUD, 1990, p. 150)

Outro demonstrativo da guerra que observamos em nossa pesquisa são os gestos de combate que são praticados e vistos no estádio, como nesse trecho do caderno de campo: ***“Quando a figura do locutor começa a falar a escalação do Fluminense, o jogador que tem o apelido de ‘Ceifador’ (Henrique Dourado) é o jogador mais ovacionado pela torcida. Eles vão à loucura e ficam fazendo um gesto com o braço no pescoço, como se fossem cortá-lo a fim de ameaçar o oponente com menção ao jogador. É uma guerra que vai começar e é preciso ‘matar’ o adversário”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x São Paulo, 18/10/2017).

Mas a guerra metafórica tem resquícios de uma guerra real, como relatamos no que concerne às torcidas jovens e a violências nos estádios. As reformas, embora sejam cercadas de polêmicas e exclusões, teve como um dos motes a importância de banir a violência exacerbada. No entanto, por vezes ela ainda aparece como no jogo entre Fluminense x Atlético Paranaense em novembro de 2016. As torcidas organizadas do próprio Fluminense começaram a brigar entre si, como observado em uma das investidas em campo. Sobre isso, concordamos com as colocações de Freud (1990), que atesta:

Um grupo é impulsivo, mutável e irritável. É levado quase que exclusivamente por seu inconsciente. Os impulsos a que um grupo obedece, podem, de acordo com as circunstâncias, ser generosos ou cruéis, heroicos ou covardes, mas são sempre tão imperiosos, que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, pode fazer-se sentir. (FREUD, 1990, p.90)

Esse tipo episódio se repetiu em jogos mais decisivos ou em clássicos, como vivenciado no jogo entre Flamengo x Cruzeiro na Final da Copa do Brasil, no dia 07 de setembro de 2017, e anotado em caderno de campo: **“Quando chegamos havia acontecido confusões no entorno do estádio entre algumas organizadas e invasões em vários setores.”**⁶⁴ **Vários torcedores desceram a rampa do metrô da UERJ cantando ‘vamos invadir’, porém não vimos, só nos foi relatado. Presenciamos muito policiamento, inclusive a guarda montada que foi acionada depois da confusão. Soubemos também que depois que entramos houve outra confusão no entorno e bombas foram jogadas com o intuito de conter os ânimos e mais invasões. Dentro do estádio, alguns torcedores pularam a grade do setor Leste para o setor Norte, onde estavam as torcidas Organizadas. Os seguranças internos tiveram trabalho em conter os torcedores”**.



Figura 61 - Guarda montada no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017. Fonte: própria autora

Da mesma forma, no jogo Fluminense x Flamengo, dia 12 de outubro de 2017, foi registrado em nosso caderno de campo: **“de repente, começou uma grande confusão. Torcedores correndo, bombas sendo jogadas, os policiais nervosos e nós ficamos presas na fila de troca de ingresso”**. Segundo Freud (1990), a libido é a

⁶⁴ “Faltando cerca de 15 minutos para o início do jogo, houve tentativa de invasão no acesso da estátua do Bellini, na Avenida Maracanã, próximo à esquina com a Rua Eurico Rabelo. A polícia disparou gás de pimenta e bombas de efeito moral, gerando muita correria e susto”. Trecho disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/festa-muita-confusao-marcam-entorno-do-maracana-antes-da-final-da-copa-do-brasil-21798460#ixzz4vFDp4KI8>. Acesso em 08 de setembro de 2017.

responsável pela catarse e atua como ação instintiva e assim impulsiona as ações das massas. Por essa razão, as multidões em êxtase com a batalha que se aproxima é tomada pelo impulso libidinal que pode gerar qualquer conflito vinculado à identidade torcedora mais arredia.

Esses atos atrelados ao estímulo das massas que se sentem em uma guerra mostram o ápice da emoção que existe em um jogo de futebol. Excluindo esses acontecimentos violentos em si, as manifestações de “raiva” e “repúdio” com a própria equipe e a equipe adversária é parte do ritual do embate, como ilustramos com esses dois registros do caderno de campo: **“Quebra ele aí, grita o torcedor para que o jogador adversário cometa a falta em cima do jogador do Vasco e não permita que ele faça mais um gol [...] quase gol do Fluminense e a torcida se empolga, levanta e se irrita. Eles balançam os braços e logo começam a cantar. É percebido um misto de empolgação, tensão, amor e ódio, tudo ao mesmo tempo”** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Vasco, 27/08/2017).

Podemos notar que as expressões e gritos de raivas são muitos e o tempo todo. Partimos do fato fundamental de que o indivíduo num grupo está sujeito, através da influência deste, ao que com frequência constitui profunda alteração em sua atividade mental. “Sua submissão à emoção torna-se extraordinariamente intensificada, enquanto que sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida, com ambos os processos evidentemente dirigindo-se para uma aproximação com os outros indivíduos do grupo.” (FREUD, 1990, p.118).

Por fim, como estamos falando de um campo de batalha, não podemos esquecer que o estádio é também local de “vingança”, principalmente de adversários que em algum momento foram responsáveis por derrotas fatídicas e que custaram até mesmo um título, como foi o caso do jogo entre Fluminense x LDU pelas oitavas de final da Copa Sul-Americana. Esse mesmo duelo ocorreu em 2008 pela Taça Libertadores da América em que o Fluminense foi eliminado e perdeu o título para o time Equatoriano. Esse episódio foi sentindo *in loco* e registrado em nosso caderno de campo.

No entanto, cada torcedor tem seu próprio momento de “vingança”, como atesta A.O. em sua narrativa sobre ter ido a um jogo do Brasil contra Uruguai no Maracanã. Segundo ele, havia uma vontade de vingança pelo Maracanazo, em 1950, e ele atesta que Romário realmente vingou fazendo o gol do jogo, sendo a seleção vencedora desse combate por ele presenciado. O Maracanazo foi um episódio do qual ele sequer participou, mas viveu pelos relatos de outros e, conseqüentemente, tornou-

se um fragmento de sua própria memória e por isso o momento é trazido à tona como desejo de vingança.



Figura 62 - Jogo entre Brasil x Uruguai na Copa de 1950. A partida ficou conhecida como Maracanazo. Fonte: Jornal O Estadão.

Através dessa descrição da guerra, notamos certos movimentos de reinserção no Maracanã. Uma vez que a ambiência enquanto fluida cadencia o embate que possibilita a tomada do espaço e conseqüente dominação de territórios, que dá as bases para a reapropriação e tem na diversidade da memória marcas da guerra que acaba jogo após jogo, mas que jamais terminará enquanto houver campeonatos, rivalidades e condições de torcer.

5.2 – Lugar Mágico

O Lugar Mágico é o extrato que representa a transcendência, ou seja, o encantamento proporcionado pelo estar no estádio. Na fala de entrevistados temos a reverberação de que sentem e percebem o Maracanã como dotado de uma magia, envolto em ritos, com aura e alma:

“para uma pessoa que vem ao Maracanã pela primeira vez, primeiro eu indico um ponto turístico histórico, mas acima de tudo como um lugar mágico, pois muita coisa já aconteceu ali dentro. Todo mundo canta, todo mundo grita, todo mundo xinga, extravasa, é um lugar mágico, Maracanã é um lugar mágico. Eu acho que todo mundo deveria conhecer”.(Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/2017)

Das entrevistas e conversas com torcedores, emergiu a compreensão de que o Maracanã transcende o equipamento construído. De fato, criado para abrigar 200 mil pessoas em 1950, lançou os moldes do torcer em massa e foi além, “inventou” a reverência do torcedor com personagens que foram se transfigurando em ídolos; os movimentos encadeados pelas formas de encorajar a equipe; a magia dos acontecimentos possibilitados somente dentro do estádio, como a vitória em uma final improvável; ou seja, possibilitou a formação de uma identidade torcedora e dirimiou diferenças.

O estádio precisou ser renovado e para muitos ele foi mutilado, mas a sua alma continua ali, pairando e sendo vivenciada por meio das experiências dentro da ambiência que perpassa pelos aficionados do jogo da bola, pelo esporte em si e pelo ambiente físico. Encantar-se com o gigantismo, com os acontecimentos que só têm espaço dentro do Maracanã e se emocionar com vitórias e derrotas caracterizam o lugar e são sentimentos que co-criam a sua aura envolta em uma atmosfera particular e transformam o Maracanã nesse *Lugar Mágico*.

A última reforma do estádio, que ficou conhecida como “Padrão Fifa”, impôs uma série de regras, sendo uma delas a forma de torcer mais comedida, como vimos no segundo capítulo. No entanto, por meio de observações de campo, percebemos que, aos poucos, as premissas da FIFA vão se alterando e é perceptível uma retomada do torcer mais solto, mais fluido. Os torcedores, com seu *“jeitinho brasileiro”*, conseguem transpor as inúmeras regras e vão devolvendo ao Maracanã a magia que encantou e encanta ao mesmo tempo em que envolve cada momento dentro desse lugar.

Amparando-nos em nossa fundamentação teórica, acreditamos que as microambiências dos lugares se modificam pela corporificação dos espectadores, mas no caso do Maracanã essas modificações se relacionam também com os diferentes setores e suas ocupações, mesmo se alternando jogo a jogo. Notamos que em setores mais populares, Sul e Norte, as microambiências são marcadas pelo som dos cânticos, pelo movimento de torcer em pé, pelo encostar-se ao outro e por toda ordem de manifestações sensoriais que se mostram mais evidentes do que nos setores mais caros, Leste e Oeste, onde os torcedores apresentam movimentos mais comedidos, gritos esporádicos e pouco contato com seus pares. Essa situação se modifica quando acontecem momentos de perigo e em lances importantes no jogo. Esses acontecimentos unificam a torcida, diluem as microambiências e vemos uma explosão que conecta todos em uma atmosfera única. Em uma ambiência notável, como essa do estádio, Torgue (2004) nos diz que essa *onda* que vem em um só fluxo e envolve tudo o que está contido em um determinado espaço, é um destino no sentido de que se há uma vontade coletiva que transcende a tudo e todos, o espaço está passível a uma contaminação de sentimentos e reações.

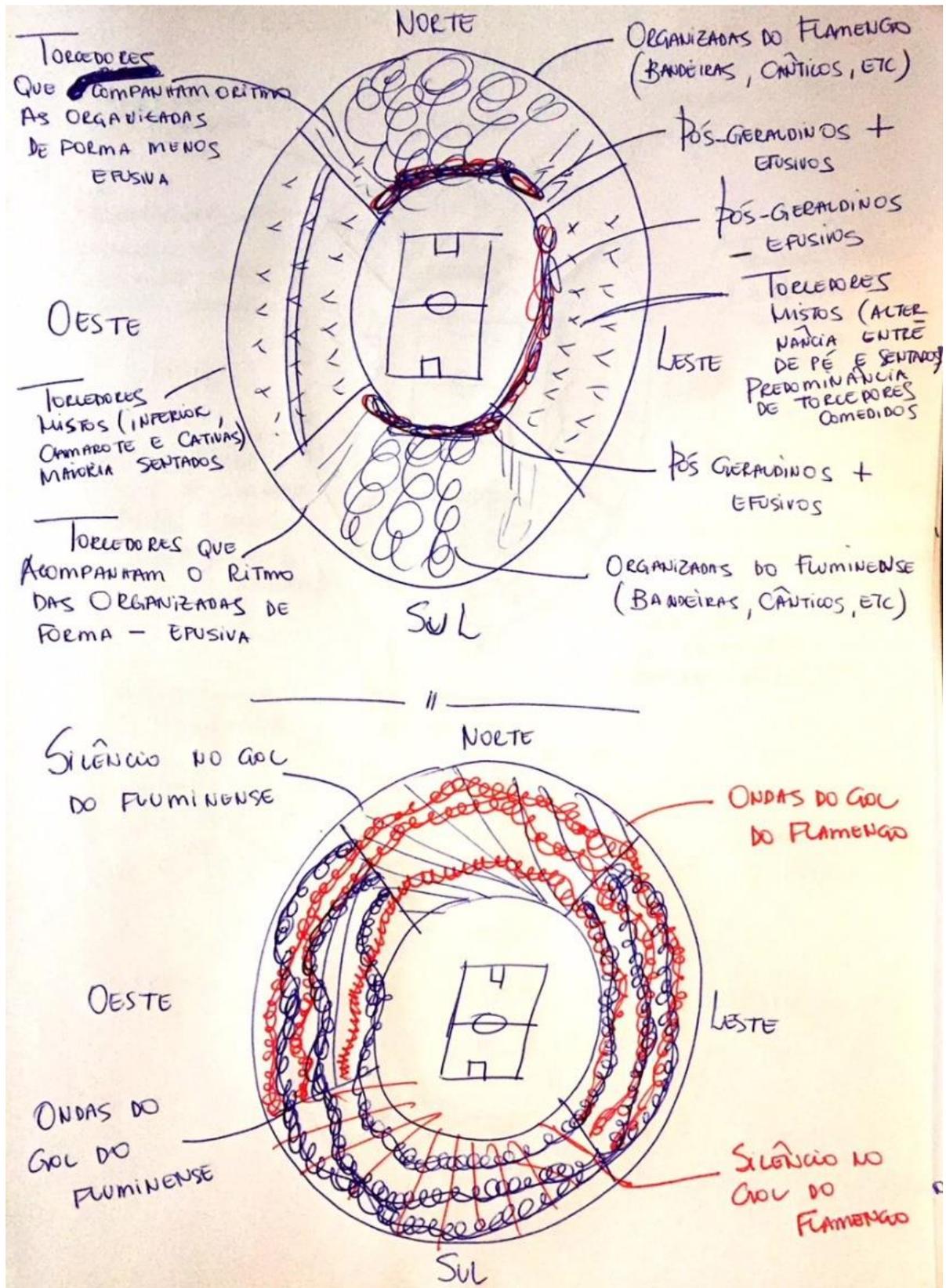


Figura 63 - Croqui de campo mapeando na primeira figura as microambientes e na segunda figura as ondas que se formam em momentos nevrálgicos. Flamengo x Fluminense, 12 de outubro de 2017. Placar: 1x1. Fonte: própria autora

Vislumbramos em nossas observações que os diferentes públicos – que sempre existiram – optam pelo lugar muito em função de sua identificação com seus pares ou lugares, como tratamos no extrato anterior. Entretanto, como analisamos em campo, eles também o fazem pelo que se forma com relação aos aspectos sensíveis em consonância com os territórios, pois estes últimos são muitas vezes delimitados no estádio, como no território das organizadas. A Magia desse Lugar está na ambiência que se desdobra e nos leva a perceber zons particulares ao mesmo tempo em que são *rasgados* por ondas de euforia, irritação ou êxtase, que juntos formam a ambiência do Maracanã.

Corroborando essas questões, Hourcade nos fala sobre os novos estádios: “Você quer estar com sua família? Você tem espaço mais silencioso onde você leva seu filho. Você quer fazer negócios? O estádio adaptou lodges. Você quer ficar de pé, gritar e pular? É possível atrás dos gols”. (2017, s/p, tradução nossa). Temos espaços bem delimitados, mas perpassados por aspectos sensíveis e sensações que se fazem e desfazem, atribuindo valor e significado ao lugar, bem como possibilitando que seus frequentadores se abstraiam de suas vidas cotidianas e anseiem por momentos mágicos de espetáculo onde a ambiência os leva para uma comunhão emocional com a torcida e com o seu time.



Figura 64 - pó de arroz, bandeiras, balões e lanternas no jogo decisivo pelas oitavas de final da Copa Sul-Americana entre Fluminense x LDU criando uma onda festiva e passível de encantamento. Fonte: própria autora

No jogo entre Flamengo e Cruzeiro pela Final da Copa do Brasil, o estádio estava completamente preenchido, mesmo com os altos valores cobrados nos ingressos. Foi possível notar que havia um público mais elitizado nos setores Leste e Oeste, conhecidamente como setores menos populares ou até mesmo menos apropriados. Observamos essa ocupação pelas vestimentas dos torcedores e por seus comportamentos mais evasivos. No entanto, quando passou uma onda no momento do gol, houve o contágio de todos e, como em um passe de mágica, modificou a atmosfera, como atestamos em nosso caderno de campo: ***“O Flamengo fez um gol e a torcida disparou. Uma vibração tomou conta do estádio e um uníssono de felicidade tomou conta do lugar. É a ambiência da festa, da coletividade, da alegria que se apossa de cada um e contagia o próximo mesmo que o próximo não seja tão efusivo”***.

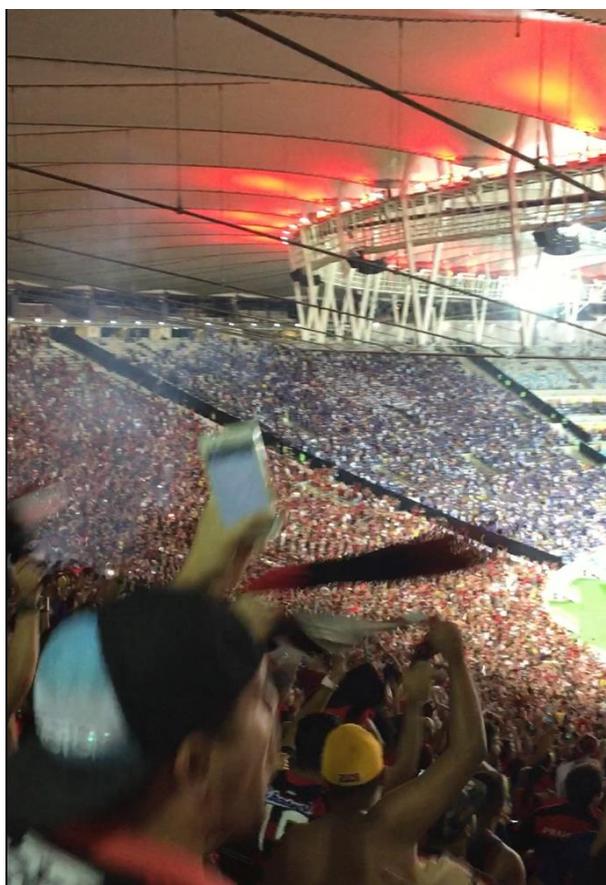


Figura 65 - momento de euforia pelo gol favorável ao Flamengo contra o Cruzeiro. Mãos para cima e alguns torcedores balançando as próprias camisas. Fonte: própria autora

Essa cadência do estádio vai aos poucos e amiúde tentando encontrar as bases na memória para uma nova identificação e afetação. Por meio das narrativas dos entrevistados, como exemplo um fragmento da narrativa de P.H, os fragmentos da memória demonstram o afeto pelo Lugar à medida que emergem sentimentos e

sensações e que continuam compactuando para o desenrolar de novas lembranças: “Minha primeira vez no estádio foi em 1988, mas passei a frequentar mesmo em 1999. A sensação que eu tenho é de tensão sempre, felicidade ou tristeza dependendo do resultado. Só posso dizer que, em grandes vitórias, a sensação é de êxtase” (Entrevista concedida no dia 07/09/2017). Aspectos sensoriais são parte das recordações do torcedor, trazendo à tona sua memória sensível dentro do Maracanã e reacendendo a aura do estádio envolto na festa.

A magia do Maracanã também aparece reavivada quando ídolos são relembrados ou mesmo os grandes jogos decisivos, denotando que aquele lugar foi o palco de algo memorável. Ilustramos com fragmento da entrevista de R. F:

Eu sou de 1964 e estou com 52 anos. Meu pai me trouxe aqui em 1969, [...] me lembro a partir de 1973 [...]. Vi disputas fantásticas do Flamengo, Botafogo, Vasco, eu vi tudo aqui. Logicamente eu sou torcedor do Fluminense, acompanho o clube muito de perto, eu vi Rivelino jogando, eu vi Paulo César Caju, vi Duval, eu vi Branco, vi Assis, Washington, eu vi grandes títulos do Fluminense, vi também grandes decepções como dois rebaixamentos seguidos, essas coisas que com o tempo passa. Vi grandes jogadores desfilando como Roberto Dinamite, o Mendonça no Botafogo, Zico no Flamengo, vi muita gente boa jogando aqui (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

No caderno de campo, registramos o olhar ao mesmo tempo extasiado e sonhador desse torcedor que, enquanto nos oferecia sua narrativa, parecia reviver o momento em que viu os seus “deuses” atuarem no gramado, na frente de seus olhos.

Porém, este mesmo entrevistado termina sua narrativa lamentando, uma vez que o estádio também é *lócus* da derrota ou até mesmo do saudosismo buscado pela memória e usado para achar lugar ou criar pertencimento:

Hoje em dia, o jogador não tem técnica como tinha antigamente, é difícil ter um jogador diferenciado. Hoje em dia, o jogador diferenciado, que o pessoal endeusa, mas que não teria vaga nos times de antigamente é o Neymar. É muito complicado falar de época distinta, mas eu vi muita gente boa jogando bola (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

Entendemos que a magia de um estádio está intimamente ligada com os mitos criados, pois eles são também uma tentativa de não deixar a alma se perder enquanto nos traz significado, pois, segundo Tuan (1983), a construção de mitos não é uma coisa do passado e sim um conhecimento que temos como indivíduos e como

membros uma determinada sociedade. Ou seja, ídolos enquanto mitos deixam marcas importantes na memória do torcedor e possuem uma aderência com o lugar.

Podemos fazer um paralelo com o que Tuan (1983) escreve sobre Hamlet:

Não é interessante como este castelo muda tão logo a gente imagina que Hamlet viveu aqui? Como cientistas, acreditamos que um castelo consiste só em pedras, e admiramos a forma como o arquiteto as ordenou. As pedras, o teto verde com a pátina, os entalhes de madeira na igreja constituem o castelo todo. Nada disto deveria mudar pelo fato de que Hamlet morou aqui e, no entanto, muda completamente. De repente, os muros e os baluartes falam uma linguagem bem diferente. O próprio pátrio se transforma em um mundo, um canto escuro nos lembra a escuridão da alma humana, e escutamos Hamlet: “Ser ou não ser”. No entanto, tudo o que realmente sabemos sobre Hamlet é que seu nome aparece em uma crônica do século XIII. Ninguém poderá provar que ele realmente existiu, e menos ainda que aqui viveu, mas todo mundo conhece as questões que Shakespeare o fez perguntar, a profundidade humana que foi seu destino trazer à luz; assim, teve também que encontrar para si um lugar na Terra, aqui em Kronberg. Uma vez que sabemos disto, Kronberg se torna, para nós, um castelo bem diferente (p. 4).

Assim como no Monte Olimpo da Grécia Antiga, venerado como morada dos doze deuses, o Maracanã também adquire status de Panteão cuja aura se funde com a das divindades que ali pisaram. Como demonstra o entrevistado, os significados do estádio estão inexoravelmente atrelados aos grandes mitos do futebol.

A relação com o estádio vai além do recinto, ela o transcende. A atmosfera do estádio, formada pelo jogo e pelo torcer com os pares, traz à tona identidades vinculadas a momentos e situações que o tornam mais emblemático dentro do contexto da vida de cada um, tendo as lembranças como pano de fundo para tal construção. A relação com o estádio, e como ele possibilita criar uma identidade vinculada com os momentos emblemáticos é exposta no relato de G. A., que teve sua adolescência perpassada por jogos no monumento e o marcou profundamente em suas relações e seu modo de vida:

A minha mãe lavava roupa para fora, para uma senhora lá em Laranjeiras. Então, eu levava a roupa suja e trazia a roupa limpa. Então, um dia eu cheguei e conversei com a madame (senhora de Laranjeiras) que eu nunca tinha ido ao Maracanã. E ela me perguntou: ‘então por que você não vai hoje?’ e eu disse que era porque eu tinha que levar roupa em casa e meu dinheiro era pouco. Ela disse: ‘o dinheiro eu te dou, mas lá é de graça, então você usa o dinheiro e faz um lanche’. E, então, eu disse que minha mãe não iria gostar, mas ela afirmou que depois conversaria com ela. Eu não me lembro exatamente o ano que foi isso, mas faz muitos anos. Eu então vim para o Maracanã. Cheguei na Central do Brasil perguntei para o

pessoal como que eu chegava aqui no Maracanã. Peguei um ônibus, vim, vi o jogo e, depois que acabou, eu fui para casa. Entrando em casa, estavam minha mãe e meu pai sentados na sala. Meu pai foi logo falando: 'sua mãe falou que você saiu daqui cedo para levar roupa. Onde foi que você se meteu até essa hora?' Olhei no canto e vi um pedaço de pau, pois o coroa gostava de bater. Vi a vara e falei: 'o senhor vai me bater mesmo eu contando a verdade, não vai? Mas eu vou apanhar e vou apanhar satisfeito. O senhor pensa bem, eu já sou um rapazinho, já tenho uma namorada, eu preciso conhecer as coisas. Eu só vou a cidade quando vou levar roupa para a minha mãe, exceto isso eu só vivo aqui, e no domingo eu tenho que ir ao cinema com a namorada às 02 horas da tarde, no resto é só trabalho, trabalho e trabalho. Aproveitei que não pagava nada e fui ao Maracanã. Podem perguntar para a dona Camila que ela vai falar a verdade, pois eu falei com ela que tinha vontade de conhecer o Maracanã. E, já que tinha o Pelé, eu queria conhecer o Pelé.' E a mãe retrucou: 'mas você sabe que não pode fazer nada sem pedir a gente primeiro?'. E eu disse: 'eu sei, eu errei, mas a senhora quer me bater e meu pai, então me batam'. Ganhei uma varada, mas vivi aquela emoção. (Entrevista com G.A. concedida no dia 14/09/2017)

Vemos aqui que a primeira memória que este entrevistado tem do estádio é a memória que representa um rito de passagem e fica arquivada em sua memória, sendo reeditada, mas jamais esquecida, formando suas impressões e paixões pelo Maracanã. Ela é pauta, igualmente, de uma memória coletiva, com base em histórias compactuadas pela coletividade, compondo a retórica de muitos torcedores. O entrevistado prosseguiu: *"Depois disso, eu passei a sempre vir no Maracanã, pois ele me encanta. Eu gostava de ficar na Geral, pois era bem barato. Eu tinha orgulho de ser geraldino, eu era da turma do geraldino"* (Entrevista concedida no dia 14/09/2017), finalizou G.A mostrando em sua narrativa a sua identidade torcedora e sua memória enquanto geraldino, que vai sendo reescrita, jogo após jogo.

Escutamos em diversos relatos de nossos entrevistados que o antigo estádio não deveria ter sofrido tantas alterações, mas pontuaram em suas reverberações que a mística do estádio de outrora e os rituais que são engendrados no lugar são salutares para a sua continuidade enquanto donatário de um espírito. Como acerta DaMatta (1983), o ritual da festa, da ordem dos cânticos e da marcha modifica a dinâmica do ambiente e todo esse processo importa em sua ressignificação.

As manifestações ritualísticas estão intimamente atreladas às manifestações das torcidas e essas, por sua vez, contaminam os presentes no estádio, mesmo aqueles com menor identificação com as equipes disputantes. Dessa forma, estando situado em algum dos territórios dos torcedores, é possível ser contaminado e escolher um lado, fazendo parte de um grupo de iguais. ***"E recomeça o jogo, segundo tempo, e as Organizadas puxam o coro 'Vamos virar Nense!'. E, neste momento, eu me***

pego torcendo e envolvida” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Vasco, 27/08/2017). É o que Freud (1990) chama de contaminação pelas massas. Ademais, no estádio, a individualização nunca é deixada inteiramente livre, como atesta DaMatta (1983), “já que (a individualização) se enquadra em um grande esquema de representação cênica onde todos devem desempenhar um papel e assim contribuir com o todo”. (p. 102).

O mesmo aconteceu no jogo do Flamengo x Cruzeiro, como ilustrado a partir desse fragmento do caderno de campo: **“o mar vermelho que se apossa do estádio é enorme. A atmosfera que está formada é arrepiante e é impressionante isso. Tem um cheiro de fumaça adocicada e um calor humano maravilhoso”**. De acordo com Gaffney (2004), a experiência do estádio cria identidades particulares por meio das experiências com o Lugar e com os outros, como vimos no primeiro capítulo. Segundo o autor, é preciso deixar parte do próprio ser para contribuir com a comunidade de torcedores. O espaço individual vira espaço comunal em várias escalas e até mesmo quem não é torcedor pode se envolver para encorajar ou ir completamente contra.

As torcidas sabem que precisam inflamar e contagiar para empurrar o time à vitória. Na partida entre Fluminense x Vasco, sentimos em nossa investida em campo um uníssono cadenciado pelo coro: **“pra cima deles Fluzão”** e a torcida vascaína revidava à altura, criando ondas contaminadoras do todo.

Os momentos mágicos compõem, portanto, a ambiência do Maracanã e podem facilitar o afeto pelo lugar, como percebemos nesse trecho do relato de A.O:

Meu pai trazia a gente de arquibancada e gostava de ficar atrás do gol, como nós estamos hoje. Mas não tinha cadeira naquela época, mas meu pai tinha uma almofadinha do Fluminense, que ele trazia pra poder sentar. Ele devia ser um torcedor Nutela da época... (Entrevista com A.O. concedida no dia 21/08/2017).

E um pequeno detalhe se torna mágico, como esse da almofada, transfigurando-se anos depois no seu sentimento com o lugar apropriado de outrora e fazendo alusão ao mesmo local do momento ocupado, como parte de uma lembrança afetiva.

O Lugar Mágico tem íntima relação com sentir-se bem e ser sempre lembrado mesmo em momentos de distância. Esse bem-estar foi notado no trecho da entrevista com W.J:

na partida do Fluminense, eu me sinto em casa, estou com os meus, estou com meu povo, galera que tem a mesma paixão, sofre as mesmas angústias, a gente se identifica, e canta e empurra, me sinto bem. É um lugar para extravasar, me divertir, curtir o momento. Diferente de qualquer outro tipo de diversão; é bem único. (Entrevista com W.J. concedida no dia 27/08/2017).

A experiência de ir sempre ao Maracanã e estar envolto em sua ambiência que tem caráter notável poderá desencadear um processo de identificação pessoal, mesmo que as representações sejam coletivas. “O Maracanã é Maracanã sempre. Mudou, se modernizou, mas para mim o sentimento não muda. Tudo tem seus prós e contras, mas a modernização é preciso. A história e a aura do Maracanã não se apagam”, finalizou W.J (Entrevista concedida no dia 27/08/2017)

Segundo Freud (1990), a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, que, neste caso, são os outros torcedores e o próprio espaço com a sua “aura”.

Notamos ainda em nossa pesquisa de campo que tanto torcedores assíduos, como quem vai pela primeira vez manifesta perceber a existência de um espírito do lugar no Maracanã. Os fragmentos de dois relatos ilustram a assertiva acima. Primeiro, um torcedor frequente, G.A: “O meu divertimento predileto é esse, vir para o Maracanã. Eu tenho 69 anos e, desde rapazinho, esse é meu divertimento predileto” (Entrevista concedida no dia 14/09/2017). Em seguida, um torcedor que foi ao estádio pela primeira vez, L.H:

O estádio estava completamente lotado, chegamos em cima da hora e conseguimos nos mexer dentro da arquibancada e chegar onde queríamos. No intervalo, nós conseguimos sair e voltar. Eu adorei essa atmosfera, esse lugar e esse jogo (Entrevista com L.H. concedida no dia 07/09/2017).

Atemo-nos aqui na transcendência que um edifício alcança pelas relações das pessoas, pela diversidade de acontecimentos e o encantamento que proporciona e, principalmente, pela memória dos torcedores que podem se identificar novamente, mesmo após as rupturas que levaram ao trauma. Assim como somos (todos) receptáculos de lembranças que construirão narrativas de lugares, o lugar é

justamente onde a relação de afeto se instituiu, mesmo que não fisicamente, como testemunhamos na narrativa de A.R:

Atualmente, não tenho vindo com frequência ao Maracanã, principalmente depois da reforma. No entanto, toda vez que eu venho eu fico emocionada, é sem igual. Na torcida do Mengão então, a raça, é bom demais. É adrenalina pura. É um misto de alegria com nervoso, com medo de não ganhar, é tanta coisa (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/2017).

Por esse exposto, podemos ilustrar a apreensão do lugar e de sua alma⁶⁵, além de nos possibilitar captar fragmentos da memória, pois, pela ambiência, existe a possibilidade da transmissão de elementos que simbolizam esse espaço e o torna propício para o apego, para o afeto, como bem colocado no referencial teórico.

Dentro desse Lugar Mágico, a tentativa máxima é de se reapropriar, seja torcendo de pé ou sentado, de forma efusiva ou não, mas todos dentro de uma mesma ambiência notável. E, assim, o estádio poderá ir sendo re(incorporado) como vemos na narrativa de dois torcedores entrevistados conjuntamente: W.N em sua primeira vez: “*estou gostando, acho que vou torcer pelo Fluminense*” e seu acompanhante tricolor V.F. “*a torcida vai ensinar algumas músicas para ele*” (Entrevista concedida no dia 18/10/2017). Segundo Tuan (1983), a afeição, por uma pessoa ou localidade, raramente é adquirida de passagem. No entanto, parafraseando o filósofo James K. Feibleman, ele diz: “A importância dos acontecimentos na vida de qualquer pessoa está mais diretamente relacionada com a intensidade do que com a sua extensão” (1983, p. 156) e no Maracanã, o estádio que já foi o maior do mundo, os momentos de emoção causados pela magia de cada momento é o que ainda o torna único.

⁶⁵ A Alma do lugar pode ser entendida como um *Genius Loci* ou Espírito do Lugar. Esse conceito aparece primeiramente no período romano em que se acreditava que o Lugar possuía uma alma ou identidade própria. E este espírito dá vida às pessoas e aos lugares e determina o seu caráter. Modernamente, o termo tornou-se uma expressão recebida pela teoria da arquitetura para definir uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interação entre lugar e identidade. Este conceito é proposto e passado para a arquitetura por Christian Norberg-Schulz.

5.3 – O Colosso

Para muitos, o Maracanã ainda é o maior estádio do mundo. Embora ele hoje comporte somente 78.838 torcedores em oposição aos 200.000 torcedores do passado, ele ainda é gigante em sua potencialidade, em seu eco e representatividade para o futebol e para a arquitetura mundial. É um ícone e um monumento. Essa ideia surgiu com força em grande número de narrativas coletadas por esta pesquisa.

No extrato retirado da entrevista com P.H, percebemos que o estádio ainda tem em sua representatividade uma grandiosidade: *“ao tentar explicar isso aqui, eu diria que não se trata de um estádio apenas. Trata-se de um patrimônio cultural do país, não se restringindo apenas a ser uma arena desportiva. É um colosso onde sentimentos transbordam”* (Entrevista concedida no dia 07/09/2017).

As conversas com torcedores nos fizeram perceber que a dimensão da grandiosidade do Maracanã é pautada muito mais no simbólico, mas tem no físico sua concretização: *“Aqui (o Maracanã) é o Templo Sagrado do Futebol. O Maior do Mundo, mesmo já não sendo o maior. É o coração do futebol brasileiro, o estádio mais importante do país, quiçá do mundo. Esse é o Maraca, a casa do Fluminense”* narra W.J (Entrevista concedida no dia 27/08/2017).

Ao analisarmos as recomendações da FIFA para a renovação do estádio, como descrito no segundo capítulo, observamos que uma das exigências do órgão era que o estádio tivesse uma boa acústica que impedisse a interferência do som de setores opostos, bem como não tivesse vazamento de som para o lado externo. Essas exigências, portanto, nos fizeram observar em pesquisa de campo que o estádio, na maioria das vezes, não se apequena e a ambiência está ali, mesmo que percebida e sentida de diferentes maneiras em diferentes setores do estádio. Em anotação no caderno de campo feita no setor Sul do estádio percebemos que ***“a acústica do estádio não deixa ouvir o outro lado cantando, mas vemos que as bandeiras tremulam e é possível ver também a manifestação de apoio pelos movimentos dessas bandeiras”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Atlético MG, 20/08/2017) Quando optamos por investigar a partida no setor Leste, ficou difícil distinguir os sons, ao mesmo tempo que confuso: ***“por estar no meio do estádio, eu ouço as duas torcidas, e a acústica só ajuda quando os lados são opostos. Não consigo distinguir quem canta mais alto”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Vasco, 27/08/2017); ***“Flamengo faz um gol e o som do estádio é ensurdecedor, várias bandeiras surgiram nas organizadas e o som das bombas também é alto. A torcida está inflamada, mas a torcida***

do Fluminense não se cala. O estádio inteiro é contaminado e o som transforma-se em barulho sem reconhecimento” (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Fluminense, 12/10/2017).

Notamos que no momento de maior efusividade é quando passa uma *onda* no estádio, o que importa é mostrar de forma bem forte quem “manda” no território e as pessoas se unem em coletivo através do som. Não somente o som tem papel fundamental na grandiosidade do estádio, mas a partir dele temos a dimensão ampliada e conseqüentemente a festa também se amplia bem como o poder do apoio ao time. Essa assertiva fica clara nesse fragmento do caderno de campo: **“as torcidas organizadas cantam o tempo todo e sem elas o estádio fica muito sem graça, porque as pessoas que não fazem parte das organizadas só vibram em momentos de perigo, de ataque, de gol, mas as organizadas cantam o tempo todo. E essa torcida que traz o som, a vibração do estádio. Não que sem eles não tenha som, a diferença é que a organizada traz música e cadência, por isso o papel dela é essencial e rege as explosões dos momentos mais importantes do jogo”** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Ponte Preta, 20/11/2017).

Deixamos evidente que não somente as organizadas são responsáveis pelos sons, como foi colocado acima - uma vez que os sons ou barulhos diversos vêm de todos os cantos e são igualmente importantes nas sensações que despertam e no ritmo que proporcionam - mas destacar que as torcidas organizadas têm um papel importante nesse intento. No jogo do Fluminense contra o Atlético Paranaense em 2016 houve um episódio em que o ruído chamou bastante a atenção, como descrevemos no caderno de campo: **“E é marcado pênalti para o Fluminense e o ruído no estádio é ensurdecador, porém o time não consegue fazer o gol. A torcida, então, começa a entoar um cântico de repúdio contra o próprio time: ‘Vergonha, vergonha, vergonha, time sem vergonha’”**. Isso voltou a se repetir mais algumas vezes, porém a primeira vez chamou a atenção pelo barulho do misto entre euforia e decepção em uma mesma *onda* que perpassou pela ambiência do estádio.

Como comentado mais acima, essas *ondas* compõem fortemente o ritual do jogo e são intimamente relacionadas a todos os aspectos sensíveis do estádio. No entanto, é importante frisar que, devido às proporções do Maracanã, todos os aspectos sensíveis parecem aumentados, os sons ecoam, os movimentos se avolumam, as cores e formas unem as grandes massas de torcedores. Isto pode ser ilustrado com um trecho de nosso caderno de campo: **“todos os torcedores se levantam para cantar o Hino Nacional e é a primeira vez que presencio todos os torcedores de todos os setores se levantando para juntos cantarem. Após acabar o hino os torcedores**

começam a cantar em coro: *'sou tricolor de coração, sou do clube tantas vezes campeão'* e isso ecoa pelo estádio em uníssono” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x São Paulo, 18/10/2017). *“Os cânticos de encorajamento partem da torcida organizada que está presente, mas de repente contagia todo o setor Leste e há mais movimentos de braços e um uníssono dos cânticos. No telão há a legenda da música que está sendo cantada pela torcida do Flamengo que se alterna com o escudo do time”* (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017).



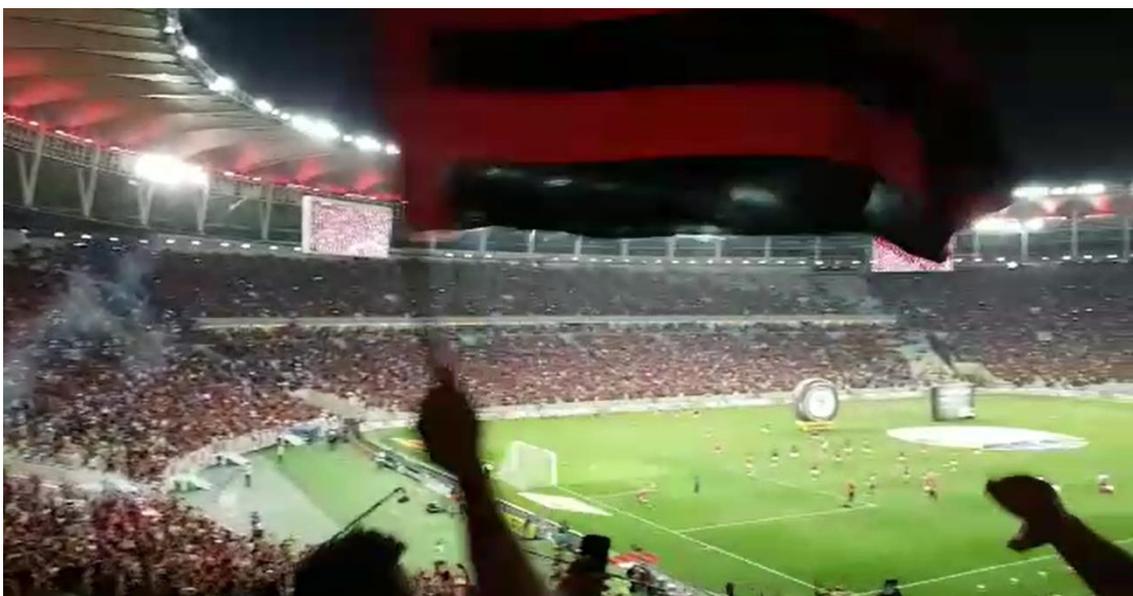
Figuras 66 e 67 - torcedores de pé no setor leste logo após o Hino Nacional Brasileiro. Em seguida, quando começou a partida, todos se sentaram; escudo do Flamengo no telão. Fonte: própria autora

Como bem coloca Tuan (1983), o som (um dos principais elementos sensíveis da ambiência notável) dramatiza a experiência espacial uma vez que eles dão sentido ao acontecimento. Os sons conduzem a festa no estádio, mas também são eles que ampliam os momentos de raivas, as manifestações diversas de confusões, tornando o acontecimento maior do que realmente é, aparentando ter às vezes uma amplitude imensurável.

No outro extremo do som, temos o silêncio, que no estádio também faz parte da ambiência e que normalmente antecede momentos de perigo, como percebemos na análise *in loco*. Ele “incomoda” da mesma forma que o alto barulho e, sentir um estádio inteiro calado é impressionante, como descrito no caderno de campo: *“Antes do pênalti ser batido, todo o estádio se cala e o lugar é tomado por um silêncio tenso, um silêncio que amargura o lugar”* (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Atlético PR. 15/11/2016).

Observamos em nossa pesquisa de campo que a grandiosidade do estádio se altera em diferentes partidas, uma vez que ela não está representada somente pelo tamanho físico, mas pelo eco dos aportes sensíveis, logo, a ambiência de uma final de

campeonato muda completamente para a ambiência de jogos convencionais. Mesmo em decisões de mata-mata, a GRANDE FINAL é mais emblemática, é criada uma atmosfera diferente e o estádio muda completamente de som, cor, calor, movimento, ou seja, todas as sensações se modificam com a dinâmica do jogo mais decisivo.



Figuras 68 e 69 - efusividade no jogo entre Flamengo x Cruzeiro. Fonte: própria autora

Outro ponto por nós investigado é a memória e sua relação com o *Colosso*. A memória é peça chave na descrição da grandiosidade do Maracanã, porque outrora o estádio comportou um público muito maior que o público atual, era considerado o

estádio das grandes massas, além de ter sido palco de jogos grandiosos e emblemáticos. Nesse relato extraído da narrativa de A.O, percebemos essa dimensão:

a outra vez que me lembro de vir aqui ao Maracanã foi na final da Copa América de 1989. Isso aqui estava lotado, quase 140 mil pessoas. Antes do jogo do Brasil, teve a preliminar, que era a disputa do terceiro lugar, entre a Argentina e Paraguai. Como sempre, estávamos sentados atrás do gol e quase presenciei um golaço do Maradona, chutando a bola do meio de campo e a bola explodindo no travessão. Aliás, que sorte a minha poder ter visto Maradona jogar. Pensando bem, vi os melhores jogadores da história jogar em estádio: Maradona, Reinaldo e Ronaldinho Gaúcho... (Entrevista com A.O. concedida no dia 21/08/2017).

Da mesma forma, outro torcedor entrevistado nos relata: “só consigo dizer que o Maracanã é majestoso. Já frequento há décadas, mas sempre que eu entro sinto essa imponência do lugar” (Entrevista concedida por O.C no dia 28/10/2017). Esse discurso do tamanho físico do Maracanã aumenta a sua dimensão simbólica e sua grande importância para o esporte e para a sociedade de uma forma geral. É no arquivo da memória que a imensidão do estádio é acionada.

Por outro lado, percebemos que o simbolismo trazido da descrição física do equipamento, como a sensação de “apinhamento” do lugar “lotado” e da “quase” emoção de um gol do ídolo, faz-nos pensar que a experiência em uma ambiência notável nem sempre é positiva, mas de qualquer maneira, se ancora em nossa memória e se incorpora no nosso sentimento pelo lugar.

Por meio de narrativas de torcedores, percebemos que a grandiosidade do Maracanã transcende o bem construído, como nesse relato de R.S:

para a pessoa que vem a primeira vez, eu diria que a pessoa irá conhecer o maior estádio do mundo e um dos palcos mais importantes do futebol, sede de 2 finais de Copa do Mundo. Além de ser o estádio mais representativo do futebol carioca, local de decisões memoráveis. Como, por exemplo, a final do campeonato carioca de 2003, com o gol do Pet aos 43min do segundo tempo. Épico! (Entrevista com R.S concedida no dia 20/11/2017)

Notamos em nossas análises, portanto, que o afeto pelo Lugar dimensiona o estádio para algo muito maior, mais transcendental e importante: “O Maraca tem uma atmosfera muito boa, ainda mais quando está cheio. Sou torcedor do Flamengo e a nossa torcida dá um show! O Maracanã é um estádio ímpar, com todo esse tamanho

impressiona quem acessa pela primeira vez” (Entrevista concedida por P.P no dia 23/11/2017). “Ao tentar explicar isso aqui, eu diria que não se trata de um estádio apenas. Trata-se de um patrimônio cultural do país, não se restringindo apenas a ser uma arena desportiva. É um colosso onde sentimentos transbordam” encerrou P.H em entrevista no dia 07 de setembro de 2017, demonstrando que a magnitude do Maracanã está vinculada muito mais às relações que são estabelecidas e às sensações que a ambiência proporciona.

Ou ainda, como o relato de L.S.:

desde a primeira vez que vim ao Maracanã, eu fiquei muito impressionada com a enormidade da Raça. Por ser um lugar enorme, é possível ter muita gente junto e você se sente ao mesmo tempo pequenininha e também enorme porque você vê que faz parte de um grupo imenso, muita gente, dezenas de milhares, todo mundo junto torcendo como se fosse um só gigante... dá uma sensação de imersão na imensidão. É muita emoção (Entrevista com L.S. concedida no dia 28/10/2017).



Figura 70 - Flu x Fla do dia 25 de outubro de 2017. Fonte: própria autora

5.4 – *Teatro de Sonhos e Emoções*

O extrato *Teatro de Sonhos e Emoções* é a síntese do que os torcedores entendem sobre os 90 minutos de jogo como se se desenrolasse uma encenação, da qual são espectadores e partícipes em volta de um palco com adversários buscando uma vitória ao final. Esse extrato se diferencia do *Lugar Mágico*, uma vez que nos atentamos às encenações que envolvem uma partida de futebol e todo o ritual que está por trás dessas atuações.

O estádio contemporâneo tem o status de arena e um caráter “multisserviços” atendendo a ordem do mercado. Entretanto, enquanto formato de visibilidade, de participação ativa das pessoas e de contribuinte para as bases de um “espetáculo”, podemos dizer que a “arena” é mais próxima da configuração trazida dos antigos estádios e que nos remete ao palco central, visível a todos e cercado por pessoas que analisam atentamente todo o desdobramento da trama e levam emoção ao lugar.

O Maracanã é “*simplesmente um teatro de sonhos e emoções, onde todo mundo que veio e ainda vem sente algo diferente de tudo*” (Entrevista com P. H. concedida no dia 07/09/2017). Assim, atentamos neste extrato, que o *Teatro* do Maracanã nos remete às emoções de fazer parte da “encenação”, da coparticipação entre todos ali presentes.

Uma prática do *Teatro* é o ritual e percebemos em nossa pesquisa de campo que no estádio-arena há vários momentos ritualizados que caracterizam a ambiência sensível do lugar e contribuem para a formação de microambiências fora e dentro do estádio. Nesse fragmento do caderno de campo, observamos traços de um ritual que circunda a ambiência do Maracanã e do dia do jogo: ***“até esse momento de chegar ao estádio, várias coisas acontecem e há uma ritualização na vida de todos os frequentadores (inclusive na minha): preparação para ir ao estádio com uniformes ou roupas adequadas com as cores das equipes; esperar o momento exato para sair de casa; passar ou não no bar para beber e discutir com os companheiros; comprar ou retirar ingresso ao mesmo tempo em que falamos sobre a escalação da equipe; ter o momento exato de ir para o portão, ser rodeado por uma aura de tensão e fazer parte do coletivo; adentar e subir a rampa cantando; ser tomado pela emoção de olhar as cadeiras e o campo; torcer e torcer. Momentos que duram mais que 90 minutos da partida”*** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Fluminense, 12/10/2016). Há, como ilustra o trecho, um “script” e um “roteiro” que é seguido por cada torcedor mesmo antes de chegar ao estádio.



Figuras 71, 72 e 73 - torcedores no entorno do estádio: encontro de torcedores adversários, compras e trocas de ingressos, conversas e bebidas. Fonte: própria autora

Ao chegar ao Maracanã, notamos que a teatralização começa no entorno e antes do início da partida. Por exemplo, nos bares os torcedores sempre portam seu uniforme e encenam um sorriso no rosto, parece ser proibido estar tenso; além disso, a grande maioria bebe, e a música de fundo normalmente é o hino da equipe ou alguns cânticos característicos do time e que são entoados pelos próprios torcedores (os hinos não oficiais). Os diversos torcedores que circulam devidamente uniformizados evitam passar próximo ao portão do adversário ou por respeito ou para não serem hostilizados; há sempre muitos vendedores de comidas, bebidas e *souvenirs* e até mesmo torcedores-atores fantasiados com as cores das equipes e cumprem o papel de animadores do pré-jogo. Embora haja uma dinâmica ritualizada, o que sentimos em nossas observações foi que antes da batalha, o clima é festivo, efusivo e, acima de tudo, representativo.



Figura 74 - torcedor-ator animando a torcida do Fluminense antes da partida. Fonte: própria autora

Podemos fazer um comparativo do acima exposto com o que escreve DaMatta (1983) sobre o Carnaval e o Dia da Pátria, uma vez que o autor distingue os eventos da vida cotidiana a partir das “vestes apropriadas, pois as vestimentas são coerentes com os gestos e comportamentos em geral” (p. 47). Assim como no Dia da Pátria, a veste é o uniforme, e no carnaval o apropriado é a fantasia, no futebol a camisa da equipe é parte do rompimento com a vida do dia-a-dia e a caracterização do torcedor. A partir das cores da equipe, os torcedores são atores que desempenham um papel em campo como o responsável por empurrar a equipe, se portar enquanto adversário da outra torcida e cumprir sua tarefa de sequenciar um ritual que é sempre engendrado durante a partida de futebol, como cantar, gritar, pular e criar movimentos de toda ordem.

A ritualização do *Teatro* do Maracanã tem forte vínculo à tradição que se desenrola e se mantém ao longo dos anos, como notamos nas narrativas e em nossas observações, vide esse trecho do caderno de campo: ***“uma coisa que sempre me intrigou é porque boa parte da torcida do Fluminense entra depois do apito do primeiro tempo e hoje descobri que é uma tradição, não tendo relação com trânsito ou mesmo bilheteria cheia. A Young Flu também tem outra tradição de entrar com dez ou cinco***

minutos antes da partida, portando bandeirões e em uma fila sequencial para ocupar lugares no setor Sul, sempre atrás do gol” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x LDU, 14/09/2017). Os atrasos, os bandeirões, ou seja, o ritual engendrado é parte da ambiência que continua sendo repassada no novo Maracanã.



Figura 75 - 1) processo de ocupação da torcida do Fluminense minutos antes de começar a partida; 2) estádio com grande ocupação no segundo tempo de jogo; 3) e a entrada das torcidas organizadas com bandeirões minutos antes do jogo. Fluminense x São Paulo, 20 de outubro de 2017. Fonte: própria autora

Tuan (1983) assevera que a vida diária na sociedade moderna requer que estejamos conscientes do espaço e do tempo como dimensões separadas e como medidas transponíveis da mesma experiência. No entanto, eles coexistem, se mesclam e cada um deles é definido de acordo com a experiência pessoal. Logo, esse processo ritualizado do jogo tem estreita relação entre espaço e tempo, pois os rituais obedecem a ritmos e temporalidades. No estádio há o tempo do jogo, que dura aproximadamente 90 minutos, mas o processo ritualizado tem um tempo maior e tudo faz parte desse horário “sagrado”.

Aos darmos pequenos *zooms* nos grupos de torcedores, o estádio se reduz a códigos e a papéis que são desempenhados dentro de um grande ritual. Esses pequenos códigos criados e os diversos papéis dos torcedores são incorporados pela grande atmosfera que perpassa e rodeia o lugar. Percebemos que as bandeiras tremulam somente nos setores Norte e Sul, assim como os cânticos têm sempre origem nesses mesmos lugares; as cores dos uniformes são quase que obrigatórias e quem não as porta ou usa cores do adversário é hostilizado; as luzes ou movimentos com os braços têm momentos certos de surgirem e normalmente se intensificam no segundo tempo do jogo; ficar de pé nos setores Leste e Oeste somente em partidas decisivas ou no segundo tempo do jogo (transgredindo a regra da vigilância do estádio); sentar-se nos setores Norte e Sul somente nos cantos (laterais), no centro não nos sentimos à vontade... E, de repente, a equipe faz um gol: todos se levantam, se abraçam e seguem cantando por um determinado tempo, até que as condutas voltem ao “normal”. A ambiência se renova a cada jogo, mas o ritual tem procedimentos e códigos que não podem ser negados, como ilustra DaMatta no trecho abaixo:

Há, assim, junto aos códigos múltiplos que dividem os “palcos” e os papéis sociais, como diz Gluckman, uma luta pela contaminação de todo o sistema por parte de um grupo social e sua ideologia. A dinâmica desses sistemas é, em consequência, de contaminação total ou de equilíbrio. Isto é, certos períodos são dominados por certos grupos sociais e todo o sistema é ordenado segundo sua perspectiva, categorias e valores; outros períodos são dominados por outros grupos. No contexto do estudo dos rituais, diria que na história da sociedade ocidental os vários sistemas sociais têm sistematicamente apresentado, através dos tempos, as possibilidades de se ter códigos múltiplos em convivência equilibrada ou de se ter apenas um código de um grupo que é o dominante e o contaminador de todo o sistema. (DAMATTA, 1983, p. 59)

Outros fenômenos observados durante o jogo, e que igualmente fazem parte do ritual, compõem as *ondas* que cortam as ambiências, como os gritos e os insultos em momentos cadenciados do jogo; a participação mais ativa no segundo tempo de cada partida; a vaia para a torcida adversária; a tensão quando um jogador vai bater um pênalti; isto é, tudo é composto de algo que tem momentos específicos e um lugar exato para acontecer. É parte do “teatro”, como pudemos constatar *in loco*: **“penso que isso é o ‘fazer parte’ do jogo, estar incluso de fato, como o 12º jogador”** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Santos, 27/11/2016).

Os movimentos ritualizados são parte do comportamento das massas, em que todos assumem uma postura de um coletivo, mesmo que inconscientemente e conseguem criar identidade com aquele momento, formado pelas relações que condicionam uma memória coletiva, como atesta Freud (1990).

Mas há também quem atue sozinho sem, no entanto, ser deslocado do “roteiro”. Faz parte da cena. Este é o caso, por exemplo, de torcedores que demonstram raiva, como visto nesse trecho do caderno de campo: **“Um senhor muito irritado com a equipe grita: ‘merda de time! Ataca Fluminense’. Ele se movimenta de um lado para o outro e está completamente inquieto com a partida. É um tipo de comportamento que chama a atenção, pois no começo do jogo ele estava efusivo e encorajando a equipe: ‘Vai Fluzão!’. São as dores e delícias de ser um torcedor aficionado”** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Vasco, 27/08/2017). Percebemos que a identificação com o lugar está vinculada a simbólicos que podem ser expressos também pela raiva dentro do ritual do jogo. Ofender, fazer movimentos de descontentamento com os braços, é indicar que aquele lugar é também para isso. Naquele “mini círculo” delimitado pelo torcedor raivoso, é permitido extravasar. Segundo DaMatta,

o rito estando na situação extraordinária, ele se constitui pela abertura desse mundo especial para a coletividade. Não há sociedade sem uma ideia de um mundo extraordinário, onde habitam os deuses e onde, em geral, a vida transcorre num plano de plenitude, abundância e liberdade. (DAMATTA, 1983, pp.31-32).



Figura 76 - Torcedor nervoso no jogo Fluminense x Vasco. Fonte: própria autora

Mesmo que alguns movimentos sejam mais individualizados, como os atos de xingar sozinho, entendemos a partir de nossa pesquisa de campos que isso é fundamentado no mundo social pautado em símbolos, como salienta DaMatta (1983). Assim, todas as ações sociais são atos rituais ou passíveis de ritualização. Esse exemplo também pode ser elucidado quando observamos a prática do “radinho” trazida de outras épocas de frequentadores de estádio. Esse ritual ainda existe, mesmo que às vezes o “radinho” seja substituído pelo celular e um fone. Novamente buscamos DaMatta, que elucida sobre a individualização, pois ela nunca deixada inteiramente livre e se enquadra em um grande esquema de representação cênica onde todos devem desempenhar um papel. Assim, todos os torcedores desempenham seu papel no espetáculo que se desenrola no Maracanã.



Figura 77 - Torcedor com um celular adaptado para o antigo “radinho”. Fonte: própria autora

Observamos em nossa pesquisa de campo que, concomitante aos velhos hábitos, há hoje novos hábitos como as *selfies* feitas pelos celulares. São encenações que se misturam e fazem parte de (novas) ambiências do estádio. No Maracanã pós-reforma para a Copa de 2014 toda a experiência é feita pela mistura de vários elementos (velhos e novos) na encenação, mas sem deixar de lado a integração, isto é, o “torcer junto”, uma vez que o estádio é um equipamento construído para a aglomeração dos indivíduos.



Figura 78 - Torcedores fazendo selfie durante o jogo. Fonte: própria autora

Outras teatralizações que nos chamaram a atenção no novo estádio, como descrito em caderno de campo, foram a “*sincronização no movimento de balões no setor Leste dando cor e movimento ao estádio. Fica muito bonito, mesmo que os torcedores façam isso a maior parte do tempo sentados*” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x LDU, 14/09/2017). Esses balões inseridos no espetáculo criam uma ambiência ritmada, colorida e festiva no setor Leste. O *zoom* dado mostra-nos velhos e novos torcedores em movimentos que imputam dinâmica no novo lugar enquanto corroboram para a criação de fragmentos memorativos ligados às cores, ritmos e a magia do estádio.



Figura 79 - Balões no setor Leste e torcedores sentados. Fonte: própria autora

Percebemos que as ambiências das arquibancadas são, algumas vezes, um ato cenográfico que se desenrola no estádio, como o exemplo descrito nesse fragmento do caderno de campo: **“de repente, todos os torcedores do setor Sul acendem as lanternas dos celulares e começam a balançá-las, como se estivessem em um show. E é um misto de luzes e movimentos”** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x São Paulo, 18/10/2017). O cenário criado pelas dezenas de milhares de pequenos flashes evidencia o poder plástico da luz, gerando novas atmosferas e reafirmando a ideia de que cada luzinha é alguém que forma um só corpo com o coletivo.



Figura 80 - Lanternas acesas no setor sul. Fonte: própria autora



Figura 81 - Lanternas acesas no setor sul. Fonte: Blog fim de jogo - www.fimdejogo.com.br/blog/2017/08/18/venda-de-ingressos-fluminense-x-atletico-mineiro/, 2017

A partir das narrativas dos torcedores, percebemos que adereços e elementos cênicos corroboram com o sentimento de pertencimento ao lugar (físico e simbólico), como observado nesse trecho da entrevista de C.A.C: *“Veja bem esse bandeirão, que lindo! (fazendo referência ao bandeirão que estava estendido nas cadeiras. Quando levantaram o bandeirão, até eu fiquei embaixo dele). Isso só tem aqui no setor Sul, onde eu sempre fico”* (Entrevista concedida no dia 15/11/2016). O torcedor tem apreço por se sentir parte da encenação e isso demarca o local do qual se sente parte.

Como falamos anteriormente, presenciamos em nossa pesquisa de campo algumas novas encenações, mas que em certa medida causam certo estranhamento no torcedor tradicional. Como mencionado na taxonomia do segundo capítulo, percebemos um novo ator convencionado de espectador-ator (embora todos os torcedores dessa taxonomia sejam entendido como atores do teatro que acontece durante a partida de futebol), que eram “excluídos” do antigo estádio mais violento e segregador, como no caso de mulheres e crianças apontadas no caderno de campo: ***“Famílias inteiras são vistas no estádio. Há muitas mulheres e crianças, mas a maioria ainda é de público masculino”*** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Vasco, 28/10/2017). Essas pessoas encaram a ida ao estádio como um evento social, em um ambiente limpo, seguro e confortável.

São igualmente parte do teatro, e um desses exemplos são os pedidos de casamento feito no estádio: ***“Thaís, casa comigo? Eu te amo!”. O torcedor que fez o pedido estava no leste inferior, logo na posição onde as câmeras captam melhor. Percebo que o objetivo dele é que a Thaís veja pela TV o seu pedido”***, no jogo entre Fluminense x Vasco no dia 27 de agosto de 2017.

Embora o espectador-ator ainda seja somente um espectador menos aguerrido, percebemos que o que prevalece no Maracanã ainda é a efusividade torcedora que acaba contagiando os demais e é responsável pela participação ativa no encorajamento da equipe: **“explode coração na maior felicidade, aqui é o meu Fluzão contagiando e sacudindo o Maraca’ paródia de um samba enredo do Salgueiro apropriado pela torcida do Fluminense compondo o som da ambiência do estádio” [...]** **“E a pequena torcedora empolgada à minha frente sobe na cadeira e acompanha o ritmo das torcidas Organizadas”** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Vasco, 28/10/2017). Essa observação é ratificada por esse trecho da narração do torcedor R.S: *“não faço parte oficialmente de nenhuma torcida organizada, mas conheço muitos membros de torcidas e diversas vezes vou a jogos com eles ou acompanho o jogo ao lado deles dentro do estádio. Conheço e sou amigo de membros das torcidas Young Flu, Força Flu, Bravo 52 e Sobranada. Normalmente vejo o jogo na bateria da Bravo 52 ou próximo a ela porque é sempre mais animado estar ali”* (Entrevista concedida no dia 20/11/2017). Mesmo não integrando as torcidas organizadas, R.S é por vezes um torcedor-satélite por gostar da festa que se reproduz no local onde essas se instalam as torcidas, principalmente por poder encenar junto e se sentir copartícipe.

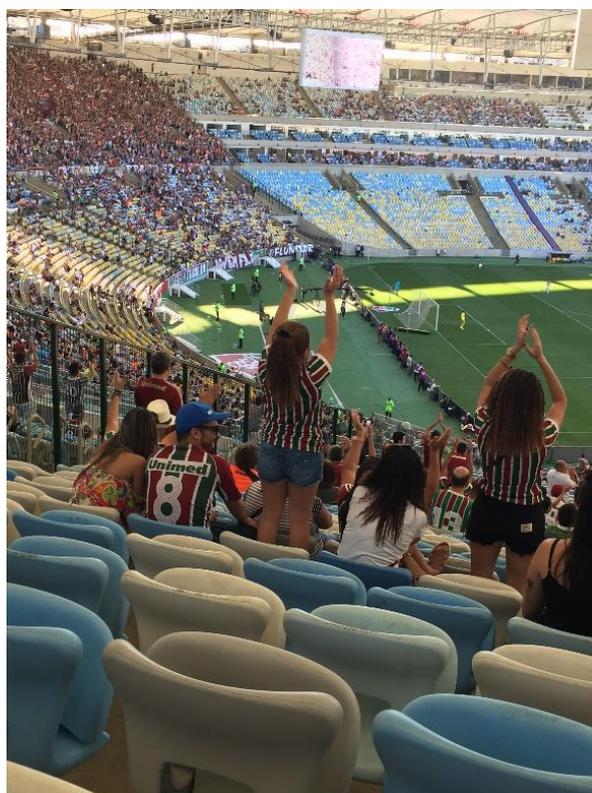


Figura 82 - Pequena torcedora em cima da cadeira. Fonte: própria autora

O Teatro das Emoções é também um rompimento no cotidiano. Torcer é uma festa, as pessoas comuns se transvestem de torcedores, se transformam e se entregam de corpo e alma a essa festa que é a torcida pelo seu time. Em uma analogia com o carnaval de DaMatta (1983), podemos dizer que o futebol recria seu espaço social com suas próprias regras, seguindo sua própria lógica. Segundo o autor, “Em condições normais, esse espaço – por ser vigorosamente contrário ao mundo cotidiano, e sendo dele uma imagem invertida – apenas reforça esse mundo, confirmando-o.” (DAMATTA, 1983 p. 68)

Assim, as encenações das torcidas também contagiam e estar no meio delas nos faz sentir também espectadores ao mesmo tempo em que atores. Como anotado em caderno de campo: **“aqui no setor Norte ninguém fica sentado e embora eu queira me sentar eu me sinto constrangida em fazê-lo. Nos outros setores, como, por exemplo, nas cadeiras cativas logo aqui ao lado, há variações: várias pessoas sentadas, mas também várias pessoas em pé” [...] “Uma curiosidade é que na divisória entre o setor Norte e as cadeiras cativas há torcedores em pé o tempo todo. O setor Norte é praticamente todo assim, mas as cadeiras cativas não e ao passar o olho por toda a extensão desse último setor, a maioria das pessoas está sentada. O que percebemos é que o setor Norte contagia as imediações mais próximas das cadeiras cativas”** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Junior Barranquilla, 23/11/2017).



Figura 83 - à esquerda setor norte e à direita, após as grades, cadeiras cativas. Fonte: própria autora

Podemos resumir que o *Teatro das Emoções* está imbricado no ritual do jogo enquanto transborda emoções quando há momentos de alegria, ou de tristeza, proporcionados pela partida de futebol, mas vividos em estreita relação com os pares, marcando a memória de cada torcedor ali inserido. Em um trecho do caderno de campo percebemos o sentimento e a questão que brotam após um jogo: **“o futebol e seus jogadores são os deuses e isso é reforçado em campo, mas a torcida dá a tônica,**

caso ela não esteja lá, qual o sentido do estádio?" (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Sport, no dia 25/11/2017)

Por fim, ilustramos a teatralização da saída do Maracanã, que faz o fechamento do espetáculo. Após o fim do jogo, observamos em campo que o que sobra é **“pessoas cantando e falando no entorno. O ‘zum-zum’ é grande e todos seguem a pé ou buscam por algum transporte. Seguimos o ‘formigueiro’ de pessoas e a ressaca que do jogo sobrou”** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017). A ambiência final se esvai aos poucos, enquanto seus resquícios ainda pairam sobre o estádio e os torcedores até que nenhum deles seja mais visto. Cai o pano.

5.5 – Engomadinho

A frase “não é mais o mesmo Maracanã” foi escutada muitas vezes, inclusive foi essa assertiva que instigou o problema da pesquisa: será que mesmo com as mudanças o estádio consegue ser ressignificado?

Sabemos, como discutido no referencial histórico do trabalho, que a reforma do estádio passou por polêmicas e o torcedor não foi consultado a opinar. Além disso, no caso do Maracanã houve questionamentos quanto às normas do tombamento enquanto patrimônio histórico, o que agravou ainda mais a insatisfação.

No entanto, o que mais instigou debates sobre o novo Maracanã foi o controle empregado a partir do final da década de 1990 que levantou questionamentos sobre a violência simbólica que o estádio estava sofrendo pelo encarecimento dos ingressos. A consequência disso seria o cerceamento ao acesso a uma das principais formas de lazer de milhões de brasileiros, como atestou Castro (2016). O encarecimento do estádio legitima seu encolhimento, as políticas de segurança e controle dos torcedores.

Nesse extrato, então, conduzimos o texto com as angústias e problemáticas causadas com as reformas atentando principalmente para os sentimentos dos torcedores aficionados e sua relação com o ambiente construído e todos os aspectos sensíveis que rodeiam o lugar.

Uma das primeiras angústias que ouvimos de alguns entrevistados refere-se ao encolhimento do estádio. Essa diminuição não se pauta somente na estrutura, embora em um primeiro momento a parte física chama mais a atenção, mas também e principalmente no sentimento que se apossa de quem está dentro, de quem faz parte. Para alguns, o Maracanã continua sendo o gigante, mas ele foi maior em outra época, pois era um lugar mais acolhedor e popular. Esse encolhimento está no fragmento da fala de R.F:

Eu não gostei da reforma do Maracanã. Eu achava que o Maracanã deveria permanecer do jeito que estava. Eu acho que deveria modernizar algumas coisas, pois tinha muita coisa maltratada, fazer uma reforma de segurança. Melhoria de banheiro e de infraestrutura para o público, mas mudar radicalmente do jeito que mudou, eu sou contra. Há dois motivos por eu ser contra: primeiro que perdeu a essência do Maracanã, pois era um estádio que abrigava o popular e o rico com a mesma proporção e o mesmo tipo de vontade de ver o jogo e hoje ficou muito elitizado e o segundo porque hoje não tem mais a Geral. Na Geral, o preço era popular e se ficava muito próximo do campo, tinha contato direto com o time. Chegava-se bem perto do ídolo, ele apertava a tua mão e na hora do gol ele quase se jogava

em cima da gente, porque havia um contato muito próximo do teu corpo e do teu jogador (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

Mesmo que o torcedor não tenha sido consultado sobre as alterações que seriam feitas no estádio, notamos que essa sensação de diminuição também está muito atrelada à resistência do torcedor às mudanças. Deparamo-nos com as mudanças surgindo enquanto demandas contemporâneas e visando a modernização, porém elas vão contra certos desejos de continuidade de outra parcela que acredita que outrora “era melhor”, sendo perceptível na narrativa de R.F. São essas narrativas que nos mostram um trauma sofrido com o novo Maracanã. Mesmo que ele utilize de sua memória para trazer à tona suas lembranças agradáveis sobre o “Maraca”, percebemos que essa mesma memória segue uma linha do lamento, evidenciando uma experiência traumática pautada naquilo que se alterou e não voltará mais a ser.

Ainda sobre o encolhimento, R.F continua em sua declaração:

a parte de arquibancada era infinitamente superior (em capacidade). Eu vi um Fla x Flu em 1983, decidindo um (Campeonato) Carioca e tinha 153 mil pessoas. Hoje, não cabem 80 mil pessoas. Então, eu acho que perdeu muito a graça e a essência de que era o estádio. Era um estádio popular e hoje é um estádio de elite. [...] Infelizmente, meu filho que hoje tem 26 anos não pode ter essa graça de ver o Maracanã como era o Maracanã antigo. Para a Copa e para as Olimpíadas deveria ter sido criado um estádio novo e não mexer no Maracanã. Hoje em dia sim, tem que ter cuidado com acessibilidade e as pessoas com deficiência, então isso tem que ser melhorado. [...] Antigamente isso aqui era sem estrutura, construção antiga de 1950, então isso melhorou muito, mas eu acho que a essência do Maracanã, de ser um estádio popular, de ser um estádio grande, isso não deveria ter sido feito (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

O nosso entrevistado traz fragmentos que denotam o reconhecimento da melhoria de alguns aspectos do Maracanã e a compreensão de que não deve haver o engessamento do monumento, uma vez que as estruturas requerem restauração e manutenção frequentes, porém, percebemos nessa narrativa que o gigantismo de outrora é o símbolo do que era bom, mesmo que a quantidade de pessoas não seja o ponto significativo de sua fala, mas o fato de ter perdido a sua “essência” engendrada pelos populares. Esse é um discurso reverberado por certa parcela do coletivo, como constatamos com as nossas entrevistas. Há ainda certa relutância ao novo. Em relação a isso, Freud (1990) assevera: “o grupo é inteiramente conservador e tem profunda aversão por todas as inovações e progressos, e um respeito ilimitado pela

tradição” (p. 120). O indivíduo, segundo o autor, deixa seus princípios de lado em função de uma ordem do grupo, logo, mudar essa ordem pode causar um grande revés em toda a função e atuação desse grupo. Por isso, há uma grande rejeição às inovações e mudanças, bem como uma defesa da tradição que não deve ser só mantida, mas igualmente perpetuada.

Em nossa pesquisa, percebemos que o cunho mais popular do estádio e o jeito “solto” de torcer, isto é, sem controle estrito dos corpos, tinha também relação direta com a sua apropriação. Embora haja promoções e gratuidades no novo Maracanã, o que percebemos nas narrativas dos sujeitos é que havia no antigo estádio um menor controle sobre os corpos, mesmo que esses próprios torcedores atribuam a perda da “essência” ao seu encolhimento físico e não à sua dinâmica, como vemos nesse trecho da entrevista de A.R.:

eu costumo dizer que o Maracanã acabou. Depois da reforma para a Copa, parece que o espírito é outro. Não que a gente não torça, mas o Maracanã, ele perdeu a essência dele, aquela coisa de povão, de ser aberto para todo mundo, perdeu, hoje em dia não é mais. Só o fato da Geral ter acabado, é triste, pois a Geral era um lugar de todos, não somente quem não tinha dinheiro. Tinha gente que ia porque gostava, com radinho de pilha no ouvido, aquilo era uma vibração sem igual. E a arquibancada também, com aqueles copos de xixi voando, copo de cerveja, isso tudo fazia parte, tudo fazia parte do que era a essência do Maracanã. Isso tudo mudou muito, com aquele monte de ‘cadeirinha’ e tem que ficar sentado, bater ‘palminha’, isso não é para brasileiro, isso é para europeu (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/2017).

Da mudança dessa dinâmica, atrelada à reforma do Maracanã, percebemos que restou um trauma e isso reverberou enquanto problemática para aceitação do novo, mesmo que a grande parte dos torcedores ateste atualmente seguir torcendo pela sua equipe dentro desse equipamento.

O trauma da retirada da *Geral* também se destacou em nossa pesquisa. Em comparação com a arquibancada, que também não existe mais, constatamos através das narrativas dos entrevistados que a perda da *Geral* causa comoção, principalmente por atestar o valor “popular” tão conclamado nas falas dos aficionados. No Maracanã, como podemos constatar com a coleta de tantas narrativas, a *Geral* continua sendo um espaço mítico para aqueles que frequentam o estádio. Mesmo para quem não fazia parte dos *geraldinos*, a *Geral* ainda é tratada por muitos como parte importante da identidade do estádio. Para muitos, a retirada desse espaço causou uma ruptura fatídica na história do estádio e atualmente diminui a riqueza de sua ambiência.

Tuan (1983) tem uma passagem em sua obra que nos permite fazer uma analogia interessante com os espaços míticos do Maracanã. Segundo o autor, na sociedade ocidental contemporânea, as pessoas em um bairro conhecem bem sua área, mas é possível que não conheçam a área ocupada por um vizinho. Ambos os grupos, entretanto, compartilham um impreciso conhecimento comum acumulado (mitos) a respeito de uma área muito maior na qual suas próprias áreas locais estão inseridas. Apesar de impreciso, esse conhecimento é necessário para a sensação de realidade de um mundo. Quando tratamos de espaços míticos do Maracanã, percebemos que mesmo pessoas que não usufruíam alguns deles, como o caso da *Geral*, esses espaços eram parte de um contexto do lugar e que denotavam uma realidade do estádio. Essa realidade foi desfeita, e o que foi rompido passa agora por um novo processo de conhecimento do lugar, em um primeiro momento causando estranhamento, podendo (ou não) gerar aceitação.

Constatamos em nossa pesquisa sobre o projeto do novo Maracanã que houve a ampliação no número de rampas de entrada/saída do monumento (hoje são 4), em relação ao antigo estádio (eram 2 rampas). No entanto, as rampas monumentais do antigo estádio, que foram igualmente reformadas, não mais acessam diretamente os setores populares pelo anel que foi fechado e isso conflita com os interesses de torcedores que as utilizavam com frequência. Este fato pode ser ilustrado com o trecho do entrevistado W.J:

o que eu mais sinto falta hoje é entrar e sair do Maracanã pelas rampas monumentais, aquela "rampona" bonita, o visual que eu tinha delas. As entradas modernas, as laterais, que a gente vai direto para trás do gol, não sei, sinto falta da outra. A maioria das torcidas - quando ficamos nas torcidas (Organizadas) - vai pelos portões laterais. A rampa monumental era um espetáculo, subia ela correndo, era muito bom (Entrevista com W.J. concedida no dia 27/08/2017).

Mesmo com os novos usos e novas rampas, há uma forte lembrança do passado e que nos leva a refletir sobre a memória e sua reverberação na coletividade e como isso tem forte implicação na identificação com o lugar. Sendo este relato da rampa parte de uma memória coletiva, uma vez que os sentimentos são compactuados por outros torcedores, o trauma sofrido pela alteração com as experiências do lugar exigirá um novo trabalho de experiência, envolto em novos elementos, para uma nova identificação.



Figura 84 - Rampa monumental do setor leste (entrada pela estátua do Belini) e que não dá mais acesso aos setores sul e norte, ou seja, setores próximos aos gols. Fonte: própria autora

A vigilância do estádio foi outra angústia reverberada na mudança do estádio para arena, bem como observada na pesquisa de campo. Percebemos que o torcedor se sente tolhido e vigiado pelo que ele considera um excesso de segurança. Na pesquisa de campo realizada no jogo clássico entre Flamengo x Fluminense, no dia 12 de outubro de 2017, o aparato de segurança foi um ponto de destaque, como constatado pelo trecho do caderno de campo: ***“hoje tem muito mais seguranças⁶⁶ no setor Leste, porque está muito cheio e os torcedores preferem ficar próximos ao local que faz a divisão com o campo. Tem pós-geraldinos, mas todo o setor Leste inferior está de pé, opondo-se ao Leste superior, em que todos estão sentados. No setor Norte, todos os torcedores estão de pé e eles e agora estão cantando bem forte. Muito parecido acontece no setor Sul, e isso instiga a tensão e maior número também de seguranças.”*** Sentimos que a ambiência do estádio, formada por cânticos, cores, movimentos corporais de encorajamento ou de tensão, é cruzada pelo controle da vigilância que denota um caráter menos espontâneo à partida. Embora tenhamos observado que a segurança interna consiga conter as confusões entre torcedores, ela em certa medida, tolhe e limita manifestações coletivas de apoio e movimentos mais fluidos que fazem

⁶⁶ Usamos no presente trabalho a denominação “seguranças” quando nos referimos às pessoas contratadas para controlar, vigiar, zelar pelas regras de segurança ou reprimir excessos.

parte de uma ambiência notável, como se manter de pé, gritar bem alto, pular e se abraçar a cada gol etc.



Figura 85 - destaque para seguranças sentados de costas para os gramados e observando os torcedores. Fonte: própria autora

Observamos *in loco* que os seguranças do estádio se entremeiam aos policiais, mas os primeiros se destacam mais que os segundos, pois normalmente vestem-se de verde ou amarelo fluorescente. Os policiais se limitam ao campo, mas os seguranças, munidos de suas cores vibrantes, se situam junto aos torcedores para que possam garantir a seguridade do público e ao mesmo tempo possam ser acionados ou temidos. Como registramos em caderno de campo: ***“Eles (os seguranças) olham a torcida e hoje tem muitos policiais armados e com cachorros também vigiando. Eles (os policiais) normalmente estão próximos aos seguranças no campo, mas os seguranças estão por toda a parte do estádio. Há sempre muitos, mas hoje há um acréscimo tanto de segurança como policiais por ser um jogo clássico”*** (observação da partida entre Fluminense x Vasco, no dia 27 de outubro de 2017).



Figura 86 - seguranças e policiais com cachorros. Fonte: própria autora

Como ilustrado acima, a pesquisa nos fez compreender que, como o novo formato de arena exigiu a retirada do fosso, que servia para conter as invasões, mas ao mesmo tempo poderia gerar quedas e pessoas machucadas, tornou o grande número de seguranças obrigatório. Quanto às divisões entre os setores, foram reproduzidas as grades divisórias que existiam no antigo estádio, porém, isso não impede a existência de um grande contingente de seguranças. Igualmente nos setores, os seguranças circulam e vigiam. Verificamos que o número de seguranças varia de acordo com a demanda do jogo.

Por meio das análises de campo e dos projetos do estádio, constatamos que a segurança antiga estava se tornando arcaica. Contudo, em conversas informais com frequentadores do estádio, observamos que o torcedor atualmente passa por um processo quase que intimidador, uma vez que está sendo o tempo todo vigiado: ***“ficamos esperando que todos saíssem e queríamos ficar um pouco mais, mas os seguranças vieram como que em uma corrente humana e começaram a nos expulsar, nos empurrando, não de maneira grosseira, mas incisiva”***, (trecho do caderno de campo no jogo entre Flamengo x Cruzeiro, dia 07 de setembro de 2017).

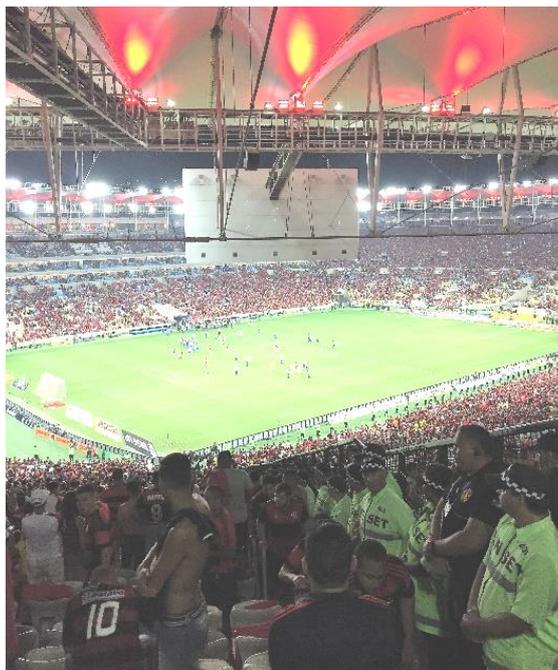


Figura 87 - seguranças em verde fluorescente na grade que separa o setor Sul do setor Leste.
Fonte: própria autora

Nas narrativas dos entrevistados, a pauta sobre segurança foi bastante reverberada, como nesse trecho da narrativa de R.L.:

eu acredito que seja possível me adaptar ao novo formato, embora existam alguns problemas. Esse tipo de estádio é inspirado no modelo europeu, e na Europa isso funciona muito bem. Exemplo de estádio europeu: vários seguranças encostados, o que encarece para o clube e isso reflete nos ingressos. Antigamente, esse problema era resolvido com o fosso, então bastava somente um policial aqui outra ali e alguns cães. Se algum 'doido' pulava aquilo, bastava o cachorro, pois ele era treinado para conter, nunca 'avançar', em alguém. Com esses seguranças, o jogo acaba encarecendo (Entrevista com R.L. concedida no dia 14/09/2017).

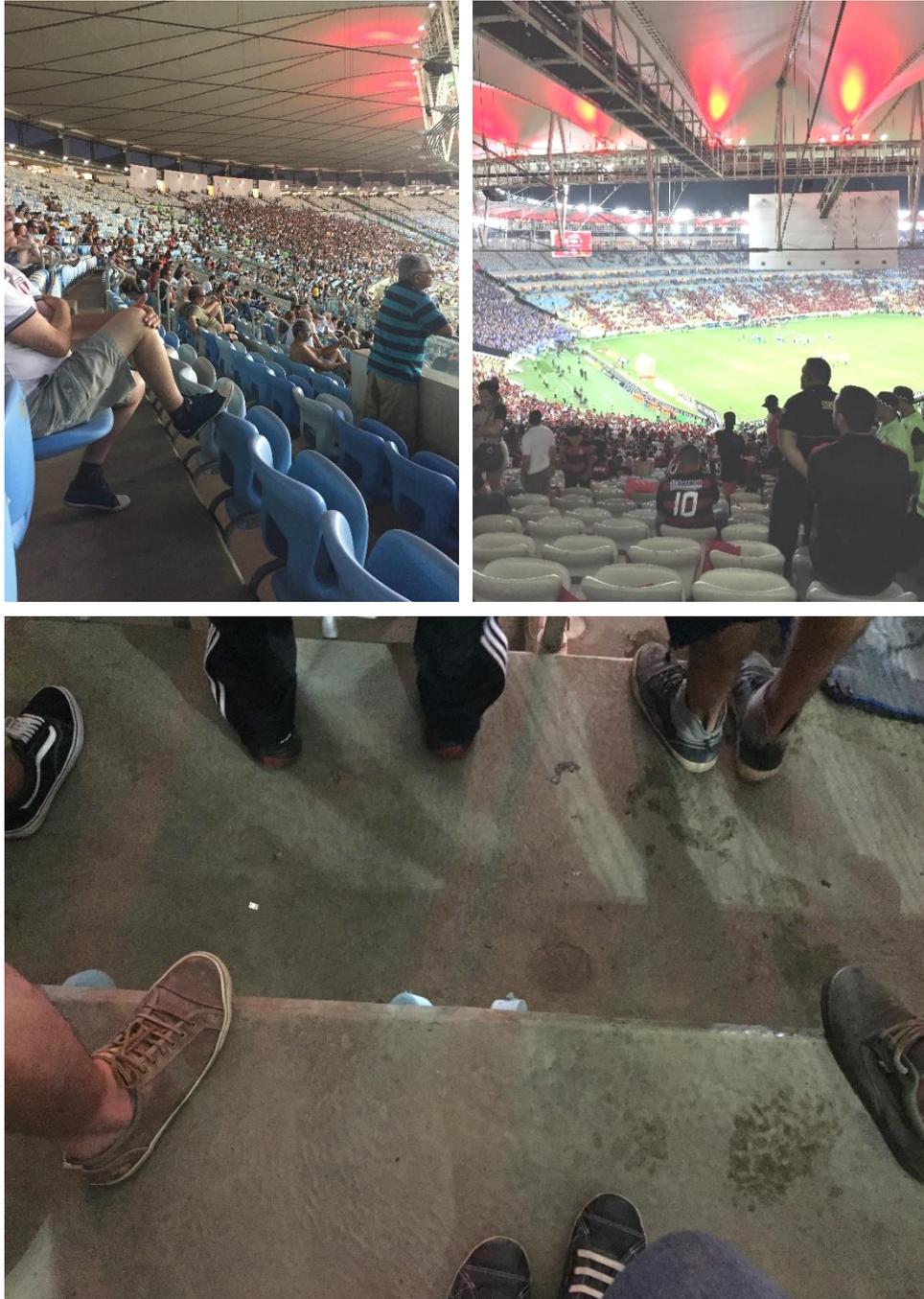
Foi perceptível que alguns setores flexibilizaram mais a vigilância do que outros. Nos setores Sul e Norte, por exemplo, a prática de torcer em pé, de ocupar escadas e rampas, colocar os pés nos assentos é bastante comum. No entanto, os setores Leste e Oeste ainda passam por certos controles, como no exemplo a seguir extraído do caderno de campo no jogo entre Fluminense x São Paulo, dia 18 de outubro de 2017: **“entramos pelo setor Leste. Na entrada, nos pediram o documento de identidade e a carteirinha de estudante. Normalmente, esses documentos são pedidos somente no momento de compra do ingresso, então, hoje é a primeira vez que sou solicitada na entrada da rampa. Além dessa solicitação na entrada, outra coisa que aconteceu, foi o segurança nos barrar na entrada da área gourmet do setor. Ele solicitou nossos ingressos para saber a numeração de nossas cadeiras e falou que tínhamos que**

entrar ao lado, ou seja, no lugar correto da numeração de nossas cadeiras. A justificativa dele é de que esse procedimento visa a evitar aglomeração na área gourmet, pois ainda está cedo, 20h45 e o jogo começa às 21h45. Os setores Leste e Oeste são mais criteriosos que os setores Sul e Norte". Muito mais do que convenções e protocolos, percebemos que há um excesso de controle sobre os corpos, uma grande vigilância que agora é parte do ritual.

Embora os ingressos tenham a numeração das cadeiras em todos os setores, notamos que atualmente essa numeração não é respeitada. Além disso, percebemos que algumas cadeiras foram quebradas e até o final da pesquisa não foram repostas. Em outra transgressão observada em pesquisa de campo, vimos que alguns torcedores que ficam de pé optam por lugares que não são permitidos, como lugares destinados a cadeirantes, escadas, rampas, além de debruçarem-se em vidros de divisórias entre níveis, principalmente nos setores mais populares e que têm sido cada vez menos vigiados quanto a essas práticas. Isto foi registrado por diversas vezes em caderno de campo: *“aqui no setor Sul, as pessoas ocupam a área de pessoas com deficiência sem nenhum problema com a segurança. No setor Leste, as pessoas são normalmente convidadas a saírem desses locais”* (trecho do caderno de campo no jogo entre Fluminense x Flamengo, 25/10/2017). *“No setor Leste inferior, um casal está com os pés nos encostos das cadeiras da frente e, imediatamente, o steward vem pedir para retirar. O setor Leste inferior ainda é mais criterioso com esse tipo de situação. Quando faço isso nos setores Sul e Norte, não há problema algum”* (trecho do caderno de campo no jogo entre Fluminense x São Paulo, 18/10/2017)



Figura 88 - aos poucos os torcedores conseguem ir transgredindo as regras, mesmo em setores mais vigiados. O setor Leste inferior é ainda controlado, mas o setor Leste superior os casos de transgressões vão sendo vistos aos poucos. Fonte: própria autora



Figuras 89, 90 e 91 - setores Sul e Norte: pés nos encostos das cadeiras; torcedores de pé debruçados nas divisórias em vidros; torcedores sentados nos encostos das cadeiras; e locais sem cadeiras e a utilização do espaço como arquibancada. Fonte: própria autora

Mesmo que, aos poucos, a torcida transgride as regras primárias do novo estádio, o processo acontece de forma controlada muitas vezes improvisada no espaço. Segundo Roux (2014), as vítimas simbólicas da mudança de paradigma desses equipamentos, os "lugares de pé" são combatidos energeticamente pelos novos designers de estádios e, mesmo quando existem esses "lugares de pé", eles estão ali

para recriar uma atmosfera propícia à comercialização do evento, ou seja, o que não denigre a imagem da marca e da mídia em questão.

Em entrevista efetuada para esta pesquisa, o sociólogo Nicolas Hourcade corrobora com o acima exposto:

os novos estádios foram construídos mais em relação às regras teóricas do que às práticas reais dos espectadores [...] os administradores de estádios e os arquitetos não levam em conta o fato de que alguns torcedores - nem todos - desejam participar da experiência completa do jogo. Eles quebram os assentos apenas porque não são adequados à sua prática de torcer. Não há consulta suficiente com os adeptos antes que o equipamento seja feito. Portanto, a própria maneira pela qual o novo estádio foi projetado pode causar problemas com os usos dos torcedores e o lugar pode se tornar perigoso enquanto se pensa que é seguro... (tradução nossa de entrevista ocorrida em 18 de julho de 2017)

As narrativas dos torcedores coadunam com a assertiva de Hourcade, pois reverberavam sobre as mudanças que alteraram radicalmente a percepção das pessoas em relação ao estádio e também ao fato de não ter havido uma consulta a esses torcedores sobre a reforma, como elucidado nesse trecho da entrevista de C.A.C:

*eu torcia mais próximo ao campo. Eu não ficava na geral, mas nas arquibancadas que não ficavam tão longe do campo. Agora, os ingressos mais baratos são nos setores superiores e eu não vejo muito bem o campo daqui, mesmo que tenha essa 'história' de bom campo de visão. **Eu não sou mais parte do jogo.** Hoje, os mais pobres, aqueles que ficavam inclusive na geral, ficam longe e não empurram o Fluminense. Meu avô ajudou na construção do Maracanã, e naquela época, as pessoas eram levadas em consideração, agora não (Entrevista com C.A.C concedida no dia 15/11/2016, grifo nosso).*

Esse trecho colhido no jogo entre Fluminense x Atlético Paranaense, em novembro de 2016, nos chama a atenção para um processo de des-pertencimento, quando ele o entrevistado traz à tona suas lembranças primeiro como um saudosismo e, em seguida, ele fala do trauma sofrido com os preços dos ingressos.

Sobre o des-pertencimento, lembramos que Heidegger (1967) aborda a existência de uma dinâmica de pertencimento e des-pertencimento ligada à busca do sentido à sua existência sempre a partir de uma perda. Ainda, segundo Vaz (2015), o despertencimento acontece “no despertencimento de lugares em que se pode chegar,

mas, de fato, não constitui o habitar” (VAZ, 2015, p. 284), ou seja, quando o sujeito não se sente mais uma parte atuante do lugar.

Nosso entrevistado lamentou não poder torcer próximo ao campo e isso, além de um sentimento particular, mostrou-se parte de um sentimento coletivo, pois observamos que o surgimento dos pós-geraldinos (mesmo com um público mesclado entre *geraldinos* e *não-geraldinos*) aconteceu como uma camada à *Geral* extinta, em que os torcedores buscam reterritorializar o mesmo local de outrora, fazendo-o através de uma camada.

Como elucidamos no segundo capítulo deste trabalho, a arena foi projetada como um lugar de boa visão em todos os setores, mas uma boa parcela dos torcedores parece entender que este aspecto não é o prioritário, como no caso de R.L: *“teoricamente, e os setores do meio tem uma visão melhor do campo, mas futebol é emoção, e a gente quer ficar atrás do gol, na esperança de um gol. É frustrante não sair gol do lado em que escolhemos, e no segundo tempo ter gol do outro lado. A gente comemora do mesmo jeito, mas não é a mesma coisa”* (Entrevista concedida no dia 14/09/2017), lamenta o torcedor, ilustrando pontos sobre a diminuição da emoção sentida durante o jogo no Maracanã e que se alterou em comparação com o que sentia e vivia no estádio antigo, quando o anel era aberto e o torcedor podia circular por todo o edifício.

Dentro de uma ambiência notável, percebemos o afeto pelo lugar se forma pela ruptura com o cotidiano e o aparecimento ou excesso de elementos não muito comuns, como cânticos, uniformes, aproximação com o outro, como atesta Torgue (2004). Nesse contexto, captamos que torcedores lamentam que a reforma tenha negligenciado esses fatores em prol de um espaço mais limpo e ameno, como nesse trecho da narrativa de A.R:

quem vai a um jogo de futebol, pelo menos eu falo por mim, não vai ao Maracanã procurando uma poltrona confortável. Todas as vezes que eu vim para o Maracanã, eu vim procurando calor humano, vibração, alegria, e isso não têm nessa reforma. Sim, melhorou o banheiro, a estrutura, mas no que concerne à torcida, eu acho que o Maracanã perdeu muito e fora o custo dele também, não é qualquer um que pode vir hoje em dia (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/2017).

Em sua memória, notamos traços de seu afeto pelo lugar através de palavras que remetem à ambiência, como “vibração”, “alegria” e “calor humano”. Segundo Tuan (1983), as pessoas são seres sociais e gostam da companhia de seus semelhantes. Complementando o autor, e com base em nossa pesquisa, atestamos que as pessoas

também buscam em uma partida de futebol a distração que, em muitos casos, corroboram para a construção de uma identidade e do seu bem-estar.

Assim como no relato de R.S., vislumbramos que, de fato, parece ter havido uma perda, um trauma, que deu margem à busca de novas significações:

Sinceramente, atualmente não sinto mais a energia e emoção que sentia no estádio antes da reforma, a não ser em momentos muito específicos. Acho que isso se dá por diversos motivos, não apenas pela questão arquitetônica em si, como a elitização do esporte, com a cobrança de preços cada vez mais caros nos ingressos, excluindo populares do estádio e em seu lugar trazendo pessoas que têm mais capacidade financeira, porém não compartilham da paixão da mesma forma; o crescimento do Pay-Per-View, que está acabando como hábito de ir a jogos para muitos, o que leva também ao esvaziamento dos estádios no longo prazo; o crescimento das redes sociais e da cultura de registro de tudo a todo o momento, em que, mais importante que gostar de futebol, é ir ao jogo pra postar e tirar onda no Facebook e mais importante que cantar e ver o jogo, é tirar selfie e gravar vídeos durante a partida. Esses fatores, junto com um estádio 'engomadinho', como é o 'Novo Maracanã', está matando a cultura e peculiaridades que existiam no antigo Maraca. (Entrevista com R.S. concedida no dia 20/11/2017)



Figura 92 - Na figura destaque para os celulares e selfies. Fonte: própria autora.

Por meio desse relato de R.S., além do trauma surgido com as abruptas mudanças, percebemos que os torcedores têm consciência das imposições dos líderes hegemônicos e de novas condutas impostas ao estádio/arena. Outro ponto exposto pelo torcedor, e ratificado por outros entrevistados, são as redes sociais e as

tecnologias utilizadas, segundo as narrativas, de forma a pasteurizar a ambiência do jogo. Hyussen (2004) atesta, como dito em nosso primeiro capítulo, que as memórias coletivas estão cada vez mais fragmentadas em razão das pressões de novas tecnologias, de políticas midiáticas e do consumismo desenfreado. Ainda segundo R.S: *“o Maracanã atual também não traz as mesmas emoções sentidas antigamente, então acaba que isso faz com que eu não sinta tanta necessidade de acompanhar os jogos no estádio, e acabo vendo pela TV alguns jogos que em outras épocas eu veria no estádio”* (Entrevista concedida no dia 20/11/2017). Como ilustra este relato, vemos que torcedor cambaleia entre a amargura atrelada ao trauma decorrente da ruptura e das novas formas de ocupação e a sua paixão pela equipe materializada no estádio “sagrado” do futebol.

Mais do que paixão cerceada, as polêmicas sobre a postura elitizante do estádio e as questões políticas são, como exposto no começo do extrato, as principais desencadeadoras do trauma, dadas as pressões do mercado. Em nosso caderno de campom anotamos: ***“a pessoa que me concedeu uma entrevista hoje no intervalo me disse, assim que desliguei o gravador, que hoje os torcedores são mais elitizados. O filho dele acrescentou que antes da retirada da Geral os moradores do morro da Mangueira desciam e vinham assistir ao jogo, no entanto, agora eles não vêm mais, uma vez que paga-se muito caro para assistir um jogo. No final, ele ainda indagou: de onde será que vem o novo público do Maracanã em sua maioria?”*** (trecho do caderno de campo no jogo entre Fluminense x Flamengo, 25/10/2017)

Além disso, ainda sobre a questão política, o entrevistado M.A. nos disse em entrevista:

eu venho aqui desde 1980 e acompanhei todas as reformas. Essas reformas fazem parte de uma questão política, e eu acho que muitas delas foram superfaturadas, não fizeram o que prometeram, muita coisa ficou para trás, mas infelizmente é Brasil. É preciso mudar isso, nós tínhamos que lutar pelos nossos direitos e os nossos políticos fazerem valer a voz do povo e pouco fazem. O Maracanã é um exemplo disso. (Entrevista com M.A concedida no dia 25/10/2017)

Corroborando à fala anterior, o entrevistado V. F. também diz:

a reforma, de um âmbito geral, não foi boa. Pelo que eu pesquisei, e pelo superfaturamento não foi boa. Fica muito difícil amar. Gostar é possível, mas amar é complicado, porque ficou muito bonito, agora amar, ter aquela paixão que a gente tinha pelo antes é difícil, muito difícil mesmo (Entrevista com V.F. concedida no dia 18/10/2017)

Em entrevista, Hourcade (2017) trata sobre as polêmicas acima: *“o espetáculo do futebol é uma questão política. Há debates e certamente nenhum consenso entre os atores, mesmo dentro de certas categorias, como as autoridades públicas, por exemplo: nem todos os países gerenciam os adeptos da mesma maneira. Entre os clubes, também há relatórios muito diferentes para os torcedores. Alguns procuram diálogo para ajudar o surgimento da ambiência do jogo, outros buscam um público mais silencioso”* (tradução nossa). Somadas as controvérsias e polêmicas que circundam a reforma do Maracanã, as políticas clubísticas arrematam os questionamentos sobre o acesso e usufruto do estádio. As vicissitudes políticas que acompanham o grande palco futebolístico tornam-se muito mais emaranhadas quando tangenciamos outras questões que não somente a transformação do espaço físico, mas principalmente as formas de torcer.

De qualquer forma, entendemos, por meio de nossa análise, que as mudanças demandam tempo para uma aceitação, porém, mais que alterar, observamos que o público e os envolvidos na sociedade querem compartilhar disso em alguma medida e terem voz em um local por eles vivenciado. Como disse nosso entrevistado R.S.: *“De verdade, já expliquei o Maracanã e vou continuar explicando assim: ‘Cara, você está indo em um estádio que até é legal, mas, infelizmente, você nunca vai conhecer o Maracanã. O MARACANÃ que você ouviu nas histórias, leu sobre, viu nos filmes e na tv como sendo ‘O maior Estádio do Mundo’ não existe mais”* (entrevista concedida no dia 20/11/2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PLACAR DA RODADA

“primeiro: o jogo não acabou; segundo: os afetos são renováveis; terceiro: o carioca solapado tem a capacidade de fazer a festa na fresta”

Luiz Antônio Simas (*In: Geraldinos*)

Tendo por bases as reordenações espaciais impostas aos novos estádios de futebol, esta pesquisa buscou compreender os significados atribuídos pelos torcedores ao Maracanã modificado, com o objetivo de analisar as ambiências em sua ressignificação. Nossa pesquisa trouxe a compreensão de que, mesmo com as alterações “traumáticas” que representaram uma ruptura nos hábitos e visões do torcedor, ainda é possível encontrar traços do passado e como eles impactam nas novas ocupações e novas aderências com o atual Maracanã.

Após as observações e narrativas, notamos que há uma tendência global de hábitos que se refletem nas condutas dos novos estádios-arena, como, por exemplo, a “gourmetização” de praças de alimentação e a prática das *selfies*. Esses hábitos sentenciam o *continuum* entre as alternâncias, principalmente de velhas com novas condutas. São as ambiências as responsáveis pela unificação do velho com o novo a partir das experiências dos sujeitos. Nessa atmosfera os movimentos de novos signos e sintaxes podem adquirir um novo significado, como o torcedor que insiste em torcer de pé como uma alusão ao passado, readaptando e reinventando novas formas de encorajar a sua equipe. Essas reconstruções dos grupos exemplificam o que Hyussen (2004) colocava sobre a transitoriedade da memória, pois nela encontramos o elo com o passado e os modelos de lembrar que nos definem no presente. São as experiências com o novo que possibilitam sentir a ambiência e poder atribuir novos significados ao lugar.

De fato, os movimentos realizados no Maracanã após a grande reforma para a Copa de 2014 se baseiam na relação com o espaço e seus elementos envolvidos em uma nova dinâmica. Essa nova dinâmica, pautada principalmente pelo controle impetrado pelos dirigentes da arena, alterou as experiências com o lugar dadas as rupturas ocasionadas pela a reforma/reconstrução do estádio. Entretanto, compreendemos, com esta pesquisa, que o equipamento é rodeado por uma atmosfera que possibilita que fragmentos da memória sejam trazidos à tona pela corporificação dos sujeitos.

Assim, esta pesquisa nos fez compreender que torcedores estão criando múltiplos territórios que aos poucos começam a se fixar no espaço. Por essa razão, as reterritorializações e/ou reapropriações que estão acontecendo seguem obedecendo a uma lógica que não se desfez totalmente na memória do torcedor. Os territórios se sobrepõem ou se combinam por funções, símbolos ou forma de controle, como ratificado por Haesbaert (2011) em nosso capítulo teórico.

Mesmo o estádio tendo a função de aglomerar pessoas e sendo perpassado por uma atmosfera caracterizada pelo fervor do combate ao mesmo tempo em que pelo entusiasmo da festa, o processo de territorialização neste espaço é atualmente uma tarefa que exige além da experiência constante com o lugar, readequação às imposições e rupturas, bem como conviver com os valores altos dos ingressos e à mudança de público. Esta é a nova tarefa do torcedor que busca criar mecanismos para a apropriação, se adaptando às imposições do espaço concebido enquanto transforma o novo espaço em um característico espaço vivido, bem colocado por Lefebvre (2006)⁶⁷.

As resistências foram vistas e narradas em diversos momentos, e esta pesquisa mostrou que, quando foram vencidas, carregavam reflexos do trauma sofrido. Percebemos diversos sentimentos, mas uma das manifestações registradas nas entrevistas refere-se ao não reconhecimento do próprio lugar e a sensação de desterritorialização. A desterritorialização, segundo Haesbaert (2005), acontece quando o espaço aparece de maneira difusa e é trabalhado de forma genérica pela sociedade. O processo de desterritorialização se revela quando os sujeitos não se veem exercendo o poder nem mesmo o controle sobre os processos sociais que o compõem. A reapropriação, então, é um processo de retomada do poder de um determinado espaço e uma reinserção dos sujeitos nos acontecimentos que o compunham.

O não reconhecimento do lugar e a desterritorialização levam também ao des-pertencimento. Vimos, neste trabalho, que alguns entrevistados demonstraram saudosismo pelos lugares de outrora ao mesmo tempo em que dificuldades com os novos trâmites do estádio, que dificultam um novo pertencimento, como os preços dos ingressos, o confinamento em setores e o excesso de controle dos corpos. Voltando a Heidegger (1967), o autor atesta que o des-pertencimento está ligado à busca do

⁶⁷ Segundo Lefebvre (2006) o espaço concebido é aquele onde ocorrem as representações do espaço produzidas pelas relações de poder e o espaço vivido é aquele usufruído, ligado ao simbólico das representações sociais no qual “os significados atribuídos aos objetos podem ser modificados em relação ao espaço físico”.

sentido à sua existência sempre a partir de uma perda. Para alguns, o estádio não é mais o habitat e por essa razão não se sentem mais como parte atuante do lugar.

Não pretendemos ser simplistas ou menosprezar traumas, muito menos nos colocar favoráveis ou opostos às reformas, mas buscamos trazer à tona, a partir da reverberação dos torcedores, que o lugar do estádio é uma onda de alterações e os traumas são importantes para criticarmos o que nos é imposto, mas também aprendermos a ressignificar.

Sendo assim, tanto a repulsa quanto o afeto, podem ser entendidos como parte do contexto das ambiências que induzem os sujeitos a produzirem e reproduzirem sentimentos em razão das relações com o meio concreto, sensorial, social, cultural. Dessa forma, mesmo captando relatos de que o estádio não é mais o mesmo, nem mesmo é um espaço democrático com outrora, vimos que o torcedor pode criar mecanismos a partir de elementos envoltos na ambiência e ancorados na memória para ressignificar. A partir de traços ainda registrados na memória, mesmo com a alteração do lugar, aprendemos que é possível reconstruir uma narrativa em ressonância com o passado. Como vimos em Bergson (1999), a memória não está nos lugares e sim os lugares que fazem a memória trabalhar nas pessoas, instigando histórias recontadas.

Notamos em nossa pesquisa de campo que uma das formas de reapropriação de alguns espaços pelo torcedor inconformado é pela suplantação de imposições da arena e conseqüentemente, a recriação de novas formas de empurrar o time para a disputa. Vimos exemplos como os *pós-geraldinos* que se ocupam dos limites dos setores com o gramado e as torcidas organizadas que em um primeiro momento tiveram autorização somente para a ocupação dos níveis superiores dos setores Sul e Norte e, em jogos de maior apelo, passam a ocupar também os níveis inferiores dos mesmos setores.

Como vimos no capítulo teórico, segundo Pol (1996), a apropriação vem da necessidade do indivíduo de se diferenciar do outro, demarcando seu território e criando referenciais estáveis, que o ajudam na orientação e preservação de sua identidade. Esses referenciais, quando tratamos dos *pós-geraldinos*, é a forma de apoio mais próxima ao campo e a possibilidade dos mesmos sentirem-se co-dirigentes do time. Já os membros das organizadas querem mais espaço para manejarem as suas bandeiras, mostrarem seus uniformes personalizados e ecoarem seus hinos não oficiais durante 90 minutos da partida.

Vimos que demais formas de reinserção e suplantação no novo Maracanã vêm de transgressões em não seguir a numeração das cadeiras quando estão dentro do estádio; ocupação de escadas e vidros que separam os níveis; colocar os pés nos encostos das cadeiras; subir nas cadeiras e mesmo ocupar os espaços onde essas cadeiras foram retiradas ou quebradas, simulando uma arquibancada. Com isso, notamos que mesmo que o estádio não volte a ser o que era antes, atestamos que ele é parte de uma resistência de seus torcedores e aos poucos vai sendo retomado por adaptações ou mesmo imposições.

Suplantar regras é, em certa medida, fazer jus ao território do torcedor e aos poucos ir se apropriando e reforçando os limites de “quem domina o lugar”. Conforme observação de campo, reforçamos que a ocupação do espaço vai sendo transformada em apropriação e demarcação do território pelas vivências e experiências com o lugar. Para tanto, é preciso criar condições de torcer, empurrar a equipe e, ao mesmo tempo, aceitar certas novidades.

Foi da busca dos usos e experiências dos torcedores que esta pesquisa viu emergir os significados atribuídos ao estádio e compreender a dialética entre, por um lado, o Maracanã existente no imaginário popular e no coração dos torcedores e, de outro lado, o impacto produzido pelo novo, após a reforma.

Como vimos no extrato sobre o *Campo de Batalha*, muitos torcedores identificam o jogo como uma disputa de guerra, caminham lado a lado dos seus iguais, se vestem para que possam identificar seus pares e portam materiais que podemos identificar como as suas armas de ataque: bandeiras, brasões, instrumentos musicais, apitos e a própria voz. Juntos eles se tornam UM, movimentando uma mesma onda, em uníssono, para defender seu time e combater o inimigo que igualmente ocupa o espaço. Assim, as experiências com o novo lugar se inspiram muitas vezes em movimentos de combate, no qual os torcedores-guerreiros são peças fundamentais para uma vitória e vão reocupando pouco a pouco suas “trincheiras”.

As “armas” utilizadas pelos torcedores nesse combate servem como elementos de identificação dos pares (ou dos inimigos), ao mesmo tempo em que demarcam os limites dos territórios, (re)conquistados pelo poder ou adquiridos pela imposição dos administradores. Enquanto em um estádio-arena hipersetorizado, as pessoas ficam confinadas em seu respectivo setor (mediante a compra do ingresso), vimos, a partir das narrativas, que os territórios existentes no novo estádio foram se sobrepondo aos antigos territórios demarcados no Maracanã do passado pela relação de semelhança ou continuidade, mesmo que não haja mais os anéis abertos em todo o espaço.

Podemos verificar essas narrativas através do entendimento de que a torcida tem papel preponderante para vencer a batalha.

Além dos fragmentos dos torcedores, observamos movimentos de reterritorialização nas anotações do caderno de campo. Exemplificando o exposto, nos referenciamos ao que foi descrito no *Campo de Batalha* sobre um clássico entre Flamengo x Fluminense pela Copa Sul-Americana. As torcidas organizadas situadas nos setores Sul e Norte não paravam de cantar se impondo uma à outra, formando ambiências opostas, mas de certa forma semelhantes em sua pregnância caracterizadas por cânticos, bandeiras e palavras de ordem. As organizadas criaram múltiplos territórios ao utilizarem de manifestações que havia no passado se impondo no presente, criando novas marcas ao mesmo tempo em que se amparando em símbolos de outrora e que denotam a sua importância na disputa.

Essa relação entre passado x presente é, portanto, importante para uma nova identificação com o lugar. Por essa razão, as lembranças sobre as manifestações e elementos simbólicos são fundamentais em todo esse processo, uma vez que o estádio foi e continua sendo espaço da convivência com os mais variados sujeitos e elementos sensíveis. Assim, a escritura do significado desse equipamento continua em pleno vapor quando os movimentos do passado são reacionados, valorando-o para cada sujeito, para as massas ou para toda uma sociedade.

Nesse envolvimento entre o passado e o presente (que são duas faces da mesma moeda), observamos que são as ambiências, a partir da corporificação dos sujeitos, que cadenciam uma ressemantização, isto é, a produção de novos signos e sintaxes para um novo significado. Embora haja um processo de relutância em um primeiro momento, o movimento dos pares e a retomada dos territórios, o grito de gol, os cânticos, o torcer junto contagia o público e em algum momento possibilita a continuidade de estar na atmosfera notável do Maracanã. Assinalamos essa continuidade em um trecho do caderno de campo: ***“no intervalo, as torcidas organizadas se enturmam perto do bar e cantam e tocam instrumentos o tempo todo. Muitos continuam bebendo e voltam para o segundo tempo empolgados. Eles contagiam a todos que estão por perto”*** (trecho do caderno de campo no jogo entre Flamengo x Fluminense, 01/11/2017). As torcidas seguem em direção aos corredores e ali fazem uma pequena festa, mostrando que estão dominando novamente um espaço de pertencimento no passado e criando condições de identificação novamente com o lugar.



Figura 93 - apropriações dos corredores pelos torcedores. Fonte: Ferreira, 2017

Portanto, é na ambiência das torcidas que se desenvolvem os sentimentos identitários: fazer parte de um grupo, de uma nação, ser parte de um universo de iguais. Cânticos, gritos de torcida, cores do time, manifestação de afeto, ser acolhido... Ademais, bandeiras, brasões e uniformes que foram usados primeiramente em batalhas medievais, estão muito relacionados ao aspecto viril e emblemático de formação dos “times”, comumente fazem parte dessa atmosfera e são, com todos os demais elementos, impregnados na memória do torcedor como elementos de conformação de sua identidade. E se, reiterando novamente a fala de Halbwachs (1990), que diz que não há memória que não esteja ancorada em um lugar, é no estádio de futebol que essa memória estará ancorada e se manifestará sempre que o torcedor fizer alusão ao seu time – e, conseqüentemente à sua identidade enquanto membro de um grupo.

Nesse caminho, podemos concluir que um dos papéis da ambiência é trazer à tona uma memória do passado sem deixar de estar envolta no presente. É função desta atmosfera propagar, por meio da narrativa, que é possível um equilíbrio do que se foi, mas que ainda assim é importante para o reconhecimento do sujeito no espaço e na humanidade. É tudo um ciclo: é o velho se renovando e novo que precisa de inspiração.

Os depoimentos dos torcedores envolvidos nessa atmosfera provam essa dialética com a memória e nos levam a perceber que mesmo com o trauma sofrido é

possível vislumbrar demonstrações de afeto dentro da ambiência do lugar. Exemplo disso é quando o torcedor utiliza de algumas lembranças como falar da almofada que demarcava provisoriamente um lugar da arquibancada do estádio antigo e sua relação com a escolha atual do lugar para assistir as partidas (“extrato metafórico” *Lugar Mágico*). As narrativas também dimensionam o estádio para algo muito maior, mais transcendental ao relacioná-lo com os momentos-monumentos vivenciados dentro do equipamento, como o gol de um ídolo ou a força do cântico das torcidas (“extrato metafórico” *Colosso*). São sentimentos e sensações atreladas aos traços e referências pregressas e que são, pela ambiência do lugar, repassadas.

As lembranças começam então a possibilitar uma reapropriação, mas é pela ambiência do lugar e a tônica dada pela corporificação que os sujeitos se identificam. Mas essas lembranças são melhores acionadas e valoradas dentro do estádio a partir da experiência do corpo situado, pois o equipamento é detentor de uma ambiência notável que se forma pela ruptura com o cotidiano e requer a presença em relação com os outros para se fixar em cada sujeito, como atesta Torgue (2004). Como vimos em nossa análise e em especial quando tratamos no extrato *Lugar Mágico*, o estádio é um lugar de contágio pela ambiência da festa, da coletividade e da alegria. É um lugar que emociona e cria condições para se afetar novamente, como narrado por alguns torcedores.

O momento do gol, o abraço no torcedor ao lado, o choro com a derrota ou com a vitória de um campeonato, o grito de campeão, o ídolo sendo ovacionado, tudo isso é guardado com detalhes e evocado constantemente. Essa magia do estádio é a responsável pelo afeto que o torcedor nutre pelo lugar.

A ambiência do lugar, como expresso no primeiro capítulo, é a força motriz para a que haja um elo entre o passado e o presente através de elementos sensíveis que deixam resquícios para serem retomados no estádio. Poder sentir novamente as emoções e as sensações ligadas ao torcer junto e ver a equipe em ação, cria uma atmosfera que possibilita condições para uma narrativa a ser repassada para que o sujeito consiga ser de novo parte daquele espaço. Mesmo o local em permanente mutação, como é o caso dos estádios, ele é antes de tudo o lugar da experiência, da corporificação das pessoas, do imaginário e da memória.

A ambiência pulsa no estádio e, como abordado no extrato *Lugar Mágico*, ela pode trazer à tona identidades vinculadas a momentos e situações que resgatam seu caráter emblemático dentro do contexto da vida de cada um. Como dissemos no capítulo de fundamentação, de acordo com Gaffney (2004), a experiência do estádio

cria identidades particulares por meio das experiências com o lugar e com os outros. Segundo o autor, é preciso deixar parte do próprio ser para contribuir com a comunidade de torcedores. O espaço individual vira espaço comunal em várias escalas e até mesmo quem não é torcedor pode se envolver para encorajar ou ir completamente contra.

Como abordamos nos extratos metafóricos *Lugar Mágico e Teatro de Sonhos e Emoções*, o estádio é também um lugar de mitos como os exemplos de ídolos que são lembrados e assim reavivam o espírito atemporal do lugar experienciado. Segundo Tuan (1983), a construção de mitos não é uma coisa do passado e sim um conhecimento que temos como indivíduos e como membros uma determinada sociedade. Ou seja, ídolos enquanto mitos deixam marcas importantes na memória do torcedor e possuem uma aderência com o lugar.

Mesmo que não vivenciadas por todos os frequentadores do estádio, as histórias e lendas do Maracanã possibilitam reaviva-lo. Por meio dessas referências, e que tem bases na memória coletiva, vão sendo criadas novas referências e novos mitos.

Podemos dizer que o futebol é algo passado de geração em geração não somente como ensinamento técnico, mas é transferido principalmente pela paixão, pela forma de torcer e apoiar. A memória é o principal aporte desse processo, não somente no aspecto sensível inserido na ambiência, mas nos fatos que são buscados ou acionados do passado da equipe e igualmente inserido no processo do “torcer”.

Como vimos no extrato *Lugar Mágico*, a transcendência de lugar passa pelos fatos e lendas, pelas relações das pessoas, pela diversidade de acontecimentos e pelo encantamento que proporciona e principalmente pela memória dos aficionados que podem se identificar novamente, mesmo após as rupturas que levaram ao trauma. Assim, como somos (todos) receptáculos de lembranças que construirão narrativas de lugares, o lugar é justamente onde a relação de afeto se instituiu.

Esta pesquisa demonstrou que, cercado por espíritos e orientado por rituais, o templo do futebol é um *Teatro de Sonhos e Emoções* em que a representatividade é parte importante da ambiência do lugar. Mesmo que muitos ainda se vejam no embate entre o velho e o novo, notamos que o torcedor sente a necessidade de vestir um uniforme igual aos pares, de xingar e extravasar, de se sentir familiarizado com o espaço e atuar junto com a equipe.

A tese revelou que as ambiências cortam esse *Teatro* e atuam junto, pois são como organismos vivos, pulsantes e que possuem ritmos e temporalidades. Esse pulsar se assemelha a ondas ritmadas com as quais as torcidas se movimentam e no *Campo de Batalha* essas ondas diluem as microambiências na ambiência do todo. Mesmo em meio ao conjunto espacial que confere unidade ao Maracanã e remete ao gigante de concreto construído em 1950 e todas as suas reformas, percebemos nesta pesquisa que o estádio é composto de fragmentos espaciais, com sua ambiência própria e diferenciada, perpassada por ondas que a unificam.

Por outro lado, captamos também nas narrativas que faltam elementos de outrora e o processo para retomá-los é lento ou difícil, suscitando um lamento de que a reforma tenha negligenciado esses fatores em prol de um espaço “mais limpo” e ameno, atestado no *Engomadinho*. A memória reavivada pelos fragmentos apreendidos dentro de uma ambiência notável do passado traz um saudosismo na fala dos torcedores e que impede alguns em aceitarem o novo lugar e, conseqüentemente, de se reapropriarem.

Mas o estádio é um *continuum* de alternâncias, mesmo frente às resistências. Em fragmentos dos entrevistados como “era muito violento”, “prefiro agora”, “eu gosto muito de futebol” e “vou onde meu time estiver” são parte de um entendimento que a vida é um constante processo de mudança. Assim, conscientes dessa situação, e mesmo que não adeptos ao novo estádio, muitos torcedores ainda frequentam o Maracanã. Mesmo após duras críticas e menções a um passado melhor, os torcedores relutantes ainda assim confessam não deixar de ir ao estádio: “*eu amo o Maracanã, tanto é verdade que eu estou aqui hoje falando com você. Eu não deixo de frequentar, mas para quem teve oportunidade de ver o Maracanã nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e ver hoje, eles são completamente diferentes*” (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

Os torcedores querem, no entanto, que as mudanças sigam devagar e se orientem na contramão do controle que a arquitetura é imputada a fazer, como afirma Montaner e Muxí (2004) com base em Foucault.

Percebemos, portanto, que não foi o espírito que se perdeu, pois ele continua pairando e sendo conduzido pela atmosfera do lugar, uma vez que, enquanto houver pessoas interessadas, será possível reanimá-lo, como atestou Peixoto (1996). O que se perdeu, examinando as narrativas, foram alguns elementos que religam o valor do passado com o estádio presente. Para alguns, ressignificar o estádio nunca será possível novamente, mas, para outros, o estádio vai mudar sempre (seja por

necessidade ou imposição) e, como afirma Peixoto (1996), ainda assim é possível “ressemantizar” atribuindo um novo significado ao lugar. Observamos que o Maracanã renovado é um palimpsesto que comporta camadas simbólicas, que atreladas a outros símbolos, coadunam para uma nova ordem de entendimento, apreensão e afetação. Segundo Peixoto (1996), se há procura, é cabível “tomar a cidade (neste caso o estádio) como uma vasta trama de relações entre diferentes coisas, a arquitetura como lugar de convergência da experiência e da memória.” (p. 286)

Há um sonho dos torcedores de que o Maracanã volte a fazer parte da vida de suas vidas (e eles fazerem parte do Maracanã). Abrir mão disso seria largar um pedaço de cada um para trás. Logo, a aspiração pela manutenção é a aspiração pela relação de afeto. No entanto, o estádio se alterou. A ambiência está ali, passando como um rio e à medida que o estádio vai sendo retomado, a atmosfera do lugar vai sendo construída e reconstruída por elementos físicos e sensoriais, que, juntos com a experiência dos torcedores e suas manifestações vão dotando o lugar de novos significados. Como elucidado por Mascarenhas (2005), o estádio é um equipamento dotado de poderosa força semiótica e admite um conjunto de relações sociais que dele se apropriam e o ressignificam enquanto território, pois são os torcedores que demarcam os espaços com relação aos outros.

O Maracanã não é mais o mesmo e isso é incontestável. Houve a mudança estrutural, a mudança do perfil do torcedor, alteração nas formas de torcer, excesso de segurança e controle e conseqüentemente uma mudança simbólica do lugar, como vem no extrato *Engomadinho*. Mudou o status de estádio para arena, os usos deram espaço ao comércio e usando de conceito de Lefebvre (2006), o espaço vivido ficou eclipsado em função do fortalecimento do espaço concebido pelas relações de poder.

No entanto, o estádio-arena é um pêndulo e oscila entre paradoxos desde a sua inauguração. Enquanto estádio das massas de 1950, o Maracanã oscilava entre o abrigo de todas as camadas de público e a iminência de se romper uma barragem de gente. Com o passar dos anos, isso se manteve e, em meados da década de 1970, houve o surgimento das torcidas organizadas jovens que por um lado “fervia o estádio” com cânticos, cores e emoção e por outro lado levava certa violência e um território eminentemente masculinizado e até certo ponto preconceituoso (homofóbico, machista e racista).

Surgiu, então, o controle, não somente das manifestações dos torcedores, mas o controle mercadológico. Os estádios a partir da década de 1990 se tornaram “business” e em busca de um perfil elitizante. Do outro lado, porém, trouxeram

conforto, certa pluralidade (agrega mulheres, gays, idosos e crianças) e um combate incisivo contra a violência.

As mudanças continuam e seguirão acontecendo. A tendência atual, segundo Hourcade (2017), é de transformar as formas de torcer em uma espécie de show, criando novos serviços e incluindo o digital. Mas, segundo o sociólogo, o mundo do futebol é sempre contraditório em suas expectativas. Por um lado, buscam mudar a experiência de ir ao estádio para que as pessoas estejam mais calmas, consomem mais e já não critiquem tanto o clube e sua política, ou seja, buscam por **consumidores** e, por outro lado, o desejo continua forte de que o público permaneça o "**12º homem**".

Enquanto isso, o público faz o que pode para se reconhecer no novo Lugar, buscando recursos na memória e nas formas de torcer para se sentir novamente parte. *“O Maracanã continua sendo o Maraca, apesar de todas as reformas. Além do mais, ninguém vai ao Maraca em dia de jogo para ver o Maraca. As pessoas vão para ver o time do coração jogar”* (Entrevista concedida por R.D. no dia 23/11/2017)

Como atesta Uglione (2008), uma inserção da memória na cidade – e neste caso no estádio – acena para a riqueza de lugares, de espaços que se voltam ao passado não como espelho, mas como reflexo para alguma identidade perdida. As inscrições tipológicas “tradicionais” trazem a (re)construção atualizada de mundos onde a vida real do homem com suas necessidades cotidianas de expressão e comunicação estejam presentes.

Ao analisarmos o estádio pelo viés da ambiência, acreditamos que este equipamento consegue carregar, mesmo com as abruptas mudanças, uma atmosfera com aptidão para o sensível que unifique o espaço social, que aos poucos vai favorecendo uma nova apropriação e afetação pelo lugar.

Após a nossa imersão em campo, percebemos que o estádio engendra muito mais que o espaço físico na sua importância enquanto equipamento construído, ele tem símbolos e significados que transcendem a arquitetura e alcança o status de templo, de adoração dos deuses criados no jogo da bola.

Esse equipamento atinge também o status de monumento enquanto arquétipo de rememoração. O estádio mobiliza pela mediação da afetividade a fim de trazer à tona lembranças do passado fazendo vibrar essa materialização no presente. O passado é invocado e convocado por meio desse edifício e é capaz de manter e preservar a identidade de uma comunidade.

As críticas sobre o novo estádio são muitas e os relatos são orientados por uma memória importante e que caracteriza o monumento. No entanto, como afirma DaMatta (1983), o processo de transformação de algo em símbolo é pautado por um ritual que obedece ao *movimento, ao processo e ao deslocamento*, ou seja, a mudança não é, pois, o fracasso. Não queremos aqui nos abster de toda a problemática implicada na reforma do Maracanã, porém, o nosso trabalho se pauta pelo conceito de ambiência que referencia, e antes de qualquer coisa nos leva a pensar nas relações humanas e nas manifestações com o lugar.

Logo, tivemos a intenção de jogar o foco neste trabalho na demonstração de que essa atmosfera se fortalece pela paixão pelo futebol e pelas representações ligadas a esse esporte. Com isso, buscamos realçar a existência desse potencial de (re)significação do estádio para o acolhimento dos jogos e principalmente do público, responsável pela corporificação e relações com o espaço.

Ao pensarmos a ambiência do estádio, estamos assumindo o valor memorativo que ele possui. A forma resistente das torcidas, a capacidade de se reinventar em meio a essa atmosfera e, sobretudo, os elementos que ali estão e são parte do espetáculo, fazem o lugar habitado e, conseqüentemente, permanecem no porvir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Helenira Fonseca de; FREIRE, José Célio. **O lugar da alteridade na psicologia ambiente**. Revista Mal-estar e Subjetividade. Vol. II. Nº 002. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2007.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994

AUGOYARD, Jean-François. Vers une esthétique des Ambiance. In: AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul et CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en Débat**. Bernin : À La Croisée, 2004.

ATKINSON, P., HAMMERSLEY, M. **Ethnography and participant observation**. In: NK Denzin and YS Lincoln (Eds.) Handbook of Qualitative Research, pp. 248-261, 1994.

BALE, John. **Sports geography**. Second Edition. Routledge Taylor & Francis e-Library, 1993.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1976

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Les Éditions de Minuit: Paris, 1984.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1988). 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC, 2008.

_____. **A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**: Uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do *Jornal dos Sports* (1940-1980). BRASILIANA– Journal for Brazilian Studies. Vol. 5, n.1, 2016.

BRASIL. Lei 10.671. **Estatuto de Defesa do Torcedor**, 2003.

BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo A. Desenvolvimento de proposta metodológica para identificação de aspectos culturais dos usuários em ambientes de escritório. Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – Entac 08 – Fortaleza. In: **Anais**. Porto Alegre, 2008, cd-rom.

BROMBERGER, Christian. **Le match de football**: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. MHS: Paris, 2001.

CAMPOS, Fernando R. G. **O Espaço de Representação do Futebol**: uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial. In *RA'E GA – O Espaço Geográfico em Análise*. Curitiba: Editora UFPR, nº 11, 2006, p. 35-49.

CARDOSO, Adauto. [12 de dezembro, 2012]. Copa 2014 e Olimpíadas 2016: um legado de mitos. Rio de Janeiro. Disponível em: http://observatoriodasmetroles.net/index.php?option=com_k2&view=item&id=452:copa-2014-e-olimp%C3%ADadas-2016-um-legado-de-mitos&Itemid=171&lang=pt. Acesso em: 24 de maio de 2013.

CASTRO, Demian Garcia. **"O Maraca é Nosso!"**: neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CELANO, Carmen V. C. **Arquitetura e Identidade**: o fenômeno da internacionalização dos Shoppings Centers da Barra da Tijuca. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001

CORNELSEN, Élcio Loureiro. **A “linguagem do futebol” segundo Pasolini**: “futebol de prosa” e “futebol de poesia”. *Caligrama: revista de estudos românicos*, v. 11, 2006.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Niemeyer e o Maracanã 1936-2011**. Revista ARQTEXTO17. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2011.

CONSTRUINDO os estádios - Maracanã. Direção: Andy Webb. Discovery Network International, 2013. Documentário (44 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iyV-LXEPuUs>. Acesso em agosto de 2017.

COELHO, Gustavo Rebelo. **Pixadores, Torcedores, Bate-Bolas e Funkeiros**: enigmas no reino da humanidade esclarecida. 2015. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

CRUZ, Antônio. **A nova economia do futebol**: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2005.

CUFF, D. **Immanent Domain**: pervasive computing and the public realm. London: *Journal of Architectural Education*, 2003, n. 57, vol. I.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 4ª ed. Zahar Editores S A: Rio de Janeiro, 1983.

_____. **Antropologia do óbvio**. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP – N. 22 – Jun-Ago*, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução: Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOMERGUE, Claude; FINCKER, Myriam; PAILLER, Jean-Marie; RICO, Christian. **L'amphithéâtre romain de Purpan-Ancely à Toulouse**. Paris: Odyssée, 2006.

DUARTE, C. R.; BRASILEIRO, A.; SANTANA, E. P.; PAULA, K. C.L. de; VIEIRA, M.; UGLIONE, P. O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: Duarte, C.R.; Rheingantz, P.A.; Bronstein, L.; Azevedo. **O LUGAR DO PROJETO no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro, Contra Capa / PROARQ - pp.504-519, 2007.

_____, PINHEIRO, Ethel Santana. **Ambiências Cariocas**. Estratégias de análise, possibilidades de abordagem. 2009. (mimeografado)

_____. **Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço**. In: THIBAUD, Jean-Paul. **Ambiances en partages**. A la croisee, 2011.

_____, Uglione, P. e Vilaça, L. **Lieux Traumatiques: les récits urbains dans la [re]-construction collective de la signification des lieux**. In : Thibaud, J-P. e Siret, D. **Ambiances in action** – Actes du Congrès International sur les Ambiances, Montréal, pp.499-504, 2012.

EHRENBERG, Alain. **Les hooligans ou la passion d'être égal**. In: MIGNON, Patrick; EHRENBERG, Alain; VIGARELLO, Georges. **Le foot et la fureur: gentlemen, supporters, hooligans**. Esprit: Paris, 1985.

FERREIRA, Fernando da Costa. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

_____. **Maracanã: de centralidade popular a arena para a sociedade do espetáculo**. **Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro, 2013.

FIFA. **Estádios de futebol: Recomendações e requisitos técnicos**. 5. ed., 2011.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do futebol**. Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919–1950). Dissertação (Mestrado em História Social) São Paulo: FFLCH USP, 2000.

FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia das massas e análise do ego**. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, p. 89-179,1990.

_____. (1950[1895]). **Projeto para uma psicologia científica**. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, p. 385-529,1990.

GAFFNEY, Christopher. **A experiência do estádio**. *Anais do IX SOLAR*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nov. 2004.

_____. **Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural. landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires**. University of Texas Press: Austin, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

GERALDINOS. Direção: Pedro Asberg e Renato Martins. Coprodução: Canal Brasil. Rio de Janeiro: Jacqueline Filmes e Palmares Produções, 2015. 1 vídeo (77 minutos), som, color., dublado.

GIRÃO, Cláudia. **Maracanã**: destruir ou preservar. In: Vitruvius, ano 12, fev. 2012. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>. Acesso em setembro de 2013.

GIULIANOTTI, Richard. **Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs**: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. Recorde: Revista de História do Esporte, v.5, n. 1, jun. 2012.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil** – Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Anais** do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, 2005.

_____. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HEIDEGGER, M. **Sobre Humanismo**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1967

HYUSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. 2ª edição. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DUARTE, Cristiane et al. **Projeto do lugar**. Transcrito e traduzido por Walkirya Coppola e Cristiane Rose Duarte. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2002.

KONCHINSK, Vinícius. Obra do Maracanã ganha aditivo de R\$ 200 mi e já custa R\$ 1,12 bilhão. Disponível em:

<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/06/obra-do-maracana-ganha-aditivo-de-r-200-mi-e-ja-custa-r-112-bi.htm>. Acesso em: 24 de maio de 2013

Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura, LASC. Articulações e abordagens sensíveis do urbano: Jane Jacobs e as Ambiências das Grandes Cidades. In: LEMETRO. **Jane Jacobs**: 50 anos de Morte e Vida das Grandes Cidades. 2011 (no prelo).

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. Trad. João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

- LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Lisboa, Portugal: Edições Roger Delraux, 1980.
- LÉVINAS, E. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- LIMA, Solange Terezinha de. **Percepção Ambiental e Literatura – Espaço e Lugar no Grande Sertão: Veredas** In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs.). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**. São Carlos: Editora da UfScar/ Studio Nobel, 1996, p.153-172.
- LIDDINGTON, Jill. **What Is Public History?** Publics and Their Pasts, Meanings and Practices. *Oral History*, v. 30, n. 1, Women's Narratives of Resistance, p. 83-93, 2002.
- LIRA, Elza Maria Rabelo. **Um convite à reciprocidade: Bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos**. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro**. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC (Fundação Getúlio Vargas), n. 23, jun. 1999. p. 17-39.
- _____. **A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade**. *Espaço e Cultura: UERJ*, nº. 19-20, p. 61-70, 2005.
- _____. **Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol**. *Revista Cidades, Presidente Prudente – SP*, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.
- _____. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- _____. **Encontros e desencontros na cidade: a reinvenção do estádio de futebol**. CORNELSEN, E. SILVA, S. (ORGS). **Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017.
- MÁXIMO, João. **Maracanã: meio século de paixão**. São Paulo: DBA, 2000.
- MELO, Natália Rodrigues de. **Pelos percursos da acessibilidade: afeto e apropriação nas ambiências de uma cidade histórica**. Estudo de caso em Ouro Preto, MG. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – UFRJ/FAU, Rio de Janeiro, 2013.
- MONTANER, José Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Dili, 2014.

- MONTEIRO, Licio. As casas decimais do Maracanã. Disponível em: <http://comitepopulario.wordpress.com/2013/04/16/as-casas-decimais-do-maracana/>. Acesso em: 25 de maio de 2013.
- NEGREIROS, Plínio José de C. **A Nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. (Tese de doutorado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1998.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto história. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo. SP – Brasil, 1981.
- NORBERG-SHULTZ, Christian. O fenômeno do lugar. (1976). In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura** : antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosacnaify, 2006
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora Senac, 1996.
- PEREIRA, Leonardo A. **Footballmania**. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PERELMAN, Marc. **L'ère des stades**. Genèse et structure d'un espace historique. Paris: Infolio, 2010.
- PERNI, Krycia da Silva. O papel da mulher nas novas arenas de futebol – o maracanã como estudo de caso. In: **Anais** do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória/ES, 2014.
- PINHEIRO, E. **A Cidade no Fragmento**: lugar e poiesis no Largo da Carioca. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Proarq/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- POL, Enric. La apropiación del espacio. In: L. Iñiguez & E. Pol (Orgs), **Cognición, representación e apropiación del espacio**. (pp. 45-62) Barcelona, España: Universitat de Barcelona, 1996.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, 1992.
- POULOT, Dominique. **Une histoire du patrimoine en Occident**. Paris: PUF, 2006.
- PROJETO MARACANÃ - a morte de um gigante. Direção: não mencionada, 2014. Documentário (46 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x3LTtOJam_k. Acessado em maio de 2017.
- RASPAUD, Michel. **Histoire du football au Brésil**. Paris: Chandeigne, 2010.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Traduzido por Maria Cecília França. Título original: *Pour une géographie du pouvoir*. São Paulo: Editora África S. A, 1993.
- RELEMBRANDO a geral do Maracanã, 2006. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/sem-categoria/relembRANDO-a-geral-do-maracana>. Acesso em: 23 de junho de 2013.

- RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire et l'oubli**. Paris: Seuil, 2003.
- RODRIGUES, Nelson (1912). O quadrúpede de 28 patas. In: **As sombras das chuteiras imortais**. Crônicas de Futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ROMIEU, Patrick. **L'expérience sonore des ambiances festives**. Contribution à une ethnologie du sonore. (Thèse de doctorat) Grenoble: France, 2009.
- ROUX, Jean-Michel. L'ambiance des stades. In: Dossier "**Grands stades en quête d'urbanité**". Urbanisme, 393. France, 2014.
- RODRIGUES, Nelson. O quadrúpede de 28 patas. In: **As sombras das chuteiras imortais**. Crônicas de Futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas F. **Dos Lugares de Memória ao patrimônio**: emergência e transformação da 'problemática dos lugares'. Projeto História, São Paulo, n. 52, pp. 245-279, Jan.- Abr. 2015.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1978
- SARAIVA, Maria do Rosario Faro Craveiro. **L'environnement sensible dans les musées à caractère ethnologique**. Approche interdisciplinaire des ambiances muséales. Thèse de DOCTORAT. Grenoble: France, 2001.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. n. 20, p. 60-70, 2002.
- SANSOT, Pierre. **Les formes sensibles de la vie sociale**. Presse Universitaires de France: Paris, 1986.
- SCHERRINGTON, Scott. **Man and his Nature**. Cambridge: University Press, 1956.
- SOARES, A., HELAL, R., SANTORO, M. **A invenção do "Futebol-Arte"**: as narrativas jornalísticas sobre a seleção de 1970. Contemporânea, 2, jun. 2004.
Disponível em:
<http://www.epublicacoes_teste.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/23162/16523>. Acesso em: Jan de 2018.
- THIBAUD, Jean-Paul. O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas. In: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.). **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.
- _____. Les puissances de l'ambiance. In: REMY, Nicolas; TIXIER, Nicolas (dir.) **Ambiances, tomorrow**. Proceedings of 3rd International Congress on Ambiances. Volos, Grécia, vol. 2, p. 689 - 694, 2016.
- TORGUE, Henry. Lorsque la fête se configure. In: AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul; CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en débats**, Bernin: A la Croisée, pp. 235-251, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1981.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.19, n.40, p.149-184, 2013.

UGLIONE, Paula. **A Memória na cidade e a invenção do lugar**. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____, DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira. **Arquivo mnemônico do lugar**. Manual para um percurso de pesquisa em memória do lugar. Rio de Janeiro, 2012.

VAZ, A. A. de S. **Retorno Migratório:** Globalização Afetiva e Despertencimento no Filme O Céu De Suely in: Publ. UEPG Appl. Soc. Sci., Ponta Grossa, pp.277-285, set./dez. 2015.

VIEIRA, Claudio. **Maracanã, Templo dos deuses brasileiros**. Rio: Iris, 2000.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio:** o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APÊNDICES

IMPRESSÕES SOBRE O ESTÁDIO GEOFFROY-GUICHARD

Natália Rodrigues de Melo

09/04/2017

O estádio Geoffroy-Guichard está localizado na cidade de Saint-Etienne, região de Ródano Alpes. Tem capacidade para aproximadamente 42.000 espectadores e é conhecido como Le Chaudron ou L'Enfer Vert em referência ao time da casa, AS Saint-Etienne.

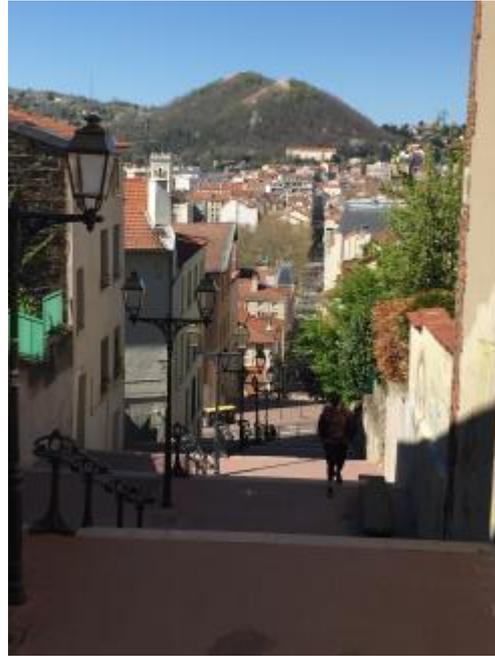


Fachada do estádio Geoffroy-Guichard. Fonte: própria autora

Para então conhecê-lo, a saga do dia 09 de abril de 2017 começou às 08h45 da manhã na linha A do VLT de Grenoble, estação Arlequin sentido Maison du Tourisme. Às 09h10 eu segui o caminho pelo VLT da linha B, Maison du Tourisme sentido Ile Verte.

Os Grenobloises, em sua maior parte, são bem simpáticos, porém são quietos, reservados. Assim, até meu destino final eu segui quieta até encontrar Jean-Michel e Louise. Um pouco mais adiante conheci Regis, Alberto e mais quatro crianças. Seguimos todos para Saint-Etienne.

O dia agradável, de sol ameno, vento fresco e casarões antigos, tornou a expectativa do jogo também agradável. Após um passeio e um almoço formidável na casa dos pais de Jean-Michel, seguimos finalmente para a partida Saint-Etienne x Nantes.



Cidade de Saint-Etienne. Fonte: própria autora

LFP *POUR L'AMOUR DES VERTS* **LIGUE 1**

STADE GEOFFROY - GUICHARD SAISON 2016-2017
 LIGUE 1
 DIMANCHE 9 AVRIL 2017 à 17:00-132
 OUVERTURE DES PORTES DU STADE G. GUICHARD A PARTIR 15H30

AS SAINT-ETIENNE / FC NANTES

KOP SUD - placement libre

ACCES	BLOC	RANG	PLACE
C-D-E	21	23	56

10.60 Euros TTC 1140718 ROUX JEAN-MICHEL

IMPRESSON OBLIGATOIRE DE CE BILLET
 POUR ENTRER AU STADE GEOFFROY GUICHARD

- > OUVERTURE DES PORTES : 15H30 AVANT LE DEBUT DE LA RENCONTRE
- > PRESENTATION OBLIGATOIRE DE VOTRE BILLET POUR ACCEDER A LA TRIBUNE
- > TOUTE REVENTE DE BILLET EST FORMELLEMENT INTERDITE
- > RESPECT OBLIGATOIRE DU REGLEMENT INTERIEUR DU STADE

**BIENVENUE
A GEOFFROY-GUICHARD**

N° COMMANDE : 000,FR007
 08Apr2017 21:04:157836

despi **beIN SPORTS** **NetBet** **markal** **Loire**

Ingresso da partida Saint-Etienne x Nantes

Caminhamos pelas ruas do entorno e era possível observar um “mar de gente” vestindo verde, todos sorrindo e certamente uma grande expectativa de vitória do time de Saint-Etienne. Todos caminhando em direção ao seu respectivo portão de entrada e o barulho que se ouvia era de pessoas conversando provavelmente sobre uma grande partida.

O dia azul e ensolarado, porém não muito quente, de uma tarde de primavera, contribuiu para a animação e para o grande público que estava no estádio para ver a partida do dia. As duas equipes ocupam a parte de cima da tabela, respectivamente 7ª e 8ª posições, no entanto, nenhum dos dois times tem chance de vencer o campeonato francês, ficando provavelmente com o time de Mônaco ou Paris Saint German. Dessa forma, a busca pelo estádio foi certamente motivada pela paixão ao clube, pela ambiência do estádio e o dia que estava proporcionando uma bela tarde de lazer.

Alguns torcedores estavam bebendo em alguns poucos quiosques do entorno, na espera do jogo. Era possível então sentir o cheiro dos petiscos e das bebidas, além de poder ouvir os barulhos de conversas e risos dos visitantes.

O Estádio, que foi construído em uma região de minas de carvão, foi recém reformado para a Euro 2016. Prezou-se pela ampliação do espaço, aumentando as fileiras de arquibancadas e as tribunas. Além disso, a grama foi melhorada, assim como a arquitetura em toda a sua fachada, modernizando um dos estádios mais antigos da França, inaugurado em 1931.

Entramos pela tribuna sul do estádio. Enfrentamos uma pequena fila até chegarmos às catracas eletrônicas. Validamos o bilhete e passamos pela inspeção. Não queriam permitir a minha entrada com um carregador externo de bateria de celular, pois apresentava risco, caso eu quisesse jogá-lo em alguém do estádio. Ao final, consegui driblar o problema e finalmente entrei.

A entrada é ampla e ventilada. O local é bem sinalizado e indica corretamente os setores. A circulação dentro do estádio estava tranquila. Preferimos ficar na parte superior da tribuna, então subimos dois lances de escada até alcançarmos o local pretendido. Não seguimos a numeração da cadeira que estava no bilhete e ficamos onde havia espaço, assim como fazemos no Brasil, nos setores mais baratos.



Entrada no portão sul do estádio. Fonte: a própria autora

O estádio é composto por quatro tribunas, sendo duas delas com cadeiras numeradas e um restaurante (Área VIP). As outras duas tribunas, sendo uma de frente para a outra, correspondem ao espaço mais acessível do estádio, em que os ingressos são menos caros. Nelas estão as arquibancadas e o que lembra uma “geral” no Brasil. O “ultras” ou torcidas organizadas ocupam essas tribunas: de um lado os “Green Angels” e do outro os “Magic Fans”. Os valores giram em torno de 10 euros nas arquibancadas (preços mais baixos).

Nas tribunas leste e oeste os torcedores são mais quietos e permanecem sentados praticamente o tempo todo. Os espaços de circulação (as laterais das cadeiras) ficam todos disponíveis e as pessoas são espectadoras do jogo, assistindo calmamente a partida. No setor oeste ainda existe um restaurante, o único local do estádio que permite a venda de bebidas alcólicas.



Tribuna leste. Cadeiras numeradas. Fonte: própria autora



Tribuna oeste. Restaurante VIP e cadeiras numeradas. Fonte: própria autora

Nos setores norte e sul estão as torcidas organizadas ou como chamam os franceses “os Ultras”. Do lado sul o espaço é reservado para os “Green Angels” e do lado norte estão os “Magic Fans”. Ficamos no lado sul e foi possível perceber que existem mais bandeiras e um movimento circular com as flâmulas da equipe tricolor: verde, branco e preto. Os cânticos ecoam por todo o setor e os animadores não deixam que os torcedores se sentem e desanimem. Do outro lado, os “Magic Fans” são, em sua maioria, homens. Eles ficam sem as camisas e fazem um movimento de vai e vem entre eles. Cantam o tempo todo e, em alguns momentos da partida, eles cantam e fazem coreografia com o lado sul, ou seja, com os “Green Angels”. A sensação é de que uma onda atravessa o estádio e isso contagia o norte e o sul. Existe uma vibração em coro e um uníssono que impulsiona a equipe. É vibrante!

É interessante, pois assim como no Brasil, a maioria dos torcedores não se conhecem, mas é como se naquele instante eles fossem parte da mesma família. É um clima de solidariedade e ajuda mútua. O time depende de todos eles e todos eles sabem disso. A união nesse momento é o que mais importa.



Tribuna sul. Green Angels. Fonte: própria autora



Green Angels e os animadores de torcida. Fonte: própria autora



Tribuna norte. Magic Fans. Foto ilustrando a bandeira dos ultras e o nome de um torcedor morto: Olive.
Fonte: própria autora

O público da partida foi de 30 mil pessoas e a composição bastante mista: homens, mulheres, idosos e crianças. Apesar de toda uma mobilização das organizadas, o ambiente é de tranquilidade, pois Nantes não é o principal adversário do Saint-Etienne e a torcida foi praticamente única, uma vez que o time adversário teve permissão de 300 torcedores somente.

Há muitas bandeiras, flâmulas, hinos e coreografias para saudar e impulsionar a equipe. O espaço dos “ultras” é bastante territorializado, assim como fazem as torcidas organizadas no Brasil. O espaço de cada um é bem delimitado e, mesmo que sejam torcedores do mesmo time, eles precisam respeitar os limites e a maneira de torcer da cada um. Uma situação em particular chama bastante a atenção, a torcida dos “Green Angels” produz um jornal impresso para os torcedores no qual é narrado os pontos principais sobre a partida do dia, as próximas partidas e a classificação da primeira liga. O principal rival, Lyon, é sempre referenciado com letras minúsculas, ratificando o desprezo e rivalidade.

GARAGNAS DE LA SUD
La feuille des ultras de N. Saint-Etienne
 Dimanche 9 Avril 2017
 AS Saint-Etienne - FC Nantes

REPORTAGE
 Nantes, 9 avril 2017. C'est le jour de la grande finale de la Coupe de France. Le stade de Saint-Etienne est rempli de supporters de toutes les couleurs. Les ultras de Saint-Etienne sont présents en force. Ils ont préparé une grande démonstration pour célébrer la victoire de leur équipe. Les joueurs de Saint-Etienne ont été acclamés par les supporters. Les joueurs de Nantes ont été acclamés par les supporters. Les joueurs de Saint-Etienne ont été acclamés par les supporters. Les joueurs de Nantes ont été acclamés par les supporters.

ALLEZ LES VERTS !! GREEN ANGELS END

REPORTAGE
 Nantes, 9 avril 2017. C'est le jour de la grande finale de la Coupe de France. Le stade de Saint-Etienne est rempli de supporters de toutes les couleurs. Les ultras de Saint-Etienne sont présents en force. Ils ont préparé une grande démonstration pour célébrer la victoire de leur équipe. Les joueurs de Saint-Etienne ont été acclamés par les supporters. Les joueurs de Nantes ont été acclamés par les supporters. Les joueurs de Saint-Etienne ont été acclamés par les supporters. Les joueurs de Nantes ont été acclamés par les supporters.

BON MATCH ET ALLEZ LES VERTS !

DEPLACEMENTS
 Toutes équipes locales sont invitées à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes.

GREEN ANGELS 1992 PARTOUT TOUJOURS

NOTES
 Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes.

LE CLASSEMENT

Classement	Equipe	Pts	Différence
1	Paris Saint-Germain	40	+12
2	Lyon	32	+6
3	Montpellier	28	+2
4	Nantes	24	-2
5	Saint-Etienne	20	-6
6	Strasbourg	16	-10
7	Reims	12	-14
8	Amiens	8	-18
9	Angers	4	-22
10	Metz	0	-26

EN RETOUR
 Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes. Les supporters de Saint-Etienne sont invités à assister à la rencontre de Saint-Etienne à Nantes.

COMPOSITIONS PROBABLES

Equipe	Gardiens	Defenses	Milieu	Attaque
Paris Saint-Germain	Lloris	Christophe	Di Maria	Mbappe
Lyon	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi
Montpellier	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi
Nantes	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi
Saint-Etienne	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi
Strasbourg	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi
Reims	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi
Amiens	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi
Angers	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi
Metz	Leclercq	Chapuis	Diawara	Guendouzi

Liberté pour les Ultras **KOP SUD**

Jornal dos torcedores Green Angels

Nas tribunas sul e norte não há obediência à numeração dos assentos e os torcedores ficam de pé sobre esses mesmos assentos para ter maior visibilidade do campo, já que durante a partida ninguém se senta, exceto nas tribunas mais caras. Não é possível querer seguir uma ordem nem mesmo existe uma vontade para isso. O ambiente é bastante convidativo a fazer parte, a sentir a ambiência e a torcer junto.



Torcedores de pé sob os assentos das arquibancadas. Fonte: própria autora

A partida do dia 09 acabou em empate, 1 x 1, mantendo as equipes na mesma posição da tabela. Ao sairmos do local, apesar do empate, seguimos em clima de paz. Assim como na ida, a volta é feita pelas ruas próximas ao entorno, onde os carros ficam estacionados. Ao final todos seguem indo embora para o seu destino.



Saída do estádio. Fonte: própria autora

Em comparação ao Brasil eu sinto que as diferenças são poucas quando se trata da partida no estádio de Saint-Etienne e com os torcedores da equipe homônima. Os estádios têm preços igualmente altos, mas no Brasil o poder aquisitivo é menor e vemos, cada vez menos, um espaço ocupado pelo “povão”. O estádio tem se tornado um espaço de segregação, mas na contramão, buscamos reivindicar mais acessibilidade do grande público e/ou ocupar outros estádios de menor tamanho e que possibilitem preços mais acessíveis.

Apesar da espetacularização que o futebol vem sofrendo, é muito difícil uma paixão ser ofuscada. Ao final, me senti empolgada com o jogo que presenciei e me restou a impressão de que o futebol é fenômeno social e acolhedor em qualquer parte do mundo, mesmo com as rivalidades. A frase de ordem que ainda ecoa dentro de mim é Allez les Verts!!

Allez allez allez allez oh
Allez allez Saint-Etienne
Allez les verts allez
Allez sainté allez
Cavese
Chant Mythique Allez les verts
Dans tout les stades resonneront nos chants
Ecoutez tous les enfants du Forez
Et ils sont où les Lyonnais
Et s'il ne reste plus que toi
Héoho lalalalala
J'en ai jamais assez
Jérémie Janot
L'étendard vert et blanc est levé
Lalala hé hé hé Saint-Etienne
Lalala Stéphanois
Lalalaohohoho
Le chant des Stéphanois
Les verts
Lyonnais Lyonnais Lyonnais
Magic depuis 91
Mettez-le vous bien dans la tête
Notre équipe est magique
Nous nous sommes les Stéphanois
Nous serons champion d'Europe
Ohé ohé ohé oha
OHoh Saint-Etienne allez les verts
Ohohoh
Ohohohohoh
Quand les Magic se mettent à chanter
Ring of fire
Saint-Etienne encore et toujours
Stéphanois Stéphanois ohé hé
Torse nu
Toute la tribune
Un seul amour éternel

Disponível em : <http://stade.hypotheses.org/tag/saint-etienne>.

IMPRESSÕES SOBRE O ESTÁDIO PARC DES PRINCES

Natália Rodrigues de Melo

06/05/2017

O Estádio Parque dos Príncipes foi reformado para a Euro 2016 e custou em torno de 75 milhões de euros. O equipamento ocupa uma área de 70 mil metros quadrados e tem capacidade para 48 mil torcedores. Foi inaugurado em 1972 e pertence à prefeitura da cidade de Paris. É palco de jogos de rugby, mas principalmente abriga partidas de uma das equipes de futebol mais fortes da França, o Paris Saint-Germain.

A equipe do PSG faz parte do grupo Qatar Sports Investments e, por esse investimento milionário vindo dos Emirados Árabes, a estrutura do clube também mudou e os torcedores, por consequência, passaram a ser mais selecionados pelos altos preços dos ingressos cobrados nas partidas do seu time.

Antes dessa negociação, porém, as torcidas organizadas, aqui chamadas de Ultras, ficaram impedidas de acessar o estádio desde 2010. A medida se deu devido a episódios de violência causados por elas. No entanto, o então presidente do clube Nasser Al-Khelaifi pediu a volta dos Ultras ao estádio, pois disse que o mesmo tinha “perdido a alma” e os novos torcedores não “sabiam torcer”. Em negociação com a polícia parisiense, foi permitido o retorno dos Ultras no ano de 2016.

O jogo que eu estava indo presenciar era do segundo colocado da Ligue 1 do campeonato francês, PSG, contra o último colocado, Bastia, para a antepenúltima rodada. Era uma tarde de sábado, dia 06 de maio, e eu seguia para a estação do metrô Colonel Fabien sentido estádio Parque dos Príncipes. Encontrei dois amigos brasileiros e seguimos juntos.

O metrô seguia com torcedores, a maioria uniformizado, mas nenhum deles estava cantando ou aparentemente empolgado. O Paris estava praticamente sem chances de ganhar o campeonato, pois no jogo anterior havia perdido para a equipe de Nice e se distanciado do primeiro colocado, Mônaco.

Ao chegar no estádio a emoção tomou conta, pois sempre quis conhecer o tão famoso Parc des Princes. Logo me deparei com uma arquitetura que me lembrou o Mineirão e, dessa forma, mais encantada eu fiquei.



Fachada do estádio Parc des Princes. Fonte: própria autora

Fazia muito frio e estava chovendo um pouco no entorno, talvez por isso os torcedores seguiam diretamente para dentro do estádio. O acesso é muito fácil e havia muitos informantes. As pessoas bebiam, mas não vi muitos bares por perto. Não havia tendas de comida, nem mesmo o cheiro dela por perto. Era somente o aroma de folhas molhadas das árvores que prevalecia no ar.

Fiquei na Tribuna Boulogne, uma das extremidades do estádio. Essa tribuna faz oposição à Tribuna Auteuil, mas em ambas ficam lotados os Ultras. É comum os estádios franceses terem essa divisão: as tribunas das extremidades comportam os Ultras e nas tribunas laterais ficam os demais torcedores e expectadores de comportamento mais reservado e calmo.



Fachada da Tribuna Boulogne. Fonte: própria autora



Acesso para a Tribuna Boulogne. Fonte: própria autora

Como me separei dos meus amigos - eles compraram ingresso para a Tribuna Auteuil – eu preferi ficar em um local mais tranquilo para poder observar. Não tive que seguir a numeração do meu ingresso – assim como sempre faço no Brasil – então isso facilitou bastante a escolha de um local mais tranquilo. Sentia muito frio onde estava, mas em momento algum desfiz meu encantamento. Eu estava realizando um sonho! O estádio é muito monumental como tudo em Paris. A dimensão dele me fez sentir pequena diante de tamanha imensidão.



Panorâmica da parte interna do estádio Parc des Princes. Fonte: Leandro Gavião

Muitas crianças circulavam no gramado, mas nas cadeiras não havia muitas delas. Presença maciça de homens e somente algumas figuras femininas e infantis. Uma espécie de narrador/animador fala o tempo todo o que me lembrou uma partida de vôlei no Brasil. Ele incentiva os torcedores a gritarem os nomes dos jogadores enquanto eles vão sendo apresentados. É como se fosse um ritual, o primeiro nome é falado pelo narrador e o segundo

nome é gritado pelos torcedores. As pessoas ficam eufóricas com o momento. Apesar desse sentimento de algo mecânico da necessidade de um narrador/animador, é empolgante sentir a torcida vibrando com o momento.



Muitas crianças circulando na área de aquecimento de jogadores. Fonte: própria autora

Antes do início efetivo do jogo os jogadores fizeram um minuto de silêncio pelo ocorrido no estádio do Bastia em 1992, o chamado L'Enfer de Furiani. 25 anos de uma tragédia que matou alguns torcedores pela queda de uma das partes do estádio. Um silêncio triste que me remeteu ao acidente trágico da Chapecoense e os inúmeros silêncios feitos mundo afora em homenagem a equipe. Bastante recente para esquecer. Os torcedores presentes respeitaram o momento e em silêncio pareciam sentir a dor novamente do que ocorreu no passado.



Um minuto de silêncio antes da partida. Fonte: própria autora

O jogo começou e as extremidades seguiam cantando e encorajando a equipe do PSG. Um mosaico enorme simbolizando o estádio se abriu do lado oposto (Tribuna Auteuil), bem como um ecoar de cantos se espalhava pelo estádio. Os animadores das organizadas, figuras comuns que ficam juntos aos Ultras, seguiam incansáveis e de costas para a partida. Isso é

impressionante, pois parece que essa dinâmica é um processo pertencente ao *continuum* do jogo, faz parte do andamento da partida. É parte fundamental ser o 12º jogador. O torcedor faz pulsar o estádio como se fosse um coração batendo, dando vida. Lembrei a Geral dos estádios brasileiros



Tribuna Auteuil. Fonte: própria autora



Parte da Tribuna Boulogne. Fonte: própria autora



De costas os animadores dos Ultras. Fonte: Leandro Gavião

O tempo todo se via bandeiras e echarpes e era possível ouvir cânticos de encorajamento. As extremidades não ficavam quietas, cientes da missão máxima de colocar a equipe avante. Inclusive os Ultras não pararam de cantar nem mesmo no intervalo. Várias canções “importadas”, inclusive uma do Boca Júnior e que eu consegui acompanhar cantando junto. Isso unia os Ultras e a partir do momento que equipe anfitriã fez um gol, esses cânticos aumentaram.



Tribuna Auteuil e as echarpes. Fonte: Leandro Gavião

Mas as extremidades seguiam sozinhas na animação, pois nas laterais, Tribunas Paris e Presidentielle, os torcedores permaneciam sentados e a vibração só ocorria quando acontecia algum gol. Tinha uma sensação que todos que estavam nas laterais eram somente expectadores de um show e estavam ali só para apreciar. Talvez isso tenha acontecido pelo frio que fazia no dia ou mesmo por ser aquele lugar mais um atrativo turístico de Paris e muitos

dos expectadores eram somente curiosos em ver uma partida de uma das equipes mais conhecidas da Europa.



Tribuna Presidentielle. Fonte: própria autora



Tribuna Paris. Fonte: própria autora

Não senti nenhum clima de animosidade por parte dos Ultras, mas eles são muito vigiados o tempo todo pelos inúmeros seguranças do estádio. É um controle excessivo, mas talvez necessário, pois não sei o que ocorreu no passado. Eu sequer pude colocar os pés na cadeira da frente, pois suponho que isso não seja permitido, uma vez que ninguém fazia. Me senti intimidade, logo, não fiz nada que havia feito no estádio de Saint-Etienne (pés nas cadeiras, ficar de pé o tempo todo etc). Não é legal mesmo colocar os pés em outra cadeira, mas estamos em um estádio, isso é apropriação, faz parte do lugar...



Seguranças no estádio. Fonte: própria autora

No intervalo a música é alta e o narrador/animador segue incentivando o “show”. Alguns torcedores selecionados puderam ir a campo chutar a bola no gol. Tudo pelo espetáculo e distração do expectador. No Brasil isso não acontece. A pessoa encarregada de falar nos estádios tem a única missão de informar.

A partida terminou PSG 5 x 0 Bastia o que já era previsto dada a superioridade da equipe anfitriã. Embora tivesse presenciado essa goleada, eu ainda pude ver o Cavani errar um pênalti. Momento impagável. Todos torcedores com sensação de frustração.

Não sei quantos torcedores do Bastia estavam presentes, mas o público total foi de 45 mil torcedores.

Finda a partida, segui o fluxo de torcedores. Misturei aos demais para me aquecer e ouvir as conversas pós-partida. Burburinhos e olhares de felicidades São sempre interessantes os relatos das falhas, dos acertos, da delícia de estar naquele lugar. Como isso me envolve.

Encontrei meus amigos para tomarmos uma cerveja em um dos poucos bares do entorno e fazermos os nossos comentários sobre a partida. Apesar do frio, foi uma tarde sensacional.

Em um breve resumo foi possível constatar que o presidente da equipe do PSG tem total razão: os Ultras realmente dão alma ao estádio.

Disponível: <http://stade.hypotheses.org/tag/parc-des-princes>

IMPRESSÕES SOBRE O ESTÁDIO PARC OLYMPIQUE LYONNAIS

Natália Rodrigues de Melo

10/05/2017

O Parc Olympique Lyonnais é um estádio que foi construído para a Euro 2016. A obra começou em 2007 e tem a própria equipe do Lyon como gestora. Tem capacidade para 59 mil torcedores e além do futebol, o espaço acolhe também outros eventos esportivos como rugby e eventos culturais diversos.

Em termos de capacidade ele é o terceiro estádio da França e a sua construção se deu para evidenciar a cidade de Lyon como a segunda cidade do país e sua importância perante as grandes metrópoles europeias. Em meio a polêmica de sua aceitação ou não pelos moradores da região, dada a construção em um espaço de plantação agrícola, o equipamento foi erguido pelo valor total de 640 milhões de euros e tem financiamento privado pelo Olympique Lyonnais e público pela prefeitura de Lyon que financiou as melhorias de acesso e o projeto urbano do entorno.

O jogo era em uma quarta-feira, dia 10 de maio de 2017, parte da semifinal da Europa League, partida de volta entre Lyon e Ajax, essa última uma equipe holandesa. A equipe do Lyon precisava ganhar por pelo menos três gols de diferença para seguir classificada.

Seguimos eu e um amigo francês torcedor do Olympique Lyonnais rumo à cidade de Lyon. Fomos de carro por aproximadamente 01 hora de viagem. Chovia muito o tempo todo e fazia bastante frio. Saímos às 18 horas de Grenoble e a partida estava marcada para começar às 21 horas.

O frio continuava intenso no estacionamento em que descemos para que pudéssemos pegar a “navette” que faz o trajeto até o estádio. Essa pode ser considerada a melhor opção para acessar o equipamento, pois o trânsito até o local é intenso e o ônibus especial tem uma faixa exclusiva. Havia uma fila enorme de torcedores e somente quem possuía ingresso da partida tinha a possibilidade de utilizar esse ônibus.



Fila de torcedores para acessar as “navettes”. Fonte: própria autora



Os torcedores dentro da “navette” e o estacionamento onde chegamos. Fonte: própria autora

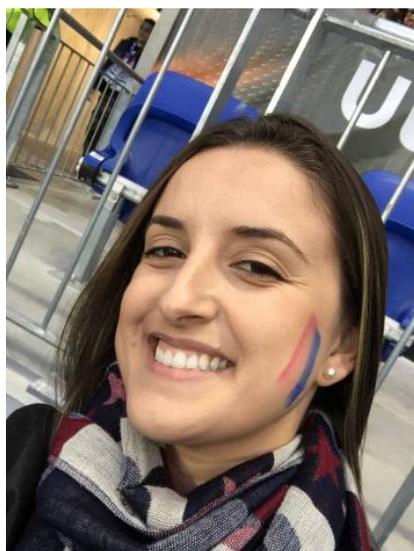
Como o estádio fica aproximadamente nove minutos de distância utilizando esse meio de transporte, foi possível para apreciar bastante a paisagem no trajeto. A chuva havia cessado e foi possível ver o sol se pondo e as flores que estavam no caminho estavam colorindo o local de deslocamento. Dentro do ônibus havia burburinho de torcedores que citavam a expectativa de um grande jogo, e, mesmo com a grande desvantagem da equipe do Lyon, que deveria ganhar de três gols de diferença do adversário – pois havia perdido a primeira partida por 4 x 1 na Holanda – era possível perceber um sentimento de que poderia “dar certo” para os Lyonnais. É a famosa esperança do torcedor. Sinto a mesma coisa com a minha equipe no Brasil.

Jogo decisivo e a torcida estava em massa no estádio. As pessoas bebiam bastante, mas não há bares por perto. Elas carregavam fardos de cerveja e isso deixava o ambiente com cheiro de cerveja. Não vi nem senti cheiro de comida na parte exterior do estádio, pois não há bares nem mesmo quiosques.



Torcedores chegando no estádio. Fonte: própria autora

A entrada ao estádio foi vibrante. A maioria dos torcedores cantava, pulava e vibrava bastante com a possibilidade de uma final da equipe do Lyon. A entrada das mulheres e crianças era separadas da entrada homens. A fila dos homens estava maior do que a fila das mulheres, como esperado. Ao passar pela checagem dos seguranças havia a possibilidade de colocar as cores da equipe no rosto e eu ostentei o bleu et rouge no meu rosto como uma legítima “supporteuse”. Isso foi importante para que eu me sentisse parte do espetáculo que estava por vir.



Com as cores da equipe no rosto. Fonte: própria autora

Assim como na maioria dos estádios franceses a territorialização no Parc Olympique Lyonnais é a mesma com relação aos Ultras. Eles ocupam as extremidades do estádio e tem os animadores responsáveis por inflamar os torcedores o tempo todo, inclusive no intervalo. Como de costume, eles ficam o tempo todo de costas para a partida. As tribunas são conhecidas como Virage Bleu e Virage Rouge nessas extremidades.



Virage Bleu. Fonte: Sylvain



Virage Rouge. Fonte: própria autora

Não tem um locutor específico para animar/narrar os acontecimentos do jogo. Há um locutor como nos estádios brasileiros, ele é responsável por informações pontuais, como início da partida, número de torcedores, troca de jogadores etc.

No entanto, existe uma figura que é o “chefe” dos Ultras e que antes da partida tem o direito de entrar no campo e usar de um microfone para motivar os torcedores o que torna o momento bastante empolgante, pois não é como se fosse um show, mas um ponto fundamental de um combate que vai começar. Ele chama os torcedores para que eles gritem junto o nome da equipe, o nome dos jogadores e faça movimentos com as bandeiras que ficam dispostas em todas as cadeiras do estádio.

Senti uma sensação incrível ao estar ali, em meio a uma partida muito importante, sendo parte do espetáculo, podendo cantar junto e sentir o clima daquela atmosfera que tomava conta de todo o espaço. Inclusive os 5% dos torcedores do Ajax estavam empolgados e compunha a ambiência magnífica que ali estava instaurada. Um estádio extremamente vivo!



Torcedores do Ajax. Fonte: própria autora

Na entrada das equipes a campo, o Ajax foi bastante vaiado pelos torcedores. Isso acontece muito no Brasil com partidas decisivas. Com o início do jogo um mar azul e vermelho de bandeiras distribuídas no estádio tomava conta de todo o espaço. Foi a primeira vez que vi que as tribunas laterais estavam polvorosas, todos de pé e encorajando a equipe. Além das tribunas Virage Bleu e Virage Rouge das extremidades, as tribunas das laterais são conhecidas como Tribune Blanc e Tribune Or que retomam as cores históricas do clube. Era extremamente bonita a harmonia das cores da equipe anfitriã.

A vivacidade do estádio só foi interrompida pelos lugares marcados que devem ser respeitados. Até o momento eu não precisei respeitar essa regra, mas, segundo meu amigo, esse “preciosismo” aconteceu devido ao alto número de torcedores que estavam ali para acompanhar o jogo decisivo – ao todo 54 mil pessoas. Mesmo assim eu não sei se isso seria de fato importante, pois no Brasil, principalmente em partidas decisivas, os torcedores se colocam de pé, em qualquer lugar que possam ter boa visibilidade e encorajam o tempo todo a equipe.

No intervalo o cântico continuava, mesmo com a equipe do Lyonnais perdendo de 1 x 0 e tendo que fazer naquele momento 4 gols para poder ir para a final do campeonato. Os líderes dos Ultras continuavam de costas e liderando a torcida. Novamente me lembrei da Geral no Brasil, mas sem a o tom “ameaçador”, uma vez que se não cantasse eu poderia ser xingada ou até mesmo levar empurrões dos torcedores brasileiros mais afoitos.



Os líderes dos Ultras. Fonte: própria autora

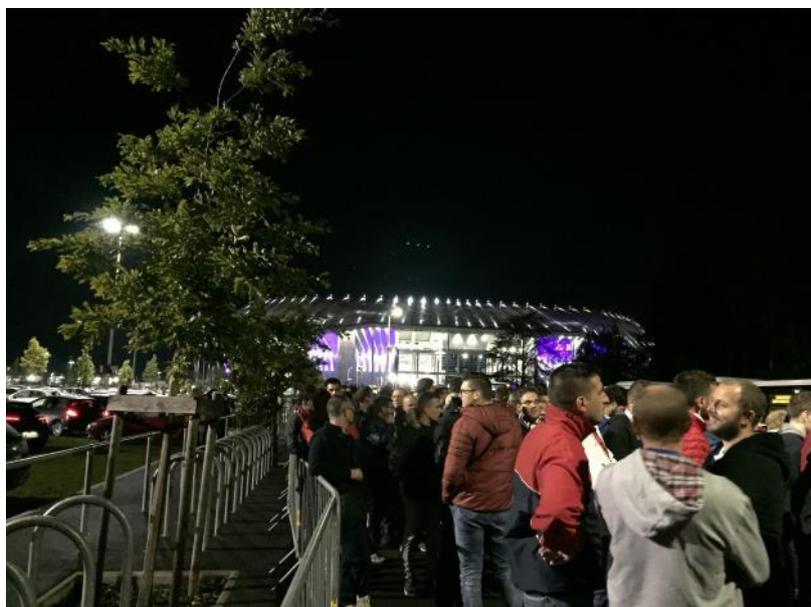
Ao retorno da partida no segundo tempo o estádio todo continuava encorajando a equipe, cantando, vibrando com cada gol, se valendo do papel importante que a torcida tem em cada jogo, sabendo que poderiam fazer total diferença naquele combate. De fato eles fizeram, pois a equipe do Lyon conseguiu fazer 3 gols e ganhar a partida por 3 x 1. Apesar disso, a equipe não se classificou.

O olhar desolado dos torcedores foi de entristecer. Enquanto os torcedores do Ajax eram impedidos de sair do estádio até que a torcida do Lyon saísse, a fim de evitar confusão, os demais iam cabisbaixos corredores afora. O anfitrião amargava uma eliminação. Ficamos até que a maioria dos torcedores do Lyonnais saísse do local, ouvíamos somente a torcida do Ajax vibrando, mas o estádio tinha um “ar triste”, uma atmosfera que me remetia a um funeral.



Final da partida e estádio quase vazio. Fonte: própria autora

A saída foi triste, com um sentimento de derrota que deixou um silêncio pairando no ar. Uma enorme fila se posicionou até as “navettes” e enquanto isso os torcedores seguiam comentando as falhas, os problemas ocorridos com a equipe. Muito frio e tristeza a ambiência da saída do estádio.



Fila da saída do estádio. Caminho para o acesso às “navettes”. Fonte: própria autora

Seguimos em direção novamente ao estacionamento e voltamos ouvindo um “podcast” sobre a narração da partida. Apesar de todo o sentimento ruim de uma eliminação, eu pude vivenciar um estádio vivo e uma torcida completamente apaixonada pela sua equipe. “Qui ne saute pas n’est pas Lyonnais!”

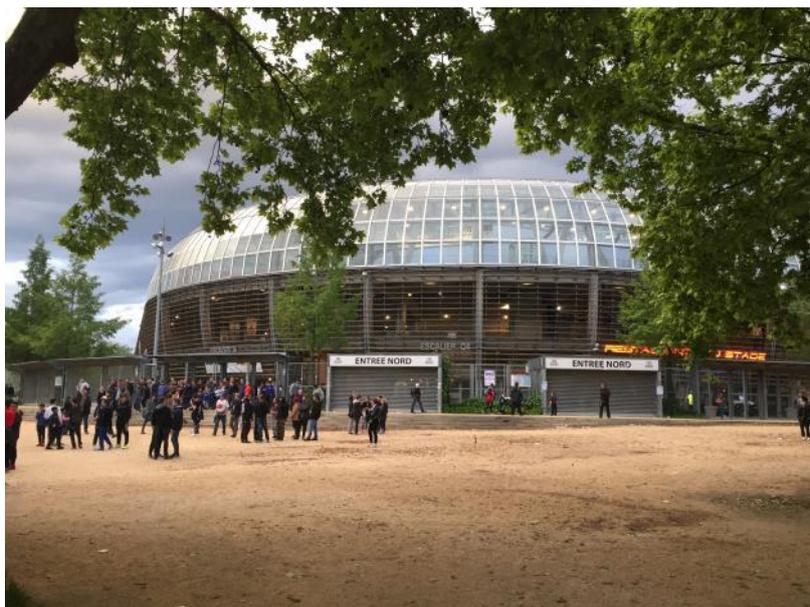
Disponível em: <http://stade.hypotheses.org/tag/lyon>

IMPRESSÕES SOBRE O STADE DES ALPES

Natália Rodrigues de Melo

13/05/2017

O Stade des Alpes foi inaugurado em 2008 e está situado na cidade de Grenoble, região Rhone Alpes. O equipamento fica na borda do Parc Paul-Mistral e foi construído no espaço do antigo Stade Charles-Berty destruído em 2003.



Stade des Alpes e a ambiência do Parc Paul Mistral. Fonte: própria autora

A maior parte da população da cidade não aprovou a construção do estádio alegando que, por não haver tradição de futebol, ele se tornaria um “elefante branco” e um desastre financeiro. Logo, para justificar sua importância, além da equipe Grenoble Foot 38, em 2014 o estádio foi transformado em sede do FC Grenoble Rugby e da equipe de hockey Brûleurs de Loups, nos jogos de inverno.

A população também fez objeção ao estádio pela sua localização no centro da cidade, que poderia causar muito engarrafamento em dias de jogo, poluição sonora, poluição visual, bem como poderia destruir cerca de 200 árvores antigas que ficam no parque ao lado.

Uma vez aceito pela população, o estádio deveria ser construído prezando pelo meio ambiente, transparência de sua estrutura física e ter portões que abrem em dias cotidianos e se fecham enquanto acontecem as partidas. O acesso é feito pelo tram e não há estacionamento no local.

Fui conhecer o equipamento no dia 13 de maio, às 18 horas, em uma partida do Grenoble Foot 38 contra a equipe Le Puy. Era um jogo decisivo que poderia levar a equipe anfitriã da quarta divisão do Campeonato Francês para o “National” ou terceira divisão.

No Parc Paul Mistral é possível sentir a natureza por perto, um cheiro bom que sai das árvores. Logo na descida da linha C do Tram é possível avistar o estádio e o grande número de torcedores que ficam em volta. Além do odor do mato e das árvores, há um misto de cheiro de cerveja e comida que os torcedores se deleitam. É uma atmosfera de jogo e não poderia ser diferente.

O azul e branco da equipe Grenobloise era visto em camisas e bandeiras por todos os cantos, mas principalmente em echarpes, já que o dia estava frio e a maioria das pessoas estava usando casaco em tom neutro, como preto e cinza.



Bandeira distribuída no estádio. Fonte: própria autora

A entrada do estádio é feita pelas portas que se fecham em dias de jogo e acessamos primeiramente pelos seguranças e depois subimos as escadas que dão acesso diretamente às cadeiras. A visibilidade do campo não é total, como nas arenas, logo, quem fica em determinados locais do equipamento, como nas partes inferiores, não consegue acompanhar todo o campo de visão da partida.



Acesso ao estádio. Fonte: própria autora



Panorâmica do estádio. Fonte: própria autora

Diferentemente das outras partidas, os Ultras não ficam nas extremidades do estádio, pois elas estavam fechadas. Dessa forma, somente as tribunas Sud e Nord foram ocupadas. A distribuição de torcedores no espaço, que tem capacidade para aproximadamente 20.000 torcedores (25 mil quando abre para a capacidade total), fica esquematizada da seguinte maneira: Tribune Sud : 4 000 places, Tribune Nord : 6 000 places, Tribune Est : 5 000 places, Tribune Ouest : 5 000 places, Tribune presse : 68 places.

Todos estavam próximos e o local estava muito cheio. Era um misto de alegria com expectativa para uma partida decisiva para a equipe anfitriã. Os Ultras, conhecidos como Red Kaos não se calavam e davam musicalidade ao ambiente, além da evidência das cores da equipe.



Os Ultras Red Kaos. Fonte: própria autora

O estádio transparente me dava a visibilidade dos Alpes e isso fazia daquele ambiente uma pintura, um quadro. Era difícil me concentrar na partida ao mesmo tempo que aquela paisagem estava bem ali, bela na minha frente.



O estádio e as montanhas. Fonte: Group 38

Como em todas as partidas na França é possível acompanhar o tempo e o placar por grandes telas que ficam nos cantos do estádio. Esse jogo não tinha locutor como no jogo do PSG, mas uma pessoa que falava de coisas pontuais e importantes da partida, como o início, cartões, expulsões etc.

No intervalo a música estava muito alta e isso atrapalhava muito de conversar sobre a partida, os melhores momentos e assuntos triviais. Incomodava bastante. No Brasil é praxe recente ter músicas nos intervalos, acredito que tenha sido depois da Copa do Mundo, mas nada tão alto que chegue a atrapalhar.

Havia muitas crianças no estádio e que ficavam correndo de um lado para o outro. Jogavam papel para todos os lados e não se concentram no jogo. Coisas de crianças.

Ficamos nas cadeiras da parte inferior no primeiro tempo da partida, mas depois subimos para que pudéssemos ter melhor visibilidade do jogo. Acessamos o nível mais alto pulando as próprias cadeiras me fazendo lembrar dos jogos que ia no Mineirão, antes da reforma.



Disposição das cadeiras. Fonte: própria autora

Assim como nas outras partidas, foi possível ouvir um cântico Argentino, mais especificamente da equipe do Boca Juniors e que “viralizou” mundo afora. Os papéis picados também é inspiração Argentina e o estádio estava pleno deles, “os papelitos”. Cores, papéis, cânticos, bandeiras, gritos, euforia, enfim, uma atmosfera incrível de uma partida decisiva de futebol.

Assim como acontece com a equipe do Saint-Etienne, os torcedores da equipe de Grenoble também confecciona um jornal para falar das partidas, classificação e demais assuntos sobre o futebol.



“Invasão” do campo pelos torcedores que comemoram o título. Fonte: própria autora



Acesso ao campo e ao fundo a tela que indica a subida da equipe para o “National”. Fonte: própria autora

Disponível em : Disponível em: <http://stade.hypotheses.org/tag/grenoble>

ENTREVISTA COM NICOLAS HOURCADE

Nicolas Hourcade est professeur agrégé de sciences sociales à l'École Centrale de Lyon et membre associé au CADIS (EHESS-CNRS). Spécialisé dans la sociologie de la délinquance et des politiques de sécurité, il est devenu un des principaux experts français du supportérisme. Avec Ludovic Lestrelin et Patrick Mignon, il a notamment rédigé le Livre vert du supportérisme remis en octobre 2010 à la Secrétaire d'État aux Sports, Rama Yade. Il répond ici aux questions de Natália Rodrigues de Melo dans le cadre de sa thèse sur les ambiances des stades de football lors de son séjour au laboratoire Pacte du CNRS.

Comment en êtes-vous arrivé à vous intéresser aux stades et aux supporters?

J'ai d'abord travaillé sur la question des supporters et seulement après sur la question des stades. Je me suis d'abord intéressé aux supporters par intérêt personnel. Ma famille s'intéressait au football et j'étais supporter quand j'étais enfant. Je suis né au début des années 70. Quand j'étais adolescent, l'Europe a été marquée par beaucoup de drames. C'est d'abord le Heysel à Bruxelles en 1985, où il y a 39 morts, et l'Angleterre, avec le drame de Sheffield qui fait 96 morts à la fin de années 80. C'est une période où il y avait beaucoup de violence. Cela m'a intéressé de comprendre, intellectuellement, pourquoi il y avait ces phénomènes.

Quand j'étais au lycée, j'avais déjà commencé à travailler dessus, lors de travaux livres. Etudiant en sociologie, il m'a paru intéressant de travailler sur ce thème, surtout qu'au début des années 90, il n'y avait pas beaucoup de travaux là-dessus. C'était peu légitime et les personnes qui parlaient des supporters se focalisaient sur la violence. La violence des *hooligans* anglais. A la fois dans les journaux et les articles scientifiques, on parlait essentiellement de violence et des *hooligans* anglais. Or quand j'allais dans les stades - il pouvait y avoir de la violence - mais cela ne correspondait pas à ce que je lisais dans les médias et les articles universitaires.

J'ai alors voulu travailler sur ce sujet. Les premières études en France datent de la fin des années 80 mais ils ne sont pas très connus. Il y a ensuite, au début des années 90, les travaux de Christian Bromberger, un ethnologue qui a beaucoup travaillé sur les supporters en France, en Italie, en Iran. Il y a aussi un sociologue qui s'appelle Patrick Mignon qui commence à publier des travaux, comparatif, sur l'Angleterre et la France. Mon intérêt pour cet objet a rencontré le fait qu'il devenait un objet de recherche plus légitime. J'ai donc pu faire des recherches qui étaient au départ centrées sur les *ultras*, les supporters les plus actifs en France.

Je trouvais que ce qu'on racontait des *hooligans* ne leur correspondait pas et voulait donc voir leurs spécificités. J'ai travaillé au départ sur Bordeaux car les gens qui me dirigeaient trouvaient qu'il était plus intéressant de travailler sur une tribune que je connaissais déjà de l'intérieur. J'ai ensuite travaillé de manière comparative sur plusieurs stades dans ma thèse: Paris, Bordeaux et d'autres villes... avec la spécificité que je n'ai jamais fini de rédiger le manuscrit. J'ai publié des articles sur la question mais je n'ai pas soumis la thèse étant pris entretemps sur le poste que j'occupe actuellement. C'est un poste prioritairement d'enseignement et je fais de la recherche sur mon "temps libre".

Mes préoccupations de recherche ont évolué à la fin des années 2000. D'une part vers la question des dispositifs de sécurité et la lutte contre le *hooliganisme*, car la loi française (comme d'ailleurs la loi brésilienne) a beaucoup évolué en la matière: comment les pouvoirs publics et les autorités sportives géraient cela. D'autre part, sur la période récente, vers la création des nouveaux stades. A quoi servent-ils? Que veut-on en faire? Qu'est-ce que les dirigeants du football ont en tête? Et comment les gens s'approprient le nouveau stade, comme vous le faites dans votre thèse. Par exemple, à Lyon, ils étaient dans un stade depuis des

décennies. Du jour au lendemain, il faut changer de stade. Qu'est-ce que cela change dans les habitudes des gens? Qu'est-ce que cela change dans les manières d'occuper le stade, puisqu'il n'est pas conçu de la même manière.

Vous avez aussi travaillé sur les transformations du Parc-des-Princes comme dans votre article pour [Métropolitiques "Ici, c'était Paris"...](#)

J'ai effectivement beaucoup travaillé sur Paris. Le stade n'a pas changé, en théorie, depuis 2010, mais comme l'indique le titre de l'article qui fait un clin d'œil au slogan des supporters parisiens (Ici, c'est Paris!), il n'y a plus vraiment de place pour être supporters.

Vous êtes, il me semble, supporters des Girondins de Bordeaux. Est-ce que votre statut de supporters influe sur votre façon d'aborder le sujet?

Forcément. Ce que nous sommes influence notre manière d'aborder un sujet, quel qu'il soit. Après, l'objectif en tant que « scientifique social », sociologue, urbaniste, etc., est d'arriver à être conscient des centres d'intérêt personnel qu'on a pour un objet pour être objectif. Connaître le football aide à appréhender les thématiques et facilite le contact avec les gens. Quand ils voient que vous connaissez le football, les stades, les supporters, la communication passe mieux et il peut y avoir un véritable échange. Il m'est arrivé d'être interrogé par des personnes ne connaissant pas le sujet...

Il faut cependant faire l'effort de prendre du recul par rapport à ses passions. De toutes façons, dès lors qu'on commence à aborder ces sujets-là en scientifique, une distance se crée. Quand je me suis engagé dans ma thèse, j'étais adhérent d'un groupe de supporters. J'ai dû arrêter. Il n'était plus possible pour des questions de temps de travailler sur plusieurs villes et d'être impliqué. Et puis, à force de travailler sur les façons d'être supporter, une distance se crée avec sa propre passion, elle se modère.

Les ambiances dans un stade fonctionnent comme un lien entre le passé et les situations actuelles. Elles font émerger des souvenirs et remplissent l'espace du récit mnémorique, qui est dicté par ce que nous appelons *trauma urbain* dans l'architecture. Le trauma n'est pas nécessairement une mauvaise expérience. Il s'agit d'un événement qui a la capacité à rompre avec la vie quotidienne. De la même façon, la construction d'un stade peut consister un trauma pour ville par les nouvelles significations qu'il donne au quartier dans lequel il s'est inséré. Une rénovation de stade peut-être un trauma pour les supporters. Beaucoup peuvent faire l'expérience d'un changement de relation à l'espace du stade, ni exclusivement positive ni négative. Quelles leçons tirez-vous des rénovations de stades français?

Fondamentalement, le lien qu'un individu qui va régulièrement au stade peut avoir avec celui-ci est affectif. Il y va souvent depuis l'enfance ou l'adolescence et cela le renvoie donc à des liens familiaux. Le lien n'est pas seulement sportif. C'est une expérience amicale ou familiale avec des liens sociaux qui sont extrêmement forts. Les gens ont des attachements subjectifs à des lieux, ils ont aussi des expériences ou pratiques de routine.

Puisque vous êtes allée à St-Etienne (cf. l'article "[Impressões sobre o estádio Geoffroy-Guichard](#)") vous avez fait l'expérience de la rénovation des tribunes, notamment celles derrière les buts, qui a une incidence sur la manière dont les gens s'approprient le stade. Il y a une nostalgie à Saint-Etienne de l'ancien stade. C'est le même stade, au même endroit, mais la façon dont les tribunes sont conçues ne permettent plus de circuler comme avant. Il y avait par

exemple un passage en bas de la tribune qui permettait de circuler, de retrouver un ami. Ce n'est plus possible. Les rénovations architecturales de stade impliquent des changements de pratique auxquelles les gens s'habituent plus ou moins bien. A Saint-Etienne, les supporters derrière les buts trouvent qu'on ne peut plus circuler comme avant, que les tribunes sont trop grandes, qu'il n'y a plus la possibilité d'être compact.

Ce qui me frappe c'est combien les architectes en charge de la transformation des stades ne connaissent rien à l'expérience sensible du match. Il y a bien certaines exceptions comme l'architecte de l'Emirate d'Arsenal et le Parc Olympique Lyonnais – et c'est pourquoi l'acoustique est bonne – mais vous avez des architectes qui conçoivent les stades en fonction des normes de l'UEFA ou de la FIFA sans avoir aucune idée de la manière dont les gens se comportent réellement.

Les nouveaux stades ont été construits par rapport à des règles théoriques et pas à la pratique réelle des gens. P.ex. à Bordeaux, les concepteurs n'ont pas prévu que les supporters se mettraient debout en tribune, comme d'habitude, y compris dans les parties basses des escaliers. Les portes prévues pour faire rentrer le public sur le terrain en cas de mouvements de foule se sont actionnées automatiquement lors d'un but pour le match inaugural. Il y a eu des blessés légers car les portes sont surélevées par rapport au terrain. Le club a essayé de faire respecter les allées mais le principe même d'une tribune c'est que les gens se rassemblent. Ils ont depuis trouvé des adaptations avec des barrières et un changement de pression pour les barrières. L'idée des places assises était à l'origine de contrôler le nombre exact de gens qui rentrent afin d'éviter les accidents du passé. On cherche aujourd'hui en Europe (Vienne, Glasgow, etc.) des solutions pour le « safe standing », la possibilité d'avoir des tribunes debout mais bien sectorisées et en étant certain qu'il n'y aura pas trop de monde.

Beaucoup de supporters se battent pour que les sièges ne soient pas dangereux ou fragiles. Gestionnaires de stade et architectes ne comprennent pas que les supporters souhaitent être debout pour vivre pleinement le match et qu'ils ne cassent les sièges que parce que ceux-ci sont inadaptés à leur pratique du match. Il n'y a pas de consultation des supporters et donc les calculs deviennent théoriques. La manière même dont la tribune est conçue entraîne des usages ou pas et les tribunes peuvent finir par être dangereuses.

J'ai étudié les changements de stade, notamment à Bordeaux et Lyon. Changer la localisation implique un changement d'habitude radicale car on pratique le stade mais ce qu'il y a autour aussi. Cela impacte les espaces de sociabilité, le bar et le restaurant où on se retrouve avant, les modes de déplacement, en métro, en voiture, à pied. Le changement d'habitude est difficile. La particularité en France (à Lyon, Bordeaux ou Nice, à Lille c'est moins vrai) est que les nouveaux stades sont dans des zones plus ou moins loin de la ville, où il n'y a rien autour. Il y a le stade et rien d'autre. A Lyon, il n'y a rien autour. Une autoroute, quelques habitations, deux ou trois bars. A Bordeaux rien.

La difficulté pour les supporters c'est de créer des habitudes, surtout que c'est beaucoup plus loin qu'avant pour la plupart... sauf pour les habitants de l'Est Lyonnais, la Savoie, l'Ain, l'Isère, des territoires relativement peuplés. La desserte à Bordeaux et Nice, la desserte du stade est très mauvaise, créant de vraies difficultés. A Bordeaux et Lyon, les supporters ont pu reprendre leurs anciennes pratiques dans le nouveau stade. Ils ont été peu critiques sur les nouveaux projets alors même que les ultras sont souvent contre les transformations actuelles du football. Ils ont eu, quelque part, la garantie que leur "tribune" existerait encore dans le nouveau stade. Ils savaient qu'ils pourraient continuer à être debout avec une meilleure acoustique et qu'il y aurait plus d'ambiance. On rencontre donc souvent l'idée chez ces ultras l'idée que le "changement était obligatoire".

Il y a aussi le changement assez radical de nature du spectacle sportif avec ces nouveaux stades. D'abord au niveau temporel. En Europe, contrairement aux Etats-Unis, les gens arrivent traditionnellement au dernier moment au match et repartent aussi vite. Avec ces stades en périphérie des villes et leur objectif d'engranger plus d'argent, il y a l'objectif de transformer le temps au stade, « à l'américaine ». Avec l'idée de faire venir les gens plus tôt au stade, les

inciter à consommer dedans et pas dehors, d'en retenir certains dedans à la fin du temps afin qu'ils consomment encore plus.

Nous n'avons pas encore assez de recul en France pour évaluer les résultats. Ces nouveaux stades n'ont qu'un an ou deux. Pour le moment, je n'ai pas vu de changements radicaux. Les gens sont obligés d'arriver un peu plus tôt car il y a des difficultés d'accès aux stades (bouchons sur la route) mais ils n'arrivent pas aussi tôt qu'en Amérique et ne partent pas aussi tard après le match. On est dans une époque charnière.

En terme de significations aussi en Europe, il y a l'opposition forte des *ultras*, mais pas qu'eux, entre ce qu'ils appellent le "football populaire" qui fait référence à un « avant » (mais avant quoi?) et le "football business". Ces supporters ont l'impression que ces nouveaux stades contribuent à ce changement. Il y a de fait en France une volonté de changer de public ; d'attirer un public plus haut-de-gamme, plus calme et avec un pouvoir de consommation plus fort.

C'est intéressant de comparer Paris et Lyon car le premier est le club qui est allé le plus loin en France dans son intention de changer de public considérant que ce dernier était violent et raciste. L'idée, à partir de 210, était d'attirer des gens plus calmes, plus classes, plus riches ; des VIP et des chanteurs américains en tribune. Pas de groupe de supporters, pas de problème. D'un côté, cela a très bien marché avec des restrictions sur les supporters qui sont allés très loin dans le contrôle et l'augmentation du prix des places. Ils ont réussi à casser les phénomènes de violence et de racisme. D'un autre côté, ils se sont aperçu que ce nouveau public ne créait pas d'ambiance et était plutôt terne.

Une disneylandisation...

Exact. C'est un terme forgé par l'anthropologue Christian Bromberger, le fait qu'on transforme la sortie au Parc (des Princes) comme une sortie au parc d'attraction. Il y a surtout de changer l'image du public de Paris vers un public « haut de gamme », à l'image d'une capitale où les prix des spectacles sont plus chers qu'ailleurs. La difficulté que le PSG a rencontré est qu'il est parvenu à vendre toutes ses places, mais les abonnés ne venaient pas à tous les matchs, et à sur les écrans télé, le vide ne cadrait pas avec le projet et surtout il n'y avait aucune ambiance, pas de chant, or le public est censé être « le douzième homme » et un club de football susciter la passion. Quand on change de public, on change la nature même de l'expérience au stade, ce n'est plus la même expérience sensible. On peut légitimer l'argent investi dans des joueurs par la passion qu'ils suscitent. Le PSG gagnent donc beaucoup de titres, au-moins à l'échelle française, mais il ne renvoie pas l'image de la passion et une image positive du club et de ses investisseurs sur le petit écran.

C'est pourquoi le PSG a cherché à faire revenir des supporters actifs pour recréer de l'ambiance et essayer d'avoir à la fois un public plus actif tout en étant plus calme que dans les années 2000. Paris est un cas particulier en France mais que l'on retrouve dans les grands clubs anglais. En Angleterre, le changement de stade (comme avec l'Emirate d'Arsenal) s'est traduit par un embourgeoisement du public avec une aseptisation de l'ambiance.

Quel modèle suit Lyon ?

Lyon n'a pas du tout suivi cette logique pour s'inspirer plutôt de l'Allemagne où le nouveau stade doit attirer de nouveaux publics tout en gardant l'ancien. Le stade de Lyon est conçu comme les stades allemands pour accueillir à la fois l'ancien public dont on va changer l'expérience, puisqu'on n'est plus au même endroit, mais on va garder « l'esprit de

l'expérience ». On garde l'idée qu'il doit y avoir des supporters fervents et debout, des drapeaux, des tambours. On transplante l'expérience en conservant le sens qu'elle revêt pour les gens. C'est pour cela que les groupes de supporters ont accepté le changement. Certains ont gagné, d'autres ont perdu en terme de localisation et temps de parcours. Ce qui a posé problème aux supporters habituels, ce n'est pas tant le stade en lui-même, c'est ce qu'il y a autour et ce qu'on peut ou ne peut pas y faire. A terme, il doit y avoir d'autres constructions. Le prix d'abonnement à l'année est relativement accessible, y compris pour les revenus modestes, par contre, pour voir un match particulier, c'est très cher, jusqu'à 200 euros. Pour le match inaugural, j'avais payé 60 euros la place en étant au troisième niveau.

En même temps, on essaie d'attirer de nouveaux publics en créant de nouveaux espaces, comme en Allemagne. Le wifi va permettre d'attirer de nouveaux supporters, Tu veux être en famille ? Tu as une tribune tranquille où on maquille ton enfant. Tu veux faire du business : tu as des loges. Tu veux être debout, à crier et à sauter : c'est possible. Le Parc-des-Princes et les stades anglais sont beaucoup plus uniformes : on est assis et on regarde le match.

Si on en revient à votre question du trauma, finalement, l'expérience du match est moins changé à Lyon. Le problème de ce nouveau stade est la question de la ville. En quoi le fait d'avoir un stade à l'est de Lyon va changer la ville. Est-ce que cela va créer de nouveaux quartiers, une dynamique urbaine, et c'est beaucoup trop tôt pour le savoir. Les anciens stades de Bordeaux et Lyon, Gerland, étaient situés à la périphérie de la ville ; et puis la ville a progressivement gagnée la périphérie. Est-ce que cela va être pareil avec ce nouveau stade ? Il y a déjà des quartiers autour à Décines. Est-ce que le stade va contribuer à les développer ? Est-ce que cela va contribuer à créer des relations entre cette partie populaire et le reste de la ville ? Est-ce que le stade change la ville ? Sur Lyon peut-être... sur Bordeaux va être plus compliqué.

Comment ces deux modèles résistent-ils au temps ?

Avec ces nouveaux stades, anglais ou allemands, il y avait un peu l'idée de transformer la manière d'assister au spectacle, en créant de nouveaux services, notamment digital mais le monde du football est contradictoire. D'un côté, il veut changer l'expérience d'aller au stade afin que les gens soient plus calmes, consomment plus, et ne critiquent plus le club et sa politique, en un mot qu'ils soient consommateurs. D'un autre côté l'envie que le public reste le « 12^e homme ».

L'échec du projet de Paris montre que ces nouveaux stades transforment profondément l'expérience. Or l'idée importante en Europe d'une participation forte du public demeure. On cherche à « domestiquer » le supporter afin de garder la passion en atténuant les côtés négatifs (violence ou revendications sur la politique tarifaire, la couleur du maillot, etc.). Il y a dans les nouveaux stades, particulièrement à Paris, une volonté de contrôle. Les dirigeants du club souhaitent contrôler ce qui se passent dans le stade et organiser les chorégraphies en distribuant les drapeaux et les feuilles de couleur des tifos. Comme dans les grands sports US, ce sont les organisateurs du spectacle qui vont créer des animations auxquelles répondra le public. Dans la tradition européenne ou brésilienne, le public est autonome et crée lui-même ses animations.

On va apaiser le spectacle en le contrôlant ; d'où le nombre de stadiers. Contrôle de la violence, du racisme, ce que font les gens et ce qu'ils pensent. Mais ils veulent aussi de l'ambiance... On est dans une période charnière. Va-t-on aller vers plus de contrôle et une atténuation de la passion des supporters ? Va-t-on trouver un nouveau modèle de stade où on va garder une certaine passion populaire tout en la transformant, tout y ajoutant de nouvelles manières de vivre le stade ? Je pense qu'on se dirigera vers la deuxième avec des formes de contrôle. Est-ce qu'on va aller vers un modèle américain avec des sorties au stade sur la demi-journée et avec des attentions moindre durant le match ?

Dans le modèle allemand, même au sein des supporters, tous n'ont pas la même attente, certains veulent être debout, d'autres assis et l'Allemagne a toujours joué sur la diversité des publics. Le stade est aussi configurable selon qu'il accueille une compétition de l'UEFA (sans place debout) ou nationale avec des places debout, ce qui augmentent d'ailleurs la capacité.

Observe-t-on une uniformisation des pratiques des acteurs du spectacle sportifs ?

Le spectacle du football, comme d'autres, a un enjeu politique. Il y a des débats et surement pas consensus entre acteurs, y compris même au sein, de certaines catégories, comme les polices p. ex. Parmi les clubs, il y a des rapports très différents aux supporters. Certains cherchent le dialogue afin d'aider l'émergence d'ambiance, d'autres visent un public plus calme. Au sein même d'un club, les positions peuvent évoluer ou diverger entre acteurs. Prenons le cas du PSG. Le club est allée très loin depuis 2010 dans le contrôle des supporters en écartant tout groupe constitué jusqu'à ce que son président, Nasser Khelaïfi dise son désaccord quant aux résultats obtenus qui ne correspondaient plus à l'image qu'il voulait renvoyer du club. Il décide donc au bout de changer la politique en la matière contre l'avis d'une partie de son équipe et alors même que le PSG était devenu une référence pour le Ministère de l'Intérieur, la police française qui ne voulait pas d'un retour des ultras au Parc. Ce qu'essaie de faire actuellement (depuis octobre) le PSG c'est de faire revenir au Parc des groupes de supporters sans les problèmes d'avant.

Vous parlez dans vos articles de « familles du football », un terme inconnu au Brésil...

C'est une idée qu'on retrouve dans plusieurs pays européens, qu'il y a une communauté autour d'un sport. La grande question est de savoir si les supporters en font partie et s'ils peuvent en être des acteurs. Il existe en Europe des revendications de la part des supporters d'être considérés comme un membre de la famille ou une sous-famille au sein d'une grande famille au même titre que les clubs, les joueurs, les arbitres, etc. Dans le passé, on disait aux supporters : « vous êtes le 12^e homme et avez un rôle à jouer, vous devez encourager » mais on ne leur demandait jamais leur avis lorsqu'il s'agissait de débattre des grandes évolutions. Les supporters pensent que sans eux le football n'existerait pas et veulent être consultés sur les transformations de stade, les transformations de la politique des clubs, etc. Si on regarde à l'échelle française, il faut attendre la loi de 2016 pour reconnaître les supporters comme acteurs.

La rénovation des stades au Brésil se traduit actuellement par une très forte volonté de développer les abonnements, ce qui entraîne l'exclusion du stade des populations les plus pauvres.

C'est ce qu'on appelle la gentryfication des stades ou l'embourgeoisement des publics. Le système des abonnements existe en Europe depuis longtemps, ce qui a joué c'est l'augmentation des prix des abonnements et des places au match par match. A Lyon, l'abonnement n'a pas beaucoup varié au contraire des places au match afin de récompenser le supporter fidèle. L'abonnement permet une meilleure prévisibilité de l'économie pour le club mais il ne coûte pas forcément moins cher au supporters ne se rendait de toutes façons pas à tous les matchs. Là il paye pour tous les matchs. Les nouveaux stades sont censés sécuriser l'économie des clubs avec plus de rentrées d'argent sur les gadgets, les maillots, la nourriture vendue dans le stade d'où l'idée que les gens arrivent plus tôt et partent plus tard. Le problème est que ce modèle marche en Angleterre ou en Allemagne où il y a déjà une base de public forte, mais dans les pays où le rapport au football est différent, appliquer ce modèle amène des

difficultés. On ne crée pas comme cela de nouvelles habitudes de consommation dans des stades de 40 000 places.

Si on regarde les sports américains, le sport professionnel est restreint aux gens qui ont de l'argent, les autres regardent la télé. L'argument du PSG est de dire qu'un match ne coûte pas plus cher qu'un opéra ou un grand spectacle à Paris... mais alors on est sur une partie de la population particulière. On marque alors que la sortie au stade est comme une sortie au théâtre. Maintenant, à Madrid, Barcelone ou Paris, on voit des Japonais qui viennent au stade parce qu'ils ont acheté leur billet en même temps que leur voyage. Les gens viennent avec leur tablette et téléphone pour filmer. Est-ce que le spectacle sportif reste encore un spectacle populaire dans la mesure où il touche toutes les catégories y compris les plus modestes ou sera-t-il réservé à ceux qui ont de l'argent.

Ce que me disait Bernardo Borges Buarque de Hollanda sur les stades rénovés au Brésil pour la Coupe du monde c'est qu'ils sont trop grands, inadaptés aux usages des supporters, trop cher. La coupe du monde de la FIFA ou les JO n'étaient pas pour le peuple mais les élites et que ce dernier pouvait se sentir dépossédé. Le stade va-t-il devenir une pratique bourgeoise comme le théâtre l'a été par le passé ? Sorti de quelques très grands clubs comme le PSG ou Manchester, ce n'est pas évident. L'effet du nouveau club n'est pas pérenne ailleurs.

Entretien réalisé le 18 juillet 2017 à Lyon par Natália Rodrigues de Melo avec la collaboration de Jean-Michel Roux (questionnaire, décryptage et mise en forme du propos). Cet entretien s'inscrit dans le cadre d'un accueil au laboratoire Pacte du CNRS pendant sa thèse de doctorat à l'Université Fédérale de Rio de Janeiro (Faculté d'Architecture et d'Urbanisme).

Disponível em : <http://stade.hypotheses.org/786>

COMPROVANTE DE ENVIO E ACEITE DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

UFRJ - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO CLEMENTINO
FRAGA FILHO DA



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO - ANÁLISE DA AMBIÊNCIA DO ESTÁDIO MARACANÃ PÓS REFORMA PARA A COPA DE 2014

Pesquisador: Natália Rodrigues de Melo

Versão: 2

CAAE: 56289015.3.0000.5257

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 045966/2016

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO - ANÁLISE DA AMBIÊNCIA DO ESTÁDIO MARACANÃ PÓS REFORMA PARA A COPA DE 2014 que tem como pesquisador responsável Natália Rodrigues de Melo, foi recebido para análise ética no CEP UFRJ - Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro / HUCFF- UFRJ em 20/05/2016 às 11:53.

Endereço: Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco Nº255, 7º andar, Ala E
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 21.941-913
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3938-2480 **Fax:** (21)3938-2481 **E-mail:** cep@hucff.ufrj.br

ACEITE NÚMERO: 56289015.3.0000.5257

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO PELOS ENTREVISTADOS E ACEITO PELO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO. ANÁLISE DA AMBIÊNCIA DO ESTÁDIO MARACANÃ PÓS REFORMA PARA A COPA DE 2014”, sob a responsabilidade da pesquisadora **Natália Rodrigues de Melo**. Sua participação é voluntária e se dará por meio de relatos livres de vivência, que serão gravados e/ou anotados para posterior análise. O risco decorrente de sua participação na pesquisa é a permanência maior nas dependências externas dos estádios após as partidas de futebol. Se você aceitar participar, estará contribuindo para que possamos *buscar benefícios para a ciência da arquitetura ao abordarmos o estádio a partir dos torcedores e sua relação com o Lugar, e com isso mostrarmos a importância de tê-los como fonte principal para a intervenção e a reestruturação do espaço físico e simbólico*. Esperamos que o impacto social seja relevante para os projetistas e envolvidos na elaboração e construção da arena de futebol. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com pelos telefones 21 3938 1661 / 3938 1662 ou, se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho/HUCFF/UFRJ – R. Prof. Rodolpho Paulo Rocco, n.º 255 – Cidade Universitária/Ilha do Fundão - Sala 01D-46/1º andar - pelo telefone 3938-2480, de segunda a sexta-feira, das 8 às 16 horas, ou por meio do e-mail: cep@hucff.ufrj.br.

Consentimento Pós-Informação

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim.

Eu discuti com o(a) pesquisador (a) _____, sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e remuneração. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos e sem a perda de atendimento nesta Instituição ou de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. Eu receberei uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador responsável por essa pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu (ou meu representante legal) e o pesquisador responsável deveremos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha.

Data: ___/___/___

Nome do participante _____

Assinatura do participante _____

Nome do representante legal _____

Assinatura do representante legal _____

Nome do Pesquisador Responsável _____

Assinatura do Pesquisador Responsável _____